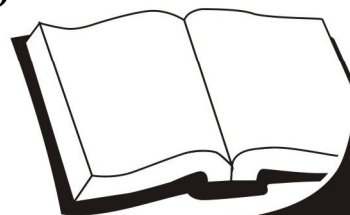


HISTÓRIA DO TEXTO BÍBLICO

(CRÍTICA TEXTUAL)

PEDRO APOLINÁRIO



Seminário Adventista
Latino-Americano de Teologia
São Paulo - 1990 - 4ª Edição
Departamento Gráfico do
Instituto Adventista de Ensino
Estrada de Itapecerica, Km 23
Capão Redondo - São Paulo
Caixa Postal, 7258 - Fone: 511-4011

Reveste-se esta obra de significativa importância e utilidade, visto que vem preencher uma grande lacuna, dada a escassez de material do seu gênero escrito no belo idioma de Camões.

Modesto M. de Oliveira, Ph. D.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
INTRODUÇÃO	12
Capítulo I	
DOS TEMPOS MAIS REMOTOS – UM DOCUMENTO – A	
BÍBLIA	14
Capítulo II	
A BÍBLIA	16
Capítulo III	
REFLEXÕES SOBRE A BÍBLIA	18
– Bíblia é o Livro por Excelência	23
Capítulo IV	
NOMENCLATURA DA CRÍTICA TEXTUAL	24
Capítulo V	
REVELAÇÃO E INSPIRAÇÃO	29
– A Palavra Escrita	29
– Revelação	30
– Teoria do Encontro	30
– O Que é Revelação	31
– Inspiração	31
– Observações Negativas Sobre a Bíblia	35
– Outros Modos de Compreender a Inspiração	36
– Opinião dos Reformadores	36
– Oposição à Bíblia	38
Capítulo VI	
A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS	41
– A Bíblia	43
Capítulo VII: LÍNGUAS DA BÍBLIA	44
– Aramaico	44
– Hebraico	46
– Grego Bíblico	48
– Características da Linguagem do Novo Testamento	48

Capítulo VIII

ORIGEM DA ESCRITA – LIVROS PRIMITIVOS	51
– A Escrita Cuneiforme	51
– Origem do Alfabeto	52
– Materiais Usados para Escrever	56
– Código de Hamurabi	56
– A Pedra de Roseta	57
– Papiro	57
– Pergaminho	59
– Palimpsesto	59
– Formato dos Livros	60
– Tipos de Escrita	61

Capítulo IX: NOMES PARA A PALAVRA DE DEUS 63

– Bíblia	63
– Escrituras	63
– Outras Expressões	63
– Pentateuco	64
– Testamento	65
– Torah	66
– Nomes dos Livros da Bíblia	66

Capítulo X

MÉTODOS DA CRÍTICA TEXTUAL	71
– São Jerônimo	72
– Santo Agostinho	73
– Alta e Baixa Crítica	73
– Evidência Externa	74
– Evidência Interna	75
– As Três Testemunhas Celestiais em I João 5:7	76
– O Problema de uma Expressão em Lucas 6:1	77
– Doxologia do Pai Nosso	78

Capítulo XI:

FAMÍLIAS DE MANUSCRITOS	81
-----------------------------------	----

Capítulo XII

TRABALHO DOS MASSORETAS	85
– Os Massoretas	86
– O Tetragrama Sagrado para o Nome de Deus	87

Capítulo XIII

A IMPRENSA E SUA INFLUÊNCIA NA DIVULGAÇÃO	
---	--

DA BÍBLIA	90
– Bíblia Poliglota Complutense	94
– Novo Testamento de Erasmo	95
– Comma Joanina	96
– Edições do Novo Testamento Depois de Erasmo	98
– Funções das Sociedades Bíblicas	99
– Sociedade Bíblica de Canstein	99
– Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira	100
– Sociedade Bíblica Americana	100
– Outras Sociedades Conhecidas	100

Capítulo XIV

O TEXTUS RECEPTUS – SEUS DEFENSORES E OPOSITORES	103
– Edições Posteriores ao Textus Receptus – Edições Críticas	104
– Declínio do Textus Receptus	105
– Constantino Tischendorf	105
– Samuel Tregelles	106
– Westcott e Hort	107
– A Defesa do Textus Receptus	107
– Edições Gregas após Westcott e Hort	108

Capítulo XV

A FORMAÇÃO DO CÂNON	111
– Cânon do Velho Testamento	112
– Como os Livros Foram Canonizados?	112
– Por que foi Feito?	113
– Quem Organizou o Cânon?	113
– Cânon do Novo Testamento	118
– Influência de Márcion sobre o Cânon	119
– Divergências na Introdução de Alguns Livros	121
– Fixação do Cânon	122
– Critérios para a Canonização	123
– Quatro Evangelhos ou Um?	123
– Livros Não Introduzidos no Cânon	123
– Ordem Cronológica dos Livros do Velho Testamento	124

Capítulo XVI

O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO	130
– Divisão Judaica (24 livros)	130
– Divisão Cristã (39 livros)	131
– Divisão do Cânon do Novo Testamento	132

Capítulo XVII

OS LIVROS APÓCRIFOS	133
– Razões da Rejeição dos Livros Apócrifos	134
– Escritos Inspirados e Não Inspirados	134
– Os Apócrifos Não São Inspirados	135
– Fracassam as Provas para Apoiar os Apócrifos	140
– Lista dos Livros Apócrifos	142
– Os 7 Apócrifos Mais Importantes	143
– Apócrifos do Novo Testamento	144

Capítulo XVIII

OS PSEUDEPÍGRAFOS	146
-------------------------	-----

Capítulo XIX

O TALMUDE	149
– O Talmude	150
– Outras Determinações sobre o Descanso Sabático	153

Capítulo XX

DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E

VERSÍCULOS – PONTUAÇÃO	156
– Divisão Eusebiana	156
– Divisão em Versículos	158
– Números de Livros, Capítulos, Versículos, Palavras, etc ...	158
– Pontuação	159

Capítulo XXI

A BÍBLIA – SUGESTÕES PARA A SUA LEITURA	161
– Como Ler a Bíblia	161
– Como Ler a Bíblia com Proveito	161

Capítulo XXII

O HÁBITO DA LEITURA DA BÍBLIA	165
-------------------------------------	-----

Capítulo XXIII: CRISTO – O CENTRO DA BÍBLIA	166
---	-----

Capítulo XXIV

ASSUNTO OU IDÉIA DOMINANTE DE CADA LIVRO	167
---	-----

Capítulo XXV

PROBLEMAS DE TRADUÇÃO	170
– Mudança de Sinais	173

– Versos Sem Sentido	173
– A Tradução de Gênesis 4:7	173
– O Significado Real de Isaías 7:14	174
– O Sábado Segundo-Primeiro de Lucas 6:1	175
– Falta de Equivalência Entre as Palavras	176
– Idiotismos	176
– Construções Nominais	177
– Dificuldades no Traduzir	178
– Problemas Semânticos	180
– Dignidade da Linguagem	182
– Equivalência Dinâmica e Formal	184
– Problemas com a Edição Revista e Atualizada no Brasil	185
– Línguas Primitivas que Apresentam Dificuldades	187
– Outros exemplos de Versos Difíceis de Serem Traduzidos . .	188

Capítulo XXVI

MANUSCRITOS DA BÍBLIA	196
– Classificação dos Manuscritos	197
– Classificação de Gregory	198
– Classificação de Von Soden	199
– Número de Manuscritos	199
– Manuscritos Unciais	199
– Manuscritos Minúsculos	208
– Papiros	211
– Papiros do Novo Testamento	212
– Coleção de Bodmer	215
– Papiros de Elefantina	217

Capítulo XXVII

OS ROLOS DO MAR MORTO	223
– Quem Guardou Estes Manuscritos	225
– Idéias Fundamentais do Essenismo	228
– Valor dos Rolos do Mar Morto	229
– Fragmentos de Papiros em Qumran	231

Capítulo XXVIII

VERSÕES OU TRADUÇÕES DA BÍBLIA	233
– Necessidade das Traduções	233
– Versões Antigas	234
– Versões Semíticas	234
– Que São Targuns	234
– Pentateuco Samaritano	235
– Diferenças entre o Pentateuco Samaritano e o Massorético ...	236

– Septuaginta	237
– Linguagem da Septuaginta	240
– Revisões Depois da Hexapla	243
– Versões Siríacas	243
– Diatessaron	244
– Versões Latinas	245
– A Vulgata Latina	247
– Nova Bíblia Pronta e Aprovada	250
– Versão Etiópica	251
– Versões Cópticas	251
– Versão Gótica	252
– Versão Armênia	252
– Um Milênio Pobre em Traduções	252
– Traduções Modernas	253
– Alemã	253
– Traduções Inglesas	254
– Traduções Castelhanas	257
– Traduções Portuguesas	258
– A Tradução de Almeida Revisada	261
– Tradução de Figueiredo	264
– Edição Trinitária de 1883	266
– Trinitária Revisada	268
– Versão Brasileira de 1917	268
– Traduções Católicas no Brasil	269

Capítulo XXIX

CAUSAS DOS ERROS NA TRANSMISSÃO

DO TEXTO BÍBLICO	271
– Erros Involuntários	271
– Erros Intencionais	275
– Dificuldades Geográficas	277

Capítulo XXX

A CRÍTICA TEXTUAL E A BÍBLIA	281
--	-----

BIBLIOGRAFIA	286
------------------------	-----

PREFÁCIO

Tendo lido cuidadosamente os originais da presente obra, pude sentir de perto o quanto ela será útil a todos os que a pesquisarem ansiosos de adquirir um conhecimento que é de vital importância para o enriquecimento do intelecto e mormente para o aprimoramento espiritual, visto que trará ao leitor preciosas informações concernentes à crítica do texto sagrado através dos séculos: sua história pontilhada de lances heróicos e de exemplos de incansável desprendimento da denodada pesquisa de notáveis eruditos ávidos de conhecimento do texto bíblico, também retrata as lutas que a Bíblia tem enfrentado gloriosa e triunfalmente desde o seu surgimento nos remotos dias da antigüidade até ao nosso tempo.

Por conseguinte, este trabalho levar-nos-á a amar mais profundamente o Livro de Deus, firmando a confiança na bússola que orienta o viajor em busca de uma pátria melhor.

Reveste-se esta obra de significativa importância e utilidade, visto que vem preencher uma grande lacuna, dada a escassez de material do seu gênero escrito no belo idioma de Camões, a nossa língua materna.

É um trabalho muito prático, pois o autor primou pela simplicidade, adotando uma terminologia acessível a todos os leitores, evitando uma linguagem técnica e científica que dificultaria o aprendizado; pode, destarte, ser utilizado não somente por estudantes de Teologia, mas por todo aquele que deseja crescer em sabedoria e ser bem sucedido na busca do verdadeiro conhecimento.

É, pois, necessário que demos ao autor destas páginas todo o nosso apoio e incentivo, certamente a melhor maneira de fazê-lo é dando o devido apreço à sua obra, pois, esta é a mais cobiçada recompensa que todo bom autor ou escritor usufrui em troca de seus ingentes esforços em prol da cultura, particularmente o autor adventista que acima do interesse monetário coloca o fortalecimento moral, intelectual e espiritual do leitor.

O acurado estudo acompanhado de fervorosa oração produzirá frutos opimos para o bem-estar presente e futuro do bom estudante e "para louvor e glória dAquele que nos amou e a Si mesmo Se entregou por nós".

Pastor Modesto Marques de Oliveira

INTRODUÇÃO

Nossa Bíblia tem uma história bastante longa, repleta de lances fascinantes, que empolga aqueles que se interessam em pesquisá-la.

Nenhum livro tem sido exaltado com tanto entusiasmo, mas também nenhum outro foi mais alvejado, criticado e desprezado do que este.

Por que recebeu no nome de Bíblia?

Seus livros foram sempre chamados da mesma maneira?

Como nos foi transmitida a Palavra de Deus?

Em que circunstâncias foi escrita?

Que materiais foram usados em sua elaboração?

Por que os seus inimigos não conseguiram destruí-la?

Como chegaram até nós escritos de 2.000 e 3.000 anos?

Merece confiança este livro?

Por que está dividida em duas partes?

Quem a dividiu em capítulos e versículos?

É possível transmitir em línguas modernas o que foi escrito há tantos séculos no hebraico e no grego?

Por que tem sido o Livro mais apreciado e o mais odiado através da história?

Quantas Bíblias já foram publicadas?

Para quantas línguas ela já foi traduzida?

São respostas a algumas destas indagações e a muitas outras, que podem ser feitas, que o prezado leitor encontrará neste trabalho.

Por ser a Crítica Textual matéria nova nas Faculdades de Teologia há escassez de material em nossa língua para a execução de um programa satisfatório, daí a necessidade da preparação desta Apostila. Espero que o presente trabalho possa auxiliar os nossos estudantes a terem uma melhor perspectiva dos problemas enfrentados pela Bíblia, em sua triunfante trajetória, desde que os homens de Deus a escreveram até chegar às nossas mãos.

Este estudo não tem a menor pretensão em ser original e como todo o trabalho inicial é falho, imperfeito, inseguro, por isso almejo que o leitor veja nele suas boas intenções, mas que lhe perdoe suas fracas realizações.

Destaca-se como parte preponderante neste estudo a Crítica Textual, que assim é definida:

"Uma divisão da exegese, que leva em conta o fato de que os textos bíblicos vieram a nós através de numerosos manuscritos ou códices. Frequentemente diferem entre si quanto a algum pormenor. A tarefa da crítica textual é estudar os textos existentes à luz das diferentes versões ou leituras variantes, levando em conta partes que foram estragadas ou que são parcialmente defeituosas e que podem ser traduzidas apenas em parte. Seu alvo é reconstruir a leitura original do manuscrito de acordo com princípios cientificamente formulados. A prática da crítica textual exige um conhecimento de diferentes manuscritos e suas famílias, conhecimento da letra empregada nos manuscritos,

e das características do Hebraico e Grego" (Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. I, p. 58).

Dos ensinamentos de Cristo aprendemos que há duas principais fontes de erro em matéria religiosa.

a) Ignorância das Escrituras.

b) Incapacidade para compreender o poder de Deus.

Frei Francisco de Mont'Alverne – o príncipe da tribuna sagrada no Brasil – ao enfrentar seleto e distinto auditório, na Capela imperial, já cego e cansado das lides da oratória, pronunciou a seguinte frase: "supra o assunto as forças que me faltam". Parafraseando o ilustre mestre da retórica nacional, quero que o prezado leitor supra o assunto com espírito esclarecido e lúcido.

Meu principal desejo é que este estudo sirva para o engrandecimento das Sagradas Escrituras.

Pedro Apolinário

DOS TEMPOS MAIS REMOTOS – UM DOCUMENTO – A BÍBLIA

Como criaturas limitadas, projetadas na eternidade, quem nos poderia ensinar sobre nossa origem e destino?

Quem nos dirá de onde viemos e para onde vamos?

Quem nos dará a chave dos mistérios inexplicáveis?

Quem nos ajudará na resolução de nossos problemas?

Para além do conhecido, quem nos revelará o desconhecido?

O mal, o sofrimento, a morte nos dominam, quem nos livrará dessas coisas?

Todas estas questões permaneceriam sem resposta se não tivéssemos um livro; a Bíblia, a Palavra de Deus.

Este livro que nos vem de eras remotas é um documento único. Moisés começou a escrevê-lo no tempo dos Faraós e João, o evangelista, encerrou quinze séculos mais tarde, ao escrever o Apocalipse.

Sábios têm colaborado na sua redação, profetas, reis, pastores, artesãos, funcionários, pescadores, um médico e um fabricante de tendas.

Será um livro heteróclito, que não segue uma ordem de pensamentos e de assuntos?

Não!

A Bíblia composta de 66 livros é por excelência o livro da coordenação e da harmonia.

Um pensamento central o envolve e permeia suas páginas.

Por seu intermédio Deus se revela ao homem, almejando que este se volte para Ele.

Onde a ciência ainda interroga, onde a filosofia refuta, a Bíblia afirma.

Por meio dela Deus fala aos homens numa linguagem humana e clara, compreensível e sem equívoco.

A Bíblia nos diz quem é Deus, quais são Seus atributos, o que Ele fez e o que Ele tem intenção de fazer.

Toda a história passada, presente e futura do homem é ali traçada.

A Bíblia é a lâmpada que esclarece,
O guia que conduz,
O espelho que revela,
O orvalho que fecunda,
O pão que alimenta.

A BÍBLIA

Por Henry Van Dyke

Nascida no Oriente, com sua vestimenta e imagem orientais, a Bíblia avança pelos caminhos de todo o mundo ganhando familiaridade, penetrando todas as terras, encontrando-se em todas as partes. A Bíblia tem a faculdade de falar em centenas de idiomas ao coração do homem, Chega ao palácio para dizer ao monarca que ele é um servo do Altíssimo e à choupana para garantir ao camponês que ele é um filho de Deus. As crianças maravilhadas e embevecidas escutam suas histórias e homens sábios as consideram como parábolas de vida.

A Bíblia contém uma palavra de paz para todo o tempo de prova, uma palavra de conforto para o dia de calamidade, uma palavra de luz para a hora de trevas.

Seus oráculos são repetidos na assembléia do povo e seus conselhos sussurrados ao ouvido do solitário. O ímpio e o orgulhoso tremem diante de suas advertências, mas ao ferido e ao que sofre elas soam como uma voz maternal. O deserto e o lugar isolado se mostram felizes por ela e sua leitura tem iluminado milhares e milhares de corações.

Seus ensinamentos se entrelaçam em nossas afeições mais profundas e dão colorido aos nossos mais acariciados sonhos. Assim que amor e amizade, simpatia e devoção, recordação e esperança vestem os mantos de sua preciosa linguagem e se tornam para nós como a fragrância de incenso e mirra.

Acima do berço e ao lado da tumba suas palavras grandiosas nos surgem espontâneas. Elas revestem nossas orações de um poder maior do que conhecemos e sua beleza se detém aos nossos ouvidos longo tempo após haverem sido esquecidos os sermões que elas adornaram. Elas voltam a nós velozes e tranqüilas como pombas que voam à distância.

Elas nos surpreendem com novos significados, com fontes de água que surgem da montanha ao lado de uma antiga senda. Elas crescem cada vez mais preciosas à semelhança das pérolas abrigadas no coração.

Ninguém que possua este tesouro é pobre ou abandonado. Quando o vacilante peregrino avança para o chamado "vale da sombra da morte" não teme penetrá-lo. Ele toma o Bastão e o Cajado da Escritura em sua mão e diz ao amigo e companheiro: "Adeus, até nos encontrarmos novamente." E confortado por aquele apoio segue o trilho solitário como quem caminha das trevas para a luz.

REFLEXÕES SOBRE A BÍBLIA

Páginas e páginas poderiam ser aqui transcritas de pensamentos notáveis sobre o valor da Palavra de Deus, muitas histórias verídicas poderiam ser contadas do seu poder transformador na vida humana, mas fiquem apenas estes magníficos pensamentos:

1. A famosa poetisa chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura, quando ainda jovem deixou na página inicial de sua Bíblia estas expressivas palavras:
"Meu livro, livro em qualquer tempo e a qualquer hora, bom e amigo para o meu coração, forte e poderoso companheiro. Tu me tens ensinado a forte beleza e a singela candura, a verdade simples e terrível em breves cantos. Meus melhores companheiros não têm sido pessoas de meu tempo, mas as que tu me deste: Davi, Rute, Jó, Raquel e Maria. Juntamente com os meus, estes são toda a minha gente, os que rondam em meu coração e em minhas orações, os que ajudam a amar e a sofrer. Escapando aos tempos viestes a mim, e eu, imergindo nas épocas estou contigo, sou tua como um dos que trabalharam, sofreram e viveram em teu tempo e tua luz."

Não seria esta atitude para com o Livro Santo um dos segredos da sua sublime inspiração poética?

2. O Imperador da Abissínia, S. M. Hailé Selassié, em visita à Casa da Bíblia, em Nova Iorque, escreveu no Livro de Impressões dos Visitantes as seguintes palavras:
"A Bíblia não é somente um grande livro de referências históricas, mas é também um Guia para a vida diária, e por esta razão eu a respeito e amo."
3. Napoleão Bonaparte – o notável gênio militar da França – reconheceu o valor da Palavra de Deus com o seguinte pensamento:
"A alma jamais pode vaguear sem rumo, se tomar a Bíblia para lhe guiar os passos."
4. Três ex-presidentes dos Estados Unidos assim se expressaram:
"É impossível governar perfeitamente o mundo, sem Deus e sem a Bíblia." – *George Washington*
"Aceite desse livro tudo o que possa fazê-lo com a razão, o restante com fé, e você viverá e morrerá melhor homem."
"Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante esse livro." – *Abraão Lincoln*
"Quase todo o homem que, pelo trabalho de sua vida adicionou alguma coisa à soma dos empreendimentos humanos, dos quais a raça se orgulha, quase sempre este homem baseou o trabalho de sua vida amplamente nos ensinamentos da Bíblia." – *Theodoro Roosevelt*
5. O honrado e magnânimo Imperador do Brasil, D. Pedro II, declarou sobre o livro sagrado:

"Eu amo a Bíblia, eu leio-a todos os dias e, quanto mais a leio tanto mais a amo. Há alguns que não gostam da Bíblia. Eu não os entendo, não compreendo tais pessoas, mas, eu a amo, amo a sua simplicidade e amo as suas repetições e reiteraões da verdade. Como disse, eu leio-a quotidianamente e gosto dela cada vez mais."

6. O preeminente filósofo Emanuel Kant disse sobre a Bíblia:

"Que o homem progrida quanto quiser, que todos os ramos do conhecimento humano se desenvolvam ao mais alto grau, coisa alguma substituirá a Bíblia, base de toda a cultura e de toda a educação."

"É minha fé na Bíblia que me serviu de guia em minha vida moral e literária. Quanto mais a civilização avance, mais será empregada a Bíblia."

7. Coelho Neto, o mais exuberante dos escritores brasileiros, deixou sobre a Palavra de Deus sublimes pensamentos, destacando-se este trecho:

"Livro de minha alma aqui o tenho: é a Bíblia. Não o encerro na biblioteca, entre os de estudo, conservo-o sempre à minha cabeceira, à mão. É dele que tiro o pão para a minha fome de consolo, é dele que tiro a luz nas trevas das minhas agonias."

8. Daniel Webster:

"Se existe algo nos meus pensamentos ou no meu estilo que se possa elogiar, devo-o aos meus pais que instilaram em mim, desde cedo, o amor pelas Escrituras. Se nos ativermos nos princípios ensinados na Bíblia, nosso País continuará prosperando sempre. Mas se nós e nossa posteridade negligenciarmos suas instruções e sua autoridade, ninguém poderá prever a catástrofe súbita que nos poderá sobrevir, para sepultar toda a nossa glória em profunda obscuridade."

9. Patrick Henry:

"A Bíblia vale a soma de todos os outros livros que já se imprimiram."

10. John Quincy Adams:

"Tão grande é a minha veneração pela Bíblia que, quanto mais cedo meus filhos começam a lê-la, tanto mais confiado espero que eles serão cidadãos úteis à pátria e membros respeitáveis da sociedade. Há muitos anos que adoto o costume de ler a Bíblia toda uma vez por ano."

11. Dorace Greeley:

"É impossível escravizar mental ou socialmente um povo que lê a Bíblia. Os princípios são os fundamentos da liberdade humana."

12. Robert E. Lee:

"Em todas as minhas perplexidades e angústias a Bíblia nunca deixou de me fornecer luz e vigor."

13. Isaac Newton:

"Há mais indícios seguros de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana."

14. Thomas Huxley:

"A Bíblia tem sido a carta magna dos pobres e oprimidos. A raça humana não está em condições de dispensá-la."

15. George Müller:

"O vigor de nossa vida espiritual está na proporção exata do lugar que a Bíblia ocupa em nossa vida e em nossos pensamentos. Faço esta declaração, solenemente, baseado na experiência de cinquenta e quatro anos.

"Nos primeiros três anos após minha conversão, negligenciei a Palavra de Deus. Desde que comecei a pesquisá-la diligentemente, tenho sido maravilhosamente abençoado.

"Já li a Bíblia cem vezes, e sempre com maior deleite. Cada vez se me apresenta um livro novo.

"Grande tem sido a bênção recebida do seu estudo seguido, diligente e quotidiano. Considero perdido o dia em que não me detive a meditá-la."

16. H. M. S. Richards, orador emérito da Voz da Profecia, escreveu muitos pensamentos sobre a Bíblia, como estes dois:

"A Bíblia é o mais poderoso instrumento que o pregador pode ter. Com ela falo com confiança à mais sofisticada ou mais degradada ou mais incrédula das pessoas".

"O alimentar-se da Palavra realmente faz o Pregador".

17. "As Santas Escrituras devem ser aceitas como autorizada, e infalível revelação . . . Elas são a norma do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa." (O Grande Conflito, pp. 8 e 10).

18. Papa Pio VI: "Os fiéis devem ser incitados à leitura das Sagradas Escrituras, porque é a fonte mais abundante da verdade, e que deve permanecer aberta a todas as pessoas, para que dela tirem a pureza de moralidade e de doutrina, para destruir inteiramente os erros que se espalham tão largamente nestes tempos corruptos."

19. J. J. Rosseau:

"Eu confesso que a majestade das Escrituras me abisma, e a santidade dos evangelhos fala ao meu coração. Vede os livros dos filósofos com toda a sua pompa, quanto são pequenos à vista deste! Pode-se crer que um livro tão sublime e, às vezes, tão simples, seja obra dos homens."

20. Napoleão Bonaparte:

"O evangelho não é simplesmente um livro, mas uma força viva – um livro que sobrepuja a todos os outros. A alma jamais pode vaguear sem rumo, se tomar este livro para seu guia."

Prezado amigo, você conhece a Bíblia?

Lê diariamente alguma porção deste maravilhoso livro?

Crê que é através dela que chegamos a Cristo, que nos dá a salvação e a vida eterna?

Amemos a Bíblia, fazendo nossas as palavras do salmista: "Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra, e luz para o meu caminho" Sal. 119:105).

Encontrei algures os seguintes pensamentos sobre o Livro Sagrado que nos serão úteis:

A Bíblia foi escrita por quarenta homens diferentes, de pescadores e lavradores a profetas e reis, num período de aproximadamente 1.600 anos. Embora esses escritores diferissem em cultura e posição social, e tivessem vivido em países e épocas diferentes, escreveram apenas um livro, o qual revela unidade e harmonia do começo ao fim. A mensagem desse livro, embora moldada segundo o estilo e a individualidade dos homens que Deus usou, é uma mensagem divina, não do homem. Somente no Velho Testamento os escritores bíblicos utilizaram mais de 2.600 vezes a expressão "Assim diz o Senhor". Essa insistência demonstra de modo inequívoco a sua convicção de que estavam falando não por si mesmos, mas inspirados por Deus.

O Novo Testamento confirma tais afirmações em textos como estes: I I S. Pedro 1: 21; II Tim. 3:16.

Isto significa que quando lemos a Bíblia, ouvimos Deus falando a nós, como se estivéssemos ouvindo-O audivelmente. Significa que se rejeitamos a Bíblia, rejeitamos a voz de Deus. E rejeitar sua voz é rejeitar o amoroso oferecimento que Ele nos faz – vida eterna através de Jesus Cristo, Seu filho.

Aproximadamente uma quarta parte da Bíblia é profética, e há mais de mil profecias separadas e distintas nela registradas. A maioria delas já se cumpriu, com exatidão absoluta. Outras estão se cumprindo em nossa geração, ou se cumprirão no futuro.

Bíblia É O Livro por Excelência

Ela é:

"A magna carta de toda verdadeira liberdade; a verdadeira precursora da civilização; a moderadora das instituições e dos governos; a formadora das leis; o segredo do progresso nacional; o guia da história; o ornamento e fonte essencial da literatura; a amiga da ciência; a inspiradora dos filósofos; o compêndio da Ética; a luz da inteligência; a resposta aos desejos mais íntimos do coração humano; a alma de toda a vida cordial e religiosa; a luz que resplandece nas trevas; a inimiga da opressão; a adversária da superstição; a desarraigadora do pecado; a reveladora de tudo o que é elevado e digno; o consolo na aflição; a fortaleza na debilidade; a senda na perplexidade; o refúgio na tentação."

NOMENCLATURA DA CRÍTICA TEXTUAL

Como toda a ciência, a Crítica Textual Bíblica tem a sua nomenclatura própria, os seus termos técnicos, cujo conhecimento será muito útil para a boa compreensão da matéria.

A presente lista propiciará aos estudantes apreciável subsídio.

Antilegômena – o termo em grego significa contestado – e aplica-se a alguns livros da Bíblia, que no período da formação do cânon, foram mais difíceis de serem introduzidos, como Apocalipse 11 e III João, II Pedro, Hebreus, Tiago.

Aparato Crítico – Conjunto de sinais e termos técnicos que nos elucidarão sobre a validade das variantes do texto bíblico.

Apócrifo – Etimologicamente significa escondido, oculto. Literariamente o termo foi usado para livros que eram guardados do público por causa do seu conteúdo. Nome dado aos livros não inspirados, que aparecem nas Bíblias Católicas, mas que não fazem parte do Cânon Sagrado Hebraico. . .

Arquétipo – Modelo principal de certo tipo de texto. O Coridete é o arquétipo da Família Cesareense.

Autenticidade – Este termo designa o escrito digno de fé, de confiança, que não suscita nenhuma dúvida.

O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. I, pág. 54, assim define autenticidade: "A distinção entre autêntico e inautêntico é empregada na crítica literária para distinguir as partes originais de uma passagem ou fonte de acréscimos posteriores, e na discussão sobre se um escrito deve ser atribuído ao autor cujo nome é associado com ela. Não dá a entender, necessariamente, um julgamento de valor, quanto à historicidade ou valor geral da obra em discussão."

Autógrafo – É o escrito do próprio punho do escritor bíblico.

Canonicidade – Qualidade atribuída aos livros da Bíblia que estavam de acordo com os cânones, isto é, com as regras e princípios reconhecidos pela Igreja como divinos.

Códice – Nome dado ao livro antigo que substituiu o rolo. A palavra vem do latim codex – tronco de árvore, livro. A palavra era usada para as folhas de papiro ou pergaminho usadas para se escrever.

Colaço – Comparação entre os manuscritos. Este confronto quase sempre foi feito com base no Textus Receptus.

Comma Joanina – Da expressão latina – comma johanneum – usada por autores católicos, significando o "inciso" ou "interpolação" relativa a João. Referência a I João 5: 7 e 8, ou às três testemunhas celestiais, cujas palavras não se encontram no original.

Diáspora – A dispersão dos judeus residentes na Palestina para as regiões da Assíria, Babilônia, Egito, Grécia, Itália e muitos outros lugares.

Diatessaron – Título dado por Taciano ao seu livro *Harmonia dos Quatro Evangelhos*. Trabalho concluído no ano 170.

Emenda – Correção feita no texto ou na margem para a melhoria dos manuscritos.

Epigrafia – Interpretação dos relatos escritos que têm sobrevivido do antigo passado.

Escólio – Observações explicativas colocadas ao lado do texto, para a melhor compreensão do leitor.

Evidências – Provas internas e externas, que nos levam a concluir qual a melhor entre algumas variantes de leitura.

Exegese – É a aplicação das regras e princípios estabelecidos pela hermenêutica.

Família – Denominação criada por técnicos da Crítica Textual, especialmente Farrar e Lake para designar manuscritos, que apresentam muita semelhança. São bem conhecidas as famílias 1 e 13 dos manuscritos minúsculos. Os eruditos da Crítica Textual classificaram todos os manuscritos existentes em quatro famílias: Alexandrina, Bizantina, Cesareense, Ocidental.

Frases latinas – Existem três frases latinas, muito citadas em Crítica Textual, cujo significado deve ser conhecido.

Dificilior lectio potior – entre uma variante fácil e outra difícil, prefira-se a difícil.

Brevior lectio potior – prefira-se o texto mais breve ao mais longo.

Proclivi scriptioni praestat ardua – o texto mais difícil deve ser preferido ao mais fácil.

Glosa – Breve explicação de palavras ou frases difíceis.

Higiógrafo – Em grego, escrito sagrado. Uma das três divisões dos livros do Cânon Hebraico. Sendo as outras duas: o Pentateuco e os Profetas.

Hapax Legomenon – Expressão que de acordo com o grego significa - hapax – uma só vez e legomenon – particípio passivo do verbo lego – dizer. Significando portanto a designação para as palavras bíblicas empregadas apenas uma vez.

Haplografia – Erro do copista, que escrevia uma só vez o que devia ser repetido.

Hermenêutica – É a ciência que nos ensina os preceitos, as regras e os métodos para uma correta interpretação.

Schleiermacher assim definiu hermenêutica: "A doutrina da arte de compreender."

Homoiteleuton – terminação igual de duas linhas, induzindo, por vezes o copista a pular da primeira para a segunda linha.

Integridade – Qualidade do livro de chegar até nós na forma em que foi escrito, isto é, sem perda de seu conteúdo por acréscimo, omissão ou troca.

Ítala – Para alguns é a mais notável das antigas versões latinas, para outros é o nome dado ao conjunto destas versões.

Kerigma – Vocábulo grego muito usado nos primeiros séculos cristãos para a proclamação do evangelho de Cristo.

Lecionário – Manuscrito contendo partes do Novo Testamento, destinadas à leitura nos serviços de adoração.

Midrasch – Comentário homilético do texto sagrado seguindo mais ou menos versículo por versículo. Este trabalho visava a edificação da comunidade e seu maior apego aos livros da Bíblia.

Mishná – do hebraico shaná – repetição, Termo usado para designar as leis judaicas transmitidas oralmente, para distinguir de Micrá, as leis transmitidas através de documentos.

Nomina Sacra – Designação atribuída aos nomes sagrados, como Deus, Salvador, Cristo, Jesus, Senhor, Espírito Santo. Estes nomes eram abreviados ou contraídos pelos copistas.

Paleografia – Arte de decifrar escritos antigos e classificar a idade dos manuscritos. Ciência que tem como objetivo o estudo da escrita antiga em qualquer espécie de material.

Palimpsesto – Nome formado de duas palavras gregas – palin = de novo e psesto = raspado. Manuscrito raspado da primitiva escrita, para poder receber uma nova escrita.

Patrística – Conjunto das obras dos Pais da Igreja.

Perícope – Seção ou parágrafo de um livro sagrado.

Prolegômenos – Introdução geral de uma obra científica, artística ou religiosa. Prefácio longo.

Querê e Kethibi – Querê: Designação dada pelos massoretas à forma correta que devia estar no texto, mas foi trocada por outra errada pelos copistas. Significa o que deve ser lido. A palavra correta era colocada na margem. Kethibi: o escrito. Nome dado à palavra errada do texto.

Recensão – Comparação de uma edição de autor antigo com os manuscritos, visando descobrir o texto de uma edição com o respectivo manuscrito.

Septuaginta – Tradução do Velho Testamento para o grego, feita em Alexandria no século III AC por um grupo de setenta judeus.

Talmude – Livro dos judeus, contendo interpretação bíblica, comentários, conselhos, etc. Compilado desde o tempo de Esdras, V século AC até o VI século da Era Cristã. Em hebraico a palavra significa estudo, ensino. A exemplo da palavra Bíblia deve ser sempre escrito com inicial maiúscula.

Targum – Tradução ou paráfrase de partes do Velho Testamento em aramaico para os judeus da Palestina que não mais entendiam o hebraico.

Aurélius define targum assim: Conjunto de traduções e comentários de textos bíblicos que falam do século VI A.C.

Testemunha – Conjunto dos manuscritos, versões e citações patrísticas que sancionam determinada variante.

Textus Receptus – Expressão latina proveniente de uma frase da edição do Novo Testamento (1633) dos irmãos Boaventura e Abraão Elzevir.

A base do Textus Receptus foi o grego do Novo Testamento de Erasmo, em que se basearam as traduções em alemão e inglês, inclusive a KJV (1611). Por ser um texto bizantino, baseado em pequeno número de manuscritos, a Crítica Textual achou melhor substituí-lo por textos melhores como o de Westcott e Hort.

A frase latina significa em português texto recebido.

Tipo – Nome dado ao modelo de determinado texto do novo testamento, que apresenta caracteres afins com outros manuscritos. Os quatro tipos de texto são: alexandrino, bizantino, cesareense e ocidental.

Variante – Modo diferente da mesma passagem se apresentar nos manuscritos.

Versão Autorizada – Nome da versão inglesa da Bíblia (1611), preparada por uma douta comissão, autorizada pelo rei Tiago da Inglaterra.

Veteres Latinae ou Velhas Latinas – Nome dado às traduções latinas feitas antes da Vulgata.

Vulgata – Palavra proveniente do latim "vulgare" – fazer conhecido, publicar. Nome dado à versão latina da Bíblia, preparada por Jerônimo a pedido do Papa Dâmaso (383 d.C.). A Vulgata paulatinamente substituiu as outras versões latinas usadas na igreja primitiva, tais como a Antiga Latina (Vetus Latina). No Concílio de Trento (1546) recebeu autoridade canônica na Igreja Católica Romana.

REVELAÇÃO E INSPIRAÇÃO

O plano original de Deus não era dar ao homem a Sua palavra em forma escrita. Os anjos eram os ensinadores dos homens. Adão e Eva eram visitados livremente por Deus e os anjos, porém, com a entrada do pecado esta livre comunhão foi interrompida.

Sendo que a glória de Deus se tornou um fogo consumidor para o homem, Deus estabeleceu um plano, que lhe permitia apresentar a Sua vontade à família humana.

Meios usados por Deus para transmitir a Sua palavra:

1. A voz audível: Gên. 3:8-15, Núm. 12:7-8;
2. De face a face: Êxo. 33:11, Deut. 34:10;
3. Os anjos: Zac. 1:9, Luc. 1:11, 18 e 19;
4. Visões: Dan. 7:2; Apoc. 1:19;
5. Sonhos: Núm. 12:6, Gên. 37:5 e 9;
6. O Espírito Santo: II Ped. 1:21, II Sam. 23:11 e 12;
7. Cristo: João 17:34, Heb. 1:1 e 2.

A palavra foi transmitida verbalmente pelos profetas durante aproximadamente 2.500 anos. Isto foi possível porque as pessoas no início do mundo foram privilegiadas com longevidade e prodigiosa memória.

A Palavra Escrita

Razões para ser dada a palavra em forma escrita:

- a) A capacidade mental diminui por causa do pecado;
- b) A vida humana foi abreviada por doenças, alimentação, etc.
- c) Por uma multiplicidade de fatores o homem começou a errar mais;
- d) Por causa da apostasia, as verdades divinas deviam ser dados com toda a exatidão;

e) A palavra escrita inspira autenticidade;

Há dois vocábulos que de modo geral caracterizam o que Deus fez quando a Bíblia foi escrita: Revelação e Inspiração.

REVELAÇÃO

Os eruditos apresentam muitas idéias díspares para explicarem o que seja revelação e inspiração e algumas destas serão estudadas neste capítulo.

O homem apenas pode conhecer a Deus porque Ele Se revela. Todos os cristãos reconhecem que Deus Se revela por intermédio dos profetas e esta revelação se consumou em Jesus Cristo, por ser Ele o maior dos profetas. Cristo em todos os Seus ensinamentos tornou bem claro que Ele era uma revelação de Deus.

Toda a Teologia nada mais é do que uma revelação que a Bíblia apresenta a respeito de Deus.

Teoria do Encontro

Há mais ou menos uns trinta anos foi apresentada uma idéia diferente de revelação e inspiração, criação do filósofo existencialista Martin Buber, denominada por ele de "Teologia do Encontro".

Esta idéia foi exposta em 1923, em seu livro *Eu e Você*.

Cada pessoa vive num conceito de relação. Nós nos relacionamos com pessoas, com coisas, como casa, carro, móveis, livros, roupas, perfumes, etc. Crença é o nosso relacionamento com Deus e com Cristo.

Um dos grandes paladinos desta teoria é Emir Brunner, que tomou as idéias de Buber e as adaptou à religião, sendo hoje conhecida como a "Teoria do Encontro". Segundo ele quando Deus e o profeta se encontram, Deus não diz coisa alguma. O que o profeta diz é um posterior reflexionamento do seu encontro com Deus.

O que é Revelação?

Revelação bíblica é Deus tornar conhecido Seus pensamentos, Suas intenções, Seus desígnios, Seus mistérios. Isa. 55:8-9, Rom. 11:33-34, Apoc. 1:1.

A Bíblia é a mensagem de Deus em palavras humanas. Há um Deus transcendente que escolheu revelar-se ao homem, para que ele entenda como se formaram as coisas.

Revelação tem que ver mais com o conteúdo.

A Bíblia está repleta de expressões como: "e falou o Senhor", "eis o que diz o Senhor", "veio a mim a palavra do Senhor". Daí a propriedade de denominarmos o conjunto destas revelações de A Palavra de Deus.

Etimologicamente, revelação vem do latim *revelo*, que significa descobrir, desvendar, levantar o véu. Revelação significa portanto descobrimento, manifestação

de algo que está escondido. A palavra grega correspondente à latina revelação é Apocalipse.

INSPIRAÇÃO

Daniel Rops no livro *Que é a Bíblia?*, página 40 define inspiração como sendo a operação divina que toma conta do autor sagrado, esclarecendo-o, guiando-o, assistindo-o na execução do seu trabalho.

Também é uma palavra latina, derivada do verbo inspiro, que quer dizer "soprar para dentro".

Inspiração refere-se à transmissão, à maneira como o homem torna conhecida a vontade de Deus.

II Tim. 3:16 nos diz que toda a escritura é divinamente inspirada, em grego "theopneustos", bafejada por Deus, tendo o sopro de Deus, inspirada por Deus.

Os termos inspiração e revelação são muitas vezes empregados indistintamente, por exprimirem apenas aspectos diferentes da mesma verdade grandiosa.

As escrituras podem, em resumo, ser definidas como a descrição feita por escritores inspirados duma série de revelações de Deus ao homem.

A declaração de que a Escritura é inspirada por Deus é feita de várias formas. No novo Testamento encontramos referências aos profetas do Velho Testamento, como as seguintes: "Homens que falaram da parte de Deus" e "que foram movidos pelo Espírito Santo", "o Espírito de Cristo que estava neles testificou".

O salmista Davi afirma em 11 Sam. 23:2: "O Espírito do Senhor fala por meu intermédio".

Destas afirmações se conclui que a Bíblia é um livro divino, mas evidentemente ele não caiu pronto do céu. Para que a Bíblia se concretizasse, o Espírito Santo Se serviu de instrumentos que eram humanos e que conservavam a respectiva personalidade, o caráter, talento e gênio, os hábitos intelectuais e poderes de estilo. Deus não violentou nem destruiu as faculdades daqueles que deviam formular a Sua mensagem. O escritor continuava sendo homem, com seu modo de ser, sua linguagem própria, seu próprio estilo.

Pedro e João são escritores simples, usando um vocabulário reduzido.

Paulo e Lucas são escritores cultos, usando linguagem rica, primorosa e repleta de figuras literárias.

Pela nossa revista "Review and Herald", do dia 18 de outubro de 1887 Urias Smith respondeu à seguinte pergunta:

"Não é uma palavra o sinal de uma idéia? E como pode então uma idéia ser inspirada e os sinais que transferem a idéia de uma mente para outra não ter inspiração?" Sua resposta: "Se houvesse apenas uma palavra para expressar uma idéia, talvez isso pudesse ser assim; mas quando há talvez uma centena de modos para expressar a mesma idéia, o caso se torna muito diferente. Naturalmente se o Espírito Santo ditasse as palavras para uma pessoa escrever, ela seria obrigada a usar aquelas mesmas palavras sem mudança alguma; mas quando uma simples cena ou vista é

apresentada à pessoa e nenhuma linguagem é dada, ela terá a liberdade de descrevê-la com suas próprias palavras, como melhor lhe parece expressar a verdade do caso. E se havendo já escrito, uma melhor maneira de expressar lhe ocorre, é perfeitamente lícito riscar o que já escreveu, para tornar a escrever, conservando estritamente as idéias e os fatos que lhe foram apresentados. E na segunda versão haveria, tanto como na primeira, a mesma idéia divinamente comunicada.

Muito do que os profetas escreveram nas Escrituras são palavras faladas diretamente pelo Senhor e não são as suas próprias. Em tais casos, naturalmente, as palavras são inspiradas.

Existem muitas teorias para explicar a inspiração, ou como a palavra de Deus nos foi transmitida, mas parece que as mais conhecidas podem ser reunidas em quatro grupos:

1. Teoria da Intuição.

Esta teoria nega que a Bíblia seja sobrenatural ou vinda de Deus, defendendo que ela foi produzida pelos próprios poderes intuitivos do homem. De acordo com ela os escritores da Bíblia foram inspirados unicamente no sentido em que os escritores como Homero e Camões o foram. Esta teoria considera as Escrituras como produto natural da mente humana.

2. Teoria Fracional ou Parcial.

Seus defensores afirmam: há na Bíblia algumas partes inspiradas, outras não. A afirmação divina é: "Toda a Escritura é divinamente inspirada".

3. Inspiração Mecânica.

Os escritores da Bíblia eram autômatos, escreviam enquanto Deus ia ditando, por isso é também chamada teoria do ditado. Considera que Deus ditou do princípio ao fim a Sua palavra.

Conclui-se logo que esta teoria é impossível, pois se fosse real, como explicar os diversos estilos existentes nas Sagradas Escrituras?

4. Teoria Dinâmica.

Deus deu poder às personalidades, mentes, para fazerem isso.

A Bíblia não deixa de lado a inteligência do homem, nem a sua percepção e entendimento.

Esta é a que aceitamos, a Escritura contém o divino e o humano, a verdade é inspirada por Deus, mas é moldada pelo espírito humano de acordo com o idioma, o ambiente e a inteligência humana de cada escritor.

Alguns estudiosos modernos têm afirmado que a Bíblia não contém em si mesma a doutrina da inspiração. Esta declaração não corresponde à realidade, pois há muitas passagens das Escrituras que testemunham a sua própria inspiração. Dentre estas, quatro podem ser destacadas como primordiais, por serem muito impressivas em destacarem esta verdade fundamental, a Bíblia é um livro inspirado por Deus.

1. II Timóteo 3:16.

"Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça."

Esta passagem é de uma clareza meridiana, pois aqui se afirma a divina autoridade de toda a Escritura.

Deus é o autor dos relatos bíblicos. A Bíblia não pode conter erros, porque Deus não erra, e se falamos em erros das Escrituras, estes são devidos às falhas humanas.

Devemos confiar em tudo o que a Bíblia ensina por causa desta autoria divina.

2. II Pedro 1:20-21

"Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo."

No primeiro exemplo Paulo enfatiza positivamente. Toda a Escritura é inspirada. No segundo exemplo, Pedro faz uma menção negativa. A profecia nunca foi produzida por vontade humana.

Cada uma na sua maneira peculiar de se expressar afirma a mesma verdade fundamental – a inspiração total da Bíblia.

As Escrituras são de origem divina porque o Espírito de Deus falou através dos profetas.

3. Mateus 5:17-18

"Não cuideis que vim destruir a Lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo, que até que o céu e a terra passem, nem um jota ou til se omitirá da Lei, sem que tudo seja cumprido."

Jesus chama a Escritura, "a Palavra de Deus", em Mar. 7:13.

A mesma veemente defesa feita para a integridade do Velho Testamento, é feita por Cristo para as Suas próprias palavras. Mat. 24: 35: "As Minhas palavras não hão de passar."

O cristianismo foi apresentado por Cristo como religião autorizada pela Bíblia. Seus argumentos estavam sempre baseados nas Escrituras e eram decididos através de textos sagrados. Seus inimigos foram reprovados, por não conhecerem melhor as mensagens divinas e o próprio Satanás foi repelido por declarações das páginas sagradas.

O Mestre dos mestres sempre citou as Escrituras como conselhos divinos para o Seu ministério, como atestam as seguintes passagens: Luc. 4:21; 7:22, 27; 18:31.

4. João 10:35

"A Escritura não pode ser anulada."

A Escritura contém a palavra escrita de Deus, por isso é uma fonte perene de poder, que jamais será anulada.

OBSERVAÇÕES NEGATIVAS SOBRE A BÍBLIA

Há pessoas que por se scandalizarem com relatos que incluem depravação dos sentidos, torpezas do coração, covardias, atitudes indignas, procuram amesquinhar o valor da Bíblia e afirmar que ela não é inspirada. É certo que essas histórias escabrosas ali se encontram como a evidência máxima de que todos os homens são pecadores (Rom. 3:23, 11:32) e de que a Bíblia é exata e realista em suas descrições. Os

escritores bíblicos narram estes fatos para mostrar as conseqüências dos erros e a necessidade suprema do ser humano de aceitar a Cristo para libertar-se do poder do pecado.

A inspiração não implica na aprovação divina de todos os atos e sentimentos que são citados, se não que Deus cuida que seja um registro fiel. Assim, quando a Bíblia relata alguns pecados ou crimes dos patriarcas e outros personagens bíblicos, temos uma história fidedigna, porém isto não implica na complacência de Deus para estes atos. De modo idêntico a inspiração não aprova as palavras de Satanás ou as idéias dos amigos de Jó, mas simplesmente cuida pela fidelidade da citação.

OUTROS MODOS DE COMPREENDER A INSPIRAÇÃO

A inspiração profética tem sido compreendida de vários modos, como nos provam ainda os seguintes pensamentos:

De um estudo do bispo Westcott publicado no livro *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia* de Joseph Angus, Vol. I, pág. 99, destacamos o seguinte:

"Ensina-nos que a Inspiração é uma operação do Espírito Santo, atuando nos homens, de acordo com as leis da constituição humana; que não é neutralizada pela influência divina, mas aproveitada como um veículo para a expressão completa da mensagem de Deus. Ensinam-nos que a Inspiração está geralmente combinada com o progresso moral e espiritual do Doutrinador, de maneira que há no todo uma conformidade moral entre o Profeta e a sua doutrina."

Opinião dos Reformadores

Os reformadores adotaram a opinião de que os Livros Sagrados foram ditados por Deus palavra por palavra.

Segundo esta opinião de encarar o problema os escritores da Bíblia foram apenas amanuenses do Autor Divino.

A inspiração verbal é difícil de ser defendida em face da diversidade de estilos e das declarações dos próprios escritores bíblicos.

O bispo Elicott, em seu livro *Aids to Faith*, p. 411, escreveu:

"A Escritura é a revelação através de meios humanos da inteligência infinita de Deus para a mente finita do homem, e reconhecendo nós na palavra escrita não só o elemento divino mas também o elemento humano, cremos verdadeiramente que o Espírito Santo penetrou tanto a mente do escritor, iluminou a sua alma, e apoderou-se dos seus pensamentos que ele, sem lhe ser tirada a sua individualidade, recebeu tudo quanto era necessário para o habilitar a expor a Verdade divina em toda a sua plenitude."

Ellen G. White no livro *O Grande Conflito*, da Casa Publicadora Brasileira, CD, na página 7, afirma:

"A Escritura Sagrada aponta a Deus como seu autor; no entanto, foi escrita por mãos humanas, e no variado estilo de seus diferentes livros apresenta os característicos dos

diversos escritores. As verdades reveladas são dadas por inspiração de Deus (II Tim. 3:16); acham-se, contudo, expressas em palavras de homens. O Ser infinito, por meio de Seu Santo Espírito, derramou luz no entendimento e coração de Seus servos. Deu sonhos e visões, símbolos e figuras; e aqueles a quem a verdade foi assim revelada, concretizaram os pensamentos em linguagem humana."

Outra declaração análoga da escritora inspirada se encontra no Manuscrito 24, 1886:

"A Bíblia não nos é dada numa linguagem super-humana. Para atingir o homem onde ele se encontra, Jesus assumiu a humanidade. A Bíblia tem de ser dada na linguagem dos homens. (. . .) Sentidos diferentes são expressos pela mesma palavra; não há nenhuma palavra para cada idéia diferente. A Bíblia foi dada para propósitos práticos. As características da mente são diferentes. Todos não entendem da mesma maneira expressões e declarações. Alguns entendem as declarações das Escrituras para se adaptarem aos seus próprios casos e desígnios particulares."

OPOSIÇÃO À BÍBLIA

Apenas poucos anos se passaram, desde que João escreveu o Apocalipse, e doutrinas errôneas se levantaram, como a dos gnósticos, dos docetistas, dos epicureus, dos ebionitas, etc. No fim do século XVIII apareceram os racionalistas negando tudo o que fosse sobrenatural. Defendiam eles que a razão humana é o único critério válido de verdade. Por conseguinte consideram a Bíblia como uma coleção de livros puramente humanos, fruto de atividade meramente natural, e portanto sujeitos a todas as falhas de qualquer outro livro humano sem excluir os erros.

Os protestantes liberais e os modernistas negam também a inspiração da Bíblia, e quando a admitem é com um conceito totalmente desfigurado do que significa inspiração.

Homens sábios aos seus próprios olhos, começaram a atacar a Bíblia afirmando que ela não podia ser divina porque continha várias espécies de erros, destacando-se entre estes os erros científicos e os históricos.

1) Erros científicos:

Afirmam muitos que os ensinamentos da Bíblia se contradizem com a ciência moderna.

Não é este o lugar, nem a finalidade de nosso trabalho, nem o autor pessoa credenciada para desenvolver este assunto, por isso não nos alongaremos na apresentação destes pseudo-erros e muito menos em contestá-los.

Apenas um pensamento de Santo Agostinho: "A Bíblia não fala dos fenômenos naturais de um modo precisamente científico, mas apresenta-os na maneira popular da época em que foi escrita."

2) Objeções históricas:

Até o princípio do século XIX céticos afirmavam que a Bíblia não merecia crédito, porque fazia determinadas afirmações que não eram comprovadas pela História. Porém, nestes dois últimos séculos, descobertas feitas pelos arqueólogos e por muitos eruditos da Bíblia como Champollion, Rawlinson, De Morgan, Layard,

Petrie e muitos outros nos levam a crer na veracidade de suas afirmações e a ter plena confiança nas Escrituras Sagradas.

Dois preeminentes eruditos, Champollion e Rawlinson, com tenacidade, conseguiram decifrar e explicar os hieróglifos do Egito e a escrita cuneiforme de Babilônia. Tanto a língua do Egito, como a de Babilônia vieram confirmar verdades apresentadas na Bíblia, mas postas em dúvida por aqueles que não crêem na sua inspiração divina.

Antes destas descobertas, muitos punham em dúvida a existência dos hititas, apresentadas na Bíblia em II Reis 7:6 como tendo a mesma projeção social e o mesmo poderio bélico dos egípcios. Descobertas e posteriores decifrações de inscrições egípcias e assírias atestam a existência de um povo forte, os heteus, que mantiveram lutas renhidas com o Egito e a Assíria.

Isaías 20:1 faz referência a Sargom, rei da Assíria, mas os eternos inimigos da Palavra de Deus afirmavam que este rei nunca existiu, portanto a Bíblia não era verídica nesta afirmativa. Posteriormente, foi descoberto em Khorsabad um palácio, no qual havia inscrições que pertenciam a Sargom II.

Afirmações eram feitas, referentes a Moisés, no sentido de que ele não poderia naquele tempo, isto é, no século XV AC, ter apresentado um código de leis daquela estatura.

A descoberta de códigos anteriores e contemporâneos do Pentateuco, como o de Hamurabi (que reinou entre os anos 1728 e 1686 AC), e parte de um Código Assírio (descoberto em Assur pelo Dr. Andrae e colocado por Rodolfo Kittel no ano 1380 AC) são provas convincentes de que Moisés por sua cultura, experiência como líder e sobretudo pela orientação divina estava plenamente categorizado para nos brindar com suas sábias e inteligentes leis.

O propósito definido da Bíblia é revelar ao homem a vontade divina, o plano da salvação, por isso todos os seus assuntos, em última análise, poderiam ser condensados nesta simples síntese – revelar a Cristo.

A prova máxima de que a Bíblia tem origem divina está no seu poder de transformar vidas.

O capítulo seguinte, do precioso livro "Manual Bíblico de Henry H. Halley", páginas 22 e 23, relacionado com inspiração e revelação, será transcrito, por sua utilidade.

A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS

Sem levar em conta qualquer teoria sobre a inspiração da Bíblia, ou qualquer idéia sobre como foi que seus livros chegaram à sua forma atual, ou até onde o texto bíblico sofreu às mãos de redatores e copistas, ao ser transmitido, abstraindo-nos da questão de saber o quanto é que se deve interpretar ao pé da letra e o quanto é que se deve aceitar como tendo sentido figurado, ou qual parte da Bíblia é história, e qual é poesia; se simplesmente admitirmos que a Bíblia é exatamente aquilo que se apresenta ser. Se estudarmos seus livros para lhes conhecer o conteúdo, acharemos nela uma unidade de pensamento a indicar que uma Mente única inspirou a escrita e a compilação de toda a série dos seus livros, que ela traz em si o sinete do seu Autor, que, é, em sentido único e distintivo, A PALAVRA DE DEUS.

Há uma opinião moderna, sustentada mesmo em larga escala em certos círculos intelectuais, de que a Bíblia é uma espécie de história secular do esforço do homem por encontrar a Deus: um registro da sua experiência no esforço por alcançá-LO, melhorando gradativamente suas idéias a respeito da Divindade, baseado nas experiências das gerações precedentes. Naquelas passagens, tão abundantes na Bíblia, onde se diz que Deus falou, de acordo com esta opinião Deus não falou realmente, mas os homens expressaram suas idéias em linguagem que diziam ser a linguagem de Deus, quando na realidade isso era apenas o que imaginavam a respeito de Deus. A Bíblia, por essa forma, seria nivelada aos outros livros; apresentam-na, não como Livro divino, mas como obra humana, fingindo ser obra de Deus.

Rejeitamos de todo essa idéia e com repugnância. Cremos que a Bíblia é, não o relato do homem sobre seus esforços por encontrar a Deus, porém a narração do esforço de Deus por Se revelar ao homem: é o registro do próprio Deus, quanto ao Seu trato com os homens, na revelação que de Si mesmo fez à raça humana; é a vontade revelada do Criador do homem, transmitida ao homem pelo próprio Criador, para lhe servir de instrução e direção nos caminhos da vida.

Os livros da Bíblia foram compostos por autores humanos; nem se sabendo quais foram alguns deles. Tampouco se conhece como foi exatamente que Deus dirigiu esses autores no ato de escrever. Contudo, afirma-se que Deus os dirigiu; e os livros da Bíblia forçosamente são exatamente o que Deus quis que fossem.

Há uma diferença entre a Bíblia e todos os outros livros. Os escritores em geral podem orar a Deus que os ajude, e dirija, e Deus realmente os ajuda e dirige. Há no mundo muitos livros bons, a cujos autores, sem dúvida, Deus ajudou a escrever. Mas ainda assim, os autores mais piedosos dificilmente teriam a presunção de alegar que Deus escreveu seus livros. Pois essa autoria divina é atribuída à Bíblia. Deus mesmo supervisionou, dirigiu e ditou a escrita dos seus livros, tendo sob seu completo controle os autores humanos, e de tal modo que a redação é de Deus. A Bíblia é a PALAVRA DE DEUS num sentido em que nenhum outro livro no mundo a pode ser.

Pode acontecer que algumas expressões bíblicas sejam "formas antigas de exprimir pensamentos", para transmitir idéias que hoje expressaríamos de outro modo, porque foram vazadas em linguagem de tempos remotos. Mas ainda assim, a Bíblia encerra em si precisamente aquilo que Deus quer que a humanidade saiba, na forma exata pela qual Ele quer que nós o conheçamos. E até ao fim dos tempos o precioso velho Livro será a única resposta às indagações da humanidade na sua busca de Deus.

A Bíblia, composta por muitos autores, através de muitos séculos, sendo, contudo, UM LIVRO só, é, em si mesmo, o milagre proeminente dos séculos, que traz em relevo sua própria evidência de ser de origem sobre-humana.

TODA PESSOA deve amar a Bíblia. Toda gente deve lê-la assiduamente. Todos devem esforçar-se por viver seus ensinamentos. A Bíblia precisa ocupar o centro da vida e da atuação de cada igreja, e de cada púlpito.

O ÚNICO MISTER DO PÚLPITO É O ENSINO SIMPLES E EXPOSITIVO DA PALAVRA DE DEUS.

A BÍBLIA

"Este livro contém a mente de Deus, o estado espiritual do homem, o caminho da salvação, a condenação dos pecadores e a felicidade dos crentes. As suas doutrinas são santas, os seus preceitos são obrigatórios, as suas histórias são verídicas, as suas decisões são imutáveis. Lede-o porque ele apresenta a Cristo, o meio para alcançar a salvação, e praticai os seus ensinamentos para alcançar a santificação pela fé. Ele contém a luz para vos dirigir, o alimento para vos sustentar, e o conforto para vos alegrar. Ele é o mapa do viajante, o cajado do peregrino, a bússola do piloto, a espada do soldado e a Carta Magna do cristão. Nele o paraíso é restaurado, os céus abertos e as portas do inferno são desmascaradas. Cristo é o seu único assunto; o nosso bem, o seu desígnio; e a glória de Deus o seu fim. Ele deve encher a memória, reinar no coração, e guiar os pés. Lede-o freqüentemente, pausadamente e devocionalmente. Ele é uma mina de riqueza, um paraíso de glória e um rio de gozo. É-nos oferecido na presente vida, será o código de lei do Juízo Final e o único a permanecer na biblioteca da eternidade. Ele

envolve a mais alta responsabilidade, galardoa o maior labor e condena os que tratam frivolamente o seu sagrado conteúdo."

Leitura Seleta

LÍNGUAS DA BÍBLIA

Quase todos os estudantes da Bíblia sabem que o Velho Testamento foi escrito em hebraico, e o Novo, em grego, mas muitos desconhecem o fato de que há uma terceira língua na Bíblia – o aramaico.

1) Aramaico

O aramaico foi sem dúvida, desde muito tempo, a língua popular de Babilônia e da Assíria, cuja linguagem literária, culta e religiosa era o sumero-acadiano. Documentos assírios mencionam o aramaico desde 1100 A.C. Durante o reinado de Saul e Davi, os estados aramaicos ou sírios são mencionados na Bíblia (I Samuel 14:47; II Samuel 8:3-9; 10:6-8).

O aramaico foi trazido para a Palestina porque os assírios seguiam costume de transplantar os povos das nações subjogadas, por isso depois de terem vencido o reino de Israel, trocaram as pessoas e as espalharam através de todo o seu império. II Reis 17:24 menciona explicitamente que entre os povos trazidos para Samaria a fim de repovoarem a terra devastada, encontravam-se aramaicos de Hamate.

Esta língua dotada de grande poder de expansão, tornou-se usual nas relações internacionais de toda a Ásia, e na própria Palestina propagou-se tão largamente, que venceu o próprio hebraico.

O Comentário Bíblico Adventista, Vol. 1, páginas 29 e 30 apresenta-nos a origem do aramaico com as seguintes palavras:

"O lar original do aramaico foi a Mesopotâmia. Algumas tribos arameanos viviam ao sul de Babilônia, perto de Ur, outras tinham seus lares na alta Mesopotâmia entre o rio Quebar (Khabúr) e a grande curva do Eufrates, tendo Harã como centro. O fato de os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó terem conexões com Harã é provavelmente responsável pelo estatuto feito por Moisés de que Jacó era "arameano". Deut. 26:5. Deste seu lar ao norte da Mesopotâmia o aramaico se espalhou para o sul de toda a Assíria."

Tudo indica que o aramaico foi preferido pelos assírios e babilônicos por ser mais simples do que a complicada escrita cuneiforme. A prova de sua simplicidade está relatada em II Reis 18:26, quando Senaqueribe invadiu Judá no fim do VIII século A.C. os oficiais judeus que dominavam tão bem o hebraico quanto o aramaico, pediram ao general assírio que lhes falasse em aramaico. Esta ainda a razão por que durante os setenta anos do cativeiro babilônico os judeus se esqueceram muito do

hebraico, adotando em seu lugar o aramaico. Ao voltarem do cativeiro continuaram falando o aramaico, como se depreende da leitura de Neemias 8:1-3 e 8.

O aramaico era a língua usada por Jesus (Mar. 5:41; 7:34; 15:34), pela maioria das pessoas na Palestina, bem como pelas primeiras comunidades cristãs. Segundo outros estudiosos entre os quais se destaca Robertson, Jesus falava aramaico na conversação diária, mas no ensino público e nas discussões com os fariseus a língua usada era o grego.

Já antes da Era Cristã suplantou totalmente o hebraico que se tornou a língua morta e exclusivamente religiosa.

Na Ásia Ocidental, a língua aramaica se difundiu largamente, assumindo naquelas regiões e naquele tempo o mesmo papel que assumem em nossos dias o francês e o inglês.

O aramaico, embora ainda utilizado em certas regiões, vai cedendo lugar ao árabe, e corre o perigo de desaparecer como língua falada, pois hoje é falada somente em algumas povoações da Síria. O aramaico desapareceu sob o impacto cultural do grego e do latim, já que deixou de ser conhecido pelos cristãos.

Quem conhece o hebraico pode com facilidade ler e entender o aramaico, dadas as suas marcantes semelhanças.

As partes do Velho Testamento escritas em aramaico são as seguintes:

- 1) A expressão "Jegar-Saaduta" de Gênesis 31:47;
- 2) O verso de Jeremias 10:11;
- 3) Alguns trechos de Esdras 4:8 a 6:18; 7:22-26;
- 4) Partes do livro de Daniel, entre os capítulos 2:4 a 7:28;

2) Hebraico

A língua hebraica foi a língua dos Hebreus ou israelitas desde a sua entrada em Canaã. A sua origem é bastante misteriosa, porque além do Velho Testamento só possuímos escassos documentos para o seu estudo. O mais provável é que o hebraico tenha vindo do cananeu e foi falado pelos israelitas depois de sua instalação na Palestina.

A atual escrita hebraica (chamada "hebraico quadrado") é cópia do aramaico e entrou em uso pouco antes da nossa era, em substituição ao hebraico arcaico.

Os Targuns o denominam de "língua sagrada" (Isa. 19:18); e no Velho Testamento é chamado "a língua de Canaã" ou a língua dos judeus (Isa. 36:13, II Reis 18:26-28).

Salmo 114:1 mostra a grande diferença entre o hebraico e o egípcio. Israel por estar cercado de povos que falavam uma língua cognata – o aramaico – foi se esquecendo do hebraico, até que este veio a extinguir-se como língua falada. Era ainda a língua de Jerusalém no tempo de Neemias (13: 24), cerca de 430 A.C., mas muito antes do tempo de Cristo foi substituída pelo aramaico.

O alfabeto hebraico consta apenas de consoantes, em número de 22.

O hebraico é escrito da direita para a esquerda como o árabe e algumas outras línguas semíticas.

Sua estrutura fundamental é, como em todas as línguas semíticas, a palavra raiz, composta de três consoantes. É uma língua bastante simples, seus melhores conhecedores sublinham sem hesitação a sua pobreza, quando comparado com o grego ou com línguas modernas, como o inglês e o português.

De acordo com a *Pequena Enciclopédia Bíblica* o vocabulário hebraico na Bíblia conta com apenas 7.704 vocábulos diferentes. A Academia do Idioma Hebraico tem registrado o uso de cerca de 30.000 palavras.

Quase não possui adjetivos nem pronomes possessivos, porém, é rica em advérbios. É uma língua quase indigente em termos abstratos.

Quase sempre os pronomes pessoais são ligados às formas verbais como se fossem sufixos ou prefixos.

Com raras exceções não faz uso de palavras compostas.

O alfabeto hebraico possui letras com sons bem próprios, por isso não apresentam nenhuma semelhança com o nosso alfabeto. Os dois exemplos mais característicos se encontram no "alef" e no "ayin".

Se língua é um organismo vivo que se transforma, o hebraico quase pode apresentar-se como exceção, como comprovam os escritos de Moisés e de alguns profetas mil anos depois, cujas diferenças lingüísticas são insignificantes. Este fato tem levado a "alta crítica" a dogmatizar que os escritos do Velho Testamento foram produzidos num espaço de tempo bem pequeno.

Seus processos sintáticos são muito simples, usando pouco as orações subordinadas, preferindo sempre as coordenadas, quase sempre unidas pela conjunção "e" como inegável influência do hebraico.

Os tempos do verbo, a exemplo do grego, indicam mais o "aspecto" da ação, conforme ela seja momentânea, prolongada ou repetida. Como língua semítica não classifica os fatos em passados, presentes e futuros, mas em realizados ou de ação acabada (perfeito), e não realizados ou de ação inacabada (imperfeito).

Uma das peculiaridades da língua hebraica com respeito ao sistema verbal é esta: a simples troca de um sinal vocálico determina uma mudança nas formas verbais.

O SDABC, 1 volume, página 26, elucida este aspecto com o exemplo do verbo cantar que indicaria o nosso presente, passado e futuro permutando suas vogais. O verbo escrever em hebraico evidencia este princípio. Ele é formado pelas consoantes: K, t, b que permanecem invariáveis em seu flexionamento.

katab – tem escrito	koteb – escrevendo
ketob – escreve ou	katub – está escrito
escreva	katob – escrever
(imperativo)	

Não possui o verbo "ter", enquanto o verbo "ser" é ativo e significa existir eficazmente.

Quando os judeus sentiram que o hebraico estava em declínio como língua falada, e que sua leitura correta ia perder-se, criaram um sistema de vocalização. Este trabalho foi feito pelos massoretas, por isso o texto hebraico usado hoje chama-se massorético.

3) Grego Bíblico

Georges Auzou, em seu livro *A Palavra de Deus*, afirma:

"O grego passa, com justiça, por ser a mais bela língua do mundo. De fato é um dos instrumentos mais aperfeiçoados, dos mais delicados, extremamente harmonioso, ao mesmo tempo que preciso e sutilíssimo, jamais forjado pelos homens. É ao mesmo tempo o fruto e o instrumento do gênio grego, o gênio da clareza, da ordem e do equilíbrio."

Estas afirmações se referem muito mais ao grego erudito, clássico, do que ao grego coínê do Novo Testamento.

Como é do conhecimento geral, o Novo Testamento foi escrito na coínê, língua na qual também foi traduzido o Velho Testamento hebraico pelos Setenta. O termo coínê significa a língua comum do povo entre os anos 330 A.C. e 330 A.D.

Com exceção da Epístola aos Hebreus e da linguagem de Lucas (Evangelho e Atos) que se encontram num coínê mais literário, os outros escritos pertencem à língua mais comum ou coínê vulgar.

O insigne erudito Gustav Adolf Deissmann foi quem primeiro mostrou a identidade do grego do Novo Testamento, salientando que o grego da Bíblia era o coínê, e não o grego erudito, nem a chamada "linguagem do Espírito Santo" ardorosamente defendida por alguns autores.

Características da Linguagem do Novo Testamento

Se fosse possível caracterizar o coínê, língua em que foi escrito o Novo Testamento, sintetizando-a em uma palavra, a melhor seria "simplificação". Esta conclusão é facilmente deduzida estudando-lhe as características.

- 1) Substituição dos casos pelas preposições;
- 2) Tendência para simplificar a morfologia e a sintaxe;
- 3) Uso escasso de orações subordinadas, tendo preferência pelas coordenadas ligadas pela conjunção "e";
- 4) Eliminação do dual e uso parcimonioso do modo optativo, aparecendo apenas 67 vezes no Novo Testamento;
- 5) Uso mais freqüente do artigo;
- 6) Simplificação das riquíssimas formas verbais do grego clássico;
- 7) Mudança de sentido de muitas palavras do grego clássico, por influência religiosa, tais como: batizar, justiça, graça, amor, glória, carne, cruz, mundo, crer, espírito, cálice, dia, etc.;
- 8) As formas diminutivas se tornam mais comuns;
- 9) Emprego mais generalizado de construções perifrásticas nos verbos;
- 10) Os adjetivos são mais usados no grau superlativo do que no comparativo;

11) Preferência pela ordem mais direta, pois no grego clássico predomina a ordem inversa;

12) Emprego freqüente dos pronomes sujeitos, em casos dispensáveis, por estarem eles subentendidos nas desinências verbais;

13) Idêntico valor fonético para as vogais gregas;

14) Emprego de vários latinismos, tais como: legião, centurião, denário, colônia e flagelo;

15) Uso freqüente do presente histórico nas narrativas;

16) Aparecimento generalizado da parataxe, com prejuízo da hipotaxe. Parataxe é uma construção mais simples da frase, como as orações coordenadas, enquanto a hipotaxe é mais complexa, isto é, formada de orações subordinadas.

17) Uso de palavras que são empréstimos diretos do aramaico, a exemplo de: geena, Eli Eli, Hosana, litóstrotos (gabatá), Satã, Talita cumi, Rabi, Maranata;

18) Freqüência de hebraísmos, sobretudo na sintaxe, fastidioso emprego da conjunção "e", pois esta partícula aparece muito no Novo Testamento, em expressões como estas: "e ele falou dizendo", "e disse", "e aconteceu que". As frases: "Filhos da luz"; "filhos da perdição" são eminentemente semíticas.

Quanto à linguagem dos escritores do Novo Testamento haveria muito que dizer, mas fiquemos somente com as seguintes observações:

Apenas Hebreus, Lucas e alguns trechos de Paulo são escritos num estilo mais literário.

O vocabulário mais rico não é o de Paulo, mas sim o de Lucas, que emprega 250 palavras novas no Evangelho e, mais ou menos 500, em Atos.

Se a linguagem mais polida e mais erudita é a de Lucas, a mais pobre e menos aprimorada, quanto ao estilo, é a de Marcos e a de João, especialmente no Apocalipse.

O doutor Benedito P. Bittencour no livro *O Novo Testamento*, página 67, chama-nos a atenção para a linguagem pouco aprimorada do Apocalipse, onde há violações flagrantes dos corretos cânones da gramática.

ORIGEM DA ESCRITA – LIVROS PRIMITIVOS

Tem sido difícil determinar com exatidão, onde, como e quando a escrita teve a sua origem. A escrita se originou quando o ser humano sentiu a necessidade de guardar seus feitos para que a posteridade os conhecesse.

A escrita primitiva foi pictográfica onde figuras representavam objetos. Logo a seguir aparece a ideográfica, assim chamada pelo fato das figuras representarem idéias. Num terceiro estágio aparece o fonograma – figuras representando sons.

Dos povos antigos, os dois que mais se destacaram, no desenvolvimento da escrita, foram os babilônicos e os egípcios. Cada um destes teve a sua destacada e particular escrita: os babilônicos criaram a escrita cuneiforme, assim denominada por consistir de pequenas cunhas, feitas especialmente em pedras; enquanto os egípcios usavam pequenas figuras para representar objetos e idéias, os famosos hieróglifos. A história nos relata que a decifração dessas escritas exigiu muito esforço e concentração. A escrita cuneiforme foi decifrada pelo oficial inglês Henrique Rawlinson, após 18 anos de labores intensos. Quanto à escrita hieroglífica, todos sabem, que foi Champollion, o notável egiptólogo francês, o primeiro a desvendar-lhe os mistérios.

A Escrita Cuneiforme

"A princípio, certa espécie de marca representava uma palavra inteira, ou uma combinação de palavras. Desenvolvendo-se a arte de escrever, passou a haver 'marcas' que representavam partes de palavras, ou sílabas. Era este o gênero de escrita em uso na Babilônia no alvorecer do período histórico. Havia mais de 500 marcas diferentes, com umas 30.000 combinações. Geralmente, essas marcas se faziam em tijolos ou placas de barro macio (úmido), medindo de 2 a 50 centímetros de comprimento, uns dois terços de largura, e escritos de ambos os lados; depois eram secados ao sol ou cozidos no forno. Por meio dessas inscrições cuneiformes, em placas de barro, é que chegou até nós a vasta literatura dos primitivos babilônios." (**Manual Bíblico**, p. 45).

Origem do Alfabeto

Tem sido um assunto bastante controvertido a origem do alfabeto. Em geral se aceita que o alfabeto de 22 letras foi inventado pelos fenícios e por eles levado aos gregos e depois aos latinos.

Até há pouco afirmava-se que a descoberta do alfabeto tinha sido pelos séculos XII ou XI A.C., sendo este argumento apresentado para provar que Moisés não podia ter escrito o Pentateuco, visto que em seu tempo não tinham ainda inventado a arte de escrever.

Ira M. Price no livro *The Ancestry of Our English Bible*, página 13, escreveu: "A escrita é muito antiga na Palestina. . . O trabalho dos arqueólogos nos mostra muitos exemplos de escrita antes de Moisés".

Escavações arqueológicas em Ur têm provado que Abraão era cidadão de uma metrópole altamente civilizada. Nas escolas de Ur os meninos aprendiam leitura, escrita, aritmética e geografia.

Três alfabetos foram descobertos: junto do Sinai, em Biblos e em Ras Shamra, que são bem anteriores ao tempo de Moisés (1.500 A.C.). Estudiosos modernos, baseados em evidências irrefutáveis, sustentam que Moisés escolheu a escrita fonética

para escrever o Pentateuco. O arqueólogo W. F. Albright datou esta escrita de início do século XV A.C. (tempo de Moisés). Interessante é notar que esta escrita foi encontrada no lugar onde Moisés recebeu a incumbência de escrever seus livros. Em Êxodo 17:14 encontramos a ordem divina para que Moisés escrevesse num livro.

Note-se ainda a frase de Merrill Unger sobre a escrita do Antigo Testamento:

"A coisa importante é que Deus tinha uma língua alfabética simples, pronta para registrar a divina revelação, em vez do difícil e incômodo cuneiforme de Babilônia e Assíria, ou o complexo hieróglifo do Egito."

Sobre o problema de Moisés ter escrito ou não seus livros vale acrescentar o que escreveu o Dr. Renato Oberg:

"Os primeiros livros da Bíblia a serem escritos foram os que compõem o Pentateuco e o de Jó, sendo a autoria deles atribuída a Moisés pela tradição judaica que, por sua vez, é aceita sem contestação por grande número de cristãos. O Talmude Babilônico afirma que 'Moisés escreveu o seu próprio livro e as passagens e respeito de Balaão e Jó'. (SDABC, vol. III, p. 493).

Como vimos, nem todos aceitam Moisés como sendo o real autor destes livros, especialmente o de Jó. Os que o fazem, dão Jó como tendo sido o primeiro dos livros escritos, e Moisés o teria feito quando pastoreava os rebanhos do seu sogro nas campinas de Midiã, após ter fugido do Egito. Os cinco livros que compõem o Pentateuco foram escritos posteriormente. Os que não aceitam esta tese, já escreveram muito a respeito do assunto, procurando arrazoar com argumentos os mais variados, inclusive a diferença de estilo entre os livros e até dentro de cada um deles. . . .

Um dos argumentos mais fortes, porém senão o mais forte de todos, foi o que começou a dominar desde o fim do último quartel do século passado, quando Wellhausen, professor da Universidade de Greifswald, chegou a afirmar que se fosse tão-somente possível saber que Moisés pudesse escrever, seria ridículo não aceitá-lo. Evidentemente, segundo tudo o que se conhecia até então, quando as primeiras grandes descobertas arqueológicas começaram a empolgar o mundo e quando se dizia que tudo tem de ser decidido pela razão, tinha-se como certo que a invenção do nosso alfabeto se devia aos fenícios que o tinham criado no afã de facilitar suas transações comerciais pelo mundo todo. Foi então que a decifração dos hieróglifos feita por Champollion revelou o conteúdo de uma série enorme de documentos com sinais tidos por muitos como decoração e misticismo religioso, e cujo conteúdo era, até então, desconhecido completamente. Ora sendo o alfabeto inventado pelos fenícios, cuja existência foi bem posterior à de Moisés, e se as escritas anteriores, hieróglifos e cuneiformes, foram apenas decifradas no século passado, como poderia Moisés ter escrito aqueles livros? Se o tivesse feito, só o poderia fazer em hieróglifos, língua na qual a própria Bíblia diz que Moisés era perito (Atos 7:22) e, neste caso ela, a Bíblia do Velho Testamento, teria ficado desconhecida por nós até Champollion! Daí a frase de Wellhausen.

Acontece, porém, que no princípio do século XX ou, mais precisamente, nos anos de 1904 e 1905, Sir Flinders Petrie, fazendo escavações na Península do Sinai, patrocinadas pela Escola Britânica de Arqueologia no Egito, descobriu algumas inscrições muito diferentes do cuneiforme mas, embora aparentassem alguma

semelhança com o hieróglifo, não o eram, em absoluto. O caso despertou enorme interesse entre os que cuidavam do assunto, especialmente quando começaram a aparecer mais vasos e óstracos (cacos de vasos com inscrições) portadores de sinais idênticos, em outros lugares na Palestina. Para encurtar a história, os estudos que arqueólogos famosos como, inclusive, W. F. Albright fizeram, elucidaram completamente o caso e hoje se sabe perfeitamente que os sinais descobertos por Flinders Petrie pertencem à escrita chamada de proto-fenícia, proto-sinaítica ou cananita e . . . era alfabética! Com esta descoberta, a origem do nosso alfabeto se transportava da época dos fenícios para a dos seus antecessores, séculos antes, os cananitas que viveram no tempo de Moisés e antes dele. Foram estes antepassados dos Fenícios que simplificaram a escrita, passando a usar o alfabeto em lugar dos hieróglifos, isto é, sinais que representam sons ao invés de sinais que representam idéias. Para nós, porém, assume importância igualmente grande o fato de estes cananitas, inventores da escrita alfabética, serem justamente os da região onde Moisés pastoreava as ovelhas do seu sogro. Convém, portanto que os conheçamos um pouco mais.

A partir da XII dinastia, os egípcios começaram a explorar as minas de cobre e turquesa da região do Sinai, e uma das maiores delas ficava em Serabit-el-Khadim, a cerca de oitenta quilômetros do tradicional Monte Sinai, onde foram dados os Dez Mandamentos. Em termos de jornada, esta região distava cerca de três dias de viagem do Egito. Neste local trabalhavam para os egípcios muitos semitas que praticavam uma religião muito semelhante à dos israelitas, tal como pôde ser observado pelos restos deixados por eles e descobertos pelos arqueólogos. Esta região era a mesma naquele tempo conhecida também pelo nome de 'Terra de Midiã', para onde Moisés fugiu da presença de Deus (Êxo. 2:15). Com estas descobertas, perderam sua razão de ser muitos dos argumentos contrários à Bíblia feitos pela Crítica Histórica, porque se verificou que a história bíblica daquele período passou a ser perfeitamente compreensível dentro dos costumes da época, inclusive a boa convivência de Moisés com o sacerdote Jetro, cujas religiões eram fundamentalmente as mesmas.

Ora vivendo Moisés quarenta anos nesta região, é óbvio que tomou contato com a escrita rude daquele povo, viu nela a escrita do futuro e passou a usá-la por duas grandes razões que teria julgado decisivas: a primeira foi a impressão grandiosa que teve de usar uma língua alfabética para seus escritos e que se compunha apenas de vinte e dois sinais bastante simples comparados com os ideográficos que aprendera nas Escolas do Egito; a outra teria sido o fato de compreender que estava escrevendo para seu próprio povo, cuja origem era semita como a dos habitantes da terra onde vivia, tendo estes uma religião idêntica à dos primeiros, ambas, porém, deturpadas pelas influências pagãs e oriundas do pecado; seus leitores seriam homens e mulheres, moços e moças do povo, especialmente israelitas que, não sendo versados em hieróglifos por causa da sua posição de escravos no Egito, aprenderam com muito mais facilidade os poucos e simples sinais alfabéticos que representavam sons do que os inúmeros e complicados hieróglifos que representavam idéias. . .

A frase de Wellhausen, se tida por verdadeira pelos seus discípulos antes das descobertas de Sir Flinders Petrie, deveria ser respeitada por eles mesmos depois delas, e seus seguidores deveriam passar a aceitar, sem mais contestações, a autoria mosaica destes livros." (**Revista Adventista**, agosto de 1980, pp. 13 e 14).

Materiais Usados Para Escrever

Sendo que o papel só começou a ser usado na Europa por volta do décimo século A.D., antes disso eram usados os seguintes materiais para escrever: blocos de barro, ossos, pedras, tijolos de barro, couro, vários metais, tabuinhas cobertas de cera ou gesso, óstraco (cacos de vasos de barro), papiros e pergaminhos. Os museus do Velho Mundo estão repletos destes incipientes materiais de escrita. Dos escritos em blocos de pedra há documentos que se tornaram famosos pela antiguidade e conteúdo. Dentre estes se destacam: o Código de Hamurábi, a Pedra de Roseta, a Pedra Moabita e a Pedra de Siloé.

Seguem-se as sínteses dos dois mais famosos blocos de pedra apresentados por H. H. Halley em seu Manual Bíblico, pp. 50 a 54.

Código de Hamurabi

"Foi esta uma das mais importantes descobertas arqueológicas que já se fizeram. Hamurábi, rei da cidade de Babilônia, cuja data parece ser 1792-1750 a.C., é comumente identificado pelos assiriólogos com o "Anrafel" de Gên. 14, um dos reis que Abraão perseguiu para libertar Ló. Foi um dos maiores e mais célebres dos primitivos reis babilônios. Fez seus escribas coligir e codificar as leis do seu reino; e fez que estas se gravassem em pedras para serem erigidas nas principais cidades. Uma dessas pedras originalmente colocada na Babilônia, foi achada em 1902, nas ruínas de Susa (levada para lá por um rei elamita, que saqueara a cidade de Babilônia no século 12 a.C.) por uma expedição francesa dirigida por M. J. de Morgan. Acha-se hoje no Museu do Louvre, em Paris. Trata-se de um bloco lindamente polido de duro e negro diorito, de 2 m 60 cm de altura, 60 cm de largura, meio metro de espessura, um tanto oval na forma, belamente talhada nas quatro faces, com gravações cuneiformes da língua semito-babilônica (a mesma que Abraão falava). Consta de umas 4.000 linhas, equivalendo, quanto à matéria, ao volume médio de um livro da Bíblia; é a placa cuneiforme mais extensa que já se descobriu. Representa Hamurabi recebendo as leis das mãos do rei-sol Chamás: leis sobre o culto dos deuses dos templos, a administração da justiça, impostos, salários, juros, empréstimos de dinheiro, disputas sobre propriedades, casamento, sociedade comercial, trabalho em obras públicas, isenção de impostos, construção de canais, a manutenção dos mesmos, regulamento de passageiros e serviço de transporte pelos canais e em caravanas, comércio internacional e muitos outros assuntos.

Temos aí um livro, escrito em pedra, não uma cópia, mas o próprio autógrafo original, feito nos dias de Abraão, ainda existente hoje para testemunhar não só a favor

de um sistema bem desenvolvido de jurisprudência, senão, também, do fato de que já nos dias de Abraão a capacidade literária do homem havia atingido um grau notável de adiantamento."

A Pedra de Roseta

"É a chave da língua egípcia antiga. A língua da antigo Egito era hieroglífica, escrita de figuras, um símbolo para cada palavra. Pelo ano 700 a.C. uma forma mais simples de escrita entrou em uso, chamada 'demótica', mais aproximada do sistema alfabético, e que continuou como língua do povo até aos tempos dos romanos. No 5º século d.C. ambas caíram em desuso e foram esquecidas. De sorte que tais inscrições se tornaram ininteligíveis, até que se achou a chave de sua tradução. Essa chave foi a Pedra de Roseta.

Achou-a M. Boussard, um dos sábios franceses que acompanharam Napoleão ao Egito (1799), numa cidade sobre a foz mais ocidental do Nilo, chamada Roseta. Encontra-se hoje no Museu Britânico. É de granito negro, cerca de 1,30 m de altura, 80 cm de largura, 30 cm de espessura, com três inscrições, uma acima da outra, em grego, egípcio demótico, e egípcio hieroglífico. O grego era conhecido. Tratava-se de um decreto de Ptolomeu V, Epífanês, feito em 196 a.C. nas três línguas usadas então em todo o país, para ser colocado em várias cidades. Um sábio francês, de nome Champollion, depois de quatro anos (1818-22) de trabalho metódico e paciente, comparando os valores conhecidos das letras gregas com os caracteres egípcios desconhecidos, conseguiu deslindar os mistérios da língua egípcia antiga."

Papiro

O papiro se destaca como o principal material antigo usado para escrever.

Planta originária do Egito, muito comum nas margens lodosas do Nilo, e usada abundantemente na preparação de uma espécie de papel. Ele só cresce em terrenos alagadiços, por isso em Jó 8:11 há a seguinte pergunta: Pode o papiro crescer sem lodo?

Normalmente se escrevia só de um lado do papiro e as folhas mais longas eram enroladas. Estes rolos recebiam o nome de volumes, palavra do latim – *volvere* que significa enrolar.

Os egípcios guardavam ciosamente o segredo da preparação do papiro para a escrita. No século VI a.C. começaram a exportá-lo para a Grécia e depois para outros povos que habitavam nas margens do Mediterrâneo, onde se criou um importante comércio desta especialidade, mormente na cidade da Biblos.

Quem hoje chega ao Cairo, capital do Egito, pode visitar, às margens do rio Nilo um navio-escola, onde se prepara o papiro com finalidades culturais e turísticas, mas não comerciais.

The Interpreter's Dictionary of the Bible, vol. 3, p. 649, diz o seguinte sobre o papiro:

"O papel, palavra derivada de papiro, era preparado de finas faixas da parte interior da folha do papiro arranjadas verticalmente, com outra camada aplicada horizontalmente em cima. Um adesivo era empregado (Plínio diz que era água do Nilo!) e pressão aplicada para ligá-las formando uma folha. Após secar, era polida com instrumentos de concha ou pedra; depois as folhas eram atadas, formando rolos."

Pergaminho

A preparação do pergaminho para receber a escrita tem uma interessante história. De acordo com a História Natural de Plínio, o Velho (Livro XIII, capítulo XXI), foi o rei Eumene de Pérgamo, uma cidade da Ásia Menor, quem promoveu a preparação e o uso do pergaminho. Este rei planejou fundar uma biblioteca em sua cidade, que se rivalizasse com a famosa biblioteca de Alexandria. Esta ambição não agradou a Ptolomeu do Egito, que imediatamente proibiu a exportação de papiro para Pérgamo. Esta proibição forçou Eumene a preparar peles de carneiro ou ovelha para receber a escrita, dando-lhe o nome do lugar de origem – pergaminho. O pergaminho era muito superior ao papiro, por causa da maior durabilidade. Os principais manuscritos bíblicos estão escritos em Pergaminhos. Paulo na sua II Epístola a Timóteo (4:13) roga ao jovem ministro para que lhe trouxesse os pergaminhos. Em grego a palavra não é pergaminho mas membrana.

O pergaminho continuou a ser usado até o fim da Idade Média quando o papel inventado pelos chineses e introduzido na Europa pelos comerciantes árabes tornou-se popular, suplantando todos os outros materiais da escrita. Os judeus eram bastante cuidadosos com a preparação de manuscritos destinados a receber os escritos sagrados, exigindo que a pele fosse de animal limpo e preparada por um judeu.

Palimpsesto

Em virtude de crises econômicas o pergaminho tornava-se muito caro, era então raspado, lavado e usado novamente. Estes manuscritos eram chamados palimpsestos (do grego palin = de novo e psesto = raspado).

Um famoso manuscrito – o Códice Efraimita está escrito em um palimpsesto. Por meio de reagentes químicos e raios ultravioletas eruditos têm conseguido fazer reaparecer a escrita primitiva desses palimpsestos. Dos 250 manuscritos unciais conhecidos hoje, do Novo Testamento, 52 são palimpsestos.

Formato dos Livros

O livro, através da sua longa existência, apresentou duas formas bem distintas: o rolo e o códice.

I) Rolo

Entre o povo judeu, bem como no mundo grego-latino, os livros eram normalmente publicados em forma de um rolo feito de papiro ou pergaminho. Formava-se o rolo colocando várias folhas de papiro ou couro uma ao lado da outra. O tamanho médio de um rolo entre os gregos era de 11 metros. Alguns rolos chegaram a ter o comprimento de 30 metros. O maior rolo de papiro, conhecido, é uma crônica do rei egípcio Ramsés II, com a extensão de 40 metros, conhecido como o Papiro Harris. O comprimento médio de um rolo bíblico estava entre 9 e 11 metros. Livros longos como Reis, Crônicas e Isaías eram divididos em dois rolos. Os dois maiores livros do Novo Testamento, Lucas e Atos, cada um preencheria um rolo de mais ou menos 10 metros de comprimento.

O manuseio de um rolo era mais difícil do que o de um livro atual, porque o leitor necessitava empregar as duas mãos, uma para desenrolá-lo e a outra para enrolá-lo. Além disso, as comunidades cristãs primitivas, em breve descobriram que era difícil encontrar específicos tópicos das escrituras num rolo. Diante dessas dificuldades, o engenho humano idealizou o livro nos moldes em que o temos hoje. Estes livros em seus primórdios eram chamados códices.

II) Códices

A palavra códice vem do latim "codex", que designava primitivamente um bloco de madeira cortado em várias folhas ou tabletes para escrever. O códice era formado de várias folhas de papiro ou pergaminho sobrepostas e costuradas. Estes códices começaram a substituir os primitivos rolos no segundo século A.D. A afirmativa de que as comunidades cristãs, começaram a usar os códices nas igrejas, para diferenciar dos rolos, usados nas sinagogas, pode ser verdadeira, levando-se em conta o seguinte. Dos 476 manuscritos não cristãos descobertos no Egito, copiados no segundo século A.D., 97% estão na forma de rolo. Em contrapartida, dos 111 manuscritos bíblicos cristãos dos primeiros 4 séculos da Era Cristã, 99 estão na forma de códice.

As vantagens dos códices sobre os rolos, no caso dos manuscritos bíblicos, são evidentes pelas seguintes razões:

- 1) Permitia que os quatro Evangelhos, ou todas as Epístolas paulinas se achassem num livro;
- 2) Era bem mais fácil o manuseio do livro;
- 3) Adaptava-se melhor para receber a escrita de ambos os lados, baixando assim o custo do livro;
- 4) A procura de determinadas passagens era mais rápida.

Tipos de Escrita

Na antiguidade havia dois tipos distintos de escrita em grego:

- I) O cursivo, escrita rápida, empregado em escritos não literários, tais como: cartas, pedidos, recibos. Neste tipo de escrita eram comuns as contrações e abreviações.

II) O uncial, usado mais em obras literárias, caracterizava-se por serem as letras maiores e separadas umas das outras. Assemelhar-se-iam às nossas letras maiúsculas.

Os manuscritos bíblicos apresentam estes dois tipos de escrita, porém, não nos devemos esquecer que os principais se encontram em letras unciais.

No início do século IX A.D., houve uma reforma na maneira de escrever e uma escrita com letras pequenas, chamadas minúsculas, era usada na produção de livros. Letras minúsculas, economizando tempo e material, faziam com que os livros ficassem mais baratos e pudessem ser adquiridos por maior número de pessoas.

Nos manuscritos bíblicos primitivos, normalmente, nenhum espaço era deixado entre as palavras e até o século VIII a pontuação era escassamente usada. De acordo com J. Angus em *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, Vol, I, p. 39, somente no século VIII é que foram introduzidos nos manuscritos alguns sinais de pontuação e no século IX introduziram o ponto de interrogação e a vírgula. Sentidos distintos têm surgido, quando uma simples vírgula é mudada de lugar, como se evidencia da leitura da conhecida passagem: "Em verdade te digo hoje, comigo estarás no paraíso".

Muitas outras passagens bíblicas podem ser lidas com sentido totalmente diferente ao ser mudada a sua pontuação como nos confirmam os seguintes exemplos: "Ressuscitou, não está aqui." "Ressuscitou? não, está aqui." "A voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor"; "A voz daquele que clama: no deserto preparai o caminho do Senhor."

NOMES PARA A PALAVRA DE DEUS

I – BÍBLIA

A palavra Bíblia, usada com referência às Escrituras Sagradas desde o IV século, é a forma latina da palavra grega Bíblia, plural neutro de Biblion, que por sua vez é diminutivo de Biblos – nome grego para a planta da qual se fazia o papel – papiro. Pelo uso que se fez do papiro é que biblos veio a significar livro e biblion um livro pequeno.

Os fenícios se ocupavam grandemente do comércio de papiro, por isso no segundo século a.C. deram o nome de Biblos ao seu principal porto, passando depois à

cidade, e conservado até hoje para as suas ruínas. A palavra Biblos encontra-se em Marcos 12:26 como referência a um livro de Velho Testamento, ou a um grupo no plural para designar os livros dos profetas – Daniel 9:2. O plural usado no Velho Testamento passou à Igreja Cristã e as Escrituras são designadas por livros, livros divinos, livros canônicos.

O nome Bíblia para o conjunto dos livros sagrados, foi usado pela primeira vez por Crisóstomo, no IV século.

Alguns pais da Igreja denominaram as Escrituras de Biblioteca Divina.

II – ESCRITURAS

O Novo Testamento, que ocupa menos da terceira parte do Velho, usa a expressão – Os Escritos ou as Escrituras para os livros do Antigo Testamento, em Mateus 21:42 e João 5:39.

III – OUTRAS EXPRESSÕES

1. Nomes Técnicos:

- a) A Palavra de Deus - Heb. 4: 12
- b) A Escritura de Deus - Êxo. 32:16
- c) As Sagradas Letras - II Tim. 3:15
- d) A Escritura da Verdade - Dan. 10:21
- e) As Palavras da Vida - Atos 7:38
- f) As Santas Escrituras - Rom. 1:2

2. Nomes figurativos:

- a) Uma luz. "Uma luz para o meu caminho." Sal. 119:105.
- b) Um espelho - Tiago 1:23
- c) Ouro fino - Sal. 19:10
- d) Uma porção de alimento - Jó 23:12.
Leite - I Cor. 3:2
Pão para os famintos - Deut. 8:3
- e) Fogo - Jer. 23:29
- f) Um martelo - Jer. 23:29
- g) Uma espada do Espírito - Ef. 6:17

IV – PENTATEUCO

Etimologicamente, Pentateuco significa cinco estantes, onde se colocavam os livros e depois, por metonímia, os próprios livros. Pesquisando um pouco mais tem-se a impressão de que as estantes eram aqueles pedaços de madeira que sustentavam os rolos, vindo depois a designar os próprios rolos.

O termo pentateuco, de origem grega, significando cinco rolos tem sido usado para os cinco livros de Moisés, enquanto o nome hebraico para estes mesmos livros é

Torá. Este vocábulo começou a ser usado para os primeiros cinco livros da Bíblia depois da tradução da Septuaginta.

Estes livros constituem a primeira divisão do Cânon Hebraico, que é formado, como é do conhecimento geral, da Lei, dos Profetas e dos Escritos.

Eruditos modernos têm usado o termo "Hexateuco" em vez de Pentateuco, por adicionarem aos primeiros livros da Bíblia o livro de Josué, por notarem muita afinidade entre os seis. Nenhuma razão plausível existe para a aceitação desta nova nomenclatura, desde que o termo tem sido usado por críticos que não admitem tenha sido Moisés o autor do Pentateuco.

V – TESTAMENTO

Este vocábulo não se encontra na Bíblia como designação de uma de suas partes. Sabemos que toda a Bíblia se divide em duas partes chamadas Antigo Testamento e Novo Testamento; contendo a primeira, os escritos elaborados antes de Cristo, a segunda registra o que foi redigido no primeiro século da nossa era.

A palavra portuguesa testamento corresponde à palavra hebraica "berith" – aliança, pacto, contrato, e designa aquela aliança que Deus fez com o povo de Israel no Monte Sinai, aliança sancionada com o sangue do sacrifício como vemos em Êxodo 24:1-8; 34:10-28. Sendo esta aliança quebrada pela infidelidade do povo, Deus prometeu uma nova aliança (Jer. 31:31-34) que deveria ser ratificada com o sangue de Cristo. (Mat. 26:28). Os escritores neotestamentários denominam a primeira aliança de antiga (Heb. 8:13), contrapondo-lhe a nova. (II Cor. 3:6, 14).

Os tradutores da Septuaginta traduziram "berith" para "diatheke", embora não haja perfeita correspondência entre as palavras, desde que berith designa aliança (compromisso bilateral) e diatheke tem o sentido de "última disposição dos próprios bens", "testamento" (compromisso unilateral).

Pela figura de linguagem, conhecida como metonímia, as respectivas expressões "antiga aliança" e "nova aliança" passaram a designar a coleção dos escritos que contém os documentos respectivamente da primeira e da segunda aliança.

O termo testamento veio até nós através do latim quando a primeira versão latina do Velho Testamento grego traduziu diatheke por testamentum. São Jerônimo revisando esta versão latina manteve a palavra "testamentum", eqüivalendo ao hebraico "berith" – aliança, concerto, quando a palavra como já foi visto não tinha essa significação no grego. Afirmam alguns pesquisadores que a palavra grega para contrato, aliança deveria ser suntheke, por traduzir melhor o hebraico "berith".

As denominações Antigo Testamento e Novo Testamento, para as duas coleções dos livros sagrados, começaram a ser usadas no final do II século AD, quando os evangelhos e outros escritos apostólicos foram considerados como Escrituras.

O cristianismo distinguiu duas etapas na manifestação do dom de Deus à humanidade:

1ª) A antiga – feita por Deus ao povo de Israel. II Cor. 3:14.

2ª) A segunda ou nova designa a união que o próprio Deus, tomando a forma humana, selou com o homem pela oblação de Cristo. II Cor. 3:6.

VI – TORAH

Palavra derivada do verbo Yarah, que no "hifil" significa lançar, jogar (Êxo. 15:4, I Sam. 20:36) e de modo especial lançar flechas para se conhecer a vontade divina (Jos. 18:6; II Reis 13:17). O mesmo verbo é usado no sentido de mostrar com a mão, apontar com o dedo (Gên. 46:28; Êxo. 15:25). A significação fundamental de yarah é, portanto; indicar uma direção. O substantivo cognato tem o sentido bíblico mais corrente: ensinamento, instrução, como se deduz da leitura de Isaías 30:9, 42:4; Miquéias 4:2; Malaquias 2:6; Jó 22:22, onde esta palavra aparece.

Do estudo desta palavra conclui-se que o termo português "lei" não traduz o vocábulo hebraico em toda a sua extensão. A torah é o ensinamento que inspira bom procedimento em nosso viver.

VII – NOMES DOS LIVROS DA BÍBLIA

Estes nomes são de origem hebraica, grega e latina.

Os nomes pelos quais são conhecidos, hoje, os livros da Bíblia vêm da Septuaginta (tradução do hebraico para o grego feita no III século a.C.), por isso muitos deles são gregos.

Os títulos foram dados levando-se em consideração duas coisas: a matéria principal contida no livro e os nomes já usados pelos hebreus alexandrinos.

Os judeus designavam os livros do Antigo Testamento pelas primeiras palavras com que se iniciavam.

a) Gênesis

Em grego origem, pois ali é revelada a origem do mundo, do homem e do povo hebreu.

Os judeus o chamavam de "bereshith" = no princípio. Gênesis em hebraico seria toledoth, do verbo hebraico yalah, que significa gerar.

b) Êxodo

Palavra grega formada da preposição ec, denotando separação e ódos = caminho. Êxodo portanto significa saída, caminho para fora. É a história da saída do povo de Israel do Egito.

Os hebreus o chamavam de Vele semoth = eis aqui os nomes.

c) Levítico

Do grego leviticon, por ser escrito para a tribo de Levi. São leis para os sacerdotes da tribo de Levi. O título hebraico tirado das primeiras palavras do livro é vaiicra = e Ele chamou.

d) Números

O nome Números provém da Vulgata (Numeri), que é a tradução do grego Arithmoi. Os judeus o denominavam de bam ebbar = e falou.

O nome números foi dado por causa dos dois recenseamentos do povo de Israel, mencionados no livro.

e) Deuteronomio

Palavra grega composta de deuterios – segunda e nomos – lei. Foi assim denominado porque as leis do livro de Êxodo aparecem aqui repetidas.

f) Crônicas

Do grego chronos = tempo. Narrações históricas segundo a ordem do tempo. Na Bíblia hebraica as Crônicas formavam um só volume com o título de divere haiaimim, isto é, "acontecimentos diários".

Os tradutores da Septuaginta dividiram o livro em dois, denominando-os de Paraleipômenas, que quer dizer "coisas omitidas ou esquecidas", recebendo este nome porque neles se narram fatos omitidos em Samuel e Reis. A tradução de Figueiredo, em português, conservou o nome Paralipômenos.

O nome Crônicas foi dado por São Jerônimo, na Vulgata.

g) Ester

Nome da principal personagem do livro. Palavra persa que significa estrela. O nome hebraico é "Hadhassah".

h) Salmos

Ignora-se o nome com que os hebreus designavam esta coleção. Modernamente, na Bíblia hebraica aparecem sob a designação de Thehilim – os louvores. Os setenta o denominaram de Salmos, palavra grega, derivada do verbo "psallo", que significa tocar instrumentos de corda.

i) Provérbios

Os judeus, denominando os livros pela palavra inicial, conheciam este pela designação de Mischele, termo derivado de maschal, que significa comparação, semelhança, e por extensão máxima, provérbio. Na Septuaginta, recebeu o título de Paromiaí que quer dizer provérbios, comparações, parábolas.

O nome Provérbios se derivou da Vulgata, que lhe deu o nome de "Liber Proverbiorum".

j) Eclesiastes

O título deste livro é tirado do nome que toma o autor "Koheleth", cuja tradução grega é Eclesiastes, palavra que significa "aquele que fala a uma assembléia".

O nome hebraico "Koheleth" derivado do verbo "kahal", significa aquele que chama, convoca para instruir, especialmente com propósitos religiosos.

São Jerônimo, o erudito autor da Vulgata Latina, afirma que Eclesiastes significa no grego – aquele que reúne a congregação. Percebe-se logo que a palavra tem a mesma origem de ecclesia – igreja.

l) Cânticos dos Cânticos

O título hebraico do livro, formado pelas duas primeiras palavras, é shir hashirim, que traduzido em português é Cântico dos Cânticos.

Tem esse nome por ser o cântico por excelência, o mais belo dos cânticos. Segundo a Gramática Hebraica, de Gesenius, esta é uma das maneiras de construir o superlativo naquela língua. As construções – mestre dos mestres, senhor dos senhores,

rei dos reis, tão usuais em português, são uma decisiva influência semítica através da Bíblia.

"A Septuaginta e a Vulgata adotaram o nome dado ao livro no "Cânon Hebraico", mas algumas versões da Bíblia chamam-no 'O Cântico de Salomão' ou 'Cantares de Salomão'. (**Panorama do Velho Testamento**, vol. 1, p. 153).

m) Apocalipse

É a transliteração da palavra grega, que se fosse traduzida seria revelação, como aparece em inglês.

O vocábulo foi formado dos seguintes elementos:

1º) Da preposição após, que tem o sentido de separação de alguém ou de alguma coisa, como ilustram as palavras apogeu, apóstata, apóstolo, apócrifo, apoteose.

José Oiticica, no Livro Manual de Análise, pág. 110, escreveu: "Apó – fora de, idéia de afastamento, separação, movimento ou ação contrária à indicada pelo radical." Após tem portanto sentido negativo, equivalendo ao prefixo latino des.

2º) Calipsis – ação de ocultar, esconder, do verbo calipto – cobrir, esconder.

Do exposto acima conclui-se que: Apocalipse significa o que não deve estar escondido, aquilo que deve ser conhecido de todos.

Os outros nomes não foram estudados por não apresentarem o mesmo interesse.

MÉTODOS DA CRÍTICA TEXTUAL

Crítica Textual pode ser definida como a disciplina que procura restaurar o texto original de um documento, que foi alterado no processo de cópia e recópia.

Mesmo com os métodos modernos de impressão, onde revisões e leitura de provas reduzem ao mínimo os erros, freqüentemente estes aparecem.

Antes da invenção da imprensa, quando qualquer cópia de um documento tinha que ser feita, à mão, os erros eram muito mais comuns. Quando existe o autógrafo, torna-se fácil a correção, comparando-se a cópia ou cópias com o original.

É do conhecimento geral que os autógrafos bíblicos não mais existem e também as cópias diferem entre si em muitos pormenores. Pode-se afirmar, sem receio de contestação, que a tarefa de reconstituir o texto original, em toda a sua perfeição é humanamente impossível.

A Crítica Textual é uma disciplina bastante antiga, pois a História nos relata que em 274 a.C. Zenodato de Éfeso fez uma comparação de muitos manuscritos da *Ilíada* e da *Odisseia* com a finalidade de restaurar o texto original.

No fim do segundo século da nossa era, Teodato e seus companheiros empreenderam uma obra de recensão crítica do texto bíblico. Não muito distante de Teodato, um dos maiores intelectuais do seu tempo, Orígenes de Alexandria, começou um estudo crítico de todo o Antigo Testamento em hebraico e de diversas traduções gregas. Sua monumental obra – a Hexapla – foi durante muitos anos consultada por intelectuais da Patrística na Biblioteca de Cesaréia, até sua destruição no sétimo século pelas hordas islâmicas. O trabalho de crítica textual, levado a efeito por Orígenes, encontra-se abundantemente exemplificado em obras estrangeiras especializadas nesta disciplina.

Apenas duas rápidas referências ao seu trabalho neste campo:

1ª) Alguns poucos manuscritos como o Y teta e o C trazem a variante Jesus Barrabás para Mateus 27:16, enquanto quase a totalidade dos unciais e a maioria dos minúsculos trazem simplesmente Barrabás. Orígenes rejeitou a variante Jesus Barrabás em defesa da simples forma Barrabás, justificando que o nome Jesus não podia ser aplicado a alguém que praticasse o mal. Este argumento não me parece de muito peso.

2ª) Em João 1:28 aparece outra variante: Betânia e Betábara. A crítica textual crê que a forma primitiva era Betânia, mas algum copista achando difícil a harmonização geográfica alterou para Betábara. Orígenes defendeu para o lugar de batismo de João, Betábara, fundamentando-se na geografia e na etimologia. O manuscrito sinaítico e a King James trazem Betábara. Vincent em "Word Studies in the New Testament" diz que a correta variante é Betânia, não a Betânia de João 11:18, mas uma desconhecida vila, acrescentando que era comum dois lugares terem o mesmo nome, como as duas

Betsaidas (Mar. 6:45; João 1:44); duas Cesaréias (Mat. 16:13; Atos 8:40), as duas Antioquias, uma na Síria e a outra na Pisídia.

São Jerônimo

Julgando de acordo com os padrões modernos, São Jerônimo (347-420), foi um crítico textual mais sagaz do que Orígenes, bem cômico das variantes de erros que aparecem na transcrição de manuscritos. Ele se refere, por exemplo, à possibilidade da confusão de letras semelhantes, confusão de abreviações, acidentes envolvendo haplografia, metátese, assimilação, transposição e até deliberadas emendas dos copistas.

Em cartas a monges e no Prefácio da sua revisão dos Evangelhos há diversas referências que provam o seu profundo interesse na crítica textual. Por exemplo, em carta a dois monges que lhe pediram explicações de diversas passagens da Bíblia, ele discute diversas formas do texto de I Cor. 15:51, indicando que preferia a variante: "Todos dormiremos, mas nem todos seremos transformados".

Olhando para o aparato crítico de um Novo Testamento grego inteiramo-nos de que assiste razão a São Jerônimo, porque o manuscrito sinaítico e alguns outros trazem: "Todos dormiremos, nem todos seremos transformados". O problema principal com este verso parece ser este: a ordem diferente das palavras na frase altera o seu sentido.

Santo Agostinho (354-430)

Mostrou apreciável perspicácia crítica, no julgamento de problemas textuais. Um dos problemas estudados por ele se encontra em Mateus 27:9. Há aqui uma citação atribuída a Jeremias, quando na realidade é de Zacarias. Santo Agostinho sugere que deveria ser notado o seguinte: a atribuição da passagem a Jeremias não se encontra em todos os manuscritos dos Evangelhos, pois alguns trazem simplesmente: foi dito por intermédio do profeta. Os manuscritos que não contêm o nome do profeta, talvez fossem copiados de outros onde o nome de Jeremias se encontrava, mas os copistas o eliminaram, pensando que desta maneira solucionariam o problema. Um estudo mais aprofundado dos manuscritos gregos nos mostra que o nome de Jeremias aparece nos principais e mais antigos códices.

O trabalho da Crítica dos textos bíblicos sempre prosseguiu com maior ou menor intensidade, porém, o ponto de partida da moderna Crítica Textual foi a edição de Westcott e Hort em 1881, a qual foi precedida de numerosos trabalhos, entre eles destacando-se os de Tischendorf.

Alta e Baixa Crítica

Antes de prosseguir seria útil saber que há duas espécies de crítica bíblica: Alta Crítica e Baixa Crítica.

A Alta Crítica preocupa-se em estudar o autor do livro, tempo, lugar e circunstâncias em que ele foi escrito, sua validade histórica, etc. A expressão "Alta Crítica" tem dado motivo a objeções, por parecer indicar algo de superioridade, achando alguns que uma designação mais própria seria "Crítica Histórica".

A Baixa Crítica estuda a linguagem (vocabulário, questões de gramática), a história da transmissão do texto, incluindo as tentativas para restaurar o texto do autógrafo original. Este estudo é chamado de Crítica Textual.

O material com que trabalham os críticos textuais da Bíblia inclui não somente as cópias dos manuscritos nas línguas originais, mas também antigas traduções e citações da Bíblia pelos Pais da Igreja. O conjunto destes materiais chama-se em Crítica Textual "testemunhas".

Quando os manuscritos que contêm a Bíblia no idioma original diferem entre si em algum pormenor, o modo diferente que aparece em cada manuscrito chama-se "variante". A finalidade primordial da Crítica Textual seria determinar que "variante" tem mais possibilidade de ser a original.

O trabalho da Crítica Textual requer muita perícia e técnica especializada que deve ser conquistada com muito esforço.

Para chegar a um bom fim, o crítico, entre outras coisas, deve saber:

- a) Paleografia – A ciência da escrita antiga;
- b) A técnica da recensão – comparação entre os manuscritos;
- c) Ser perito em "Examinatio" – o processo de seleção das "variantes" nos manuscritos.

Como proceder a uma escolha judiciosa dentre as variantes?

Para fazer esta distinção, a crítica dispõe de dois critérios diferentes, embora necessariamente simultâneos e interdependentes: a Crítica Externa e a Crítica Interna. Estes Critérios são também denominados: Evidências Externa e Evidência Interna.

Evidência Externa

Envolve considerações como:

1º) A idade do manuscrito. Quanto mais Antigo é o documento, menos viciado ele deve estar pelos copistas. Pode também acontecer que manuscritos modernos sejam cópias de outros antiqüíssimos que desapareceram. Um manuscrito do VI século pode ter sido copiado dum manuscrito do IV século.

2º) A família a que o manuscrito pertence. Os manuscritos e versões foram classificados em grupos para facilitar a sua leitura e interpretação.

O mais importante na crítica textual externa é reconstituir, tanto quanto possível, a história dos diferentes estados do texto, agrupando os documentos semelhantes e procurando saber porque se teriam tornado diferentes. É um trabalho difícil, porque não foi possível ainda reunir todos os documentos necessários para se chegar a uma conclusão satisfatória.

3º) O número de manuscritos que apresentam a variante. Este número tem um valor relativo, desde que o princípio clássico "non numerantur sed ponderantur" não pode ser esquecido.

Evidência Interna

Esta procura precisa o valor dos textos através do seu conteúdo, envolvendo o que Hort designou: probabilidade transcricional.

A probabilidade intrínseca procura descobrir o que o autor mais provavelmente teria escrito, considerando:

- 1º) Seu estilo e vocabulário através do livro;
- 2º) O contexto;
- 3º) Harmonia com o uso do autor em outros lugares nos Evangelhos;
- 4º) Sempre considerar a base aramaica do ensino de Jesus;
- 5º) Não esquecer, advertem os entendidos, a precedência do Evangelho de Marcos.

A probabilidade transcricional, conhecendo os problemas enfrentados pelos copistas, estabeleceu as seguintes premissas:

- 1ª) A mais difícil variante deve ser preferida. Pela regra de Bengel "Proclivi scriptioni praestat ardua", a tendência do copista era sempre simplificar e nunca acrescentar uma dificuldade;
- 2ª) Em geral uma variante mais curta deve ser preferida a uma mais longa;
- 3ª) Textos divergentes devem ser preferidos, porque a tendência dos copistas, era harmonizar passagens paralelas em desacordo;
- 4ª) Se o texto revelar aperfeiçoamento estilístico, não deve ser autêntico;
- 5ª) Ter sempre em mente a destacada influência da igreja primitiva sobre os copistas.

Além destas evidências externas e internas, o crítico textual não pode olvidar este princípio fundamental.

O principal critério para a avaliação de diferenças textuais é este: "escolher a variante que melhor explique a origem das outras". Quando há duas variantes, igualmente sustentadas por provas externas, a mais provável é a que melhor se adapta ao sentido.

O conselho de Lake é bastante oportuno para aquele que se dedica à crítica textual: "O crítico deve estar sempre pronto para revisar seu julgamento. Deve sempre suspeitar ainda mais de suas próprias conclusões.

A seguir, encontram-se três aplicações das regras aqui apresentadas; sendo as duas primeiras fornecidas por Joseph Angus em *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, vol. 1, cap. IV, e a terceira, uma tentativa de aplicar o método e historiar a doxologia do Pai Nosso.

AS TRÊS TESTEMUNHAS CELESTIAIS EM 1 JOÃO 5:7

A passagem se encontra nas edições Clementinas da Vulgata, na Poliglota Complutensiana, e na terceira edição de Erasmo, por isso ela aparece também nos textos de Estêvão, Beza e Elzevir.

Contra sua legitimidade pode dizer-se:

- a) Nenhum manuscrito grego de data anterior ao século XV a contém. Não vem em muitos manuscritos cursivos e no  A, B, etc.
- b) Falta em todas as antigas versões, exceto na latina.
- c) Os antigos Pais da Igreja nunca a citaram em qualquer dos seus argumentos a favor da doutrina da Trindade. Os versos 6, 8 e 9 são mais de uma vez citados, mas nunca o verso 7.

Em favor de sua legitimidade pode ser dito:

- a) A passagem existe em alguns manuscritos gregos cursivos, no Códice Raviano de Berlim, no Códice Ottobiano do Vaticano, no Códice Regius de Nápoles e no Montfortianus de Dublin, devendo contudo observar-se que o primeiro é uma cópia do Complutensiano, o segundo é simplesmente uma tradução da Vulgata, e o terceiro conserva-se somente na margem. O quarto pertence ao século XV, ou é posterior.
- b) Acha-se num manuscrito de extratos do Velho Latim (Speculum), pertencente ao sexto ou sétimo século.
- c) É citada por Virgilius de Thapsus pelos fins do quinto século e também na Confissão de Fé que um grupo de cristãos, apresentou em 484 AD, e que pertence à história das perseguições dos vândalos na África.

- d) Estas palavras são exigidas pela construção e conexão do texto.

A opinião geral dos intérpretes da Bíblia é assim expressa pelo Dr. Scrivener:

"Não hesitamos em declarar nossa convicção de que as palavras em questão não foram escritas pelo autor da Epístola de São João; mas que foram colocadas como piedosa e ortodoxa anotação na margem do verso oito, depois foram desta transportadas para o texto nos exemplares latinos da África, e do latim passaram para dois ou três códices gregos, penetrando depois no texto primitivo, lugar que não lhes pertence por legítimo direito."

O PROBLEMA DE UMA EXPRESSÃO EM LUCAS 6:1

Depois da palavra sábado em Lucas 6:1 o "Textus Receptus", e muitas traduções modernas trazem a expressão "o segundo-primeiro". Sendo que esta expressão não aparece em outra parte, tem sido um problema exegético de difícil solução. Em virtude da palavra não constar nos melhores manuscritos, poder-se-ia afirmar que ela não se encontra no original, não fosse a suspeita de que algum copista a tivesse omitido por causa da sua obscuridade.

O principio da probabilidade transcricional torna necessário explicar a sua inserção, se não é genuína. Meyer engenhosamente sugere que a palavra é simplesmente a fusão de duas notas marginais, opinião esta que foi adotada por W. H. e outros. Como no versículo 6, está a expressão "noutro" (heteros) sábado, algum escreva pôs à margem no verso primeiro a nota "num primeiro" (proto). Mas a recordação de diversos incidentes, que se tinham dado em sábados anteriores, levou

outro copista a fazer uma correção "num segundo" (deuteros) sobre a (deuteroproto) que algum copista posterior intercalou no texto para confusão dos comentadores. Ou seja assim, ou não, o fato esclarece uma deturpação do texto original.

A DOXOLOGIA DO PAI NOSSO

Se Jesus tivesse concluído Sua oração com a doxologia não haveria necessidade deste estudo, mas a realidade parece ser bem diferente.

Como é do conhecimento de todos os estudiosos dos problemas do texto bíblico, a grande maioria dos manuscritos e das antigas versões não trazem esta parte do Pai Nosso. Portanto, cabe à crítica textual explicar como ela apareceu, ou provar a sua autenticidade.

Sabemos que não é fácil desarraigar um hábito de muitos anos, mas porque a verdade precisa ser conhecida, o assunto será tratado realisticamente, embora com a dignidade e respeito que as palavras merecem, em face do uso que delas fazemos. A doxologia nos é tão familiar e agradável, embelezando tanto o final desta oração, que apenas discutir a sua omissão poderá parecer sacrilégio para alguns.

Que diz a Crítica Textual sobre este problema?

Os principais manuscritos das famílias Ocidental e Alexandrina a omitem, embora apareça nas famílias Cesareense e Bizantina por se caracterizarem pelo polimento e aperfeiçoamento do estilo, não apresentam o mesmo peso em evidências textuais. Sendo a doxologia um polimento que aformoseia o Pai Nosso, não merece muito crédito o seu aparecimento nas citadas famílias.

Dos 250 manuscritos unciais apenas seis registram a doxologia, sendo eles: o Teta ou Coridete, o W, que se encontra em Washington, o K e o L de Paris, o Delta e o PI. Dos 2.646 manuscritos minúsculos ela aparece em mais ou menos uns 20. Alguns manuscritos trazem a doxologia em sua forma reduzida e ainda outros com redação alterada.

A doxologia não aparece nos Pais da Igreja (excetuando-se Crisóstomo e seus discípulos).

Todos os grandes vultos que se dedicaram ao estudo da Crítica Textual concluem que esta parte não pertence ao escrito original de Mateus.

O Comentário Bíblico Adventista diz:

"Importante evidência textual pode ser citada para a omissão desta doxologia. . . . Contudo, o sentimento que ela expressa é escriturístico, intimamente relacionado com I Crônicas 29:11-13."

Diante destas evidências a conclusão apenas deve ser esta: Sendo que o texto grego termina com a palavra poneros = mal, a doxologia deve ser suprimida da Bíblia, como fazem as Bíblias Católicas.

Como a doxologia achou seu caminho para o texto bíblico?

A doxologia surgiu quando algum copista achou que o Pai Nosso precisava de um acréscimo litúrgico ou pela observação de que as outras orações terminavam com uma doxologia.

Este término produz em nós a impressão de um mais completo ato de adoração.

Deixando de lado o aspecto científico e dando apenas vazão à afetividade poderíamos concluir como fez o prof. Aécio Cairus do Colégio Adventista do Prata:

"De qualquer modo, não há porque interromper o costume de usar estas formosas palavras quando oramos. O comentário ou utilização que delas fazem a Sra. White, só garantem a sanidade e veracidade declarativas – não a origem ou canonicidade, a menos que queiramos canonizar também os escritos pagãos que Paulo cita para exemplo. Mas nos dão razão de sobra para utilizar a formosa doxologia sem a qual para os que estamos habituados a ouvi-la, o Pai Nosso perderia algo de sua sonoridade." (*O Ministério Adventista*, janeiro e fevereiro de 1975, p. 16).

FAMÍLIAS DE MANUSCRITOS

Para auxiliar a sua leitura os manuscritos foram dispostos em grupos ou famílias, considerando-se as características semelhantes ou diferentes que apresentavam.

Esta classificação foi feita após uma cuidadosa comparação de centenas de manuscritos. Hoje sabemos que cada uma dessas famílias é representada por um manuscrito "padrão", preparado numa sede eclesiástica importante da antiguidade, como Alexandria, Cesaréia, Antioquia e Roma.

O procedimento seguido era este: os bispos dirigentes das sedes reuniam os manuscritos à sua disposição, pediam emprestados todos os manuscritos que pudessem conseguir, estudavam-nos minuciosamente, resultando daí o manuscrito padrão.

O termo técnico para o exame do material de que dispunham e o conseqüente agrupamento em famílias é *recensão*.

O objetivo primordial desta classificação era descobrir os manuscritos mais antigos, porque mais se deveriam assemelhar aos originais. O precursor da classificação em famílias, ou do método genealógico foi o erudito alemão Karl Lachmann (1793-1851), que nos ensinou o seguinte princípio: o melhor método para descobrir o texto bíblico é traçar sua árvore genealógica através da qual atingiremos seu arquétipo.

Destas classificações em famílias, a de Westcott e Hort é uma das mais conhecidas e discutidas. A classificação destes eruditos é a seguinte:

a) Texto Siríaco

O nome siríaco deriva-se da conclusão de que na Síria, provavelmente em Antioquia, uma revisão textual se processou durante a primeira metade do 4º século. Esta revisão se fez necessária, porque o texto já apresentava muitas variantes e a Igreja ardentemente almejava uniformidade nas Escrituras.

Neste grupo está a maioria dos manuscritos gregos do Novo Testamento, sendo muitos unciais do V século e quase todos os minúsculos.

b) Texto Ocidental

Assim denominado porque suas mais influentes evidências são predominantemente latinas. Tem como característica preponderante divergir das outras famílias.

Ao contrário do siríaco, neste grupo se encontra um pequeno grupo de manuscritos, sendo liderado pelo Códice Beza ou D. Fazem também parte dele antigas traduções latinas e Pais da Igreja latinos, como Cipriano, Irineu e Tertuliano.

c) Texto Alexandrino

Também formado por pequeno grupo de manuscritos que não puderam ser colocados nas outras classes por eles apresentadas.

d) Texto Neutro

Para Westcott e Hort sob este nome se encontram os dois principais manuscritos, isto é, o $\aleph$ = alef e o B.

De acordo com o conceito destes eruditos, era o melhor texto por ser o mais primitivo e ter sido transmitido com pureza de forma. Denominaram-no de Neutro por não se desviar na direção seguida pelos outros grupos.

As idéias de W. H. marcaram época, e os princípios por eles defendidos ainda são válidos, mas o progresso da Crítica Textual e a descoberta de novos manuscritos mostraram a necessidade de revisão em seus métodos.

Quem se interessar por um conhecimento mais completo da teoria de Westcott e Hort deve estudar nas obras especializadas em Crítica Textual ou em Introduções ao Novo Testamento, como a de Everett F. Harrison, páginas 71 a 74.

A classificação mais usada e aceita por todos hoje pouco difere da de W. H. Ao estudá-la observe seus pontos afins e suas divergências.

a) Texto Bizantino

É conhecido como Asiático por Bengel, Constantinopolitano por Griesbach, Siríaco, por W. H., oriental por Semler e K por Von Soden.

O chefe da recensão deste tipo de texto foi Luciano. Trabalho feito nos últimos anos do século terceiro, levando-se em conta que foi martirizado em 312, por ordem do imperador Maximino. O principal objetivo desta recensão foi fundir passagens paralelas para que nada se perdesse do texto sagrado e aclarar o texto, fazendo com que passagens difíceis se tornassem mais fáceis. Como um exemplo da fusão de variantes pode ser citado Lucas 24:53, que aparece em alguns manuscritos - "e estavam sempre no templo louvando a Deus", mas em outros se encontra - "orando a Deus". O texto bizantino reuniu as duas expressões, aparecendo: "e estavam sempre no templo louvando e orando a Deus".

Este é o texto da grande quantidade de unciais e cursivos. Nele está baseado o Novo Testamento de Erasmo, o Textual Receptus e todas as edições do Novo Testamento anteriores à de W. H. em 1881. Dentre seus unciais destacam-se A, E, L, F e o W.

O Bizantino tem sido classificado pelos entendidos como bastante deficiente.

b) Texto Ocidental

Recebe este nome por ser representado pelo códice Beza, Greco-latino D, e pela velha Versão Latina.

A característica deste texto, é a divergência sensível que se nota ao compará-lo com outros grupos.

São seus principais representantes: D, DP, F, P29, P48, 171, Velha Latina.

Preeminentes vultos da Crítica Textual considerando a falta de homogeneidade do Texto Ocidental afirmam que nele não se processou nenhuma recensão, embora Ropes e Hatch afirmam ser ele o resultado de uma recensão.

c) Texto Alexandrino

Westcott e Hort o denominaram de Neutro, e Von Soden de H (Hesiquiano). O grupo consta especialmente dos manuscritos: alef, B, P 75 e 33.

Como o nome indica, teve a sua origem no Egito, na famosa cidade de Alexandria, um dos principais centros de cultura na antiguidade. É o produto da mais aprimorada e minuciosa recensão já efetuada no texto bíblico. Este trabalho foi dirigido por Hesíquio, com uma técnica bastante adiantada.

d) Texto Cesareense

O nome cesareense não indica que teve sua origem em Cesaréia, pois a crítica textual comprova sua origem no Egito. Cesareense vem da circunstância de ser o tipo de texto usado em Cesaréia.

O manuscrito padrão deste grupo é o Coridete ou B. Apresentam características semelhantes ao Coridete as Famílias 1 e 13 dos minúsculos.

A recensão do tipo cesareense de texto tem sido atribuída a Panfílio, grande admirador de Orígenes, que por defender a multiplicação das cópias das Escrituras foi martirizado em 309.

Este estudo é difícil, complexo, e mesmo as idéias apresentadas foram simplificadas, para que até pessoas não muito relacionadas com a Crítica Textual o pudessem compreender razoavelmente.

O agrupamento de manuscritos em famílias simplificou bastante o trabalho da Crítica Textual, que não se baseia mais no número de manuscritos, mas no número de famílias e suas características predominantes. É muito mais fácil e apresenta melhores resultados consultar cinco manuscritos de famílias diferentes do que uma centena pertencentes à mesma família.

O texto perfeito, ideal, ainda não foi encontrado, os problemas vão sendo superados e os esforços de muitos denodados trabalhadores, neste campo, merecem nosso respeito e consideração.

TRABALHO DOS MASSORETAS

O hebraico, por nós já estudado, como era originalmente escrito, constava apenas de consoantes, sendo os sons vocálicos supridos pelo leitor. Este processo obrigava o leitor a pensar e ir interpretando o texto, para descobrir-lhe o exato sentido, pois três consoantes (assim eram formadas as palavras em hebraico) com vogais diferentes, podem indicar coisas muito diversas, como ilustram as consoantes portuguesas p t t, nas palavras pateta, patota, e patote, e ainda b r d - barda, bardo, borda, bordo, etc.

A escrita das consoantes apenas, foi processo adequado enquanto o hebraico continuou sendo um idioma falado. Quando aparecia uma palavra que podia ser ambígua, eram usadas "letras vogais" para deixar o texto mais claro. Quatro consoantes fracas, algumas vezes eram usadas como vogais = álefe, hê, vau e o iode. Quando o hebraico foi deixando de ser uma língua falada (já no tempo de Cristo não era uma língua viva) muito mais difícil ficou a pronúncia correta das consoantes sem sinais vocálicos. A pronúncia correta das palavras era transmitida pela tradição oral, mas em breve foi sentida a necessidade de ser esta representada por escrito.

A prova de que a palavra formada tão somente de consoantes é ambígua, na sua acepção, nós a temos em um exemplo da Bíblia em que as três consoantes não foram corretamente interpretadas. Hebreus 11:21 diz que Jacó "adorou encostado à ponta do seu bordão", ao passo que em Gênesis 47:31 lemos que ele "inclinou-se sobre a cabeceira da cama". A palavra hebraica para designar cama e bordão consta de três consoantes M T H, as quais no texto hebraico são lidas com as vogais assim: M(i) T(a) H, cama; o autor da Epístola aos Hebreus tirou a citação da Septuaginta, cujos tradutores, leram a palavra desta maneira: M(a) T(e) H, bordão. (Ver *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia* - Joseph Angus, vol. I, p. 20).

Os Massoretas

Massoretas eram os escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar do manejo do texto hebraico do Velho Testamento. Às vezes o termo também é empregado para o comentarista judeu do livro sagrado. Eles substituíram os escribas (Sopherins) por volta mais ou menos do ano 500 A.D. e prosseguiram em seu dedicado trabalho até o ano 1.000 A.D.

Os massoretas tinham publicado manuais que serviam de orientação para copiar o texto. Nestes manuais, chamados "massora" (termo hebraico técnico para a primitiva tradição quanto à forma correta do texto das Escrituras), se encontravam: a) normas orientadoras que os copistas deviam seguir enquanto estivessem copiando o texto sagrado; b) todas as regras gramaticais sobre a língua hebraica; c) os princípios sugeridos pelo Talmude na transmissão do texto.

O minudente e consciencioso trabalho estatístico que os massoretas realizaram é impressionante, empregando toda a técnica que é possível ao ser humano para assegurar a exata transmissão do texto. Dentre as estritas e minuciosas regras a serem seguidas na cópia dos manuscritos, uma era a seguinte: nenhuma palavra ou letra devia ser escrita de memória. Antes de iniciarem propriamente a cópia, eles contavam os versos, as palavras e letras de cada seção e se os números não correspondessem na nova cópia, o trabalho era rejeitado. Além disso existem em nossas Bíblias enormes coleções de notas massoréticas, tratando de assuntos tais como: contavam as palavras de um livro e assinalavam a palavra central, registravam o número de vezes que uma palavra ou frase específica ocorriam, faziam listas com palavras que apareciam uma, duas ou três vezes no Velho Testamento, anotavam as construções e formas já desusadas. Eles notaram, por exemplo, que a letra central da Lei se achava em Lev. 11:42, quanto aos salmos, a letra central está no salmo 80:4, o versículo central é o 36 do salmo 78.

Desde que o supremo alvo dos massoretas era transmitir o texto tão fielmente como o tinham recebido, não faziam nele nenhuma alteração. Onde presumiam que tinha havido algum erro de transcrição, ou onde uma palavra não estava mais em uso polido, colocavam a palavra certa ou preferível, na margem. Neste caso, a palavra correta ou preferida e que tencionavam que fosse lida, chamavam "Qerê" – o que deve ser lido, mas as suas vogais eram postas sob as consoantes da palavra no texto inviolável (esta era chamada de Kethibi = o escrito).

O Tetragrama Sagrado para o Nome de Deus

Um dos casos mais famosos de "Qerê", é o tetragrama usado para Deus. Deus é designado na Bíblia por vários nomes, porém o mais comum era aquele que O designava por quatro consoantes hebraicas, o "iod", o "hê", o "vau", e novamente o "hê", conhecidas como Y H W H, algumas vezes também transliteradas em J H V H.

Os judeus eram excessivamente respeitosos para com o nome da Divindade, assim para evitar que alguém o profanasse, pronunciando-o, usavam em seu lugar Adonai = o Senhor.

Os massoretas colocavam sob o tetragrama do texto hebraico consonantal as vogais a, o, â da palavra Adonai. Desde que este título era tão comum, pois aparece no Velho Testamento 6.823 vezes, os massoretas acharam desnecessários chamar a atenção para este "Qerê" = o que deve ser lido; recebendo até o nome de "Qerê Perpétuo". Já no tempo da Reforma quando se incrementou o estudo das línguas bíblicas, ao lerem o Velho Testamento, por não compreenderem bem o problema de "Qerê e Kethibi" uniram as vogais da palavra Adonai com as consoantes do tetragrama, aparecendo a palavra hebraica Jeová, até aquele tempo inexistente. A pronúncia correta em português para este nome da Divindade deve ser Javé ou Jaweh.

Os massoretas legaram-nos também uma crítica bem autorizada do texto, fazendo-nos saber que aqui ou ali uma palavra deve ser introduzida ou mudada ou posta de lado, mas toda essa crítica está colocada na margem. Sugerem a divisão correta das palavras – Salmos 55:26; 123:4, a transposição; alteração e omissão de consoantes: I Reis 7:45, Amós 8:8; a correta forma gramatical ou ortográfica – Ezequiel 27:5; explicações eufemísticas – I Samuel 5:6; Isaías 36:12.

O aparato crítico introduzido por eles é provavelmente o mais completo da sua espécie.

Embora todo o trabalho massorético fosse útil e importante, entre eles o que mais se destaca e o mais conhecido foi a criação de um sistema de sinais vocálicos que introduziram no texto consonantal para a correta pronúncia das palavras. As palavras de Merrill Unger nos ajudam a compreender a importância desta contribuição:

"Antes das vogais serem adicionadas ao texto consonantal no 7º século de nossa era, a vocalização era inconstante, variando consideravelmente através dos séculos e em vários países. Um texto vocalizado é muito mais fácil de ser lido e muito menos passível de variações em sua pronúncia. Em certo número de casos, por exemplo a LXX e outras versões antigas leram as consoantes do texto, mas vocalizaram-nas diferentemente."

Os massoretas inventaram um sistema de 10 sinais com variação para as vogais, a, e, i, o, u. O objetivo destes sinais era preservar a pronúncia do texto, pois como já foi dito, o hebraico já era neste tempo língua morta. A pronúncia por eles conservada era a de seu tempo, porque sabemos que algumas pronúncias originais eram diferentes: Nabucodonosor, era Nabuchuduriza, Melquisedeque era Melquisaducu.

Além das vogais criaram um sistema complicado de acentos, 21 para as seções da prosa e 27 outros para as seções poéticas.

Os livros que estudam o trabalho dos massoretas ainda nos dizem que havia:

1) A Massora Inicial – Um estudo da palavra inicial do livro, que sempre era usada como título para o livro.

2) A Massora Pequena – Eram os comentários que se encontravam nas margens laterais.

3) A Massora Grande – Comentários colocados nas partes posteriores e inferiores da página.

4) A Massora Final – como o nome indica, era posta no final do livro, contendo, especialmente, dados estatísticos para o copista, como número de letras e palavras daquele livro, a palavra medial, etc.

Apesar do trabalho dos massoretas ser bastante cuidadoso, nem todos os manuscritos foram copiados com tal esmero e exatidão, como é visto no capítulo "Causas dos Erros na Transmissão do Texto Bíblico". Em consequência nem todas as cópias sagradas do original são exatamente iguais, há muitas variações dos manuscritos, que dificultam bastante o trabalho dos tradutores. Apesar destas variações, o trabalho da Crítica Textual tem sido tão eficiente na reconstrução do original, que na essência o texto da Bíblia não sofreu nenhuma alteração.

A IMPRENSA E SUA INFLUÊNCIA NA DIVULGAÇÃO DA BÍBLIA

A invenção da imprensa tem sido motivo de grandes controvérsias.

Alguns autores afirmam categoricamente que Gutenberg não foi, como freqüentemente se diz, o inventor da imprensa, pois ela já era conhecida antes do seu nascimento, aperfeiçoou-a simplesmente, e, adotando o sistema das letras móveis, contribuiu para que a arte tipográfica tomasse um desenvolvimento considerável.

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, discutindo este assunto no verbete "Tipografia" afirma:

"O livro impresso mais antigo que a história da tipografia registra, foi encontrado em 1900, na China, na província de Kansu. Foi impresso em 11 de maio do ano 868. Tinha sido impresso com o uso de blocos, provando-se assim que muitos séculos antes de Gutenberg, já os chineses tinham inventado a imprensa."

"A impressão com tipo móvel foi pela primeira vez feita também por um chinês Pi Sheng, que de 1041 a 1049 usou desse processo para publicar vários livros, sendo notável, que ambas estas descobertas estão inteiramente autenticadas. Verifica-se, porém,

que devido ao grande número de caracteres usados na língua chinesa, o novo processo de publicação não foi na generalidade adotado e em breve esse método caiu em desuso."

"Como a Holanda, a França, a Alemanha, e a Itália, reclamam para si tal glória, um investigador colocou do seguinte modo o problema: A Holanda tem livros, mas não tem documentos. A França tem documentos mas não tem livros. A Itália não tem documentos nem livros. A Alemanha tem documentos e livros".

A história desta descoberta é bastante longa e sendo nosso interesse o seu papel na divulgação da Bíblia, limitar-nos-emos a este assunto, partindo da premissa de que este invento foi obra de Gutenberg.

A invenção de João Gutenberg, de imprimir usando tipos móveis, teve conseqüências momentosas na cultura ocidental. Agora, exemplares de livros poderiam ser reproduzidos mais rapidamente, a preço mais acessível e com grau de precisão bem maior do que antes era possível. A ciência e a cultura, jamais poderiam ter alcançado o extraordinário desenvolvimento de nossos dias, sem a contribuição de Gutenberg, que com seu invento possibilitou que não apenas as classes ricas tivessem o privilégio do estudo, mas mesmo a classe média e até os pobres.

A Bíblia era, nesse tempo, o livro mais caro, porque sua transcrição manual ocupava o trabalho de muitas pessoas. Muito apropriadamente, o primeiro grande produto da imprensa de Gutenberg foi uma edição magnificente da Bíblia. O texto foi a Vulgata Latina de São Jerônimo sendo publicado em Mogúncia entre 1450 e 1456. Era uma grande Bíblia de 1282 páginas – também conhecida como a Bíblia de 42 linhas, porque em cada página havia duas colunas com este número de linhas. Outros ainda a denominam Bíblia de Mazarino (nome do cardeal, em cuja biblioteca foi descoberto, em 1760 um volume da obra).

A tarefa da impressão da Bíblia foi extenuante e quase além das limitadas possibilidades humanas do século XV, mas graças ao idealismo do homem de Mogúncia todos os óbices foram superados.

Ao Gutenberg expor seu plano de imprimir toda a Bíblia, seus sócios e auxiliares pensaram que ele estivesse perdendo o juízo, porque pelo moroso processo da incipiente impressão eles poderiam apenas imprimir duas páginas por mês. Se pensarmos em 1000 páginas para a Bíblia é fácil deduzir que talvez morressem antes de ver a empreitada terminada.

A princípio, as letras eram gravadas em madeira e estas arrumadas em tabuinhas, mas sendo a madeira de pouca resistência, não suportava a impressão. Depois de muito meditar ele idealizou gravar os tipos separados não em madeira, mas em metal. Persistentemente Gutenberg trabalhou durante oito dedicados anos, entalhando letras e as arrumando em caixinhas. A primeira frase que ele imprimiu em tipos móveis foi: "Pai nosso que estás no Céu".

Impressos os primeiros exemplares da Bíblia, pôe-se logo João Fust o rico ourives e sócio de Gutenberg a disseminar o Livro Santo. O primeiro exemplar foi vendido ao rei Carlos II por 825 dólares. Outro foi vendido ao arcebispo de Paris pelo mesmo preço. Passados alguns dias o rei e o arcebispo se encontram e trocam idéias a respeito do maravilhoso livro que haviam comprado. Os exemplares são trazidos e ao examinarem ficam estupefatos ao perceberem que eram exatamente iguais. A grande

descoberta os desorienta e atônitos exclamam: "Esta obra é do diabo". Incontinenti prendem a Fust, e este para obter a liberdade, teve que esclarecer todo o mistério.

Embora um exemplar impresso da Bíblia fosse oito vezes mais barato do que um autêntico manuscrito, seu preço ainda era elevado para poder ser adquirido por tantos compradores quantos os que seriam necessários para que Gutenberg pagasse as suas dívidas e Fust satisfizesse a sua ânsia de dinheiro. Infelizmente, lides intelectuais precisam estar sujeitos a problemas materiais.

Dessa primeira edição foram feitos apenas 41 exemplares. Destes ainda existem três, impressos em pergaminho. Um se acha na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos, outro no Museu Britânico e o terceiro na Biblioteca Nacional de Paris.

A que se encontra na Biblioteca do Congresso, foi comprada, em 1939, por um milhão e meio de dólares. São três volumes.

Na revista da Sociedade Bíblica lemos:

"Durante quase três anos – de 1452 até 1455 – Gutenberg trabalhou na impressão da Bíblia. Para imprimir o Livro dos livros foi necessário o trabalho de uma grande equipe: Além de Gutenberg, 6 impressores, 12 tipógrafos e mais 20 auxiliares. O primeiro livro impresso, já então era muito caro e, para adquirir naquela época, precisar-se-ia de quatro vezes o ordenado anual de um escrivão de livros manuscritos.

"O material empregado para Bíblia impressa por Gutenberg foi o pergaminho, e para as suas 30 primeiras Bíblias ele precisou da pele de 5.000 cabras. Ao todo foram impressas cerca de 180 Bíblias por Gutenberg." (*A Bíblia no Brasil*, Nov. e Dez. de 1980, p. 13).

Davi d'Angers ao fazer a estátua de Gutenberg, que se encontra em Estrasburgo, ele o apresenta no momento de retirar da prensa uma folha, em que estão impressas estas palavras: "E a luz se fez".

Do vale do Reno a imprensa expandiu-se pela Europa com grande velocidade. Esta difusão contribuiu para que a Bíblia (a luz que vem de Deus) se tornasse conhecida rapidamente em muitos países da Europa. Antes de 1500, Bíblias tinham sido impressas em várias das principais línguas vernáculas da Europa Ocidental, como a francesa, a alemã e a italiana.

Não deve ser olvidado que a disseminação da Palavra de Deus levantou oposição: em conseqüência edições inteiras da Bíblia foram queimadas em praça pública e seus pregadores ameaçados, coagidos e, às vezes, levados à fogueira. A Igreja de Roma durante muito tempo resistiu à divulgação da Bíblia, mas com o passar dos anos teve que mudar de orientação e em 1757 o Papa Bento XIV deu permissão para que a Bíblia fosse publicada em italiano, espanhol e português.

Em 1477, vinte e sete anos depois da invenção da imprensa, apareceu a primeira porção impressa da Bíblia Hebraica, ou seja, o livro dos Salmos.

Onze anos depois, isto é, em 1488, a primeira edição do Velho Testamento hebraico, apareceu publicada pela imprensa Soncino, perto de Milão, na Itália.

O Novo Testamento grego somente foi impresso em 1514.

Por que tanta demora?

Duas razões são apresentadas para esta longa espera desde a invenção de Gutenberg até o primeiro testamento grego impresso.

1) A produção de tipos gregos necessários para a publicação de um livro de tamanho considerável era difícil e cara. Havia formas diferentes da mesma letra e numerosos sinais, fazendo com que os impressores preparassem cerca de 200 caracteres diferentes para a primeira impressão. Posteriormente, houve uma simplificação, tanto de sinais como do alfabeto e tudo se tornou mais fácil.

2) A segunda razão apresentada para este retardamento estava no prestígio que gozava a Bíblia latina, a Vulgata de São Jerônimo.

Bíblia Poliglota Complutense

O primeiro Novo Testamento Grego foi impresso em 1514 como parte de uma Bíblia Poliglota. Esta Bíblia, planejada em 1502 pelo Cardeal da Espanha, Francisco Ximenes, chama-se Poliglota por trazer os textos hebraico, aramaico, grego e latino. Pelo fato de ter sido impressa na Universidade de Alcalá (nome árabe para o lugar onde estava a Universidade, em latim o nome era Complutum) esta Bíblia recebeu também o nome de Poliglota de Alcalá.

Das 600 coleções que foram impressas, são conhecidas e localizadas hoje 97 delas, estando uma na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Esta Bíblia é constituída de seis volumes, sendo que os quatro que contêm o Velho Testamento apresentam o texto hebraico massorético, o latim da Vulgata e o grego da Septuaginta. Na parte inferior vem o texto do Targum aramaico de Onkelos, acompanhado de uma tradução latina. O Novo Testamento está no quinto volume, havendo no final deste um índice de nomes próprios, uma gramática da língua grega e um dicionário grego-latino. No sexto volume há um extenso dicionário hebraico-latino e outro pequeno latino hebraico, além de uma gramática hebraica.

Embora fosse o primeiro Novo Testamento impresso, não foi o primeiro a ser vendido, porque para a sua divulgação era necessária uma autorização papal e esta só foi obtida em 1520. Por alguma razão, até hoje não explicada, a Bíblia Poliglota Complutense não circulou antes de 1522.

Não sabemos que manuscritos foram usados pelo Cardeal Ximenes na elaboração desta grande obra. Em sua dedicação ao Papa Leão X, depois de mencionar as dificuldades enfrentadas para obter manuscritos latinos, hebraicos e gregos, Ximenes afirma:

"Pelas cópias gregas somos reconhecidos a Sua Santidade, que muito bondosamente, nos enviou da Biblioteca Apostólica códices mui antigos, tanto do Velho como do Novo Testamento, que nos ajudaram muito nesta empreitada."

Houve outras políglotas famosas publicadas em Antuérpia (1569 - 1572) e Paris (1629-1645); porém, a mais notável de todas foi a Poliglota de Londres (1657-1669), publicada por Brian Walton em oito volumes, contendo cada página o texto do Velho Testamento em hebraico, latim da Vulgata, Targum, grego da Septuaginta, siríaco, árabe e Pentateuco Samaritano.

Novo Testamento de Erasmo

Embora o texto complutense seja o primeiro Novo Testamento a ser impresso, o primeiro Novo Testamento Grego a ser impresso e colocado no mercado foi a edição preparada pelo famoso erudito Erasmo de Roterdam (1469-1536).

Ao Erasmo visitar Basiléia em 1514 recebeu uma proposta de Froben para que preparasse uma edição do Novo Testamento Grego, prontificando-se a pagar-lhe uma importância vantajosa para um trabalho de tal envergadura.

Em Basiléia, Erasmo não encontrou manuscritos gregos suficientemente bons e nenhum que contivesse o Novo Testamento inteiro. Para a maioria do texto ele confiou em dois manuscritos inferiores da Biblioteca de um mosteiro em Basiléia, sendo um dos Evangelhos e outro dos Atos e Epístolas, ambos mais ou menos do século XII. Para o livro de Apocalipse ele possuía apenas um manuscrito também do século XII, que tomara emprestado do seu amigo Reuchlin. Faltava a este manuscrito a última folha com os seis últimos versos da Bíblia. Para suprir a falta dos inexistentes, bem como alguns outros ilegíveis no manuscrito, Erasmo traduziu-os da Vulgata Latina para o grego. Como poderíamos esperar, o texto grego traduzido por Erasmo é diferente do que se encontra em qualquer manuscrito grego conhecido.

A impressão, terminada em 1516, por ter sido apressada e descuidada estava repleta de erros tipográficos. Embora muitos destes erros fossem corrigidos pelo próprio Erasmo nas quatro edições seguintes (1519, 1522, 1527 e 1535) o texto não foi aperfeiçoado.

A aceitação da primeira edição foi relativamente boa, pois muitos compradores foram encontrados através da Europa. Dentro de três anos uma segunda edição foi publicada e o número total de exemplares das edições de 1516 e 1519 alcançou 3.300. A segunda edição tornou-se a base da tradução alemã de Lutero.

Se em certos círculos a obra foi bem aceita, em outros ela foi recebida com preconceito e mesmo com aberta hostilidade, para isto contribuindo, especialmente, os seguintes fatores:

- a) Descuido na sua apresentação gráfica;
- b) Anotações cansativas de Erasmo, procurando justificar sua tradução;
- c) Inclusão entre as notas filológicas de diversos comentários cáusticos, sobre a vida desregrada e corrupta de muitos sacerdotes.

Como era de se esperar, clérigos protestaram através dos púlpitos e seu clamor ressoou por toda a parte. As conseqüências da atitude desassombrada de Erasmo logo se fizeram sentir, sendo proibida a leitura de seus livros nas Universidades de Cambridge e Oxford, estendendo-se ainda a proibição aos livreiros para que não vendessem os seus livros.

COMMA JOANINA

Entre as críticas levantadas contra Erasmo, uma das mais sérias, foi a acusação de que no seu texto, em I João 5:7-8, não apareciam as palavras: "no céu, o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e estes três são um; e há três que testemunham na terra". Erasmo

replicou que não encontrara estas palavras em nenhum manuscrito antigo e descuidadamente fez a afirmação que inseriria a "Comma Joanina", do latim *Comma Johanneum*, como é chamada nas edições futuras, se um único manuscrito grego fosse encontrado, anterior ao século XII, que contivesse a passagem. Este manuscrito lhe foi mostrado, e Erasmo, cumprindo a promessa, colocou a passagem na terceira edição de 1522, porém, em longa nota marginal indica suas suspeitas de que o manuscrito fora preparado para confundi-lo. Segundo Bruce em "The Text of the New Testament", página 101, este manuscrito foi falsamente preparado lá por 1520 por um monge franciscano, que tomara estas palavras da Vulgata Latina.

A Crítica Textual esclarece que dos milhares de manuscritos gregos, somente três contêm esta passagem espúria, sendo eles posteriores ao século XII. A Comma Joanina, provavelmente teve a sua origem num comentário exegético, escrito na margem e transcrito para o texto de manuscritos da Vulgata Latina antes do ano 800 A.D. Em vista de sua inclusão na Vulgata Clementina de 1592, o Santo Ofício em Roma (1897) fez um pronunciamento, aprovado pelo Papa Leão XIII, dizendo que não é seguro negar que estas palavras não sejam de João.

A Bíblia católica, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, com comentários e anotações traz a seguinte nota sobre esta interpolação:

"Este versículo (1 João 5:7) tem dado lugar a séria controvérsia, afirmando uns e contradizendo outros a sua autenticidade. Um decreto do Concílio de Trento, confirmado no Concílio do Vaticano, fulmina com anátemas todo aquele que recusar aceitar como canônicas, em todas as suas partes, os livros sagrados contidos na versão Vulgata . . . Ora, não resta dúvida que este versículo faz parte integrante dum livro reputado como canônico, pois está inserto na edição de Sisto V e Clemente VIII, que proibiram mutilar qualquer parte, fosse qual fosse. . . Os testemunhos mais graves e os monumentos mais respeitáveis da tradição eclesiástica consideram canônico este versículo, podendo citar-se S. Cipriano, S. Fulgêncio, S. Eugênio, bispo de Cartago, o herege Prisciliano, Cassiodoro, no seu comentário às epístolas apostólicas, etc. Além destes testemunhos valiosos extrínsecos, temos os intrínsecos, que não são de menor valia. Truncando-se este versículo fica uma lacuna inexplicável, não haveria relação entre os antecedentes e conseqüentes. Considerar este versículo como uma interpolação é acusar de fraude todos os bispos de África, o que seria imputação temerária. Que vantagem lhes adviria daí, se o seu caráter não excluísse a hipótese do logro? Refutar os Arianos? De que lhes servia a invenção dum texto novo, falso, desconhecido pela antiguidade, tendo de discutir como homens que conheciam a Sagrada Escritura? É certo que este versículo se não encontra em muitos manuscritos gregos, mas a explicação é fácil, é um erro de cópia trivialíssimo, visto que as palavras do versículo seguinte: são exatamente as mesmas. Foi uma inadvertência, um saldo natural de quem copiava. Modernamente pois não tem faltado críticos ortodoxos que consideram o versículo 7 como uma glosa explicativa do versículo seguinte, e entre estes citaremos Rude, Shortz, Kauben, Guntner, Bispina, Shauz, Comely e outros, apresentando razões de valor, entre as quais não se ter a Igreja pronunciado sobre o assunto, não ser decisivo o testemunho e tradição, e restabelecer-se o sentido, considerado o versículo em questão como uma nota."

A Bíblia de Jerusalém, tradução católica, traz a seguinte nota, bem mais consentânea como a Crítica Textual:

"O texto dos Vv. 7-8 está acrescido na Vulgata de um inciso (aqui abaixo entre parênteses) ausente nos antigos mss. gregos, nas antigas versões e nos melhores mss. da

Vulg., e que parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto: 'Porque há três que testemunham (no Céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra): o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só'."

Traduções modernas, baseadas no texto original, a tem omitido com muita razão.

Em virtude dos fatos aqui apresentados e seguindo orientação superiora, como do Comentário Bíblico Adventista, este texto nunca deverá ser usado para provar a existência da trindade.

Edições do Novo Testamento Depois de Erasmo

Mais de trinta edições do Novo Testamento apareceram rapidamente depois das edições de Erasmo.

A primeira edição completa da Bíblia em Grego foi impressa pela famosa Editora Aldine em 1518, na cidade de Veneza.

Quando o surgimento da imprensa, as Escrituras ou parte delas, tinham sido traduzidas em menos de 20 línguas. Desde então o progresso na tradução e divulgação da Bíblia tornou-se notável. A tradução de Lutero, em 1534, fez com que a Bíblia se tornasse o livro mais popular da Alemanha. Dentro de pouco tempo a Palavra de Deus estava traduzida para o espanhol, eslavo, árabe, polonês, dinamarquês, inglês, sueco, húngaro, islandês e finlandês.

Depois de 1800 as versões da Bíblia se multiplicaram nas línguas e dialetos mais importantes do mundo.

Dentre os tradutores da Bíblia destacam-se:

- a) John Eliot, que na América do Norte a traduziu para a língua dos índios;
- b) Guilherme Carey, um dos tradutores mais notáveis do mundo, pois fez e ajudou a fazer a tradução para 35 línguas e dialetos da Índia.

Muito contribuíram para a disseminação da Palavra de Deus através do mundo a organização de várias sociedades bíblicas.

A Apostila *Fuentes Bíblicas* página 80-91 fornece-nos úteis informações sobre estas sociedades, que aqui tomamos a liberdade de sintetizá-las.

FUNÇÕES DAS SOCIEDADES BÍBLICAS

Estas funções são múltiplas, pois não consistem apenas na publicação da Bíblia, sem visar lucro; mas, angariar os fundos para a prossecução do trabalho; selecionar pessoas capazes para a preparação de novas versões; escolher elementos que incentivem a disseminação da Bíblia em diferentes países, etc.

As mais destacadas sociedades bíblicas são as seguintes:

1. SOCIEDADE BÍBLICA DE CANSTEIN

Nome derivado do título de seu promotor – Karl Hildebrand – Barão de Canstein, Foi organizada na cidade alemã de Halle em 1710 (segundo outros em 1712).

Sua importância se baseia nestas duas proposições:

- a) Distribuiu 6.000.000 de exemplares da Palavra de Deus;
- b) Foi a precursora de uma linha notável de idênticas beneméritas sociedades.

2. SOCIEDADE BÍBLICA BRITÂNICA E ESTRANGEIRA

Em 1802 o Reverendo Thomas Charles, sentindo a escassez de Bíblias, lançou a idéia de uma entidade que promovesse a sua publicação. Em resposta ao seu anelo, no dia 7 de março de 1804, mais de 300 pessoas de distintas denominações se reuniram em Londres para a Organização da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

Durante os primeiros anos de sua história publicou edições francesas e castelhanas da Bíblia, que se destinaram ao uso de 30.000 prisioneiros de guerra dessas nacionalidades. Atualmente publica as Escrituras completas ou parcialmente em quase 400 línguas distintas.

3. SOCIEDADE BÍBLICA AMERICANA

Por influência das agradáveis notícias da Sociedade Britânica, várias sociedades locais foram organizadas nos Estados Unidos. A primeira delas foi em Filadélfia em 1808. Após 8 anos seu número chegou a 128, Percebendo as vantagens de unir todas estas sociedades o Sr. Elias Boudinot, Presidente da Sociedade Bíblica de Nova Jersey fez um apelo neste sentido. Atendendo ao seu apelo representantes de 28 sociedades locais se reuniram em Nova Iorque em maio de 1816, organizando a Sociedade Bíblica Americana.

Embora não tenha tido as mesmas proporções da Britânica, publica a Bíblia em mais de 80 idiomas.

4. OUTRAS SOCIEDADES CONHECIDAS

- a) A Sociedade Bíblica Prussiana, fundada em 1814;
- b) A Sociedade Bíblica dos Países Baixos, iniciada em 1815;
- c) A Sociedade Bíblica da Escócia, cooperando para divulgação da Palavra de Deus desde 1861;
- d) A Sociedade Bíblica da Irlanda e outras.

Além das sociedades acima mencionadas há ainda um número considerável de sociedades menores, sendo o seu número superior a 80.

Existem também casas editoriais particulares que publicam a Bíblia.

- a) A da Universidade de Oxford;
- b) A da Universidade de Cambridge;
- c) Waterlow & Sons Limited, de Londres;
- d) Samuel Bagster e Filhos.

O vulto do trabalho realizado por estas sociedades é realmente impressionante. Apenas algumas cifras elucidativas.

Segundo uma estatística de 1912, o número de Bíblias ou partes da Bíblia distribuídas em 1911 foi de 16 milhões de exemplares. A sociedade Bíblica Americana no primeiro século de sua existência distribuiu 109.926.214 Bíblias ou algumas de suas partes, destas 23.456.549 foram completas.

Aproximadamente já foram editadas, até 1955, pelas Sociedades Bíblicas, nada menos do que 1.000.000.000 (um bilhão) de exemplares ou porções das Sagradas Escrituras.

Exemplares completos alcançam o número de 190.000.000 desde 1804. Durante o ano de 1955 somente a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira distribuiu 7.830.000 exemplares.

De acordo com o relatório de dezembro de 1949 da Sociedade Bíblica Americana, a Bíblia completa tinha sido publicada em 190 línguas, o Novo Testamento completo em 245, um Evangelho ou outro livro da Bíblia em 581; porções selecionadas em 92 línguas, um total de 1.118 línguas em que pelo menos, parte da Bíblia foi publicada.

Em nossos dias a Bíblia pode ser lida em quase todas as línguas do mundo. Não podemos fixar o número exato de traduções, porque os algarismos variam conforme os autores. As Sagradas Escrituras estão traduzidas para línguas das quais talvez nunca ouvimos falar, como o malgaxe e o ouolof.

A Sra. Ellen G. White escreveu em *O Grande Conflito* páginas 287 e 288 o seguinte:

"Quando se formou a Sociedade Britânica, a Bíblia havia sido impressa e circulara em cinquenta línguas. Desde então foi traduzida em mais de duas mil línguas e dialetos. ...

"Os aperfeiçoamentos da imprensa deram impulso à obra da circulação da Escritura Sagrada. As ampliadas facilidades de comunicação entre os diferentes países, a ruína de antigas barreiras de preconceitos e exclusivismo nacional, e a perda do poder secular pelo pontífice de Roma, têm aberto o caminho para a entrada da Palavra de Deus. Há anos a Bíblia tem sido vendida sem restrições nas ruas de Roma, e atualmente está sendo levada a cada parte habitável do globo.

"O incrédulo Voltaire jactanciosamente disse certa vez: 'Estou cansado de ouvir dizer que doze homens estabeleceram a religião cristã. Eu provarei que basta um homem para suprimi-la.' Faz mais de um século que morreu. Milhões têm aderido à guerra contra a Escritura Sagrada. Mas tão longe está de ser destruída que, onde havia cem no tempo de Voltaire, há hoje dez mil, ou antes, cem mil exemplares do Livro de Deus. Nas palavras de um primitivo reformador, relativas à igreja cristã, a 'Bíblia é uma bigorna que tem gasto muitos martelos'. Disse o Senhor: 'Toda a ferramenta preparada contra ti, não prosperará; e toda a língua que se levantar contra ti em juízo, tu a condenarás.' Isa. 54:17.

" 'A Palavra de nosso Deus subsiste eternamente.' 'Fiéis [são] todos os Seus mandamentos. Permanecem firmes para todo o sempre; são feitos em verdade e retidão.' Sal. 111:7 e 8. O que quer que seja edificado sobre a autoridade do homem será destruído; mas subsistirá eternamente o que se acha fundado sobre a rocha da imutável Palavra de Deus."

O TEXTUS RECEPTUS – SEUS DEFENSORES E OPOSITORES

Recebe o nome de "Textus Receptus" o texto grego que dominou, no campo do estudo do Novo Testamento por mais de 300 anos. Este texto é também conhecido pelos nomes de Texto Recebido ou Texto Grego Vulgarizado.

Como foi visto no capítulo anterior, no início do século XVI dois grandes eruditos – o Cardeal Ximenes e Erasmo – lançaram-se à ingente tarefa de publicar o Novo Testamento em grego, procurando unificar os vários textos gregos existentes.

Para a boa compreensão da história do "Textus Receptus" é preciso partir do famoso editor francês Roberto Estéfano (1503-1559), que publicou quatro edições do texto grego. Sua terceira edição (1549) é o primeiro texto onde aparece um aparato crítico. Foi esta edição que se tornou o modelo para a King James Version de 1611 e até o século XIX foi o paradigma de todos os textos gregos publicados. A sua quarta edição (1551) não pode ser olvidada na história do texto bíblico, porque pela primeira vez aparece a divisão em versos numerados.

Embora a expressão "Textus Receptus" se refira à terceira edição de Estéfano, esta não foi usada por ele.

Outro nome intimamente ligado com o "Textus Receptus" é o de Teodoro Beza (1519-1605), que entre 1565 e 1604 publicou nove textos bíblicos. O texto de Beza pouco difere da quarta edição de Estéfano. A importância do seu trabalho consiste no seguinte: suas edições visavam popularizar o "Textus Receptus". Os tradutores de King James fizeram largo uso das edições de Beza.

Em 1624, os irmãos Elzevirs, impressores alemães, lançaram uma edição do Novo Testamento Grego, em cujo texto predominava o de Estéfano, mas havia também um pouco do texto de Beza. No prefácio da segunda edição se encontravam as seguintes palavras: "No texto que é agora recebido por todos, não apresentamos nada mudado ou alterado." A expressão "Textus Receptus" nasceu desta mesma frase em latim: "Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus." Os autores desta simples frase jamais sonhariam que ela fosse o início de uma grande contenda na história do texto bíblico.

Edições Posteriores ao "Textus Receptus" – Edições Críticas

O próximo estágio na história da Crítica Textual do Novo Testamento é caracterizado por assíduos esforços para reunir manuscritos gregos, versões e citações patrísticas, que diferissem do "Textus Receptus". Por quase dois séculos, eruditos rebuscaram as bibliotecas e museus da Europa e Oriente Médio, procurando provas para o texto do Novo Testamento. Durante este período, estudiosos publicaram Novos Testamentos baseados em melhores manuscritos, Brian Walton, que publicou a grande Bíblia Poliglota (1657) baseada no exame de 16 manuscritos. John Mill, também de

Oxford, trabalhou 30 anos no preparo de sua edição de 1707, baseando-se em manuscritos, versões e Pais da Igreja.

Bentley, empregando em vários lugares pessoas capazes para confrontarem manuscritos e versões, reuniu material para uma definitiva edição que suplantasse o "Textus Receptus", mas, infelizmente, por questões alheias à sua vontade, não chegou a completar sua edição do Novo Testamento.

Entre os colaboradores de Bentley estava J. J. Wettstein de Basiléia, que após quarenta anos de pesquisas publicou em Amsterdam (1751) uma edição do Novo Testamento. Sua obra tem grande valor até hoje, não apenas pelas notas marginais e os seus prolegômenos (prefácio longo a uma obra científica), mas também pelo aparato crítico, onde pela primeira vez os manuscritos unciais são indicados pelas letras maiúsculas e os manuscritos minúsculos pelos números arábicos,

Pertencem ainda a esta fase Semler (1725-1791) e Bengel (1687-1752), que individualmente publicaram uma edição do Novo Testamento Grego. Estes Novos Testamentos estavam baseados em manuscritos diferentes daqueles que foram usados para o "Textus Receptus". Contudo eles divergiram daquele texto e os apresentados por eles poucas variantes apresentavam relacionadas com o texto consagrado.

Declínio do "Textus Receptus"

O primeiro erudito a se opor frontalmente ao "Textus Receptus" foi o alemão Karl Lachmann (1793-1851).

Seu objetivo ao editar o Novo Testamento não era reproduzir o texto original, pois ele cria ser isso uma tarefa impossível, mas procurar reconstruir o texto corrente no fim do IV século. Para isso usou manuscritos unciais primitivos, versões latinas, a Vulgata de São Jerônimo e o testemunho de alguns Pais da Igreja. Após cinco anos de trabalho, publicou em Berlim (1831) uma edição do texto grego, com uma lista de passagens nas quais diferia do texto dos irmãos Elzevirs. Por esta divergência foi duramente atacado. No prefácio de sua segunda edição Lachmann atacou seus críticos por preferirem, cegamente, um texto familiar, mas inferior, a um primitivo muito mais exato.

Seu valor está em chamar a atenção dos estudiosos para a conveniência de aceitarem um texto superior e não se contentarem com aquele, tradicionalmente conhecido e aceito por todos.

Constantino Tischendorf

Ninguém conseguiu fazer mais pelo texto bíblico do que este autor. Quando estudava teologia, seu professor de grego, Winer (autor de uma famosa gramática) despertou nele um desejo profundo para pesquisar manuscritos antigos, a fim de reconstruir a mais perfeita forma do Novo Testamento Grego. Com este objetivo em mente, dedicou-se de corpo e alma a esta sublime tarefa, pois escrevendo à sua noiva

ele declarou: "Resolvi dedicar-me a uma tarefa sagrada – a luta para conseguir a forma original do Novo Testamento."

Sem receio de contestação pode-se afirmar que ninguém fez mais do que Tischendorf para restaurar o texto original grego. Basta ter em mente que foi a pessoa que publicou mais manuscritos e produziu mais edições críticas da Bíblia Grega.

Entre 1841 e 1842 ele preparou oito edições do Novo Testamento Grego. A edição mais importante é a oitava, publicada em dois volumes, acompanhada por um rico Aparato Crítico, no qual Tischendorf reunia tudo sobre variantes textuais que ele ou seus predecessores tinham achado em manuscritos, versões e Pais da Igreja. Em virtude do grande esforço despendido, seu estado de saúde não lhe permitiu continuar o trabalho, por isso sua obra foi completada por seu discípulo – Gaspar Renê Gregory.

O texto de sua oitava edição, de acordo com Nestle difere da sétima em 3.572 lugares. Foi acusado de dar excessivo valor à evidência do Códice Sinaítico, que ele tinha descoberto entre o lançamento da sétima e da oitava edição.

Tischendorf deixou de lado o "Textus Receptus", não levando também em conta a classificação dos manuscritos em famílias.

Samuel Tregelles

Na Inglaterra, o intelectual mais bem sucedido em afastar-se do "Textus Receptus" foi Samuel Tregelles. Desde menino, demonstrando grande talento e curiosidade intelectual, já fazia planos para uma nova edição crítica do Novo Testamento. No intervalo de 1857 e 1872 publicou um texto grego equipado com o mais completo aparato de variantes das versões que já aparecera.

Dotado de extraordinária força de vontade, Tregelles conseguiu vencer a pobreza, a oposição e a saúde precária, apresentando notável trabalho no terreno da Crítica Textual. Sua dedicação ao trabalho era um ato de adoração, pois no prefácio de sua obra declarou "na crença total de que esta deve ser para o serviço de Deus e para ser útil à Sua Igreja."

Westcott e Hort

Estes dois intelectuais ingleses, após um dedicado trabalho de 28 anos publicaram dois volumes: O Novo Testamento no Original Grego com Introdução e Apêndice, onde os princípios críticos seguidos por ele são minuciosamente expostos.

Depois de exaustivas pesquisas na procura de manuscritos antigos, os estudiosos desejaram classificá-los em grupos, assim várias tentativas foram feitas, mas quase todas infrutíferas quanto aos seus resultados. Coube a B. F. Westcott e F. J. A. Hort, dois renomados professores da Universidade de Cambridge, a classificação dos manuscritos do Novo Testamento em quatro famílias, por eles denominadas: Siríaca, Ocidental, Alexandrina e Neutra.

Para eles a mais importante destas famílias era a neutra, por estar mais próxima dos autógrafos e por contar com os dois mais famosos códices unciais – Sinaítico e

Vaticano. A preferência de Westcott e Hort por esta família é partilhada por insígnies vultos da Crítica Textual, mas, estudos posteriores têm indicado que eles foram otimistas demais quanto à pureza do texto neutro. Pode-se notar ainda que o texto Alexandrino não é distinto do texto neutro, por isso, hoje, aparece como Alexandrino.

A Defesa do "Textus Receptus"

Os defensores deste discutido texto tornaram-se tão fanáticos, que não admitiam que ele fosse alterado ou melhorado. Aqueles que ousaram divergir foram tachados de irreverentes e sacrílegos.

Sendo que Westcott e Hort rejeitaram totalmente o texto tradicional, suas idéias não foram bem aceitas pelos conservadores. Em breve, intelectuais se levantaram como denodados paladinos do texto aceito por todos durante 300 anos. Dentre esses defensores destacam-se Scrivener, Edward Miller e John Burgon. O argumento principal destes estudiosos em defesa do "Textus Receptus" era este: "Se as palavras da Escritura tinham sido ditadas pela inspiração do Espírito Santo, Deus não teria permitido que elas fossem corrompidas no decurso de sua transmissão." Os argumentos apresentados em defesa do "texto recebido" não tiveram a ressonância que eles esperavam e após a morte deles esta polêmica foi para sempre encerrada.

Edições Gregas Após Westcott e Hort

A) Herman Von Soden: (1852-1913)

Graças ao apoio financeiro da Sra. Elise Koenigs, Von Soden, professor em Berlim, pôde enviar muitos estudantes que tinham sido treinados por ele para examinarem manuscritos nas bibliotecas e museus da Europa e do Oriente Médio. Ele identificou três grupos de manuscritos, designando-os pelas letras gregas K, H, I. Estas letras são iniciais das seguintes palavras: K de koinê – comum, H de Hesíquio e I de Siríaco de W. H.; O H incluiria o Neutro e o Alexandrino de W. H., enquanto o I equivaleria ao Ocidental dos dois professores da Universidade da Universidade de Cambridge.

Discordando da classificação dos manuscritos em unciais e minúsculos e do agrupamento em famílias de W. H., idealizou nova classificação que indicasse a idade, conteúdo e tipo de cada manuscrito. Por ser um trabalho complexo, difícil de ser aceito na prática, redundou num grande desapontamento para a Crítica Textual, por isso foi totalmente posto de lado.

Como resultado de suas pesquisas e de seus muitos auxiliares, Von Soden publicou a História do Texto Bíblico em 2.203 páginas de seus prolegômenos. Este trabalho, resultado de prolongada investigação e intensivo estudo, tem sido descrito como um magnífico fracasso.

B) Bernard Weiss (1827-1918)

Enquanto professor de Exegese Grega, em Berlim, editou o Novo Testamento em três volumes. Sendo um profundo exegeta tratou com eficiência de problemas teológicos e literários do texto do Novo Testamento.

Seu trabalho se caracteriza pela valorização das evidências internas, discordando assim de Westcott e Hort, que se apoiavam em evidências externas, concordando, porém, com eles em classificar o manuscrito Vaticano como o melhor.

Weiss discorda também dos defensores da teoria genealógica na classificação dos manuscritos bíblicos.

C) Eberhard Nestle (1851-1913)

A edição do Novo Testamento Grego mais amplamente usada, foi preparada por Nestle, através da Sociedade Bíblica de Stuttgart (1898). Seu texto é baseado em uma comparação dos textos editados por Tischendorf, Westcott e Hort e Weiss. A obra de Nestle representa o aperfeiçoamento do texto do fim do século XIX. Sendo notável pela síntese maravilhosa do Aparato Crítico e pela precisão da grande soma de informações textuais, sua edição tem sido muito apreciada.

Uma nova edição do Novo Testamento Grego de Nestle foi planejada, quando a Sociedade Bíblica Britânica comemorou seu sesquicentenário (1954). O texto foi preparado por Kilpatrick, com a ajuda de Erwin Nestle e Kurt Aland (Londres – 1958). Houve mudanças numa 20 passagens e diversas alterações na ortografia, acentuação e no uso de parênteses.

D) Nova Edição para os Tradutores da Bíblia.

Em 1966, após uma década de trabalho por uma Comissão Internacional, cinco Sociedades Bíblicas publicaram uma edição do Novo Testamento Grego com a finalidade de ser usada pelos tradutores da Bíblia.

As edições do Novo Testamento Grego, aqui apresentadas, são as mais importantes, mas o seu número exato desde 1514 até nossos dias é difícil de ser avaliado. Bruce, cuja autoridade em problemas de crítica textual ninguém discute, calcula que mais de mil edições já apareceram.

A FORMAÇÃO DO CÂNON

A palavra cânon, desde a sua etimologia, até o atual sentido de conjunto de livros da Bíblia, conserva o sentido de medida diretiva ordenadora.

O termo grego "Cânon" é de origem semítica, pois em hebraico "ganeh", significa regra, régua para medir, varinha direita.

O grego clássico acentua o sentido figurado da palavra e cânon designa a vara, o nível, o esquadro, o braço da balança, norma, padrão, depois a meta a ser atingida, a medida infalível. Aristóteles chama o homem bom de cânon ou métron da verdade. Em português o termo é usado também no sentido de norma, como nesta frase de Aquilino Ribeiro. "Havendo fugido ao cânon da beleza consagrada."

Na linguagem profana a idéia essencial da palavra é de linha reta ou direita, como se conclui de outras palavras que têm a mesma raiz: cana, canal, canhão.

Dentre os prelados da igreja aparece um grupo chamado de cónegos, porque estes deveriam conformar-se com as regras da fé e do procedimento.

Os cristãos do II século denominavam os ensinamentos sagrados da seguinte maneira: "o cânon (regra) da Igreja", "o cânon da fé", "o cânon da verdade." Estas expressões nos fazem compreender porque os Pais da Igreja utilizaram a palavra para designar tudo quanto serve de fundamento à religião, regra da fé e da verdade e por fim o livro que contém as normas diretivas para uma correta vida cristã. Em meados do quarto século toda a coleção dos livros sagrados passou a ser designada como o cânon. Foi Atanásio quem lhe deu, pela primeira vez, este nome. A princípio a palavra cânon designava apenas a lista dos livros sagrados, mas depois passou a designar os próprios escritos, indicando assim que as Escrituras são a regra de ação investida com autoridade divina.

No Novo Testamento a palavra aparece em 5 passagens: Gálatas 6:16; II Coríntios 10:13, 15, 16 e Filipenses 3:16 (esta última não aparece em todos os manuscritos

gregos, como indica o Aparato Crítico). Em Gál, 6:16, Paulo a usou no sentido grego de "uma regra", mas que em sentido religioso seria "norma da verdadeira vida cristã."

O SDABC, vol. I, pág. 36, declara:

"Uma compreensão correta da história da Bíblia e a coleção de seus livros não somente é de grande interesse para o leitor da Palavra de Deus, mas é necessária para refutar as falsas alegações dos que estão influenciados em seu pensamento pela alta crítica. Desde que, às vezes, se tem afirmado que a coleção dos livros do Antigo Testamento foi feita pouco antes do ministério de Jesus Cristo, ou no Concílio Judeu de Jânia, depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, no ano 70 DC, é necessário conhecer os fatos para ver a falácia de tais afirmações."

Cânon do Velho Testamento

Este estudo envolve algumas perguntas que tanto podem ser feitas para o Velho Testamento quanto para o Novo Testamento, tais como:

- Quem organizou o cânon?
- Como foi ele organizado?
- Quando foi feito este trabalho?
- Por que foi feito?

Nas explicações que se seguem são encontradas de maneira bem explícita ou latente respostas para cada uma destas inquirições.

No sentido religioso canonizar um livro significa:

- 1º) Reconhecimento de que o seu ensino era divino;
- 2º) Conseqüente aceitação que o escrito possui autoridade religiosa reconhecida por uma comunidade ou pelos seus dirigentes.

Como os Livros Foram Canonizados?

Foi um processo de acrescentamento gradual. E a divisão em Lei, Profetas e Escritos confirma esta afirmação. Foi o resultado do trabalho de um conjunto de pessoas. Não foi a autoridade eclesiástica que o criou, esta apenas sancionou e fixou a coleção de escritos que vinham sendo reconhecidos como divinos.

Por Que Foi Feito?

Porque Deus orientou Sua Igreja diante das necessidades prementes, como o aparecimento de heresias e de livros não inspirados.

O cânon reduzido de Marcion mostrou a necessidade de uma coleção de todos os livros inspirados do Novo Testamento.

A difusão do cristianismo entre outros povos indicou a indispensabilidade de se traduzir a Bíblia para outras línguas. Como fazer se os vários livros ainda não se encontravam definitivamente fixados.

Quem Organizou o Cânon?

Muitos livros fazem referências à "A Grande Sinagoga" um Conselho, do qual Esdras era o presidente, e que incluía entre os seus 120 membros, Neemias, Ageu, Zacarias, Malaquias, Daniel e Simão o Justo. Embora o Talmude atribua a ratificação do cânon hebraico aos membros desta sinagoga, alguns eruditos afirmam que a Grande Sinagoga não passa de uma lenda que surgiu no século XVI, sendo ela o produto de uma ficção rabínica.

Quase todos os estudiosos deste assunto concluem que Esdras e Neemias colecionaram os livros sagrados do Velho Testamento e fecharam o cânon, entre os anos 430 e 420 a.C. Alguns autores mais precisos fixam a data em 432 a.C.

Isto é evidente das seguintes conclusões:

- a) Os livros históricos da Bíblia registram acontecimentos que se realizaram até o sexto e quinto séculos a.C. e não mais tarde;
- b) O historiador Flávio Josefo (70 S.D.) em sua catilinária Contra Ápion 1: 8 nos afirma que os judeus no tempo de Cristo estavam convictos de que o cânon tinha sido fixado no tempo de Esdras e Neemias.

No livro *Profetas e Reis*, página 609, há esta elucidativa explicação:

"Os esforços de Esdras para reavivar o interesse no estudo das Escrituras receberam forma permanente, graças ao seu laborioso e constante esforço no sentido de preservar e multiplicar os Sagrados Escritos. Ele reuniu todos os exemplares da lei que pôde encontrar, mandando-os transcrever e distribuir. A Palavra pura, assim multiplicada e posta nas mãos de muitos, proveu o conhecimento que era de inestimável valor."

Na mesma sátira Contra Ápion, já citada acima, Josefo apresenta a teoria dos judeus sobre o cânon, cujas principais características são:

- 1ª) Inspiração divina;
- 2ª) A santidade objetiva dos livros, comparados com a literatura profana;
- 3ª) A limitação numérica em 22 livros (os 24 livros se originaram da separação de Rute de Juízes, e de Lamentações de Jeremias;
- 4ª) A inviolabilidade do texto. Todos os escritos teriam sido compostos entre Moisés e Artaxerxes I (falecido em 424 a.C.).

Os judeus haviam estabelecido outros princípios para os livros do Velho Testamento figurarem ou não no cânon, e estes eram:

- a) Estar em conformidade com a Lei;
- b) Ter sido escrito na Palestina;
- c) Redigido na língua hebraica.

Alguns estranham que Flávio Josefo fale em 22 livros e não em 24 como normalmente são citados para o cânon do Velho Testamento.

O cânon apresentado por Josefo divide os livros do Antigo Testamento em três partes: 5 livros de Moisés, 13 livros dos profetas e 4 livros contendo hinos e regras de vida. Orígenes também fala em 22 livros. O próprio Jerônimo também se refere a 22 livros, mas conhece o arranjo que leva a 24 livros.

Parece-nos pelo estudo feito que os 22 não foram divididos para chegar a 24, mas estes agrupados para terem apenas 22. Conclui-se que o intuito de Josefo era o mesmo de alguns rabinos, de obterem uma correspondência entre o número dos livros e o das

letras do alfabeto hebraico. Para chegar a 22 anexaram o livro de Rute a Juízes e as Lamentações ao de Jeremias. Como o alfabeto hebraico tem mais cinco letras finais, não faltou quem contasse 27 livros, fazendo para isso subdivisões em Reis, Esdras e outros livros.

A divisão que temos hoje de 39 livros tem sua origem na Septuaginta, tradução do hebraico para o grego.

Os judeus dividiam os 24 livros em seções:

1ª) A Lei (Torah), contendo os primeiros cinco livros, que os Setenta chamaram de Pentateuco: a) Gênesis, b) Êxodo, c) Levítico, d) Números, e) Deuteronômio.

2ª) Os Profetas (Nebilim), num total de oito livros, subdivididos em:

- a) Quatro antigos ou anteriores – Josué, Juízes, Samuel e Reis;
- b) Quatro posteriores – Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze profetas menores num só livro.

3ª) Os Escritos (Ketubim), chamados no texto grego "hagiógrafos" (escritos sagrados) são formados de três grupos, num total de 11 livros:

- a) Livros Poéticos – Salmos, Provérbios e Jó;
- b) Os Cinco Megilotes (rolos) – Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester;
- c) Os outros livros – sem uma nomenclatura específica – Daniel, Esdras e Neemias, Crônicas.

Os judeus modernos gostam de designar sua Bíblia com a palavra TeNaK, vocábulo criado com a aproximação das letras iniciais das três partes: T de Torá, N de Nebilim e K de Ketubim.

A Alta Crítica afirma que a divisão do cânon nestas três partes, indica três estágios diferentes ou períodos de tempo de canonização. Para ela o Pentateuco foi canonizado depois do exílio Babilônico, 432 a.C., nos dias de Esdras e Neemias; os profetas foram canonizados entre 300 e 200 a.C.; os Escritos o foram no período de 160 a 150 a.C. O cânon completo foi oficialmente ratificado em 90 A.D. pelo Concílio de Jânia.

Estas asseverações nos fazem lembrar das palavras de Ellen G. White em *Atos dos Apóstolos*, página 474:

"Como nos dias dos apóstolos os homens procuravam destruir a fé nas Escrituras pelas tradições e filosofias, assim hoje, pelos aprazíveis sentimentos da 'alta crítica', evolução, espiritismo, teosofia e panteísmo, o inimigo da justiça está procurando levar as almas para caminhos proibidos. Para muitos a Bíblia é uma lâmpada sem óleo, porque voltaram suas mentes para canais de crenças especulativas que produzem má compreensão e confusão. A obra da 'alta crítica', em dissecar, conjecturar, reconstruir, está destruindo a fé na Bíblia como uma revelação divina."

A divisão em três partes não visa indicar três fases da canonização, mas antes a posição oficial ou a ocupação de seus autores, 1ª) A parte inicial é obra do grande legislador do povo de Israel. 2ª) A segunda parte foi redigida por pessoas escolhidas por Deus para o sublime trabalho de profetizar. 3ª) A terceira parte foi produzida por homens privilegiados com o dom profético, mas que se dedicavam a outros trabalhos, como Davi, Salomão, Esdras, Neemias e Daniel.

A divisão do Antigo Testamento em três partes foi confirmada pelo próprio Cristo. . . importava que se cumprisse tudo o que de Mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos, que é o primeiro livro da terceira divisão. (Lucas 24:22).

No texto grego da Septuaginta, o cânon do Velho Testamento foi dividido em quatro seções:

- 1ª) A Tora, a Lei, ou seja o Pentateuco, com os cinco primeiros livros;
- 2ª) Os livros históricos – de Josué até Crônicas e mais outros como Esdras, Neemias, Ester;
- 3ª) Os livros poéticos – Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares;
- 4ª) Os livros proféticos – os quatro maiores, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e os doze menores.

Cristo e os apóstolos aceitaram o cânon do Velho Testamento, como se pode deduzir de inúmeras passagens: Luc. 24:44, João 5:46-47, II Tim. 3:15-16, II Ped. 1:19, 21. A Igreja Cristã também aceitou todos os 24 livros canônicos do Velho Testamento. Destes livros não foram citados no Novo Testamento apenas os seguintes: Ester, Eclesiastes, Esdras, Neemias, Obadias, Naum e Sofonias.

Comentando o problema do cânon do Velho Testamento na igreja cristã, afirma o Comentário Bíblico Adventista, vol. I, página 45:

"A história do cânon do Velho Testamento na igreja cristã, centraliza-se na questão a propósito da aceitação ou rejeição da Apócrifa Judaica. Posto que estes livros fossem rejeitados pelos apóstolos e escritores cristãos até a metade do 2º século, e na verdade mesmo pelos próprios judeus, estes escritos espúrios desafortunadamente encontraram acolhida na igreja cristã aí pelo fim do 2º século. Desde esse tempo, nunca mais foram banidos da Igreja Católica. Os reformadores tomaram firme posição para rejeitarem a Apócrifa, mas após a sua morte os livros apócrifos acharam entrada mais uma vez em algumas igrejas protestantes, contudo foram finalmente rejeitados pela maioria delas no século XIX."

Uma das provas mais cabais da aceitação do cânon do Velho Testamento pelos escritores do Novo encontra-se nas seguintes afirmações do Dr. Siegfried H. Horn, encontradas no Comentário Bíblico Adventista, vol. I, página 42:

"O autor deste artigo contou 433 claras citações no Novo Testamento, e achou que 30 dos 39 livros do Velho Testamento são definitivamente citados. Os nomes de 10 livros ou seus autores são mencionados em 46 passagens do Novo Testamento, a inspiração de 11 livros do Velho Testamento é reconhecida pela citação introdutória com as palavras de que seu autor era Deus ou o Espírito Santo, e o termo escrito é aplicado em 21 passagens de 11 livros do Velho Testamento, enquanto 73 declarações do Velho Testamento são introduzidas pelo termo técnico "está escrito".

Mais de uma vez ouvimos a afirmação de que o sínodo de Jânia – cerca de 90 A.D., encerrou o cânon do Velho Testamento. Esta afirmação não corresponde à realidade, porque dentre os dois problemas principais ventilados neste Concílio, um dizia respeito a alguns livros, que certos eruditos achavam que não deviam estar incluídos no cânon. Este concílio defendeu a canonicidade de quatro livros contra os ataques da "Escola de Shammai", que não queria que eles figurassem entre os demais. Os livros eram os seguintes:

- a) Ester, por não fazer menção do nome de Deus;
- b) Cantares, por ser considerado por muitos mero canto de amor;
- c) Eclesiastes, por causa do espírito pessimista que permeia o livro;
- d) Provérbios, por possuir capítulos de autores desconhecidos.

Cânon do Novo Testamento

As mesmas perguntas já formuladas quanto ao cânon do Velho Testamento podem ser repetidas aqui:

– Quem coligiu os escritos?

A igreja cristã crê firmemente que foi o Espírito Santo que orientou os servos de Deus dos primeiros séculos na seleção dos livros neotestamentários.

Convém recordar que os primeiros cristãos que constituíam os diversos núcleos ou igrejas da Palestina, da África, da Ásia Menor, de Roma, etc., acreditavam que a volta de Cristo seria para breve, por isso não se preocuparam em registrar por escrito os empolgantes acontecimentos relacionados com a vida de Cristo e Seus sublimes ensinamentos. Os apóstolos e primeiros discípulos perpetuavam, sobretudo, a tradição oral composta quase exclusivamente de fatos da vida de Jesus. Com o correr do tempo, foram, naturalmente, compostos escritos fragmentários, que divulgaram palavras de Jesus (as Logias) e outros, mais cuidados e ampliados, que assinalavam fatos, milagres, acontecimentos da vida de Jesus.

Os livros do Novo Testamento foram surgindo sem desígnio, sem previsão, sendo coligidas as palavras de Jesus, as narrações de Sua vida, os atos dos apóstolos, as cartas apostólicas, o livro de Apocalipse.

Embora haja intermináveis controvérsias concernentes a data em que foram escritos alguns livros do Novo Testamento, os estudiosos parecem estar mais ou menos de acordo que o primeiro livro escrito foi I Tessalonicenses em 51; e em 96 ou 97 João escreveu o Apocalipse.

É questão também muito aceitável entre os eruditos que o Evangelho de Marcos é o mais antigo, escrito entre os anos 65 e 67. São Mateus data aproximadamente do ano 70. Lucas mais ou menos, dessa mesma época e João na última década do primeiro século.

F. F. Bruce, no livro *Merece Confiança o Novo Testamento?* atribui as seguintes datas às epístolas paulinas: Gálatas 48 A.D., I e II Tessalonicenses 50, Filipenses 54, I e II Coríntios 54-56, Romanos 57, Colossenses, Filemon e Efésios 60, aproximadamente.

As Epístolas Pastorais, em virtude do seu conteúdo, são posteriores às paulinas 63-64.

De acordo com a Crítica Textual, e esta idéia é aceita pela maioria dos comentaristas – Mateus e Lucas se abeberaram em Marcos, o primeiro Evangelho a ser escrito, mas recolheram material de outras fontes, como o notável documento "Q" (do alemão Quelle, fonte). Este documento "Q" original nunca foi encontrado, mas o

notável exegeta Harnack tentou reconstituí-lo. É bom notar que há neste sentido muitas conjecturas baseadas em tradições.

Note bem: Outras idéias e datas são apresentadas e também as conhecemos, como por exemplo que o livro de Mateus foi o primeiro Evangelho escrito e que João escreveu o seu Evangelho depois do Apocalipse, etc, etc.

Não há aqui afirmações definidas e taxativas.

Influência de Márcion Sobre o Cânon

O mais antigo catálogo de livros neotestamentários de que temos conhecimento direto, foi elaborado em Roma pelo herege Márcion, cerca do ano 140 A.D. O desafio dos mestres heréticos, especialmente Márcion, que rompeu com a Igreja de Roma cerca de 150 D.C., serviu de estímulo e de motivo para a Igreja tomar consciência da necessidade de fixar o cânon.

Márcion, não compreendendo bem os ensinamentos paulinos, pregava uma doutrina de dois deuses: o Deus do Antigo Testamento: Justo, o Criador, juiz severo dos homens; Jesus, superior ao Deus Justo, enviado para libertar os homens da escravidão àquele Deus. Cristo foi crucificado através da malícia do Deus Justo. Por crer neste dualismo rejeitou o Deus do Velho Testamento e também o cânon desta parte da Bíblia. O cânon apresentado por ele à Igreja consistia apenas do Evangelho do Lucas, purificado de todas as citações do Antigo Testamento e de dez epístolas paulinas, deixando fora I e II Timóteo e Tito. Para ele apenas Paulo tinha sido o único e verdadeiro apóstolo de Cristo.

Mesmo dos livros conservados em seu cânon ele removeu todas as frases que pareciam favorecer o Deus do Velho Testamento. Foi o primeiro cristão a fazer parte da Alta Crítica. Afirmava ele: "Eliminemos a lei e fiquemos apenas com a graça!" E como os cristãos primitivos apreciavam a idéia, Márcion exercia grande influência sobre eles. Justino Mártir afirmou que quinze anos após a publicação do seu cânon e de seu livro Antítese ele possuía seguidores ao redor do mundo.

Márcion nasceu numa localidade chamada Ponto. Tertuliano escreveu o seguinte a respeito desse lugar:

"Habitam ali os povos mais ferozes. .. Suas mulheres preferem a guerra ao casamento, e, o clima é tão rude como o povo. Nada, porém, é tão bárbaro e atroz, em Ponto, como o fato de Márcion haver nascido ali." (Contra Márcion 1:1).

Por causa de suas idéias heréticas foi excomungado pelo próprio pai, que era bispo. Foi cognominado por Policarpo como sendo o primogênito de Satanás.

Além da heresia marciana houve outros movimentos discordantes com os ensinamentos escriturísticos, como o docetismo, o gnosticismo e o montanismo, que levaram a igreja primitiva a apressar a catalogação dos livros sagrados.

O cânon do Novo Testamento foi ainda criado para proteger os escritos dos apóstolos de muitos escritos apócrifos. A partir do fim do segundo século A. D. a igreja começou a organizar o verdadeiro cânon cristão. O documento mais antigo e mais importante que mostra isto é o chamado Fragmento Muratoriano, escrito mais ou

menos no ano 200 (esta é a data aceita, porque seu autor diz que o Pastor de Hermas não podia ser lido na Igreja, por ter sido escrito recentemente), mas descoberto somente em 1740 por Muratori.

Este documento apontava a como livros correntemente aceitos, os quatro Evangelhos, Atos, treze Epístolas de Paulo, três Epístolas de João, uma Epístola de Judas, duas de Pedro e o Apocalipse de São Pedro (este considerado apócrifo mais tarde).

Os responsáveis pela organização do cânon do Novo Testamento tiveram como norma e inspiração os livros canônicos do Antigo Testamento. Neste trabalho houve um processo de seleção efetuado por meio de agentes humanos, mas inspirados pelo Espírito Santo.

Antes da existência do Volume Sagrado, cada livro, individualmente, circulou pelas comunidades cristãs, para que estas fizessem um trabalho de seleção, baseado no seu autor, na qualidade literária e no seu conteúdo intrínseco.

No início o cânon se preocupava com os livros que contavam a história de Cristo, por isso os quatro Evangelhos e Atos dos Apóstolos foram os primeiros a serem reconhecidos como sagrados, inspirados por Deus, porém, a aprovação dos Evangelhos abriu caminho para a aceitação das Epístolas.

Divergências na Introdução de Alguns Livros

Houve uma profunda polêmica a propósito da introdução de alguns livros no cânon do Novo Testamento, como II Pedro, I e II João, Tiago, Hebreus, Judas e Apocalipse. De todos estes foi o Apocalipse o que ofereceu maior dificuldade para ser enumerado no Cânon Eclesiástico. Aqueles que se opunham a introdução destes livros criaram um termo para esta discussão – Antilegômena, isto é, debatido, contestado, controvertido.

Hebreus foi difícil ser colocado no cânon por crerem alguns que seu autor não era Paulo, mas esta idéia é contestada por outros. Finalmente foi colocado porque os estudiosos concluíram que o livro possui profundo valor espiritual.

Nem todas as cartas de Paulo foram publicadas, mas as que foram são suficientes para o qualificarem como o mais produtivo autor do Novo Testamento.

Fixação do Cânon

De acordo com F. F. Bruce:

"Os primeiros passos no sentido da formação de um cânon de livros cristãos havidos como dotados de autoridade, dignos de figurar ao lado do cânon do Velho Testamento, a Bíblia do Senhor Jesus e Seus apóstolos, parecem haver sido tomados por volta do começo do segundo século, época em que há evidência da circulação de duas coleções de escritos cristãos na Igreja." (*Merece Confiança o Novo Testamento?* p. 31).

O quarto século viu a fixação definitiva do cânon dentro dos limites a que estamos acostumados, tanto no setor Ocidental como no Oriental da cristandade. Apenas no quarto século é que o termo cânon passou a designar os escritos sagrados.

Numa carta de Atanásio, a trigésima nona, do ano 367, dirigida a seus bispos, está uma lista dos livros da Bíblia, a primeira a conter os 27 livros do Novo Testamento como os temos hoje. Destes ninguém deveria tirar, nem a eles acrescentar coisa alguma. Esta carta foi muito importante para as igrejas gregas no Oriente, quanto à aceitação do cânon, e sua influência logo se fez sentir na Igreja Latina, pois sabemos que as Igrejas do Oriente e do Ocidente divergiam quanto aos livros canônicos. Assim o Apocalipse de João era aceito no Ocidente, mas não no Oriente, Hebreus e Tiago eram aceitos no Oriente, mas não no Ocidente. Jerônimo e Agostinho acataram a orientação dada por Atanásio.

O cânon apresentado por Atanásio prevaleceu sobre o de Euzébio de 26 livros e obteve a vitória final daí por diante.

Os Concílios de Hipona (393) ao norte da África e o de Cartago (397), ratificaram este cânon, proibindo o uso de outros livros pelas igrejas, como Didaquê, Pastoral de Hermas e Epístola de Barnabé.

Foi a Igreja, que guiada por Deus, formou o cânon, determinando depois de longos debates que livros deveriam ser rejeitados e que livros deveriam ser recebidos.

Crítérios Para a Canonização

De modo sintético os critérios usados para a canonicidade foram os seguintes:

- 1ª) Inspiração dos livros que estavam sendo considerados, I Pedro 1:21. Após a leitura do livro, este era julgado pelo próprio conteúdo.
- 2ª) Catolicidade do livro. Escrito para todas as pessoas da época. Deveria também ser conhecido universalmente, isto é, ter sido aceito por todas as igrejas.
- 3ª) Coerência na doutrina. Graças a este critério alguns livros foram deixados de fora.
- 4ª) Apostolicidade do Escrito. Deveria ser de fonte apostólica ou de assessor direto do apóstolo.

Quatro Evangelhos ou Um?

Desde o fim do segundo século os Pais da Igreja sentenciaram que só existe um único evangelho, por isso, devemos dizer: Evangelho "segundo" São Mateus, "segundo" São Marcos, "segundo" São Lucas, "segundo" São João, a fim de bem assinalar que se trata de um único comunicado aos homens, segundo manifestações diversas.

Livros Não Introduzidos no Cânon

Até meados do quarto século alguns livros eram agregados aos demais do Novo Testamento, mas que posteriormente foram retirados como nos provam manuscritos antigos.

O Códice Sinaítico, mais ou menos do ano 350 A.D., incluía a Epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas, obra escrita mais ou menos no ano 110. O manuscrito Alexandrino contém a Primeira e a Segunda Epístolas de Clemente. A colocação destes escritos é uma prova de que naqueles idos lhe atribuíam certo grau de canonicidade.

Pela leitura atenta da Bíblia se conclui da existência de outros livros que se perderam, mas estão mencionados nos livros canônicos. Dizem os eruditos, que destes pelo menos 16 foram citados em Josué 10:13; II Samuel 1:18; I Reis 4:32, 33; 11:41; 14:29; II Reis 1:18; I Crônicas 29:29; II Crônicas 9:29; 12:15; 20:34; 26:22; Judas 14, 15.

Estes livros foram escritos para situações especiais, com aplicações locais, e em virtude destas circunstâncias não foram introduzidos no cânon. Suas mensagens, embora úteis para necessidades locais, não foram reputadas de transcendental importância para as gerações futuras.

ORDEM CRONOLÓGICA DOS LIVROS DO VELHO TESTAMENTO

Leroy E. Froom

"A familiarização com a ordem cronológica dos livros do Velho Testamento é desejável, a fim de obter um acurado conhecimento do tempo ou colocação do ministério de cada profeta em relação com os movimentos e crises principais em Israel, juntamente com os das nações vizinhas.

Segundo as autoridades mais dignas de confiança, é geralmente aceito que o livro de Jó seja o mais antigo do Velho Testamento, escrito por volta do ano 1600 A.C.; e Malaquias, o último dos profetas do Velho Testamento a escrever, ao passo que Neemias provavelmente escreveu bem pouco antes de Malaquias – mais ou menos em 400 A.C.

JÓ. – "Antes que os primeiros poetas do mundo houvessem cantado, o pastor de Midiã registrou as . . . palavras de Deus a Jó." – *Educação*, pág. 158. A autoria de Moisés lhe é amplamente atribuída pelos exegetas. Supõe-se ser o mais antigo dos livros da Bíblia. A composição é inteiramente patriarcal. É inconcebível que, tratando do pecado, do governo divino e da relação do homem para com Deus, nenhuma alusão à lei e ao sistema mosaico nele aparecesse, se já estes houvessem sido dados. Quanto ao tempo, vem cronologicamente depois de Gênesis 11.

Há uniformidade da parte de todas as autoridades no tocante à ordem dos livros do Pentateuco, chamado pelos judeus "A Lei" ou "torah", a primeira seção dos sagrados escritos.

PENTATEUCO. – A autoria mosaica do Pentateuco é reconhecida por todos os exegetas conservadores. "O Pentateuco, como obra de Moisés, . . . formou uma divisão do cânon e em conformidade cronológica ocupou o primeiro lugar na coleção." – Davis. "Nas cópias do manuscrito, que antecedem a era da imprensa, a ordem dos livros da Torah . . . é universalmente a mesma:" – Margolis. Assim se chamavam eles: Gênesis (princípio das coisas); Levítico (Levitas, Sacerdotes, Leis e

Ordenanças); Números (Recenseamento e Peregrinações); e Deuteronômio (Repetição da Lei).

JOSUÉ. – Primeiro livro da segunda divisão judaica: "Os profetas" ou Nebilim, os quais, por sua vez, estão divididos em "Primeiros" (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e "Últimos." "A ordem . . . dos primeiros profetas é universalmente a mesma." Margolis, pág. 13. "Não há variação na . . . seqüência de Josué, Juízes, Samuel e Reis." Enciclopédia Judaica, vol. 3, pág. 144.

JUÍZES. – Este livro cita os nomes dos juízes que se levantaram para livrar a Israel do declínio na desunião que seguiram à morte de Josué. Registra sete apostasias, sete servidões a sete nações pagãs, e sete livramentos. Autor desconhecido, mas possivelmente Samuel.

RUTE. – O tempo dos eventos é afirmado ser "nos dias em que julgavam os juízes" (cap. 1:1). Deveria ser lido em conexão com a primeira metade de Juízes. A genealogia termina com Davi. Autor: possivelmente Samuel.

I e II SAMUEL. – No cânon hebraico os dois são considerados um só. I Samuel 1 a 24, escritos por Samuel; o restante, provavelmente por Natã e Gade (I Crôn. 29:29). Registam o estabelecimento do centro político de Israel em Jerusalém (II Sam. 5:6-12) e o centro religioso em Sião (II Sam. 6:1-17; comparar com o Cap. 5:17). Sião e Moriá eram eminências distintas. II Samuel marca a restauração da ordem por intermédio da entronização de Davi como rei. Com Samuel começa notável linha de profetas-escritores, que continua até Malaquias.

I e II REIS. – Também considerado outrora um livro em duas partes. Registam os reinados de todos os reis, de Salomão até o cativo. Elias, Eliseu, Jonas, Joel, Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Obadias, Naum, Jeremias, Sofonias e Habacuque profetizaram durante esse período. Também aparece dentro desse período um grupo inteiro de profetas orais. Não se descobre a identidade do autor, possivelmente tenha sido Jeremias.

I e II CRÔNICAS. – Semelhantemente, um só e livro no cânon judaico. Conquanto sejam principalmente uma repetição, suplementam o relato dos Reis, omitindo certos aspectos, mas apresentando registro mais completo de Judá e, por assim dizer, nenhuma história de Israel. Supõem muitos haver sido Esdras o compilador. O livro de Isaías já existia quando estes foram escritos (II Crôn. 32:32). Provavelmente o último dos livros históricos, com exceção de Esdras, Neemias e Ester. Fazem uma série de monografias de Natã, Samuel, Gade, Ido, Jeú e numerosos outros profetas orais. Cumpre observar que os eventos e seu registro nem sempre são sincrônicos, como no caso de Gênesis e Jó. As Crônicas são colocadas em último lugar no cânon judaico.

SALMOS. – O nome significa "louvores". Pertence à terceira seção conhecida entre os judeus por "Os Escritos" ou kethubhim. Muitos deles têm que ver com experiências especiais ou crises. Vinte e um se referem definidamente a episódios na história de Israel, desde Moisés até a Restauração. Davi é o autor da grande maioria, apesar de os títulos no alto dos capítulos atribuírem salmos a Moisés, Salomão, filhos de Asafe e Etã. Autoridades declaram que estes títulos são parte integrante dos salmos.

CANTARES DE SALOMÃO. – "Cânticos" é outro título. Este livro acha-se em todas as listas antigas. Atribuído a Salomão (Cap. 1:11).

PROVÉRBIOS – Pronunciados e compilados por Salomão. Ele os colocou em ordem. Os capítulos 25-29 foram transcritos no tempo de Ezequias. Os capítulos 30 e 31 são, respectivamente, de Agur e Lemuel.

ECLESIASTES – O nome significa "O Pregador", Indubitavelmente, foi escrito perto do fim da vida de Salomão, e trata do problema da vida.

JONAS. – Provavelmente o primeiro dos profetas "menores" (assim chamados porque seus escritos são mais curtos do que os dos profetas "maiores", e não por serem de menor importância, ou por haverem profetizado depois destes). Viveu e profetizou durante o reinado de Jeroboão II (II Reis 14:25).

JOEL. – Começa a grande era da composição poética. Um dos primeiros dentre os profetas "menores". Não existe indicação direta quanto à data. O peso da evidência haveria de colocá-lo pouco antes do ano 800 A.C. Possivelmente contemporâneo de Eliseu, e não muito distante do período de Oséias e Amós.

AMÓS – Escrito quando Uzias era rei de Judá e Jeroboão II, de Israel (Cap. 1:1). Ambos os monarcas tiveram reinados longos. Limitando sua profecia ao reinado destes reis, a data mais provável de sua autoria deve ser, aproximadamente, de 780-730 A.C.

OSÉIAS. – Contemporâneo mais novo de Amós, continuando até depois do cativeiro de Israel. Seu ministério foi longo. Profetizou no reinado de Uzias, João, Acaz e Ezequias, de Judá, e Jeroboão II, de Israel (Cap. 1:1). Uzias e Jeroboão foram contemporâneos por vários anos. Colocado entre os profetas menores em primeiro lugar, porque seu escrito é um dos maiores.

ISAÍAS – O primeiro dos profetas "maiores". A visão inaugural data do ano da morte de Uzias. Seus trabalhos se estenderam através de longo período – cerca de sessenta anos. Contemporâneo de vários profetas.

MIQUÉIAS. – Contemporâneo mais novo de Isaías (Cap. 1:1; comparar com Isa. 1:1). Profetizou antes da queda de Samaria (1:1 e 6; Jer. 26:18), e durante o reinado de Peca e Oséias, em Israel, e de Jotão, Acaz e Ezequias, em Judá,

NAUM. – Profetizou pouco antes da queda de Nínive, ou apenas bem pouco antes do ano 600 A.D. Relata a destruição de Nô-Amom (Tebas), ocorrida cerca de meio século antes dessa data.

SOFONIAS. – Viveu na primeira parte do reinado de Josias (Cap. 1:1) e foi contemporâneo, em parte, de Jeremias. Fala da destruição de Nínive como estando no futuro (2:13).

JEREMIAS. – Recebeu o chamado para profetizar quando ainda jovem, no décimo terceiro ano de Josias (1: 2), enquanto Sofonias estava proclamando mensagens vibrantes. Durante anos seus ensinamentos foram orais; então lhe foi ordenado que escrevesse (36:1 e 2). Trabalhou durante longo período – mais que quarenta anos. Contemporâneo de Habacuque, Ezequiel e Daniel. Testemunhou o fim de Judá e a queda de Jerusalém.

LAMENTAÇÕES. – Hinos fúnebres de Jeremias, quando em meio às ruínas de Jerusalém, e testemunhando-lhe a subversão, com a alma comovida à vista dessa desolação.

HABACUQUE. – Profetizou nos últimos anos de Josias, na véspera do cativeiro, isto é, pouco antes de 600 A.C.

EZEQUIEL. – Levado para Babilônia durante a segunda parte do cativeiro, no reinado de Joaquim (cap. 1:2), pouco depois da deportação de Daniel. Profetizou durante vinte e dois anos (1:2 e 29:17). Contemporâneo de Jeremias e Daniel.

DANIEL. – Levado para Babilônia durante o reinado de Jeoaquim (1:1). Profetizou durante o período do cativeiro. Contemporâneo de Ezequiel e Jeremias. Provavelmente, sua profecia foi colocada entre "Os Escritos" porque, embora Daniel tivesse o dom de profecia, não exercia oficialmente o cargo de profeta. "Em todos os catálogos dos escritos do Velho Testamento, fornecidos pelos primeiros Pais, até o tempo de Jerônimo, Daniel é classificado entre os profetas, geralmente na posição que ocupa na versão comum. Na Versão dos Setenta, também é classificado entre os profetas, depois de Ezequiel. . . . O lugar designado a Daniel não foi, pois, . . . , o que teve no período precedente ou o que ocupou originalmente." – McClintock e Stong.

OBADIAS. – É difícil precisar a data: antes ou pouco depois da queda de Jerusalém. As evidências internas dão preferentemente crédito à última.

ESDRAS – História parcial da restauração depois do Exílio. Primeiramente unido a Neemias como um só livro, em duas partes. Cronologicamente, segue pouco depois de Daniel. Abrange a História desde a queda de Babilônia até 456 A.C., ao passo que Neemias narra os eventos ocorridos até perto de 432 A.C. Evidentemente, o cânon foi organizado no tempo de Esdras.

AGEU – Profetizou aos restantes depois do Exílio, a data exata é o segundo ano de Dario (1:1).

ZACARIAS – Começou logo depois de Ageu (comparar o Cap. 1:1 com Ageu 1:1), e certamente sobreviveu a seu contemporâneo. A primeira data que aparece no livro é o segundo ano de Dario (1:1 e 7); a última, é o quarto ano do reinado do mesmo rei (7:1).

ESTER – Cronologicamente, o livro segue Esdras 6. Os eventos deram-se no reinado de Xerxes I, entre as duas expedições. Autor desconhecido.

NEEMIAS – Provavelmente escreveu pouco antes de Malaquias, seu contemporâneo. Continua e completa o registro de Esdras. O uso da primeira pessoa denota sua autoria.

MALAQUIAS – O último dos profetas do Velho Testamento que se dirigiu aos restantes vindos do exílio, como Neemias é o último dos historiadores desse período. Contemporâneo de Esdras e Neemias. Profetizou durante a ausência deste último que estava na Pérsia." (Este artigo foi publicado na Revista Adventista, novembro de 1971, págs. 4-6).

O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

I – Divisão Judaica (24 livros)

A LEI (Torah) (5-Pentateuco)	OS PROFETAS (Nebilim) (8)	
Gênesis	Anteriores (4)	Posteriores (4)
Êxodo	Josué	Isaías
Levítico	Juízes	Jeremias
Números	Samuel (I, II)	Ezequiel
Deuteronômio	Reis (I, II)	12 Prof. Menores
		Oséias Naum
		Joel Habacuque
		Amós Sofonias
		Obadias Ageu
		Jonas Zacarias
		Miquéias Malaquias

OS ESCRITORES (Hagiógrafos) (Ketubim) (11)

Poéticos (3)	Profético (1)
Salmos	Daniel
Provérbios	
Jó	
Históricos (2)	
Esdras	
Neemias	
Rolos (5)	
Cantares	
Rute	
Lamentações	
Eclesiastes	
Ester	

II – Divisão Cristã (39 livros)

A LEI (Torah) (5-Pentateuco)	HISTÓRICOS (12)	POÉTICOS (6)
Gênesis	Josué	Jó
Êxodo	Juízes	Salmos
Levítico	Rute	Provérbios
Números	I e II Samuel	Eclesiastes
Deuteronômio	I e II Reis	Cantares
	I e II Crônicas	Lamentações
	Esdras	
	Neemias	
	Ester	

PROFÉTICOS (16)**Maiores (4)**

Isaías
Jeremias
Ezequiel
Daniel

Menores (12)

Oséias
Joel
Amós
Obadias
Jonas
Miquéias
Naum
Habacuque
Sofonias
Ageu
Zacarias
Malaquias

DIVISÃO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO**EVANGELHOS (4)**

Mateus
Marcos
Lucas
João
(Mateus, Marcos e João
são chamados Sinóticos)

HISTÓRICOS (1)

Atos

EPÍSTOLAS (21)**Paulinas (14)**

Romanos
I, II Coríntios
Gálatas
Efésios
Filipenses
Colossenses
I, II Tessalonicenses
I, II Timóteo
Tito
Filemon
Hebreus

Universais (7)

Tiago
I e II Pedro
I, II, III João
Judas

PROFÉTICO (1)

Apocalipse

OS LIVROS APÓCRIFOS

O termo apócrifo, é comumente usado para a coleção de 14 ou 15 livros ou partes de livros que em algum tempo foram colocados entre os livros do Velho e do Novo Testamentos.

Para nós designa os livros que não faziam parte do Cânon Hebraico, que não são inspirados, porém, foram anexados à Septuaginta e à Vulgata Latina.

Etimologicamente a palavra significa oculto, escondido longe. É uma das palavras que tem sofrido várias transformações semânticas, pois seu sentido tem variado com o tempo e com diferentes grupos sociais que a têm empregado. Nos dias de Jerônimo designava a literatura "falsa", isto é, não inspirada.

O vocábulo tem sido usado diferentemente por estudiosos católicos e protestantes. Para os protestantes apócrifo significa que o livro não fazia parte do cânon hebraico, portanto não inspirado, enquanto os católicos designam estes livros como deutero-canônicos e denominam de apócrifos os livros que os estudiosos protestantes chamam pseudo-epígrafos.

Estes livros foram escritos durante os dois últimos séculos A.C. e no primeiro século A.D.

A literatura apócrifa é uma importante fonte, não apenas para o conhecimento da história, cultura e religião dos judeus, mas também utilíssima para nossa compreensão dos acontecimentos intertestamentários.

Nossos opositores, por vezes, afirmam que as Bíblias protestantes são incompletas, falsas, por não possuírem os livros apócrifos; por isto este assunto precisa ser bem estudado, para que se possa dar uma resposta correta e autorizada sobre este problema. Uma atenta comparação entre esses livros e os textos inspirados, reconhecidos unânime e universalmente pela Igreja de Deus, desde sempre, mostra a profunda e radical diferença que há entre os primeiros e os segundos, no assunto, no estilo, na autoridade e até nos idiomas usados. Só em 15 de abril de 1546 se lembrou a Igreja Católica Romana, pelo Concílio de Trento, de incluir esses livros no cânon Bíblico, como inspirados, impondo-os assim aos seus fiéis. São livros de leitura histórica edificante e úteis como subsídio aos estudos das antigüidades religiosas judaicas.

A estudiosa obreira bíblica, Mary E. Walsk, coligiu as principais razões para a rejeição dos apócrifos, por isso prazerosamente as transcrevemos:

Razões da Rejeição dos Livros Apócrifos

I – Escritos Inspirados e Não Inspirados

1. A razão porque 66 livros da Bíblia se harmonizam entre si é que a mesma mente divina inspirou a cada escritor. Se, por exemplo, João tivesse escrito algo que não concordasse com as obras de Moisés, seríamos obrigados a rejeitar seu Evangelho, as Epístolas e o livro do Apocalipse.

2. Os primeiros livros constituem o critério para todos os outros chamados inspirados. Se as doutrinas dos livros apócrifos não concordam em cada ocasião com aquilo que Moisés escreveu, não devem achar-se no Cânon da Palavra Inspirada.

3. Os livros apócrifos ensinam doutrinas que são contrárias ao que Moisés e outros profetas escreveram. Por essa razão não foram colocados entre os outros livros do Velho Testamento, nos dias de Esdras.

4. Nem Cristo nem os apóstolos citaram os livros apócrifos. S. Jerônimo os rejeitou da Bíblia Latina, por não estarem escritos em hebraico.

5. A Igreja Católica, no Concílio de Trento, colocou os livros apócrifos no mesmo nível de igualdade com os outros livros inspirados da Bíblia. Todos aqueles que não aceitassem os apócrifos, como de igual autoridade com as Escrituras, seriam anatematizados (amaldiçoados) pela mesma igreja.

II – Os Apócrifos Não São Inspirados

Por que continua a Igreja Católica a apegar-se a estes escritos não inspirados? É porque suas doutrinas fictícias confirmam os falsos ensinamentos da igreja; como por exemplo as orações pelos mortos, as curas falsas, haver virtude em queimar o coração de um peixe para espantar os maus espíritos, dar esmolas para libertar da morte e do pecado, e a salvação pelas obras. Seguem-se algumas razões pelas quais rejeitamos os apócrifos:

1. Ensino da Arte Mágica:

Tobias 6:5-8. "Então, o anjo lhe disse: toma as entranhas deste peixe e guarde para ti seu coração, o fel e seu fígado. Pois são necessários para medicinas úteis. . . Logo, Tobias perguntou ao anjo e lhe disse: Eu te rogo, irmão Azarias, para quais remédios são boas essas coisas, que tu pediste separar do peixe. E o anjo, respondendo, lhe disse: Se puseres um pedacinho do seu coração sobre as brasas, seu fumo há de espantar toda a espécie de demônios, seja de um homem ou de uma mulher, de modo que não possam mais voltar a eles."

Tal ensino não se dá em nenhuma outra parte das Escrituras. O coração de um peixe não possui poder mágico e sobrenatural para espantar "toda a espécie de demônios." É inexplicável acreditar-se que Deus tivesse mandado a um de Seus anjos dar a Tobias ou a algum outro homem o conselho de praticar semelhante arte feiticeira.

Satanás não pode ser expulso por algum truque. Qualquer pessoa que pretenda usar alguma das artes aludidas para executar coisas sobrenaturais não procede de acordo com os 66 livros dos Escritos Inspirados.

S. Marcos 16: 17. Cristo afirma que Satanás seria expulso em Seu nome.

Atos 16:18. Paulo mandou o espírito sair da mulher em NOME DE JESUS CRISTO. Ela foi livrada do poder maligno. Tudo isso não se harmoniza com os escritos de Tobias.

2. Dar Esmolas Purifica do Pecado

Tobias 12:8, 9. "A oração é boa como o jejum e esmolas; é melhor do que guardar tesouros de ouro, pois, esmolas livram da morte, e é o mesmo que espia os pecados e conduz à misericórdia e vida eterna."

Se ofertas caridosas pudessem expiar os nossos pecados, não teríamos necessidade do sangue de Jesus Cristo.

I S. Pedro 1:18, 19. Somos salvos, não por coisas corruptíveis, como prata e ouro ou esmolas, mas pelo sangue precioso de Cristo. A doutrina da Igreja Católica é – "Obras de Satisfação."

Eclesiástico 3:33. "As esmolas rebatem os pecados." Não se atribui ao poder de Cristo, segundo essa frase, mas às obras. (S. Judas 24).

3. Pecados Perdoados pela Oração

Eclesiástico 3:4. "Quem amar a Deus, receberá perdão de Seus pecados pela oração."

Os pecados não se perdoam pela oração. Se fosse assim, não teríamos necessidade de Jesus. Todos os povos pagãos fazem orações, mas os pecados não se perdoam somente pela oração.

Prov. 28:1; 1 S. João 1: 9. A confissão e a renúncia do pecado por Jesus Cristo é o que ensina a palavra veraz.

I S. João 2: 1, 2. Cristo, nosso Advogado, pode perdoar o pecado.

4. Orações pelos Mortos

II Macabeus 12:42-46, "E, fazendo uma arrecadação, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém para ser oferecido um sacrifício pelos pecados dos mortos, e fez bem em pensar religiosamente na ressurreição, (pois, se não tivesse esperança que os que haviam sido mortos ressuscitassem novamente, haveria de ser supérfluo e em vão orar pelos mortos). E considerava que, os que haviam adormecido no temor de Deus, alcançaram para si muita graça. Portanto, é um pensamento santo e nobre orar pelos mortos para que sejam libertos dos pecados."

A Igreja Católica afirma que estes versículos lhe autorizam a doutrina do purgatório. Orações e missas pelos mortos são aceitas e o devoto católico crê nelas. Excede a imaginação a quantidade de dinheiro que afluí todos os anos aos cofres da igreja pelas missas em favor dos mortos. É uma fonte de grandes rendas.

5. Destino Selado por Ocasião da Morte

Atos 2:34. Consoante à Palavra de Deus, os mortos não vão ao lugar da recompensa. Davi, um homem segundo o coração de Deus, ainda não acendeu ao céu.

Isa. 38:18. Os mortos levados à sepultura "não esperarão em Tua verdade." Ao falecer alguém, seu destino está selado aqui e pela eternidade. Todas as preces e sufrágios dos vivos não lhe são de proveito.

Lucas 16:26. "E, além disso, está posto um grande abismo." Não há passagem ou graduação desde o lugar de sofrimento até às delícias do céu.

Isa. 8:20. São rejeitados os livros dos Macabeus por ensinar doutrinas contrárias às que se acham em outras partes da Bíblia. "À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva."

6. O Ensino do Purgatório

Sabedoria 3:1-4. "Mas, as almas dos justos estão na mão de Deus; e o tormento da morte não as tocará. Aos olhos dos ignorantes pareciam eles morrer e sua partida foi considerada desgraça. E, sua separação de nós, por uma extrema perda. Mas, eles estão em paz. E, embora aos olhos dos homens sofram tormentos, sua esperança está plenamente na imortalidade."

A Igreja Católica baseia a sua crença da doutrina do purgatório nestes versículos citados: "Embora aos olhos dos homens sofram tormentos, sua esperança está plenamente na imortalidade."

"Os tormentos" nos quais se acham os "justos", diz a Igreja, referem-se ao fogo do purgatório, onde os pecados estão sendo expiados.

"Sua esperança está plenamente na imortalidade", pois a igreja interpreta isso, declarando que após suficiente tempo de sofrimento no meio do fogo, poderão passar para o céu.

I S. João 1:7. Esse ensino aniquila completamente a expiação de Cristo. Se o pecado pudesse ser extinguido pelo fogo, não teríamos necessidade do nosso Salvador.

Trechos de Obras Católicas:

"Se pudéssemos contemplar essas boas almas no purgatório, não as esqueceríamos. Sedentas estão clamando enquanto nós estamos descansando e bebendo. O desassossego as tortura enquanto nós estamos dormindo. Nós folgamos, enquanto grandes dores as torturam. Fogo ardente as consome, enquanto nós estamos banquetecendo. Elas clamam por auxílio daqueles que outrora lhes eram caros. Imploram piedade, as orações e os sacrifícios que se prometeram."

"Pela oração suavizamos a agonia das almas no purgatório. Pelo sacrifício aceleramos a sua libertação. O que estamos nós como indivíduos, fazendo em favor de nossos mortos? É um dos mistérios da vida esquecermo-nos tão facilmente daqueles que nos precederam, enquanto devíamos lembrar-nos deles onde estão, visto estar à nossa disposição a mais eficaz ajuda. Segundo palavras do Concílio de Trento, 'há um purgatório e as almas nele são confortadas pelos sufrágios dos fiéis, especialmente pelo mais aceitável sacrifício do altar'. Lembremo-nos de nossos mortos pela missa. Mandemos rezar missas por eles." – Jesuit Seminary News, Vol. 3, n.º 9 (Nov. 15, de 1928), pág. 70.

7. O Anjo Relata uma Falsidade

Tobias 5:15-19. "O anjo disse-lhe (a Tobias): Guiá-lo-ei para lá (o filho de Tobias) e o farei voltar a ti. E Tobias lhe disse (ao anjo): Eu te rogo, diz-me, de que família ou de que tribo és tu? E Rafael, o anjo, respondeu: . . . Eu sou Azarias, o filho do grande Ananias. Respondeu-lhe Tobias: Tu és de uma grande família."

Se um anjo de Deus mentisse acerca de sua identidade, tornar-se-ia culpado de violação do nono mandamento.

S. Lucas 1:19. Confrontando esta declaração com o que está registrado no livro de Tobias, compreenderemos logo porque Cristo nunca Se referiu aos livros apócrifos.

8. Uma Mulher Jejuando Toda Sua Vida

Judith 8:5, 6. "E ela fez para si um aposento separado no andar superior de sua casa no qual vivia com suas servas. Seu vestido era de cabelo de crina e ela jejuava todos os dias de sua vida, com exceção dos sábados, das luas novas e demais festas da casa de Israel."

Esta passagem é parecida a outras lendas católicas romanas, com respeito a seus santos canonizados. Uma mulher dificilmente jejuaria toda sua vida, com exceção de um dia da semana e algumas outras ocasiões durante o ano. Cristo jejuou quarenta dias, porém não toda a Sua vida.

9. Outra Contradição Bíblica

Judith 9:2. "Ó Senhor Deus, do meu pai Simeão, a quem deste a espada para executar vingança contra os gentios."

Jesus não tinha nenhuma relação com o fato de ser dada "a espada para executar vingança" contra os habitantes de Siquém.

Gên. 34:30. Notemos o que Jacó, o pai de Simeão, disse, conforme se acha registrado em Gênesis: "Tendes-me turbado, fazendo-nos cheirar mal entre os moradores desta terra."

Gên. 49:5-7, ao estender a sua bênção antes de morrer, pronunciou uma maldição sobre Simeão e Levi, por seu ato cruel. Disse ele: 'maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura'. E, devido a isso, haviam de ser divididos e espalhados em Israel.

Rom. 12:19. A vingança pertence a Deus. É Ele quem há de recompensar.

Rom. 12:17. Não tornemos mal por mal. Simeão estava fazendo justamente o contrário. O livro de Judith deve ser colocado entre os livros não inspirados, e não deve ter lugar no Cânon.

10. A Imaculada Conceição

Sabedoria 8:19 e 20. "E eu era filho entendido e recebi uma boa alma. E, sendo que era mais entendido, cheguei a um corpo incontaminado."

Os católicos usam este texto para sustentar a sua doutrina que Maria nascera sem pecados.

S. Lucas 1:30-35. Houve somente um Ser de quem os Escritos Sagrados declaram que fora concebido imaculado e este Ser é nosso Salvador.

Salmo 51:5; Rom. 3:23. Essa asserção é outra das doutrinas que os livros das Escrituras Sagradas não apoiam.

11. Ensinos da Crueldade e do Egoísmo

Eclesiástico 12:6. "Não favoreças aos ímpios; retêm o teu pão e não o dês a eles."

Poderá alguém pensar que Deus havia de inspirar a algum homem a escrever semelhante conselho? Eis, o que está escrito:

Prov. 25:21, 22. "Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber, porque assim amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça, e o Senhor te retribuirá."

Rom. 12:20. O apóstolo Paulo, que teve de sofrer muito nas mãos de seus inimigos, citou essas palavras dos provérbios em sua epístola aos Romanos.

S. João 6:5. Certamente Cristo, quando andou neste mundo, alimentou a muitos de Seus perseguidores.

S. Mat. 6:44-48. Em Seu sermão da Montanha mencionou a regra cristã a ser seguida e explicitamente nos exorta a amar, abençoar e orar pelos nossos inimigos.

III – Fracassam as Provas para Apoiar os Apócrifos

Ainda há outras referências nos livros apócrifos para provar que sua origem não é divina. Mas, já foi dito suficiente neste estudo para vindicar a expulsão desses livros do Cânon de nossa Bíblia.

Isa. 8:20. "À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva."

(Transcrito de "O Pregador Adventista" maio-junho de 1950, pp. 16 a 19)

São Jerônimo, que foi o primeiro a usar o termo "apócrifo" rejeitou estes livros com toda a veemência, porque eles não se achavam na Bíblia Hebraica dos judeus. Diz ele que estes livros por não se acharem no cânon hebraico deveriam ser postos entre os apócrifos, e usados somente para edificação da Igreja e não para confirmar doutrinas. No livro *Our Bible and the Ancient Manuscripts* de Frederic Kenyon, páginas 84 e 87 há estas afirmações:

"Os livros apócrifos de Esdras, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, I e II Macabeus, juntos com as adições a Daniel e Ester, não foram traduzidos ou revisados por Jerônimo."

"Ele desejou rejeitar inteiramente os livros apócrifos, porque eles não tinham lugar na Bíblia Hebraica corrente. Ele realmente consentiu, relutantemente, em fazer uma rápida tradução do livro de Judite e Tobias, mas os demais ele os deixou intocáveis. Apesar de tudo isso, eles continuaram a achar lugar na Bíblia latina; e a Vulgata como adotada finalmente pela Igreja de Roma, contém estes livros na forma em que eles têm permanecido, antes dos dias de Jerônimo, na Velha Versão Latina."

Santo Agostinho que foi contemporâneo de São Jerônimo, pois viveu de 354 a 430 A.D., discordou frontalmente das idéias do autor da Vulgata, quanto aos livros apócrifos. O bispo de Hipona defendeu um cânon do Velho Testamento constituído de 44 livros, incluindo entre eles os apócrifos e alguns pseudepígrafos. Para ele apócrifo não significava "espúrio" ou "falso", mas simplesmente livros cujos autores eram desconhecidos.

Em 1562 a Igreja da Inglaterra declarou que os apócrifos podem ser lidos com proveito, mas não há neles autoridade doutrinária. Apesar da confissão de

Westminster, em 1643, que declarou como matéria de fé que os livros apócrifos não são de inspiração divina, algumas igrejas protestantes inseriram em suas Bíblias todos ou alguns destes livros. Só no século passado (1826) houve uma exclusão definitiva das edições publicadas pela Sociedade Bíblica. Os reformadores fundamentando-se na autoridade exclusiva da Palavra de Deus, rejeitaram os apócrifos, desde que a autenticidade destes livros se baseava na tradição.

Edições Bíblicas protestantes, como a Bíblia de Zurique e a Bíblia de Genebra, fizeram separação entre os livros canônicos e os apócrifos. Publicaram os apócrifos no fim do Velho Testamento, precedidos de algumas observações judiciosas:

"Aqui estão os livros que se acham enumerados pelos antigos entre os escritos bíblicos, e que não são encontrados no cânon hebraico . . . É verdade que eles não devem ser desprezados, porque contêm doutrinas úteis e boas. Ao mesmo tempo, é justo que o que foi dado pelo Espírito Santo, deve ter preeminência sobre o que veio do homem."

A igreja católica apegando-se a estes livros não inspirados porque eles sancionam alguns de seus falsos ensinos, como: oração pelos mortos, salvação pelas obras, a doutrina do purgatório, dar esmolas para libertar as pessoas do pecado e da morte.

Lista dos Livros Apócrifos

Embora haja muita divergência quanto ao número dos livros apócrifos, o Comentário Bíblico Adventista, vol. VIII, páginas 50-53, citando pela ordem em que eles aparecem na R. S. V, apresenta a seguinte lista:

1. O Primeiro Livro de Esdras;
2. O Segundo Livro de Esdras;
3. Tobias;
4. Judite;
5. Adições ao Livro de Ester;
6. A Sabedoria de Salomão;
7. A Sabedoria de Jesus o Filho de Siraque, ou Eclesiástico;
8. Baruque;
9. A Carta de Jeremias;
10. A Oração de Azarias e o Canto dos Três Jovens;
11. Susana;
12. Bel e o Dragão;
13. A Oração de Manassés;
14. O Primeiro Livro dos Macabeus;
15. O Segundo Livro dos Macabeus.

Os Sete Apócrifos Mais Importantes

Os sete mais importantes são: I e II Macabeus, Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruque. Os quatro primeiros são históricos; Sabedoria de

Salomão e Eclesiástico são poéticos, mas também chamados de Sapienciais, Baruque é profético.

Sinteticamente tratam dos seguintes assuntos:

Os livros de Macabeus contam a história da revolta contra a opressão síria, liderada pela família dos Macabeus.

Tobias é um conto para ilustrar o mérito de uma vida caritativa e virtuosa.

Judite é uma lição de patriotismo, na ação destemida de uma viúva judia, que se serviu dos artifícios de sua beleza para assassinar o general do exército inimigo.

Sabedoria é um louvor à sabedoria de Deus. O autor se apresenta na pessoa de Salomão. É certamente uma ficção literária, Foi escrito no primeiro século a.C.

Eclesiástico – em grego chamado "Sabedoria de Jesus, Filho de Siraque", é um compêndio de ética. O texto original se perdeu; resta a tradução grega.

Baruque – profeta quase completamente desconhecido.

Há belos trechos nos livros apócrifos, como estas passagens do Eclesiástico, capítulo 26, onde se exalta a alegria pujante da vida conjugal.

"Feliz o marido que tem uma mulher virtuosa, ele dobra o número dos seus dias. A mulher valorosa é a delícia de seu marido, que desfruta seus dias em paz. Uma mulher virtuosa é uma boa sorte, que é concedida a quem teme a Deus: rico ou pobre tem o coração contente e o rosto sempre alegre."

"A graça de uma mulher alegra o marido e o saboreio nela fortalece os ossos dele.

Dom de Deus é uma mulher calada, e não há nada que valha uma mulher bem educada.

Graça sobre graça é uma pudica mulher, e não há preço que iguale uma casta alma.

O sol brilha no alto dos céus, e a beleza de uma mulher virtuosa adorna sua casa."

Apócrifos do Novo Testamento

Os apócrifos do Novo Testamento não constituem nenhum problema, porque são rejeitados por todas as igrejas cristãs.

Não podíamos esperar algo diferente diante da fragilidade de seus escritos. Basta citar um exemplo do Evangelho de São Tomás:

"Jesus atravessava uma aldeia e um menino que passava correndo, esbarra-lhe no ombro. Jesus irritado, disse: não continuarás tua carreira. Imediatamente, o menino caiu morto. Seus pais correram a falar a José; este repreende a Jesus que castiga os reclamantes com terrível cegueira."

Este relato, que não se coaduna com a sublimidade dos ensinamentos de Cristo, é suficiente para provar que este evangelho é espúrio.

Os Judeus perceberam que a inspiração profética terminara com Esdras. Esta é a conclusão a que chegamos através das palavras de Flávio Josefo.

"Desde Artaxerxes até os nossos dias, escreveram-se vários livros; mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que os precederam, porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas Escrituras. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram

encerradas, ninguém se atreveu a juntar-lhes ou tirar-lhes uma única sílaba; desde o dia de seu nascimento, todos os judeus são compelidos, como por instinto, a considerar as Escrituras como o próprio ensinamento de Deus, e a ser-lhes fiéis, e, se tal for necessário, dar alegremente a sua vida por elas." (Discurso Contra Ápion, capítulo primeiro, oitavo parágrafo).

Segue-se uma lista dos apócrifos do Novo Testamento apresentada pelo professor Benedito P. Bittencourt em seu livro *O Novo Testamento – Cânon, Língua, Texto*, pág. 45.

Apócrifos do Novo Testamento:

1. "Evangelhos: Evangelho segundo os Hebreus; Evangelho dos Egípcios; Evangelho dos Ebionitas; Evangelho de Pedro; Protoevangelho de Tiago; Evangelho de Tomé; Evangelho de Filipe; Evangelho de Bartomeu; Evangelho de Nicodemos; Evangelho de Gamaliel; Evangelho da Verdade.
2. Epístolas: I Clemente, As Sete Epístolas de Inácio; aos Efésios, aos Magnésios; aos Trálios, aos Romanos, aos Filadélfios, aos Esmirnenses e a Policarpo; a Epístola de Policarpo aos Filipenses; a Epístola de Barnabé.
3. Atos: Atos de Paulo; Atos de Pedro; Atos de João; Atos de André; Atos de Tomé.
4. Apocalipses: Apocalipse de Pedro; o Pastor de Hermas; Apocalipse de Paulo; Apocalipse de Tomé; Apocalipse de Estêvão.
5. Manuais de Instrução: Didaquê ou o ensino dos Doze Apóstolos; 2 Clemente; Pregação de Pedro.

Os vários "Atos" apócrifos estão repletos de fantasia. Um deles merece rápida referência, embora seja pura ficção, refiro-me ao Atos de Paulo, por apresentar um retrato imaginário, mas curioso de Paulo. Declara ser ele um "homem de pequena estatura, sobrancelhas sem separação, nariz avantajado, calvo, pernas arqueadas, de complexão forte, exuberante em graça, pois que às vezes parecia homem, às vezes revelava a face de um anjo."

OS PSEUDEPÍGRAFOS

São os livros escritos sob um nome fictício. Para outros são os escritos judaicos, extrabíblicos, não inspirados do Antigo Testamento.

São considerados de valor no estudo do cânon, e alguns estudiosos os incluem no mesmo grupo dos apócrifos.

Dentre os pseudepígrafos destacam-se:

1) O Livro de Enoque.

A crítica textual não tem condições de localizá-lo exatamente em determinada época, mas deve pertencer ao período de 200 a.C. e as primeiras décadas do primeiro século da nossa era.

De uma coisa temos certeza: este livro trouxe uma contribuição especial ao conceito do Messias celeste e o Filho do Homem.

2) A Assunção de Moisés.

Deve ter sido publicado no tempo de Cristo e procura narrar a história do mundo, em forma de profecia, desde Moisés até ao tempo do autor.

3) Os Oráculos Sibilinos.

São obras judaicas que, à imitação das profecias pagãs de Sibila, pretendem divulgar o pensamento hebraico entre os gentios.

4) O Livro dos Jubileus.

É um comentário sobre Gênesis, frisando que a Lei foi observada desde os mais remotos tempos. Recebe este nome pelo fato de dividir a história em períodos jubileus, isto é, quarenta e nove anos (sete semanas de anos).

5) O livro dos Segredos de Enoque (II Enoque).

Descreve pormenorizadamente os sete céus e antecipa em mil anos o reinado de Deus na terra.

6) O Apocalipse de Baruque.

Alguns o atribuem ao escriba de Jeremias.

Foi escrito, segundo os críticos, nas últimas décadas do primeiro século da nossa era.

7) O Apocalipse de Abraão.

É uma obra judaica com passos de literatura do cristianismo.

Pertence ao século I da nossa era.

8) Os Salmos de Salomão.

Coletânea de dezoito salmos, escrita por um fariseu, que viveu na segunda metade do primeiro século da era cristã.

O estilo é bastante semelhante ao dos Salmos que temos na Bíblia.

9) A Carta de Aristéias.

É interessante por informar-nos das supostas circunstâncias em que foi feita a tradução do Velho Testamento hebraico para o grego.

10) O III e IV Macabeus.

No III encontramos uma tentativa de massacre dos judeus no reinado de Ptolomeu Filopator.

O IV é um tratado filosófico ilustrando a tese do autor no caso dos mártires macabeus.

Embora haja referências a estes livros na Bíblia (II Tim. 3:8; Judas 9 e 14) não necessitamos aceitá-los como canônicos.

O Comentário Bíblico Adventista, vol. II, pág. 706, referindo-se a Judas 9 afirma: "A Asserção que Judas citou da Assunção de Moisés, não nos força a aceitar esta obra como inspirada. Se Judas citou deste livro, ele estava simplesmente fazendo uso de certo material concreto contido nele."

Paulo e Judas se utilizaram de ilustrações, como faz um pastor em nossos dias citando afirmações de Rui Barbosa ou Coelho Neto.

Estes livros, a exemplo dos apócrifos, são úteis por nos trazerem informações sobre o período intertestamentário.

A literatura pseudepígrafa foi produzida entre 200 a.C., e 200 A.D. com o objetivo de encorajar e consolar a nação judaica durante as invasões dos sírios e romanos.

Observação: Escritores católicos chamam estes livros de apócrifos, desde que os nossos apócrifos para eles são deuterocanônicos.

Nota. Para estudo mais aprofundado sobre a literatura apócrifa e pseudepígrafa recomendamos o livro *O Período Interbíblico* de Eneas Tognini.

O TALMUDE

O Talmude é uma compilação de estudos, reunidos desde o tempo de Esdras até o sexto século de nossa era, contendo leis, poesias, orações, ritos, sermões, folclore, regras sobre o procedimento, mas especialmente comentários escriturísticos. Outra definição bastante sintética é esta: Talmude é um repositório de leis judaicas.

O termo Talmude vem do hebraico Lamad = aprender, vindo a significar depois ensino, instrução, estudo.

Todo o Talmude não é mais do que um esclarecido comentário à Bíblia, continuando a ser grande força e fonte do judaísmo.

Talmude é a sua exposição autorizada, dir-se-ia um complemento necessário à própria Bíblia.

O seu estudo tem-se constituído em uma das grandes missões dos judeus. Todos procuram nele a luz interna que ilumina e santifica os princípios bíblicos. Tem tido, através de todas as épocas os seus comentadores, muitos deles notáveis e célebres.

A preocupação com a lei, sua exposição e comentário é unta das notas tônicas em todas as páginas do Talmude.

Há dois talmudes: um elaborado em Babilônia e outro na Palestina. O da Palestina é conhecido pelo nome de Jerusalém e foi terminado no ano 400 A.D., enquanto o talmude de Babilônia, sendo mais completo, se concluiu cerca do ano 500 da nossa era.

A edição principal do Talmude Babilônico foi publicada em Veneza, entre os anos 1522 e 1523, em 12 volumes, sendo todas as edições posteriores reproduções exatas desta edição. O de Jerusalém foi publicado pela primeira vez também em Veneza, em 1523.

Os talmudes estão escritos em aramaico. O de Babilônia em dialeto oriental e o de Jerusalém no ocidental.

O Talmude consta de duas partes distintas: a primeira comum ao Babilônio e ao Palestiniano é a Mishná; a segunda é distinta, porque a parte realizada na Palestina tem o nome de Talmude, enquanto a elaborada em Babilônia é conhecida como Gemara (do aramaico – complemento).

A revista da Sociedade Bíblica "A Bíblia no Brasil", novembro e dezembro de 1980, págs. 22 e 23, trouxe um artigo de Ismael da Silva Júnior, que propicia melhor compreensão sobre este assunto. Leia-o com atenção:

O Talmude

"No início da Era Cristã, apareceu o Talmude, palavra hebraica que significa doutrinar, ensinar, interpretar, o qual nada mais é do que uma coleção de livros sagrados, preparados por alguns rabinos judeus, contendo um conjunto de leis, civis e religiosas, do povo descendente de Abraão.

Segundo alguns autores, o Talmude foi coligido em duas épocas diferentes. O primeiro volume por Judas e mais alguns rabinos hebreus. Esse Judas, cognominado o

Santo, era descendente de Gamaliel, mestre de Saulo de Tarso, que viveu no II século da era Cristã.

Concordando com o pensamento dos fariseus, os seus autores admitiram a existência de uma tradição oral, transmitida por Moisés a Josué, a quem sucedeu na direção do povo de Deus, quando demandava a terra de Canaã, conforme está registrado em Deut. 31:1 a 8; e, por ele, aos anciãos do povo. Estes, por sua vez, fizeram com que chegasse aos profetas e à Grande Sinagoga e, por fim, a Igreja dos Hebreus. É isso, em termos gerais, o que afirma o Mispa. Ele foi preparado em virtude da grande dificuldade que havia na interpretação das leis do Pentateuco, ou dos cinco primeiros livros das Escrituras Sagradas, escritos por Moisés, sob a inspiração direta do Espírito Santo de Deus, conforme está escrito em Êx. 17:14 e 24:4.

Mais tarde os comentários críticos e gramaticais, juntamente com os da Tradição foram reunidos em um só volume, recebendo o nome de Massorá, que significa Tradição.

"O Talmude está dividido em duas partes: Misná e Gemara.

1. O Misná, que significa segunda Lei, é o compêndio onde estão registradas as leis tradicionais, preparadas pelo rabino Judas, o Santo, como já citamos acima. Está escrito em hebraico castiço, embora, nele, apareçam algumas palavras aramaicas, gregas e latinas. Está dividido em seis capítulos:

I. Iezaím, dedicado à agricultura. Ensina o que deve ser feito para o bom cultivo da terra, apresentando, ainda, as principais regras para o pagamento dos dízimos e das ofertas alçadas;

II. Moede, que determina como devem ser observadas as comemorações das festas nacionais;

III. Machim, que é um código que dá instruções às mulheres acerca do casamento e divórcio;

IV. Nezequim, que estuda os males causados nos homens, nos animais, etc., contendo, ainda regras para as contribuições mercantis e demais contratos que devem ser feitos pelo povo hebreu;

V. Cadachim, que é consagrado às coisas santificadas, às ofertas e ao serviço do templo;

VI. Tcharote, que estuda as coisas limpas e imundas, regras para interpretar o Misná. Apareceram, então, os comentários que, reunidos em volume, deram origem ao segundo volume do Talmude, chamado Gemara.

2. O Gemara é também conhecido por suplemento ou ampliação do Talmude. Existem dois Gemaras: um, de Jerusalém, compilado na Palestina, em 450 A.D., e, outro na Babilônia, talvez 50 anos depois. O primeiro consta apenas de um volume e o segundo de doze volumes. Estes últimos são os mais aceitos pelos hebreus.

No Talmude, existem muitas coisas ridículas e absurdas. Maimonada, célebre rabino do século XIII, residente na Espanha, procurando harmonizá-las, fez dele um resumo, a que chamou Machaxacor, que quer dizer Mão Forte, e que é considerado um código das leis completas, apreciáveis não tanto pelo seu fundo, mas pelo seu estilo, por seu método e pela ordem das matérias nele apresentadas."

Há nestes livros leis que regulam cada ato da vida, algumas minuciosas e cansativas.

Seria interessante a transcrição de uma parte das Leis talmúdicas, relativas ao dia de sábado.

Estas leis são provenientes do livro *The Bridge Between the Testaments*, páginas 106-108.

"Vamos considerar as leis do Talmude quanto ao sábado. Todos os detalhes referentes a esse assunto abrangem no Pentateuco o espaço limitado de cerca de quatro páginas, de formato de oitavo. No Talmude requer isso 156 páginas duplas ou, em outras palavras, um espaço 300 vezes maior. Esta lei sabática consiste de 24 capítulos de regulamentos minuciosos e de ordenanças. Seu principal propósito é, comentar e definir aquilo que está escrito no quarto mandamento do decálogo, proibindo o trabalho no sábado. Mencionam-se trinta e três espécies de trabalhos proibidos. Em seguida, o Misná procura definir com exatidão escrupulosa em que consiste o 'trabalho' e o que pode ou não ser permitido.

Por exemplo 'carregar' algo é proibido. Após muita discussão foi determinado o máximo de peso que pode ser 'carregado' como talvez o de um figo seco. Mas, se fosse carregada a metade de um figo em duas ocasiões diferentes, reunir-se-iam estes dois atos para serem um só e seria isto pecado?

Numa outra parte se lê: Aquele que tiver dor de dentes não pode fazer bochecho com vinagre e lançá-lo fora, pois isso seria como se tivesse usado remédio. No entanto poderá bochechar com vinagre e logo tragá-lo, o que seria como se tivesse tomado alimento.

Regras minuciosas são dadas quanto ao vestuário a ser usado no sábado de manhã, para que não fosse usada alguma peça de vestimenta que induzisse a algum trabalho. A mulher não pode sair com seus adornos, prendedores, colares ou anéis, pois em sua vaidade poderia tirá-los e mostrar a alguma amiga e novamente colocá-los, o que seria 'trabalho' e por conseguinte, pecado.

Também estava proibido às mulheres olharem ao espelho no dia de sábado, pois poderiam descobrir algum fio de cabelo branco e querer arrancá-lo, o que seria um grave pecado.

Aos sábados somente haviam de ser comidos alimentos que foram preparados num dia da semana. Mencionam-se cerca de cinquenta casos semelhantes, nos quais os alimentos estavam proibidos. . . .

Era proibido 'atirar' algum objeto ao ar. Se o mesmo objeto havia sido atirado com a mão esquerda e fora apanhado com a direita, isso seria pecado? É uma interessante pergunta. Mas não havia discussão alguma quando o objeto fosse apanhado com a boca, pois nesse caso não haveria delito, sendo que se comeria o dito objeto que então desapareceria.

Quando pensamos que, segundo a norma da lei talmúdica, da qual apenas mencionamos pequena parte, tratando também dos contratos, jejuns, festas, injúrias, casamentos, díizimos e da higiene, tudo discriminado com semelhante minuciosidade,

podemos bem compreender porque Cristo declarou que eles tinham removido, por suas tradições, todo o significado da lei."

Outras Determinações Sobre o Descanso Sabático

Pode-se dobrar as roupas até quatro ou cinco vezes, e estender os lençóis nas camas durante a noite de sábado, para usá-los nesse dia, mas não no sábado para (usar) depois dele ser concluído.

Pode-se guardar alimentos para três refeições. Se ocorrer um incêndio na noite de sábado, pode-se salvar alimento para três refeições; se for de manhã, pode-se salvar alimento para duas refeições; à (hora de) minhah, alimento para uma refeição. Disse R. José: Em todo tempo podemos salvar alimento para três refeições.

Algumas disposições revelam claramente que havia divergência de opiniões. São especialmente dignas de nota algumas divergências entre as escolas iniciadas por Hillel e Shammai, doutores da lei que alcançaram fama no fim do primeiro século antes de Cristo:

- a) Regra de Beth Shammai (conservador): Não se deve vender (algo) a um gentio, ou ajudá-lo a carregar (um asno) . . . a menos que possa chegar a um lugar próximo; mas Beth Hillel o permite.
- b) Shammai insistia que ao conseguir pássaros para o sacrifício num dia de festa, a escada não podia ser mudada dum pombal para outro, mas somente de uma abertura a outra do mesmo pombal. Hillel (mais liberal), porém, permitia ambas essas coisas.
- c) Shammai permitia comer um ovo posto no sábado, mas Hillel o proibia, afirmando que a proibição de preparar alimento no sábado se aplicava não somente aos homens mas também às galinhas.

Era considerado ilegal expectorar sobre o solo porque assim talvez se estivesse regando uma planta.

Um princípio geral estabelecido pelo Rabi Aquiba:

"Toda espécie de trabalho que pode ser realizada na véspera do sábado, não invalida (quer dizer, não deve ser feito em) o sábado; mas o que não se pode fazer na véspera do sábado, isso invalida o sábado."

Estas determinações foram transcritas do Ministério Adventista - maio-junho de 1965.

Atos 1:12, faz referência ao caminho que poderia ser percorrido num sábado. A tradução de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil traz uma nota ao pé da página declarando que a jornada de um sábado era cerca de um quilômetro. Comentaristas mais precisos afirmam que corresponderia a mais ou menos 1.200 metros.

O Talmude como um livro escrito foi terminado no início da Idade Média, mas a sua influência tem sido poderosa na preservação da vida, costumes, leis, enfim em todos os aspectos do judaísmo através dos séculos em todos os lugares aonde este povo tem chegado.

Em tempos de pressões e perigos o Talmude oferece ao povo judeu uma tranqüilidade espiritual, tornando-se um oásis no qual ele se refugia em busca de paz e descanso.

O Talmude tem exercido grande influência sobre o povo judeu, desde que os educadores desta nação colocam como matéria primordial em suas escolas o estudo deste livro. A mente das crianças é alimentada por suas histórias e o povo em geral é ensinado a ter lealdade para com todas as sublimes tradições da Pátria.

Interpretações erradas de Parábolas e de muitos conceitos do Talmude fizeram com que na Idade Média se levantasse grande oposição a este livro de tradições judaicas.

Em consequência desta oposição ao livro, o Papa Gregório IX mandou queimar publicamente no dia 12 de junho de 1242 em Paris 24 carroças carregadas de manuscritos do Talmude. Esta informação me parece exagerada quando se tem informação do elevado preço para a aquisição de um manuscrito naqueles idos.

Na Itália muitos foram incinerados no ano de 1322. Em 1562 foi instituída a censura ao Talmude, existindo ainda hoje muitos exemplares com a marca dessa censura.

DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS – PONTUAÇÃO

A afirmação de que a Bíblia escrita nas línguas originais, não se apresentava dividida em capítulos e versículos é um ponto pacífico entre os estudiosos das Escrituras.

A primeira divisão conhecida para o texto hebraico são as seções conhecidas como sedarins. Para que nas sinagogas, em um período de três anos, se lesse todo o Pentateuco, este foi dividido em 167 sedarins.

Nos primeiros séculos o Novo Testamento estava dividido em três partes: os Evangelhos, as epístolas e os Atos, e a Revelação.

No terceiro século os Evangelhos foram divididos em duas espécies de capítulos: os maiores eram chamados "tíltloi" ou resumos; e os menores "kefálaia", ou capítulos.

Estas foram primitivamente introduzidas por Amônio, por isso são chamadas divisões amonianas.

Divisão Eusebiana

Eusébio de Cesaréia idealizou um sistema original que servisse de orientação para localizar passagens nos Evangelhos. Pela difusão do seu sistema podemos deduzir da sua utilidade, pois é encontrado nas versões latinas, siríacas, cópticas, góticas, armênias, etc.

Ele dividiu cada Evangelho em pequenas e grandes seções, totalizando 355 em Mateus, 233 em Marcos, 342 em Lucas e 232 em João. Eusébio preparou 10 tabelas, a primeira contendo referências a passagens comuns achadas nos 4 Evangelhos; a segunda, passagens comuns em Mateus, Marcos e Lucas; a terceira, passagens comuns em Mateus, Lucas e João, etc. A última tabela fazia referências ao assunto peculiar de cada Evangelho isoladamente.

Eusébio explicou seu engenhoso e complexo sistema classificatório em uma carta ao seu amigo Carpiano.

No livro *The Text of the New Testament* Bruce Metzger, páginas 24-25, há explicações adicionais para melhor compreensão do seu processo em classificar os Evangelhos.

O método de Eusébio é conhecido como "tábuas de referência" ou "Cânones de Eusébio".

No ano 459 Eutálio, diácono de Alexandria, publicou uma edição das Epístolas de Paulo, dividida em capítulos "Kefálaia", com o sumário do seu conteúdo. Do mesmo modo, no ano 490, dividiu ele os Atos e as Epístolas Católicas. Ele próprio afirma também que pôs acentos nos manuscritos copiados sob sua vigilância, costume que não se generalizou até mais ou menos o oitavo século.

Para tornar os manuscritos mais legíveis, Eutálio dividiu-os em linhas, chamadas "Stikoi", constando estas em alguns casos de tantas letras quantas pudessem ser colocadas em toda a largura duma página, e noutros de tantas palavras quantas pudessem ser lidas sem interrupção. Desconhecemos totalmente quando, como e por quem foi dividido pela primeira vez o Novo Testamento grego.

A divisão mais antiga em capítulos que se conhece aparece no Códice Vaticano. Neste manuscrito Mateus tem 170 seções, Marcos 62, Lucas, 152, João 50, Atos 36.

No Códice Alexandrino há outra divisão, aparecendo Mateus com 68 capítulos, Marcos 48, Lucas 83 e João 18.

Nestes manuscritos as Epístolas Paulinas e Católicas também se apresentam divididas e subdivididas em capítulos e seções de capítulos; Apocalipse apresenta uma divisão complexa e artificial.

A divisão em capítulos, usada nas edições modernas da Bíblia tem sido atribuída a três pessoas diferentes:

1ª) A Lanfron, arcebispo de Cantuária, que viveu no século XI;

2ª) A Estêvão Langton, professor da Universidade de Paris, do século XIII, sua morte se deu em 1228;

3ª) A Hugo de Saint-Cheir, também do século XIII, pois faleceu em 1263.

Segundo alguns estudiosos, este último acrescentou outras subdivisões ao trabalho já feito por Langton.

Divisão em Versículos

A divisão da Bíblia em versículos teve uma finalidade prática, facilitar o encontro de determinadas passagens. Este já tinha sido o mesmo objetivo da divisão em capítulos.

Em 1240 Hugo de Saint-Cheir subdividiu os capítulos em sete partes designadas por letras.

A divisão em versículos numerados foi feita por Roberto Estéfano, famoso impressor francês, no Velho Testamento em 1548 (Vulgata) e em o Novo Testamento grego em 1551.

Roberto Estéfano se aproveitou de trabalhos anteriores. Lefevre, 1509 havia numerado em versículos os Salmos e Panini em 1528 numerou toda a Bíblia.

A divisão de Estéfano é muito falha em algumas passagens, por estar em total desacordo com o sentido do texto.

Este mesmo autor, publicou em 1555 uma concordância Bíblica, onde as citações seguiam essa numeração. Esta obra muito contribuiu para que sua classificação fosse aceita.

Números de Livros, Capítulos, Versículos, Palavras e Letras da Bíblia

O Dr. Alberto Lira em seu livro *A Bíblia*, afirma que o erudito e paciente Dr. Siegfried Horn (para os adventistas, bastante conhecido como arqueólogo e figura preeminente do Comentário Adventista), após três anos de trabalho, encontrou na Bíblia inglesa do Rei Tiago o seguinte:

V. Testamento		N. Testamento	Total
Livros	39	27	66
Capítulos	929	260	1.189
Versículos	23.214	7.959	31.173
Palavras	593.493	181.253	774.746
Letras	2.728.100	838.380	3.566.480

Pontuação

A pontuação apresenta uma história bastante longa e controvertida quanto a autores e datas.

A Bíblia na sua origem foi escrita sem separação de palavras e sem nenhuma notação sintática.

Ninguém pode contestar que a pontuação é de grande utilidade, pois sem ela teríamos que reler algumas vezes para captar o verdadeiro sentido da frase. Os sinais de pontuação muito contribuíram para esclarecer o exato sentido de um texto.

Rui Barbosa, na *Réplica*, Vol. II, página 195, demonstrou com muita propriedade este fato, ao declarar:

"Bom é que saiba o nosso tempo quanto bastará, para falsificar uma Escritura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos nos basta. Não é necessário para falsificar uma escritura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma vírgula.

" 'Ressuscitou; não está aqui'. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou, e com as mesmas se mudar a pontuação, pode dizer um herege que Cristo não ressuscitou. 'Ressuscitou? Não; está aqui.' De maneira que com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz que Cristo ressuscitou: e é de fé; e com as mesmas palavras diz que Cristo não ressuscitou: e é de heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, de heresia pode fazer fé, e de fé pode fazer heresia."

O livro *Arte de Pontuar* de Alexandre Passos, página 22, nos afirma que estudando a história da pontuação através dos séculos, vemos que no V ou VI séculos os textos dos Evangelhos não apresentam nem ponto nem vírgula. Afirma ainda, este mesmo autor, que a separação das palavras na Bíblia torna-se mais freqüente no VII século.

Alguns estudiosos nos cientificam de que apenas com o nono século é que foram introduzidos o ponto de interrogação e a vírgula no texto bíblico. Outros declaram que a vírgula é de origem recente. Urias Smith em artigo publicado no "Atalaia", janeiro de 1943, pág. 14 afirmou "Apareceu no tempo de Manutius, sábio impressor de Veneza, que a inventou no ano 1490."

Antes da invenção da Imprensa os sinais de pontuação eram usados indiscriminadamente, mas após a invenção de Gutenberg estes foram sendo sistematizados, até atingirem plena uniformidade entre os escritores.

Pontuação em lugar diferente, como nos demonstrou Rui Barbosa, no exemplo acima citado faz com que o texto tenha sentido completamente diferente.

Observe o controvertido versículo de Lucas 23:43, que na Tradução de Almeida, revisada no Brasil, aparece assim: "Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso." Sabemos que Jesus não foi ao paraíso no dia da crucifixão, pois Ele mesmo declarou a Maria Madalena, após a ressurreição: Não me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai." (S. João 20:17).

Observe este sentido colocando a vírgula no lugar próprio. "E Jesus lhe disse: em verdade te digo hoje, comigo estarás no paraíso."

A BÍBLIA – SUGESTÕES PARA A SUA LEITURA

Como Ler a Bíblia

1. Leia-a calma e lentamente, não de afogadilho como se fosse um jornal.
2. Leia-a com atenção, não maquinalmente. Procure "ver" as cenas; "saboreie" as palavras.
3. Leia procurando a mensagem pessoal que a passagem de cada dia lhe traz.
4. É importante sua atitude íntima para com a mensagem de Deus. Quando Ele condena, incline-se penitentemente; quando oferece ajuda, ponha toda a confiança nessa promessa; quando Ele ordena, obedeça.
5. Sublinhe as passagens que o impressionam. Copie-as e repita-as em voz alta. Tome nota de uma lista de idéias que essas passagens sugerem.
6. Decore um versículo diariamente.
7. Ponha de parte todos os dias um período de tempo para a leitura da Bíblia.
8. Faça da leitura da Bíblia um hábito; comece o ano como seu leitor diário.

Estas sugestões foram apresentadas pela Sociedade Bíblica Americana. Seguem-se mais oito sugestões adaptadas por alguém de *Your Bible and You*.

Como Ler a Bíblia com Proveito

"Muitas pessoas se desanimam quando começam a ler a Bíblia quando chegam a Êxodo, Levítico e Números. Se este tem sido seu problema ou se é a 1ª vez que vai lê-la, sugerimos que siga o seguinte programa:

1. Comece por um livro simples, como o Evangelho de São Marcos. Um livro repleto de ação, que pode ser lido em menos de duas horas. Aproxime-se de Jesus!
2. Prossiga lendo S. Mateus, que repete a maioria dos acontecimentos que Marcos mencionou. Procure observar os sermões e discursos que Jesus pronunciou e as lições maravilhosas que eles contêm. (Capítulos 5 a 7, 10, 13, 18, 23, 24 e 25. Aprenda de Jesus!
3. Depois o Evangelho de S. Lucas. Note o cuidado que ele teve de anotar datas de acontecimentos importantes. Seu evangelho tem muito de espírito humanitário, como nas parábolas do Bom Samaritano, o Filho Pródigo, o rico e Lázaro. Sinta o amor de Jesus pelos que sofrem!
4. O evangelho de S. João, talvez o mais lindo dos evangelhos, mostra a união da divindade com a humanidade.

5. O passo seguinte é procurar as histórias na Bíblia. O livro de Atos, contando os primórdios da Igreja. Há centenas de histórias, especialmente no Velho Testamento.
6. As biografias são imparciais, mostrando os aspectos positivos e negativos das pessoas. Comece por José (Gênesis 37 a 50). Conheça Moisés (Êxodo 1 a 20, 24, 31 a 35; Números 10 a 27). Davi que é a mais longa biografia da Bíblia (I Samuel 16 a 31; II Samuel todo e I Reis 1 e 2). Salomão, Elias e Eliseu são personagens muito interessantes. Rute e Ester são para ler de um fôlego.
7. Outro meio de estudar a Bíblia é descobrir nela as doutrinas e ensinamentos, num estudo por tópicos ou assuntos: oração, fé, obediência, graça, recompensa, etc. Para este estudo é necessário a ajuda de uma boa concordância. Há ainda muitos tópicos maravilhosos, como profecias, milagres, fatos científicos, coisas que nunca se esgotam!
8. Não tenha pressa. Sublinhe os versos que mais o impressionam. Nunca abra o Livro Sagrado sem pedir a presença de seu Autor, para conduzir seus pensamentos e iluminá-los."

A Bíblia revela a vontade de Deus, patenteia a condição moral do homem, o caminho da salvação, a condenação dos pecadores e a felicidade dos santos.

As suas doutrinas são santas, os seus preceitos são obrigatórios, as suas histórias verdadeiras e as suas decisões imutáveis. Leiamos-a para nos tornarmos sábios, creiamos nos seus ensinamentos para sermos firmes, pratiquemos suas advertências para sermos santos.

Ela contém luz para nos dirigir, alimento para nos nutrir e conforto para nos alegrar.

É o mapa para o viajante, o bordão para o peregrino, a bússola para o piloto, a espada para o soldado e a Carta Magna para o Cristão.

Aponta-nos o caminho para o céu e nos adverte do caminho para o inferno.

Cristo é o seu grande assunto; o nosso bem, o seu objetivo; e a glória de Deus, o seu fim.

Ela deve encher a nossa memória, governar o nosso coração, e guiar os nossos pés.

Para que a sua leitura seja proveitosa ela deve ser feita devagar, com meditação e muita oração.

Nesta vida ela nos é oferecida, no dia do juízo estará aberta e para sempre será mantida.

Neste livro se encontra a suprema responsabilidade, a recompensa para o menor trabalho e a condenação para todos os que brincam com o seu conteúdo sagrado.

Quando estiver triste, leia João 14; Salmo 46, 90.

Quando estiver preocupado, leia Mateus 6:10-34.

Quando estiver desanimado, leia Salmo 91; Isaías 40.

Quando se sentir longe de Deus, leia Salmo 139.

Quando desejar paz e descanso, leia Mateus 11:25-30.

Quando estiver doente, leia Tiago 5; Salmo 41.

Quando estiver em perigo, leia Lucas 8:22-25; Salmo 91.
Quando os homens falham, leia I Pedro 5:7; Salmo 23.
Quando estiver com medo, leia Mateus 6:25-34; 11: 28-30.
Quando for tentado, leia I Cor. 10:13; Isaías 40.
Quando tiver cometido pecado, leia I João 1:8-9; Heb. 7:25; Salmo 51.
Quando se esquecer das bênçãos, leia Salmo 103.
Quando a sua fé enfraquecer, leia Hebreus 11.
Quando precisar de coragem, leia II Cor. 12:9; Tiago 1:1-9.
Quando desejar felicidade, leia Colossenses 3:1-17.
Quando sair para uma viagem, leia Salmo 121.
Quando sentir o desejo de criticar, leia I Coríntios 13.

"A Bíblia é a história de Jesus, história que revela o infinito amor de Deus, a terrível natureza do pecado, nossa necessidade de um Salvador, e o brilhante futuro reservado aos que se unem à família celestial. É um conforto no tempo de angústia, guia em tempos de perplexidade, uma força na hora da tentação. Ela é uma revelação da mente de Deus, uma audiência com o altíssimo, uma transcrição da vontade de Deus. É o maior instrumento do Senhor para nos pôr em face da salvação por meio de Seu Filho Jesus. Precioso Livro!"

Kenneth H. Wood, Jr.

A verdadeira finalidade da Bíblia é formar nossa fé em Cristo, ensinar-nos verdades divinas, corrigir-nos quando caímos em erro, informar-nos com respeito às obras que são agradáveis a Deus e, finalmente conduzir-nos ao Céu.

O HÁBITO DA LEITURA DA BÍBLIA

De livro "Manual Bíblico" de H. H. Halley páginas 715-730 destacamos:

"Todos devemos ler a Bíblia porque ela tem a solução da vida. Ela nos fala do melhor Amigo que a humanidade já teve, o mais nobre, o mais terno, o mais verdadeiro Homem que já pisou na terra.

É a mais linda história que já se contou; é a melhor diretriz da conduta humana que já se conheceu. Dá um sentido, um fulgor, uma alegria, uma vitória, um destino e uma glória à vista, que em nenhuma outra parte são revelados.

O contato individual direto com a Palavra de Deus é o principal meio de crescimento cristão. Todos os líderes de poder espiritual da história do cristianismo, têm sido leitores devotados da Bíblia.

A Bíblia é o livro de que vivemos. A leitura da Bíblia é o meio de aprendermos e de conservarmos nítidas, em nossa mente, as idéias que modelam nossa vida. Nossa vida é produto de nossos pensamentos. Para vivermos certo, precisamos pensar certo...

Nossa atitude para com a Bíblia é um índice muito seguro de nossa atitude para com Cristo.

Aceitai a Bíblia como, exatamente, ela é, pelo que ela se afirma ser. Não vos inquieteis com as teorias dos críticos. A tentativa engenhosa e imprudente da crítica moderna, por solapar a veracidade histórica da Bíblia, passará: ela, a Bíblia, permanecerá como luz que é da raça humana até aos fins do tempo. Firmai vossa fé na Bíblia. É a Palavra de Deus. Ela nunca deixará que soçobreis. Para nós, homens, ela é a rocha dos séculos. Confiai nos seus ensinamentos e sereis felizes para sempre.

Lede a Bíblia com reflexão. Lendo a Bíblia, precisamos vigiar-nos, rigorosamente, para que nossos pensamentos não divaguem, tornando-se a leitura perfunctória e sem sentido. Temos de resolver, resolutamente, fixar a mente no que lemos, esforçando-nos, ao máximo, por entender e ficando à espreita de lições que nos sirvam."

CRISTO – O CENTRO DA BÍBLIA

"Toda a Bíblia se desenvolve ao redor desta bela história de Cristo e da Sua promessa de vida eterna, feita a quantos O aceitam. A Bíblia foi escrita somente para que o homem creia, entenda, conheça, ame e siga a Cristo.

Cristo, centro e âmago da Bíblia, centro e âmago da História, é o centro e o âmago de nossa vida. Nosso destino eterno está em Suas mãos, De aceitá-LO ou de rejeitá-LO depende, para cada um de nós, a glória eterna, o céu ou o inferno; ou um, ou outro, A mais importante decisão que alguém possa ser chamado a tomar é a de resolver, em seu coração, uma vez para sempre, a questão de sua atitude para com Cristo. Disso depende tudo.

É uma coisa gloriosa ser crente, o mais elevado privilégio da raça humana. Aceitar a Cristo como Salvador, Senhor e Mestre, porfiar sincera e devotadamente por segui-LO no caminho da vida que Ele ensinou, é, certa e decididamente, o modo mais razoável e mais satisfatório de vida. Isso significa paz, paz de espírito, contentamento de coração, perdão, felicidade, esperança, vida, vida aqui e agora, vida abundante, vida que nunca findará.

Como pode alguém ser tão cego e insensato, ao ponto de prosseguir pela vida afora e encarar a morte sem a esperança cristã? Fora de Cristo, que é que existe, que é que pode existir, seja quanto a este mundo, seja quando ao outro, para que valha a pena viver? Todos havemos de morrer. Para que dissimular, com risos, este fato? Vê-se que convém a todo ser humano receber a Cristo de braços abertos e considerar o mais altaneiro privilégio da vida, o de usar o nome de Cristão.

Em última análise, a coisa mais cara e mais doce da vida é ter consciência, no mais recôndito de nossos íntimos motivos, de que vivemos para Cristo, e de que por mais débeis que sejam os nossos esforços, afadigamo-nos em nossa lida diária na esperança de que, na última etapa, teremos feito alguma coisa para depositar, em gratidão e adoração humilde, aos Seus pés como oferta." (Manual Bíblico de Henry H. Halley, pág. 21).

ASSUNTO OU IDÉIA DOMINANTE DE CADA LIVRO

Alguns livros têm uma idéia principal; outros versam sobre assuntos variados.

"Gênesis	– A fundação da Nação Hebraica.
Êxodo	– O Concerto com a Nação Hebraica.
Levítico	– As Leis da Nação Hebraica.
Números	– A Viagem para a Terra Prometida.
Deuteronômio	– As Leis da Nação Hebraica.
Josué	– A Conquista de Canaã.
Juízes	– Os Primeiros 300 anos na Terra Prometida.
Rute	– Os Primórdios da Família Messiânica de Davi.
I Samuel	– A Organização do Reino.
II Samuel	– O Reinado de Davi.
I Reis	– A Divisão do Reino.
II Reis	– A História do Reino Dividido.
I Crônicas	– O Reinado de Davi.
II Crônicas	– A História do Reino do Sul.
Esdras	– A Volta do Cativo.
Neemias	– A Reconstrução de Jerusalém.
Ester	– Israel Escapa do Extermínio.
Jó	– O Problema do Sofrimento.
Salmos	– O Hinário Nacional de Israel.
Provérbios	– A Sabedoria de Salomão.
Eclesiastes	– A Vaidade da Vida Terrena.
Cânticos dos Cânticos	– A glorificação do Amor Conjugal.
Isaías	– O Profeta Messiânico.
Jeremias	– O Último Esforço por Salvar Jerusalém.
Lamentações	– Canto Fúnebre sobre a Desolação de Jerusalém.
Ezequiel	– "Saberão que Eu Sou Deus".
Daniel	– O Profeta em Babilônia.
Oséias	– A Apostasia de Israel.
Joel	– A Predição da Dispensação do Espírito Santo.
Amós	– O Governo de Davi, Final e Universal.
Obadias	– A Destruição de Edom.
Jonas	– Um Recado de Misericórdia para Nínive.
Miquéias	– Belém Será o Berço do Messias.
Naum	– A Destruição de Nínive.
Habacuque	– "O Justo Viverá da Fé"
Sofonias	– O Advento de Uma "Linguagem Pura".
Ageu	– A Reconstrução do Templo.
Zacarias	– A Reconstrução do Templo.

Malaquias	– A Última Mensagem a um povo Desobediente.
Mateus	– Jesus, o Messias.
Marcos	– Jesus, o Maravilhoso.
Lucas	– Jesus, o Filho do Homem.
João	– Jesus, o Filho de Deus.
Atos	– A Formação da Igreja.
Romanos	– A Natureza da Obra de Cristo.
I Coríntios	– As Várias Desordens na Igreja.
II Coríntios	– Paulo Vindica seu Apostolado.
Gálatas	– Pela Graça, Não pela Lei.
Efésios	– A Unidade da Igreja.
Filipenses	– Uma Epístola Missionária.
Colossenses	– A Divindade de Jesus.
I Tessalonicenses	– A Segunda Vinda de Cristo.
II Tessalonicenses	– A Segunda Vinda de Cristo.
I Timóteo	– Cuidado pela Igreja de Éfeso.
II Timóteo	– Conselhos Finais de Paulo.
Tito	– As Igrejas de Creta.
Filemon	– A Conversão de um Escravo Fugitivo.
Hebreus	– Cristo, Mediador de um Novo Concerto.
Tiago	– Boas Obras.
I Pedro	– A Uma Igreja Perseguida.
II Pedro	– A Apostasia Predita.
I João	– O Amor.
II João	– A Precaução contra Falsos Mestres
III João	– A Rejeição de Auxiliares de João.
Judas	– A Apostasia Iminente.
Apocalipse	– O Triunfo Final de Cristo.

Nota: Retirado do Manual Bíblico de Halley, quinta edição em Português, pp. 28 e 29.

PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

Os latinos, aqueles que primeiro compreenderam, os inúmeros problemas implicados numa tradução, declararam o seguinte: "Omnis traductor, traditor", que em português significa: "Todo tradutor é um traidor". Os italianos através da expressão "traduttore, traditore" expressam a mesma idéia.

Esta velha locução proverbial, pode aplicar-se também ao tradutor da Bíblia, que, muitas vezes, se sente impossibilitado de transmitir a exata mensagem que se encontra no original. Os tradutores, por vezes, se encontram diante de intrincados problemas de vocabulário e de sintaxe, para os quais é difícil apresentar uma solução honesta e exata.

Breno da Silveira, a maior autoridade na arte de traduzir que este país já conheceu, declarou: a arte de traduzir é sumamente difícil, por isso todos os que se empenham nesse mister cometem graves erros.

A palavra da sagrada escritura é como o precioso vinho que ao ser mudado de um vaso para outro perde algo de sua força e sabor. O mesmo se dá na tradução de uma língua para outra.

Ellen G. White, assim se expressou no Manuscrito 16 de 1888.

"Muitos nos olham seriamente e dizem: 'A senhora não acha que tem havido erros de copistas ou de tradutores?' Tudo isto é provável, e a mente que seja tão estreita que hesite ou se escandalize com esta possibilidade ou probabilidade, estará bem pronta a escandalizar-se com os mistérios da Palavra Inspirada, porque suas débeis mentes não podem ver através dos propósitos de Deus."

Neste capítulo, o prezado estudante, encontrará alguns dos intrigantes problemas que enfrenta quem tem a responsabilidade de transmitir a mensagem divina, em línguas diferentes daquelas em que primitivamente a Bíblia foi escrita.

Se é difícil hoje, numa tradução, exprimir a idéia de outra língua, muito mais difícil é fazê-lo, com uma língua morta há muitos séculos e de civilização completamente diferente.

Diante dos problemas de tradução, o ideal seria que todos – pudessem ler a Bíblia nos idiomas originais, mas este ideal é utópico ou simplesmente privilégio de um pequeno grupo de eruditos.

Uma boa tradução não dependerá apenas da fidelidade ao original, do bom conhecimento gramatical nas duas línguas, e da facilidade de redigir com clareza e elegância, mas também dependerá muito da qualidade do texto em que se baseia.

Por exemplo, a Versão Autorizada ou a King James Version, apesar de ser um trabalho honesto e consciencioso é deficiente, porque os textos originais em que se baseou, não eram os melhores. Posteriormente novos manuscritos foram descobertos como o Sinaítico e o Vaticano e melhores edições críticas, nas línguas originais, foram preparadas.

A tradução de Moffatt foi muito bem aceita pelo povo, mas a Crítica Textual nos mostra que é deficiente por se ter baseado no texto de Von Soden. A superioridade da New English Bible sobre traduções anteriores, encontra-se na circunstância de ter por base melhores manuscritos.

É difícil traduzir o hebraico para uma língua moderna, porque ele apresenta características muito próprias e uma estrutura bastante diferente das línguas ocidentais. O tradutor do hebraico, onde quase não há orações subordinadas e as frases são muito pequenas, fica muitas vezes perplexo se deve manter a índole da língua original ou construir as frases com os meios mais complexos das línguas modernas.

Embora o hebraico seja uma língua pobre em número de vocábulos, pois a Academia do Idioma Hebraico registra cerca de 30.000 palavras e no Velho Testamento haja apenas 7.704 vocábulos diferentes, Gesenius nos informa que há oito diferentes termos hebraicos para conselho, doze para trevas, vinte e dois para destruição, dez para lei e vinte e três para riqueza. Esta multiplicidade de palavras para transmitir a mesma idéia apresenta, por vezes, sérios dilemas para o tradutor. Como exemplo comprobatório pode ser citado o Salmo 119, que é uma exaltação da lei de Deus. Em cada versículo se lhe faz uma alusão com uma palavra diferente. Pode observar-se que os tradutores em português procuraram transmitir a idéia de lei sinonimizando-a com as seguintes palavras: caminho, prescrição, mandamento, preceito, testemunho, decreto, palavra, ordem e sentença.

O grego para nós, de cultura latina, seria mais fácil porque seu alfabeto se assemelha mais ao nosso e também por causa da decisiva influência grega na cultura de todos os povos, pois suas múltiplas palavras se tornaram mais familiares a todos nós. Deve-se, porém, ter em mente que o grego é uma língua bastante complexa em sua estrutura gramatical, enquanto o hebraico neste aspecto é uma língua ímpar, singela, portanto fácil de ser aprendido.

As línguas usadas para a transmissão das mensagens divinas – hebraico, aramaico e grego possuíam cada uma, gênio próprio e expressões que, muitas vezes, não lhes permitiam a transposição para as línguas atuais.

Como bem salientou Edith A. Allen:

"A mensagem da Bíblia expressa-se em linguagem oriental. No seu modo de viver e pensar, o oriental é diametralmente oposto ao homem do ocidente, fato este que constitui grande barreira à compreensão e interpretação de muitos trechos das Escrituras."

No hebraico, aramaico e grego, uma palavra pode ter diversas significações em contextos diferentes e, infelizmente, nem sempre os tradutores levaram em

consideração esta circunstância. Outras vezes, diversas palavras nestas línguas necessitam ser traduzidas por uma única palavra em português, como acontece com o nosso verbo amar, que em grego é expresso por quatro palavras diferentes.

Letras hebraicas muito semelhantes como beth e kaph, dalet e resh, vau e iodh, e gregas como ni N e ipsilon Y trouxeram problemas para a tradução quando os copistas as confundiram, fazendo com que o significado da palavra fosse mudado.

Os seguintes exemplos ilustram bem as asoerbantes dificuldades enfrentadas por aqueles que se dedicam a verter a Palavra de Deus para outra língua:

I – MUDANÇA DE SINAIS

A simples transposição de um sinal ou a leitura do texto consonantal com diferentes sinais vocálicos podem alterar totalmente o sentido da frase. Crêem alguns que isto foi o que aconteceu em Gênesis 49:21, que aparece de duas maneiras diferentes: "Naftali é uma gazela solta, ele profere palavras formosas", ou "Naftali é uma árvore frondosa, da qual brotam formosos ramos". Na tradução dos Setenta, foi a primeira frase que prevaleceu.

Adão Clarke, em nota ao pé da página, depois de apresentar a tradução de Bochart, "Naftali é um carvalho frondoso, que produz formosos ramos", declara: talvez ninguém que compreenda o gênio da língua hebraica tentará contestar sua propriedade, ela é tão literal quanto correta.

II – VERSOS SEM SENTIDO

Há versículos na Bíblia, diante dos quais, os tradutores ficam perplexos, porque se sentem incapazes de traduzi-los com clareza e objetividade. Um deles é I Crônicas 26:18 que afirma: "Em Parbar ao Ocidente: quatro junto ao caminho, dois junto a Parbar". A Authorized Standard Version traz uma nota, ao pé da página, explicando que é difícil saber o significado do verso. Há várias conjecturas para o significado de Parbar, porém, nenhuma é plenamente satisfatória.

III – A TRADUÇÃO DE GÊNESIS 4:7

As dificuldades apresentadas por este versículo são de tal vulto, que notáveis comentaristas modernos crêem que algum copista tenha modificado o texto hebraico original. A tradução do hebraico na Septuaginta é obscura e inaceitável, chegando o Comentário Bíblico Adventista a afirmar sobre este verso: "Que os tradutores da Septuaginta acharam sua significação obscura no seu tempo é evidente da tradução deturpada que dele fizeram."

A tradução de Lázaro Ludovico Zamenhof para o Esperanto diz: "Sem dúvida se agires bem, serás forte, mas se agires mal, o pecado jazerá à porta, e ele a ti pretenderá, mas governa acima dele."

Após estudá-lo em várias traduções, de consultar comentários e explicações exegéticas do texto hebraico concluí que não é fácil apresentar em português uma tradução clara e que transmita a idéia exata do original. Deixando de lado os comentários exegéticos, que transcendem o escopo deste trabalho, eis uma pálida tentativa que fiz para o traduzir: Se você for bom, poderá reerguê-lo (o semblante), mas se não for, o pecado como um animal bravo está à sua porta, ansioso para dominá-lo, mal você o poderá vencer.

IV – O SIGNIFICADO REAL DE ISAIAS 7:14

Os comentaristas de um modo geral têm defendido que nesta passagem há uma infelicidade de tradução, proveniente da Septuaginta, onde os Setenta traduziram o hebraico "almah" por virgem, quando a tradução exata deveria ser "moça" ou "mulher jovem". A citação que se encontra em Mateus 1:23 é tirada da Septuaginta "parthenos" e não do texto hebraico. Se Isaías na aludida passagem fizesse referência a virgem ele teria usado o termo "bethulah" e não "almah".

A Revised Standard Version e a New English Bible traduzem Isaías 7:14 por "a young woman", transmitindo assim um melhor sentido do original.

Sobre este problema declarou Renato Oberg em *Manuscritos do Mar Morto*, páginas 36 e 37:

"Um exemplo disto foi a dúvida que levantaram sobre a tradução de Isaías 7:14, profecia muito usada pelos cristãos. Neste versículo, a Septuaginta traduziu a palavra hebraica almah pela grega parthenos que significa virgem. Passados, porém, cerca de dois séculos durante os quais a pureza desta tradução fora até louvada, os judeus tradicionais resolveram dizer que ela estava errada e que a palavra grega correta deveria ser neanis, porque esta dá o sentido da mulher ser apenas jovem e não necessariamente virgem."

Sobre esta polêmica, Samuel P. Tregelles, tradutor para o Inglês do famoso dicionário hebraico de Gesenius, diz o seguinte:

"O propósito do esforço para minar a opinião que atribui o significado de 'virgem' a esta palavra, visa claramente provocar uma discrepância entre Isaías 7:14 e São Mateus 1:23; nada, porém, do que se afirmou, apresenta fundamento real para qualquer outro significado. As versões antigas que dão um significado diferente, fazem-no facciosamente, enquanto que a LXX, que não tinha motivos para isto, traduziu-a por 'virgem' na própria passagem que já deveria lhes ter dado alguma dificuldade. A absoluta autoridade do Novo Testamento é, contudo, mais do que suficiente para resolver o caso entre os cristãos."

Quem almejar explicações mais pormenorizadas sobre esta passagem pode consultar o S.D.A.B.C., *The Interpreter's Bible* e o livro *Old Testament Translation Problems*. O Livro *Leia e Compreenda Melhor a Bíblia* de autoria de Pedro Apolinário, traz um capítulo sobre Isaías 7:14.

V – O SÁBADO SEGUNDO-PRIMEIRO DE LUCAS 6:1

Este verso já foi estudado no capítulo Métodos da Crítica Textual. Manuscritos gregos como o A, C, D, e trazem num sábado.

O Comentário Bíblico Adventista sobre Lucas 6:1 afirma: "Evidências textuais favorecem a simples expressão "num sábado" . . . Talvez o melhor é admitir, simplesmente, que não sabemos que idéia a palavra "Deuteroprotos" segundo-primeiro, quer transmitir.

VI – FALTA DE EQUIVALÊNCIA ENTRE AS PALAVRAS

Há palavras tanto no hebraico quanto no grego para as quais não se encontra uma equivalência exata nas línguas modernas. Por exemplo a palavra glória como tradução do grego doxa, nem de longe transmite a amplitude do significado original, pois doxa descreve a revelação do caráter e da presença de Deus na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

VII – IDIOTISMOS

Este é um dos principais problemas para os tradutores. Idiotismos são expressões, cujas estruturas semânticas e gramaticais são totalmente diferentes, por isso, cada palavra não pode ser traduzida isoladamente, pois as partes não transmitem a idéia da expressão. Numerosos termos hebraicos e gregos, puramente idiomáticos, transcritos palavra por palavra, não podem, senão tornar-se obscuros a um ocidental do século XX, enquanto eram perfeitamente claros às pessoas familiarizadas com a cultura semítica e grega.

Eis alguns exemplos de idiotismos mantidos na tradução em português:

a) Gênesis 3:8

Viração do dia – idiotismo hebraico para tardinha ou parte fresca do dia;

b) Mateus 6:3

Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita. Este idiotismo deveria ser traduzido assim: Tu, porém, ao dares esmola, faze-o de tal maneira que mesmo o teu mais íntimo amigo nada saiba sobre isso;

c) Mateus 23:32

Enchei vós pois, a medida de vossos pais. Terminais o que vossos pais começaram;

d) Marcos 2:19

Filhos das bodas. Convidados para o casamento, amigos do noivo;

e) Atos 2:30

O fruto de seus lombos. Significa seus descendentes;

f) Romanos 12:20

Amontoarás brasas vivas sobre sua cabeça, isto é, farás com que ele se envergonhe da sua atitude. A BLH não devia ter mantido o idiotismo;

g) I Pedro 1:13

Cingindo os lombos do vosso entendimento. Este idiotismo quer dizer: Deveis estar prontos para pensar.

VIII – CONSTRUÇÕES NOMINAIS

Os gregos expressavam acontecimentos por meio de construções nominais, enquanto em Português nós as expressamos muito melhor por verbos. Em Marcos 1:4 está: "Apareceu João Batista, no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão dos pecados." Uma melhor tradução em português seria: João Batista apareceu no deserto pregando: arrependei-vos e sede batizados e Deus vos perdoará. Note bem estas outras construções nominais:

Efésios 1:1 A vontade de Deus – Deus deseja

Efésios 1:4 A Fundação do mundo – Deus criou o mundo;

Efésios 1:13 O Espírito Santo da Promessa – Deus promete o Espírito Santo;

Marcos 2:20 O Senhor do Sábado – Aquele que comanda o sábado.

Outra faceta para a qual os tradutores deviam atentar seria esta: Frases muito comuns na Bíblia como "filhos da desobediência" (Ef. 2:2), "filhos da ira" (Ef. 2:3) significam simplesmente: pessoas que desobedecem (a Deus); pessoas que experimentarão a ira de Deus, ou melhor ainda – aqueles que serão julgados por Deus, porque "filhos de" é um semitismo que identifica pessoas que são caracterizadas pelo termo que se segue.

Um trecho que merece nossa consideração, diante das observações anteriores é Fil. 2:1-2, que aparece na Edição Revista e Atualizada no Brasil:

"Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento."

De acordo com a índole do português, uma melhor tradução seria:

Não é verdade que a vida de Cristo os faz fortes? Que o Seu amor os conforta? Que devemos participar do Espírito de Deus? Que é bom cultivar a bondade e misericórdia uns com os outros? Se é assim façam-me feliz, tendo a mesmo pensamento, participando do mesmo amor e sendo unidos de alma e de mente.

IX – DIFICULDADES NO TRADUZIR POR SEREM MUITO DIFERENTES AS LÍNGUAS OS LUGARES, A CULTURA, OS COSTUMES, ETC.

Só é possível compreender e sentir bem a Bíblia se a pessoa pensasse e sentisse como os israelitas. Seria útil os tradutores estarem familiarizados com as circunstâncias, o tempo e o lugar em que algo foi escrito.

Por exemplo, na Bíblia, o coração é considerado como a sede do pensamento e não da sensibilidade, e os rins dos sentidos. Só assim se pode compreender a

expressão: "Deus penetra os rins e os corações", com o significado de: "Deus penetra nos pensamentos e sentimentos dos homens:"

A falta de vogais no texto do Velho Testamento, antes do trabalho dos massoretas tem trazido alguns problemas de tradução como o seguinte: Hebreus 11:21 diz que Jacó "adorou encostado à ponta de seu bordão", mas em Gênesis 47:31 está escrito "inclinou-se sobre a cabeceira da cama". A palavra hebraica para designar cama e bordão consta de três consoantes M T H, as quais no texto hebraico são lidas com as vogais assim Mitah – cama; o autor de Hebreus tirou sua citação da Septuaginta, cujos tradutores leram as três consoantes hebraicas como Mateh – bordão.

A expressão bíblica "reino dos céus" significa "reino de Deus", em virtude do seguinte: os judeus por causa da relutância ou quase tabu usar o nome de Deus, substituíram-no por céus. Céus indica lugar, enquanto Deus designa um Ser.

Pelo fato da língua hebraica ser pobre em vocábulos, seus escritores tinham dificuldade em diferenciar os verbos amar, querer, estimar, apreciar, gostar e seus antônimos odiar, depreciar, desgostar, desestimar. Esta afirmação nos ajudará a compreender a frase de Jesus em S. Lucas 14:26, se considerarmos que na língua que Jesus estava falando "odiar" tem o mesmo valor de "estimar menos" "amar menos". A tradução de João Ferreira de Almeida, Revista Atualizada no Brasil, traz para o versículo de Lucas 14:26 a seguinte nota ao pé da página: aborrecer, isto é, amar menos, Mateus 10:37.

Muitas outras passagens poderiam ser citadas para exemplificar esta verdade; há traduções que redigidas de modo diferente transmitiriam melhor o significado do original. Vejam-se estes exemplos:

Romanos 8:3 – "Porquanto o que era impossível à Lei, visto que estava enferma pela carne". A idéia é esta: O que a lei não podia fazer, porque a natureza humana era fraca, Deus fez.

Romanos 1:17 – "A Justiça de Deus é revelada de fé em fé". A tradução literal grega parece referir-se à justiça de Deus, mas os entendidos na arte de traduzir dizem que há referência ao processo pelo qual Deus torna o homem justo.

A BLH traduzindo "Porque o Evangelho mostra como Deus nos aceita: é por meio da fé, e somente pela fé", apresenta-nos melhor a idéia que Paulo quis transmitir.

X – PROBLEMAS SEMÂNTICOS

Semântica é a parte da gramática que estuda a mudança do significado das palavras com o decorrer do tempo. As palavras transmitem idéias, têm significação, mas o seu significado pode mudar em virtude de causas históricas e psicológicas. Dentre as causas históricas o cristianismo foi uma das mais importantes, por ser a maior transformação social da humanidade. O cristianismo exerceu uma força extraordinária na linguagem, tanto na criação de novas palavras quanto modificando o sentido de vocábulos já existentes. Ilustrando transformações semânticas, por influência do cristianismo, basta citar: Virtude que era para os gregos a valentia do guerreiro, a coragem do batalhador, passou a significar segundo o Código Cristão o

conjunto de todas às boas qualidades morais, disposição para fazer o bem e o que é justo. Batizar era para os gregos enfiar na água, mergulhar, imergir. Josefo falando da destruição de Jerusalém afirma: Eles afundaram, isto é batizaram a cidade. O cristianismo deu-lhe o significado de imergir com uma finalidade religiosa.

Antônio de Campos Gonçalves, secretário da Sociedade Bíblica, em brilhante palestra pronunciada no dia 8 de dezembro de 1973, no Primeiro Congresso Nacional da Bíblia, realizado no Rio de Janeiro, tratou com eficiência da Evolução Semântica na Linguagem da Bíblia.

Dentre suas oportunas observações convém destacar o seguinte parágrafo:

"A linguagem bíblica, em qualquer tempo, o que tem para dizer é o que dizem os originais. Tais originais não mudam de sentido, portanto sua tradução tem de dizer sempre o mesmo, com fidelidade, compreensivamente. É evidente pois, que: se a língua portuguesa, no passar do tempo muda de sentido, quanto a seus vocábulos, tem de mudar vocábulos para não mudar o sentido da Bíblia, não desfigurar suas lições, não amesquinhar virtudes, não desmerecer bênçãos. A semântica, portanto, bem considerada na linguagem da Bíblia, têm seus apelos; sua evolução não se define por apenas preferências de mais ou menos sabor literário, e sim pela imposição inelutável de se dizer hoje, compreensivamente, com exatidão e virtude, o que dizem os originais, em toda a realidade de sua revelação divina."

Passa depois a ilustrar suas afirmações com múltiplos exemplos, tais como: horta, que nas edições de 1878 e 1886 de João Ferreira de Almeida, aparece como significando jardim. "E Jeová Deus plantou uma horta em Éden à banda do Oriente; e pôs ali ao homem que formara" (Gên. 2:8) . . . "E a árvore da vida no meio da horta" (Gên. 2:9). "E mandou Deus Jeová ao homem, dizendo: de toda a árvore da horta comendo comerás" (Gên. 2:16; 3:3, 8).

A palavra horta está significando o jardim do Éden. Ninguém, hoje, ouvindo falar de horta vai saber que se trata de jardim ou paraíso, porque a palavra sofreu transformação semântica, embora tenhamos ainda vestígios desse sentido no vocábulo horto.

Outra palavra que perdeu totalmente o seu sentido foi solteira. Nas duas edições já citadas de Almeida, aparece em muitas passagens, solteira com o sentido de meretriz, prostituta, pecadora. Vejamos: "Faria pois ele a nossa irmã como uma solteira?" (Gên. 34:31) "... Onde está a solteira (prostituta) que estava no caminho?" (Gên. 38:21) "... em casa de uma mulher solteira (prostituta), cujo nome era Raabe" (Jos. 2:1). Muitos outros exemplos poderiam ser citados, onde a palavra solteira aparece com o sentido de meretriz, prostituta, mas precisaram ser mudados, porque a palavra sofrendo mudança de sentido, não mais traduz a idéia original.

Só se compreende bem certas expressões bíblicas se a pessoa tiver em mente que as palavras sofrem mudança de sentido com o correr dos anos. Um exemplo frisante se encontra em S. João 2:4, quando Jesus se dirige a Maria, sua mãe, com a palavra "mulher", expressão que hoje não nos parece muito digna, mas que na linguagem de então eqüivaleria a nossa palavra "senhora".

XI – DIGNIDADE DA LINGUAGEM

Dentre os vícios que atentam contra a dignidade da Bíblia talvez o mais comum seja o cacófato.

A revista "A Bíblia no Brasil" de nossa Sociedade Bíblica, no vol. VIII janeiro-fevereiro-março de 1955, n.º 27, trouxe um artigo do ilustre vernaculista Antônio de Campos Gonçalves "A Cacofonia na Linguagem da Bíblia", onde ele nos cientifica de que, na Edição Revista e Atualizada no Brasil, mais de dois mil cacófatoss foram retirados das páginas da Bíblia.

Os estudiosos dos vícios de linguagem têm divergido bastante na conceituação de cacófatoss. Há frases condenadas por alguns, onde outros não vêm nenhuma razão para que seja rejeitada, como as seguintes:

"E todo o Israel que ali se achou" (Esdras 8:25). A expressão ali se, não é nenhum cacófato, mas deve ser evitada por causa do nome próprio Alice. A simples transposição dos termos favorece a redação – e todo o Israel que se achou ali. "E alegra-te tu terra" (Isaías 49:13), foi alterada para – "alegra-te, ó terra".

Rui Barbosa diz que o cacófato pode ser feio, risível ou indecente. Antônio Feliciano de Castilho afirma que o cacófato pode ser de três espécies: de torpeza, de imundície e de simples desagrado. Observe a diferença entre estes: a vez passada, quem vai debalde entrar no céu, homem de pouca fé, minhas idéias como as concebo, meu poema como o compus, estas são (estação), como morre, como mudo, para ti, as bênçãos desde então, vendo então (dentão), o estrondo do ruído das rodas, cujo topo tocava nos céus (Gên. 28:121, (cujo topo atingia o céu), embora a cidade esteja já dada (Jer. 32:25), (embora já esteja a cidade entregue).

Em Gênesis 32:28 estava: "Não se chamará mais o teu nome Jacó" e em II Reis 4:22: "Manda-me já", agora se encontra: "Já não te chamarás Jacó" "Manda-me um dos moços.

"E vá cada um" de Jer. 51:9 foi trocado para: "e cada um vá para a sua terra".

A expressão "como caco coberto de escórias" de Prov. 26:23, ficou mais eufônica – "como vaso de barro coberto de escórias".

"O sirva cada" de Ezequiel 20:39 tornou-se mais harmonioso com a redação – "cada um sirva".

Todas estas mudanças devem ter uma respeitosa submissão e fidelidade aos originais.

O seguinte exemplo de Atos 8:20, redação da Bíblia na Linguagem de Hoje bem ilustra a falta de dignidade na linguagem:

"Então Pedro respondeu: Vá para o inferno com o seu dinheiro". O texto grego nos mostra que ir para o inferno traduz bem o sentido do verbo apollimi = perder-se, perecer. Embora haja perfeita equivalência no sentido do original para o português, a expressão não me parece muito feliz, porque lhe faltou dignidade de linguagem.

A New English Bible traduz esta passagem da seguinte maneira: "You and your money . . . may you come to a bad end".

É-nos difícil aceitar a idéia, de que Pedro, nesta fase de sua vida estivesse mandando alguém para o inferno. Sua declaração pode, quando muito, ser aceita como uma advertência mais ou menos assim: se não houver uma mudança, você e o seu dinheiro irão perder-se, ou em outras palavras: terão um triste fim.

O trecho que se segue copiado da Almeida Antiga ilustra bem o problema da dignidade da linguagem:

Em Lucas 2:5-7 lemos: "para se matricular com Maria sua mulher ... a qual estava **prenhe** ... em que havia de **parir** ... E pariu a seu filho ... e o envolveu em cueiros".

Esta linguagem não serve para nossos dias, embora seja clássica e foi nobre, porém, por perder a sua dignidade deixou de ser polida.

Que pastor teria a coragem de publicar no boletim de sua igreja um anúncio redigido da seguinte maneira: "Nossa prezada irmã, Fulana, informa a igreja de que não tem comparecido porque faz meses que está **prenhe** e em vésperas de **parir**."

Vocábulos que perderam sua dignidade pela mudança de sentido, ou que se tornaram desconhecidos, arcaicos e esquisitos precisam ser substituídos. Os seguintes exemplos são elucidativos: Crescença do Jordão, compridão do caminho, aformoseia, beijos, guarda a porta de meus beijos.

Concluindo esta parte da dignidade da linguagem, cito ainda dois exemplos lembrados por Antônio de Campos Gonçalves:

1º) "A alma generosa engordará." Prov. 28:25.

Engordar nesta passagem e em muitas outras significa prosperar, então a semântica exige que seja mudada para prosperar.

2º) "Cheia parti, porém, vazia Jeová me fez tornar." Rute 1:21.

Isto significava que saíra feliz e que voltara pobre. "Ditosa parti, mas o Senhor me fez tornar sem nada".

XII – EQUIVALÊNCIA DINÂMICA E FORMAL

Os tradutores necessitam estar bem cientes de que uma equivalência formal não transmite, muitas vezes, o exato sentido do original; deve haver o que na linguagem técnica dos tradutores se chama equivalência dinâmica. Por exemplo, a palavra grega *sarks* = carne, numa tradução formal sempre será traduzida por carne, mas numa tradução dinâmica será traduzida em:

II Coríntios 7:5, por povo; Rom. 11:14, por judeus; Atos 2:17, por homens em geral e em Rom. 8:3, por natureza humana.

Se houvesse verdadeira equivalência dinâmica numa tradução, a poesia da Bíblia sempre deveria ser traduzida por poesia (mais ou menos um terço da Bíblia foi escrita em poesia); cartas deveriam ser traduzidas como cartas, e não como um tratado técnico de teologia.

XIII – PROBLEMAS COM A EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA NO BRASIL

Carlos Trezza, Ex-Redator-Chefe da Casa Publicadora Brasileira, através de extenso artigo publicado na *Revista Adventista*, abril de 1969, analisou equilibradamente algumas pequenas mudanças que a Sociedade Bíblica do Brasil fez na Edição Revista e Atualizada. Este artigo bem ilustra os percalços a que estão sujeitos os que têm a pesada responsabilidade de traduzir o texto bíblico.

Eis alguns dos textos discutidos por ele:

"a) II Reis 3:27 Na Edição Revista e Corrigida está: houve grande indignação em Israel; enquanto a Edição Revista e Atualizada no Brasil traduz: pelo que houve grande ira contra Israel.

A New English Bible traduz: "The Israelites were filled with such consternation at this sight. . ." mas em nota ao pé da página aparece – "or there was such great anger against the Israelites . . ."

O que aqui se encontra é suficiente para provar que o texto original é obscuro ou apresenta variantes de leitura. O contexto nos indica que o sentido do texto deve ser este: houve indignação em Israel contra o ato monstruoso do rei Moabe.

Há três interpretações para este texto:

A primeira, a de que a ira foi de Moabe contra Israel, por ter compelido o seu rei ao ato desesperado.

A segunda, a de que a ira foi contra Israel, sim, mas de parte de Deus, por terem exércitos confederados, cuja liderança estava com Israel, levado as coisas a tal extremo.

A terceira, cujo pensamento está dentro do texto não revisado de Almeida, entendo que houve ira ou indignação de Israel contra Moabe pelo ato hediondo praticado em desespero de causa pelo rei Mesa.

O comentarista Lang coloca entre parênteses a preposição "em" assim: "And there was great indignation against (in) Israel . . ."

b) Jó 6:14

Na E. R. C. está: "Ao que está aflito devia o amigo mostrar compaixão, ainda ao que deixasse o temor do Todo-Poderoso." A Edição Revista e Atualizada no Brasil apresenta: Ao aflito deve o amigo mostrar compaixão, a menos que tenha abandonado o temor do Todo-Poderoso. Com esta mudança o sentido está ambíguo, pois não sabemos se é o aflito ou o amigo que abandonou o temor do Todo-Poderoso.

Uma tradução que parece bastante aceitável é: O que deixa de mostrar compaixão ao amigo aflito, abandona o temor do Senhor.

c) Lucas 14:23 – Obriga a todos a entrar.

O verbo obrigar ou forçar como se encontra na E. R. C. parece ir contra o livre arbítrio que Deus nos concedeu, podendo ainda ser mal interpretado por alguma organização religiosa perseguidora.

O verbo grego é *anagadzo*, que significa constranger, forçar, persuadir, fazer a pessoa sentir a necessidade. A idéia original é forçar por persuasão, constranger pelo amor e não pela força.

De acordo com a Analogia da Fé uma melhor tradução seria: "constrange-os a entrar" ou "persuade-os a entrar".

d) Marcos 12:41 A simples expressão - Arca do tesouro, foi mudada para o rebuscado, difícil e pedante Gazofilácio. Este vocábulo jamais deveria ser usado porque nem um significado tem para o povo em geral.

Muito mais feliz foi a Bíblia na Linguagem de Hoje com a prosaica expressão "caixa de ofertas".

e) Romanos 5:1

A comissão revisora mudou "temos" para "tenhamos" neste verso. Segundo indica esta mudança foi infeliz.

O problema com este verso se encontra na pequena diferença que existe em grego entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. Esta consiste apenas da quantidade da letra "o" que é breve no indicativo, mas longa no subjuntivo.

A King James, Revised Version, Trinitária, Moffat, New English Bible e muitas outras boas traduções consignam "Temos paz".

Para uma melhor compreensão do sentido deste verso ver neste livro – Causas dos Erros na Transmissão do Texto Bíblico, subtítulo Erros Provenientes de Audição Deficiente.

f) I Tessalonicenses 5:23

Esta passagem aparece na E. R. A. B.: "O vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo."

Houve a troca da preposição "para" pela contração "na".

A teologia paulina e os ensinamentos de Cristo nos mostram que a alteração foi prejudicial, desde que o preparo para o encontro com Cristo deve ser feito ao longo de toda a experiência cristã e não na vinda, ou nas proximidades da vinda do Senhor.

Embora nos pareça muito melhor a tradução para a vinda do Senhor, temos que convir que o original grego traz a preposição em e não a preposição para."

XIV – LÍNGUAS PRIMITIVAS QUE APRESENTAM DIFICULDADES MUITO ESPECIAIS

Línguas muito primitivas, como algumas africanas, por serem pobres em palavras, não podem exprimir ensinamentos cristãos acerca do amor, da graça, da fé, da salvação. Descobrir palavras exatas que expressem as verdades encontradas nos manuscritos hebraicos e gregos é tarefa difícil para os tradutores de qualquer língua, mas estas se multiplicam quando as línguas são de cunho completamente diferente ou ainda, quando a língua é falada por pessoas de cultura muito rudimentar.

Eugene A. Nida, no livro *God's Word in Man's Language*, apresenta-nos pitorescos exemplos de traduções para algumas destas línguas. Alguns destes exemplos já apareceram na Revista Adventista - agosto de 1962, pág. 10:

"Os Uduks, que vivem na fronteira da Etiópia, não compreendiam o significado de turbar-se, preocupar-se, até que o missionário descobriu a curiosa frase: 'Ter

calafrios no fígado'. Assim na língua uduk, S. João 14:1 aparece assim: "Não tenhais calafrios no fígado; credes em Deus, crede também em mim."

Os índios Cuicatecs, do México, atrapalhavam-se com a palavra adorar; estava além de sua compreensão. Mas apanharam a idéia quando foi traduzida por "menear a cauda perante Deus" – como um cão faz na presença de seu amado dono.

Para a tribo Gbeapo, da Libéria, a palavra paz teve de ser traduzida "meu coração se assenta", ao passo que para os índios Zapotecs, do México, foi traduzida "o coração posto em sossego".

Para os Miskitos, da Nicarágua e Honduras, amor é "dor no coração". Assim são João 3:16 é traduzido: "Deus de tal maneira teve dor no coração, que deu Seu filho Unigênito".

Estes exemplos, e muitos outros que poderiam ser citados, nos comprovam que o importante numa tradução não são as palavras mas o conteúdo, o sentido que elas expressam. O mais importante como já foi dito é a equivalência dinâmica e não a formal.

XV – OUTROS EXEMPLOS DE VERSOS DIFÍCEIS DE SEREM TRADUZIDOS

a) Daniel 8:14.

Em carta recebida de um ex-estudante de teologia havia a seguinte afirmação sobre Daniel 8:14.

"A tradução literal não é 'purificação' e sim: trazido à sua situação anterior, vindicado, posto na sua correta função – conforme Gesenius. Ver Revised Standard Version. Isto só pode ser aplicar a Antíoco IV. O verbo que se encontra em Dan. 8:14 é tsadaq – justificar. O verbo purificar 'chata' que aparece em outros textos, não é encontrado em Dan. 8:14."

W. E. Read, insigne pesquisador adventista estudou o problema de tradução de Dan. 8:14, e de suas explicações, encontradas no Ministério Adventista, setembro-outubro de 1967, págs. 21 a 23, podem ser destacadas estas partes mais significativas:

"Daniel 8:14 é o único lugar em toda a Bíblia em que se encontra a expressão 'o santuário será purificado'. Uma forma um tanto semelhante aparece em Ezequiel 45:18, onde se lê: 'purificará o santuário'. Estas são as únicas referências a esta expressão da maneira como é aplicada ao santuário nas Escrituras do Antigo Testamento."

Durante vários anos, porém, têm surgido dúvidas, tanto entre nós como fora de nossas fileiras, no tocante à palavra 'purificado' nesta passagem. Afirma-se que a palavra hebraica usada na Bíblia hebraica em Dan. 8:14 não significa 'purificar', mas sim 'justificar, tornar justo', etc. Lembrem-nos também de que este vocábulo é empregado mais de 500 vezes na Bíblia Hebraica, e que Daniel 8:14 é o único lugar em que é traduzida por 'purificado'. Eruditos de outras denominações cristãs têm sugerido que seria melhor verter o texto do seguinte modo: 'Então o santuário será justificado', adotando assim o padrão estabelecido pelos tradutores da palavra hebraica, em outras partes das Escrituras Sagradas. Além disso, declaram eles, seria plenamente razoável admitir que nessa passagem isolada existe um erro de copista, visto que os manuscritos antigos foram todos penosamente escritos à mão.

"Nosso propósito neste artigo será mostrar que embora a palavra hebraica Tsadaq possa as vezes ser traduzida de maneira diferente em Daniel 8:14, tomando-se em consideração o contexto e todo o sentido em que é usado o vocábulo hebraico, a versão mais apropriada é 'purificado'. Isto não quer dizer que ela não tenha um significado mais amplo, mas quando foi dada ao profeta e dentro do limite da interpretação do contexto, a purificação aí mencionada refere-se àquilo que ocorria no ritual do grande Dia de Expição em Israel (ver Levítico 16). Salientamos, portanto, que o termo mais apropriado a ser usado em Daniel 8: 14 é purificado, conforme já mencionamos."

Depois de citar que alguém afirmou que nessa questão fomos influenciados pelos escritos do Espírito de Profecia, ele verificou que embora seja essa a tradução da King James Version, a Bíblia usada por Ellen G. White, e declarar que ela também fez uso de outras traduções, ele prossegue:

"Examinaremos agora as razões para crermos que em Daniel 8:14 deve ser usada a palavra purificado:

1. Esta é a tradução que aparece em muitas Bíblias, embora haja alguns tradutores que tenham empregado termos diferentes, não devemos olvidar o fato de que muitos traduziram o vocábulo hebraico por 'purificado'.
2. Ele é traduzido por 'purificado' na versão dos Setenta.

Quando esses eruditos, (os 70 sábios judeus) tiveram de traduzir Daniel 8:14, resolveram verter o verbo hebraico Tsadaq para o vocábulo grego katharizo, cuja significação primordial é limpar, purificar. Sem dúvida foram induzidos a isso pelo contexto e outros fatores. Foi o único lugar em que verteram dessa maneira aquela forma verbal. Todas as outras vezes usaram a palavra grega dikaioo ('tornar justo').

3. A palavra purificado está intimamente relacionada com o dia da expiação (ver Levítico 16).

É o que temos ensinado através dos anos, pois no grande Dia da Expição eram purificados o povo, o altar e o próprio santuário.

Isaque Leeser (erudito judeu), embora tenha vertido a palavra por 'justificado' em sua tradução da Bíblia, faz uma importante observação na margem. Rashi explica: 'Quando as iniquidades de Israel foram expiadas'. Isto demonstra que pelo menos um eminente comentarista judeu admitia a conexão entre a 'purificação' em Daniel 8 e o ritual do Dia da Expição.

Outro ponto com relação a isto é que em Levítico 16:19 e 30, a palavra para 'purificar' é tahar, que significa estar 'limpo', 'limpar', 'purificar'. Mas em Daniel 8:14 a palavra em hebraico é Tsadaq, e em Ezequiel 45:18 'purificarás' provém do vocábulo hebraico chata - pecar, purgar, etc. Eis aí três palavras hebraicas diferentes, cada uma com seu próprio significado especial, as quais no entanto foram todas traduzidas na Versão dos Setenta – em Levítico 16:19 e 30; Daniel 8:14 e Ezequiel 45:18 por katharizo, que é a palavra grega para 'purificado'.

4. Não estamos sozinhos em nossa interpretação de que em Daniel 8:14 o vocábulo certo é 'purificado'.

a) Pelos menos duas Bíblias hebraicas trazem a expressão 'purificado'.

- b) Afirma C. F. Keil: Tsadaq significa originalmente ser justo, o que não é adequado aqui, pois deve ser deduzida 'da profanação do templo' (pág. 302).
 - c) Escreve Frank Zimmermann: 'a purificação do templo seria exatamente a preocupação do autor . . . A tradução devia ser portanto 'E o templo será purificado'. pág. 262.
 - d) Um comentário bem moderno traz o seguinte: será restaurado: literalmente, 'será justificado'. Se nos apegarmos ao texto massorético, o sentido é que enquanto o templo continuasse a ser profanado ele estaria sob condenação, mas quando fosse purificado e restaurado, poderia ser usado novamente como lugar para oferecer sacrifícios. O hebraico desta passagem, entretanto, não é muito satisfatório, e o grego katharisthesetai indica que os tradutores inferiram que significasse purificado. Ginsberg (op. cit., pág. 42) mostra como o hebraico pode ter surgido do aramaico . . . : 'será purificado'. (*The Interpreter's Bible*, sobre Daniel 8:14).
5. No movimento milerita e em tempos anteriores, a interpretação geral era 'purificado'.
6. Embora insistam na palavra 'justificar' ou 'tornado justo' em Daniel 8:14, muitos comentaristas modernos não têm dificuldade em usar o vocábulo 'purificado', devido à aplicação que faziam ao período dos Macabeus.
- Ao fazer isto, eles estão seguindo amplamente o exemplo de Josefo, nas partes em que ele empregou o termo grego katharizo, traduzido por 'purificado'. . .
- Portanto, sob o aspecto dos pontos mencionados até aqui, temos excelentes razões para nossa interpretação de que à luz do contexto, Daniel 8:14 deve dizer: 'Então o santuário será purificado'."

O articulista em um segundo artigo, se aprofunda no estudo da palavra hebraica "Tsadaq" para mostrar que é uma palavra de múltiplos significados, por isso o tradutor deve examinar cuidadosamente o seu significado em determinada passagem, atentando bem para o contexto em que está sendo usada.

b) **Isaías 45:7**. A tradução em português afirma:

"Eu formo a luz, e crio as trevas, faço a paz e crio o mal; eu o Senhor faço todas estas coisas."

Há aqui um problema de tradução, pois diz que Deus cria o mal. Deus é o autor do bem, da luz, da paz, mas Ele permite "o mal" para que anjos e seres humanos possam ver o resultado de se apartarem dos princípios da justiça. Este verso poderia ser traduzido assim: "Eu formo a luz e corto as trevas, faço a paz e seleciono ou permito o mal que vem sobre os homens.

Bará que está no original, não seria aqui criar, mas permitir, porque no hebraico não há idéia de que Deus crie o mal.

b) **Isaías 65:20**, Edição Revista e Atualizada no Brasil:

"Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado."

Os comentaristas têm ficado perplexos diante destes versos, porque ele fala em morte e pecado na vida por vir, quando estas coisas já estão no passado.

Há muitas explicações procurando tornar o seu sentido um pouco mais compreensivo para nós, mas nenhuma delas nos satisfaz plenamente. Existem traduções desta passagem, que não podem ser aceitas, por serem mais interpretações pessoais. É um texto difícil de ser traduzido, pois mesmo nos mais antigos manuscritos hebraicos não tem sentido lógico.

Skinner descreve o pensamento como "inexplicavelmente antinatural e obscuro". Talvez o melhor que se possa fazer sobre ele seja o seguinte: Não sabemos o seu exato significado e muitas das explicações que dele existem nos deixam ainda mais perplexos.

O Ministério Adventista - julho-agosto de 1954, pág. 18, trouxe do professor de Línguas Bíblicas do Emmanuel Missionary College, Otto H. Christensen uma destas explicações, mas após a atenta leitura do seu artigo, encontrava-me muito mais perplexo do que antes, porém, não é fácil concluir se a culpa é do verso, do expositor ou minha, por isso é melhor pontofinalizar esta parte. É inútil querer explicar coisas para as quais não há explicação completa.

c) Outros Problemas de Tradução

A seção "O Atalaia Responde" recebeu de E. R. L., a solicitação para que explicasse se as passagens de Mateus 18:11; 23:24; Marcos 7:16; 9:44 e 46; 11:26; Lucas 17:36; João 5:4; Atos 8:37; 15:34; 24:7; e Romanos 16:24 se encontram ou não no original. A versão Novo Mundo não as traz por não fazerem parte do texto grego.

"O Novo Testamento foi escrito em grego e o que temos hoje são meras cópias daquilo que os autores inspirados escreveram. Isso significa que há variações entre as várias versões do Novo Testamento. Nossas traduções tradicionais às vezes diferem em pequenos pormenores de outras traduções baseadas em diferentes textos antigos. Observe que estas variações, felizmente, são de pequena monta e em nada interferem quanto às doutrinas fundamentais na fé cristã.

O estudo dos manuscritos bíblicos constitui uma verdadeira ciência e é matéria geralmente oferecida nos cursos superiores de Teologia. Não convém, pois, discuti-la com pessoas que não tenham conhecimento a respeito, por tratar-se de questão essencialmente técnica.

A chamada "Versão Novo Mundo" tem alguns pontos positivos, como todas as versões atuais em geral, mas tem também aspectos tremendamente negativos, passagens traduzidas de encomenda para enquadrar-se na teologia particular de seus editores. Pode-se dizer seguramente que é uma versão indigna de confiança, que jamais despertou a atenção e o interesse dos eruditos. . . .

Quanto às passagens que enumerou, eis o que diz, em síntese, o SDA Bible Commentary, abalizado comentário bíblico:

– S. Mateus 18:11 e 23:14 – Evidência textual dividida quanto à antigüidade dessas passagens. Em S. Marcos 12:40 tem-se os mesmos dizeres, onde é incontestável. Ver que na Edição Revista e Atualizada no Brasil ambos os textos estão entre colchetes e na página de rosto do Novo Testamento há a explicação: "Todo conteúdo entre colchetes é matéria da tradução de Almeida que não se encontra no texto grego adotado";

– S. Marcos 7:16 – A evidência textual está dividida entre incluir ou excluir tal passagem. Contudo, Cristo freqüentemente usou aquela expressão (ver S. Mateus 11:15, etc.) e é certamente apropriada nesse contexto. Entre colchetes na Edição Almeida Revista e Atualizada.

– S. Marcos 9: 44 – Importante evidência textual pode aqui ser citada para omissão dos versos 44 e 46, como tendo sido repetidos com base no verso 48, idêntico. Também entre colchetes na Almeida Revista e Atualizada.

– S. Marcos 11:26 – A evidência textual pode ser citada para a omissão do verso 26, embora a maior parte dos manuscritos tenham o mesmo pensamento em S. Mateus 18:35. Entre colchetes como nos casos anteriores.

– S. Lucas 17:36 – As mesmas palavras desse texto aparecem, incontestadas, em S. Mateus 24:40. Entre colchetes na Almeida Revista e Atualizada.

– S. João 5:4 – Verso omitido em muitos originais e entre colchetes como nos casos acima.

– Atos 8:37 e 15:34, *idem*, *idem*.

– Atos 24:7 – Não consta nenhum comentário falando da possibilidade de dúvida quanto ao texto original dessa passagem.

– Atos 28:29 e Romanos 16:24 – Não consta da maior parte dos originais e também vem entre colchetes na Almeida Revista e Atualizada.

Deve-se ter em mente que a Versão Almeida é anterior a certas descobertas recentes no campo dos manuscritos bíblicos. Versões mais modernas são mais exatas, com base nesses novos achados. Esta versão Almeida Revista e Atualizada merece plena confiança pois apresenta os textos duvidosos entre colchetes. Sendo publicado pela Sociedade Bíblica, serve a todas as denominações, sem preferências." (*Revista Atalaia*, novembro, 1976, p. 25).

Para uma melhor compreensão de outros problemas que tradutores precisam enfrentar, ver o livro *Problems in Bible Translation* editado pela Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, especialmente o capítulo: "Um Estudo dos Problemas de Tradução".

Na apresentação deste capítulo foi de grande valia as oportunas sugestões de Eugene A. Nida, encontradas no livro *The Theory and Practice of Translation*.

MANUSCRITOS DA BÍBLIA

Não existem os escritos originais da palavra de Deus ou os autógrafos, mas felizmente quando estes ainda existiam, homens piedosos sentiram a necessidade de os copiar. Estas cópias feitas antes da invenção da imprensa chamam-se manuscritos.

Os manuscritos estão divididos em dois grandes grupos: os do Velho Testamento, escritos em hebraico, e os do Novo Testamento, em grego.

I. Manuscritos Hebraicos.

Há poucos manuscritos hebraicos antigos, talvez uma das razões para esta exigüidade seja o costume judaico de inutilizar todos os rolos que, pelo uso, começassem a se estragar. Havia em todas as sinagogas uma caixa ou compartimento, chamado "genizah" para onde levavam as folhas ou exemplares inutilizados. Alguns eram queimados, enquanto outros eram colocados nas sepulturas, dentro do caixão, com as figuras mais representativas da comunidade.

Não se encontra uniformidade nos livros quanto aos manuscritos hebraicos mais antigos, as datas, por vezes, divergem muito de autor para autor, mas talvez os mais velhos sejam estes:

1º) O Papiro de Nash.

Existem quatro fragmentos, que reunidos totalizam 24 linhas dos 10 mandamentos e os versículos 4 e 5 do capítulo 6 de Deuteronômio. Foi descoberto no Egito em 1920 e datado por Albright entre 150 e 11 a.C. Outros autores datam do ano 100 a.C.

2º) Um manuscrito do Pentateuco adquirido pelo Museu Britânico no fim do século XIX. Este manuscrito não tem data, porém, Ginsburg considerava este códice, como sendo da primeira metade do século IX; outros estudiosos, baseados em peculiaridades paleográficas crêem que pertença ao X século da nossa era.

3º) O de Leningrado.

Segundo a *Enciclopedia de la Biblia*, vol. II, página 375, este é o códice completo de todo o Velho Testamento mais antigo que existe.

4º) Códice de Alepo.

Sua antigüidade tem dado motivo a uma interminável discussão entre os estudiosos, defendendo alguns que seja do ano 910 A.D. O códice continha originalmente os 24 livros que compunham o Antigo Testamento Hebraico. Cada página consta de três colunas, com exceção de Jó, Salmos e outros trechos poéticos escritos em apenas duas colunas.

Devido à superstição de seus proprietários este manuscrito apenas pode ser visto por rabinos, também não permitindo que alguém o fotografe, mas apesar desta restrição, foi fotografado uma vez no século XIX e duas em 1957.

II. Manuscritos Gregos.

Providencialmente, muitas cópias dos livros do Novo Testamento foram feitas por cristãos devotos e destas umas 5.000 que contêm todo o Novo Testamento ou alguma parte, se acham arquivados em museus e bibliotecas ao redor do mundo.

O mais antigo manuscrito de qualquer parte do Novo Testamento é um pequeno fragmento que existe na biblioteca de John Rylands, em Manchester, Inglaterra. Contém o texto de S. João 18:31-33, 37 e 38. Foi escrito no Egito, na primeira metade do II século, menos de 50 anos depois da morte de João.

Classificação dos Manuscritos

Para melhor compreender o estudo dos manuscritos é necessário conhecer como são classificados. À medida que novos manuscritos iam sendo descobertos os estudiosos sentiram a necessidade de classificá-los, visando facilitar seu estudo e referências posteriores.

A primeira classificação foi feita por Johann Jacob Wettstein nos Prolegômenos da edição crítica do Novo Testamento Grego, publicado em Amsterdã em 1751-1752. Ele classificou os manuscritos unciais conhecidos pelas letras do alfabeto latino e os minúsculos pelos números arábicos 1, 2, 3, 4, 5, etc. A foi o Alexandrino, B o Vaticano, C o Efraimita. No seu tempo alistou ao todo entre unciais e minúsculos 125. Os papiros eram ainda desconhecidos nesta época.

Wettstein classificou os manuscritos do Novo Testamento em quatro grupos: 1) Evangelhos, 2) Atos e Epístolas Gerais, 3) Cartas Paulinas, 4) Apocalipse. Este método não foi aceito porque trazia confusão (desde que, a mesma letra ou número indicava diferentes manuscritos em diferentes livros), por isso foi colocado de lado.

Tischendorf ao publicar seu Novo Testamento Grego, de 1869-1872, ampliou a classificação de Wettstein, usando também as letras do alfabeto grego, porque as latinas já não eram suficientes para os unciais. Dado o grande valor que ele atribuiu ao Sinaítico, colocou-o no início da lista classificando-o com a primeira letra do alfabeto hebraico – alef א .

Classificação de Gregory

Em 1900, Gaspar René Gregory, no texto crítico do Novo Testamento, ponderou que se alguém não quisesse introduzir letra hebraica na classificação podia usar a letra S para o Sinaítico. Sendo que as letras latinas e gregas já não eram suficientes para os manuscritos unciais, Gregory sugeriu que fossem designados por números arábicos, precedidos de um zero, para não se confundirem com os minúsculos. Manteve contudo

as letras latinas e gregas, e ainda a primeira do alfabeto hebraico que identificavam os primeiros 45 manuscritos unciais. Sinaítico era alef ou 01, Alexandrino A ou 02, Vaticano B ou 03 e assim sucessivamente. Os papiros foram classificados com a letra P seguida de um índice. P1, P2, P3, etc.

Esta classificação continua sendo mundialmente aceita, desde que a de Von Soden por ser muito difícil é impraticável.

Classificação de Von Soden

Seu método é muito mais complicado. Distribuiu os manuscritos em três grupos, conforme o seu conteúdo, atribuindo-lhe as letras gregas: d, e, a . A primeira letra ou delta era a inicial da palavra "diatheke", compreendendo os manuscritos que contivessem todo o Novo Testamento; a segunda letra a inicial do Evangelho, abrangendo os manuscritos apenas dos Evangelhos; sob a terceira, apóstolos, os que se referiam aos demais livros do Novo Testamento.

Sem dúvida alguma um sistema mais perfeito e completo que os anteriores, mas evidentemente muito mais complicado, por isso apesar de seus ingentes esforços este processo foi abandonado. Seus discípulos prosseguiram, durante algum tempo, classificando os manuscritos com estas mesmas letras seguidas de números.

Números de Manuscritos

Gregory, em seu tempo, classificou 165 unciais e 14 papiros.

Em 1957, Kurt Aland apresentou a seguinte lista: Unciais 241, minúsculos 2.533, papiros 68 e lecionários 1838, perfazendo um total de 4.680.

Em 1969, o professor de Crítica Textual na Andrews, Walter Specht nos apresentou os seguintes números: unciais 250, minúsculos 2.646, papiros 76, lecionários 1997, totalizando 4.969.

A) Manuscritos Unciais.

1) CÓDICE SINAÍTICO, ALEF ou 01

A primazia na lista dos manuscritos caba a um códice da Bíblia Grega do IV século. Contém a Bíblia inteira, escrita com muito esmero, arrumada em quatro colunas por página. Hoje, partes do Velho Testamento têm perecido, mas o Novo Testamento está completo. Seu tipo de texto é idêntico ao do Códice Vaticano, isto é, pertence ao grupo Alexandrino. Escrito em fino pergaminho, pois é de pele de antílope, em grandes páginas, de 46 centímetros de altura por 36 de largura. Um estudo minucioso deste códice levou os eruditos a afirmarem que ele foi copiado por quatro copistas distintos.

A história do descobrimento deste manuscrito é fascinante, por isso merece ser aqui contada. Tischendorf, renomado professor da Universidade de Leipzig, empreendeu uma extensiva viagem pelas terras bíblicas, à procura de manuscritos.

Enquanto visitava o mosteiro de Santa Catarina no monte Sinai, em 1844, encontrou no corredor do convento uma cesta cheia de papéis, destinados a acender o fogo. Examinando as folhas percebeu, que eram parte de uma cópia da Septuaginta. Quando disse às pessoas responsáveis que tão precioso material não devia ter aquela finalidade, foi informado de que duas cestas já tinham sido queimadas. Diante de seu interesse foi-lhe permitido levar 43 destas folhas. Estas páginas se encontram atualmente na Biblioteca Real em Leipzig. Eram partes de I Crônicas, Jeremias, Neemias e Ester.

Em 1853, Tischendorf cheio de perseverança visitou o mosteiro novamente, com a esperança de adquirir outras porções do mesmo manuscrito, mas o grande entusiasmo manifestado no primeiro encontro, fez com que os frades suspeitassem que os manuscritos fossem muito valiosos; portanto, não permitiram que ele levasse mais.

No ano de 1859, mais uma vez, regressa ao mosteiro do monte Sinai, que se encontrava sob proteção do Czar da Rússia. Um dia antes da sua partida, presenteou o chefe do convento com uma cópia da edição da Septuaginta, publicada por ele em Leipzig. Imediatamente o administrador do mosteiro observou que também possuía uma cópia da Septuaginta, retirando de uma gaveta de sua cela um manuscrito envolto em um pano vermelho. Diante dos olhos de Tischendorf encontrava-se o tesouro que ele ansiosamente procurava. Escondendo seus sentimentos, pediu permissão para examiná-lo melhor ao anoitecer. Ao ser-lhe esta concedida, levou-o para seu quarto e durante toda a noite, avidamente, examinou e estudou o manuscrito. Em seu diário, escreveu, diante daquela maravilha seria um sacrilégio dormir. Ele logo descobriu que o documento continha muito mais do que havia imaginado, pois ali estava quase todo o Velho Testamento, o Novo Testamento completo e ainda a Epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas. Na manhã seguinte, tentou comprar o códice, mas sem sucesso. Pediu então licença para levá-lo ao Egito, mas esta também não lhe foi dada.

Posteriormente no Cairo, onde os monges do Sinai tinham também um pequeno mosteiro, Tischendorf se encontrou com o mesmo despenseiro do mosteiro de Santa Catarina, e tanto insistiu que o manuscrito foi levado ao Cairo para que ele o copiasse, porém, davam-lhe apenas um caderno de oito folhas cada vez. Dois alemães que estavam no Cairo e sabiam algum grego copiavam o manuscrito, enquanto Tischendorf revisava cuidadosamente o trabalho feito. Em dois meses eles copiaram 110.000 linhas do texto.

Não conseguindo comprá-lo convenceu os monges a presentear-lo ao Czar, que em reconhecimento a esta oferta doou 9.000 rublos ao mosteiro. Em 1862 o Czar custeou as despesas de publicação do texto impresso em Leipzig, em quatro volumes.

Este extraordinário tesouro permaneceu na Biblioteca de São Petersburgo até 1933, quando o governo russo desinteressado na Bíblia o vendeu ao Museu Britânico por 100.000 libras esterlinas, arrecadadas por subscrição pública e contribuição do governo (mais ou menos 500.000 dólares).

Esta história desperta no visitante de Londres um incontido desejo de visitar o Museu Britânico para contemplar o precioso manuscrito, famoso tanto pelo valor intrínseco como extrínseco.

2) CÓDICE ALEXANDRINO, A ou 02

Oferecido ao Rei Carlos I da Inglaterra por Cirilo Lucaris, Patriarca de Constantinopla, em 1627. Permaneceu na Biblioteca Real até 1757, e hoje se encontra ao lado do Sinaítico em um destacado lugar no Departamento de Manuscritos do Museu Britânico. Contém o Velho Testamento (em grego), exceto algumas mutilações e muito do Novo Testamento.

De acordo com o grande erudito em manuscritos bíblicos – Kenyon, ele pertence ao V século. Há no início deste códice uma nota assinada por Atanásio III, patriarca de Alexandria, que morreu em 1308, na qual se declara haver o manuscrito sido presenteado à cela patriarcal daquela cidade. Tudo indica que teve como origem Alexandria.

A qualidade do texto preservado no códice Alexandrino varia em diferentes partes do Novo Testamento. Nos Evangelhos é o mais velho exemplo do tipo Bizantino de texto. No restante do Novo Testamento é representativo do texto Alexandrino.

3) CÓDICE VATICANO, B ou 03

Juntamente com o Sinaítico está entre os mais valiosos manuscritos da Bíblia. Como seu nome indica, encontra-se na Grande Biblioteca do Vaticano, onde foi colocado pelo papa Nicolau V (1447-1455). Foi copiado cerca da metade do IV século. Contém o Velho Testamento, com algumas omissões e o Novo Testamento até Hebreus 9:14, possuindo hoje 759 folhas. Está escrito em três colunas em cada página.

Durante muito tempo o Vaticano não permitiu que este manuscrito fosse estudado e publicado, até que em 1857 apareceu uma edição in folio, em 1872 uma fac-similada, e outra fotografada em 1889. Graças ao espírito persistente de Tischendorf, ele conseguiu em 1866 uma licença para o examinar durante 42 horas, conseguindo nesse tempo copiar 20 páginas inteiras.

Kenyon no livro *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, pág. 140, afirma: "Os críticos em geral crêem ser B a evidência principal para a mais antiga forma de texto do Novo Testamento". Apresenta todas as evidências de ter tido Alexandria como o seu berço.

Eruditos crêem que os manuscritos Vaticano e Sinaítico estavam originalmente entre as 50 cópias das Escrituras que Constantino pediu a Eusébio para que fossem usadas nas igrejas naquele tempo.

Um de seus aspectos que precisa ser salientado é este: como o códice sinaítico, omite a parte de Marcos 16:9-20. Convém ter em mente que grande número dos mais capazes nomes da Crítica Textual sustentam que este final de Marcos não foi escrito por ele.

O Comentário Bíblico Adventista, vol. V, página 658, nos diz:

"Importantes evidências textuais podem ser citadas para a omissão total dos versos 9-20 de Marcos 16, concluindo assim o Evangelho de Marcos com o verso 8. Os

comentaristas defendem a omissão dos versos 9-20 apontando numerosas diferenças no estilo, idiotismos e palavras diferentes entre estes versos e as precedentes partes de Marcos."

Estes versos são conhecidos pela Crítica Textual como "a mais longa terminação de Marcos."

4) CÓDICE EFRAIMITA REESCRITA, C ou 04

É um palimpsesto do V século, chamado de Efraimita, porque diversas obras de Efraim da Síria foram copiadas sobre o texto original no século doze. Felizmente, sendo a tinta do último copista de menos duração que a do primeiro, Tischendorf, por meio de reagentes químicos e graças a um cuidadoso trabalho decifrou quase a totalidade do texto bíblico.

Contém fragmentos do Velho Testamento e quase todo o Novo. Seu texto é do tipo Bizantino. Hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Paris. Em seu lugar continha toda a Bíblia, mas hoje, somente permanecem 209 folhas do códice original e destas 145 são do Novo Testamento, contendo porções de cada livro, com exceção de II Tessalonicenses e II João.

Cada página apresenta apenas uma coluna, mostrando-nos a tendência dos copistas de alterarem a maneira de usar cada folha. O Sinaítico está em quatro colunas, o Vaticano em três, o Alexandrino em duas e este em uma somente.

5) CÓDICE DE BEZA, D ou 05

Diferente de todos os outros manuscritos em muitos aspectos, pois é notável pelos seus desvios do texto comum e pelas muitas adições. Assim em Lucas 6, este manuscrito tem o verso 5 depois do verso 10 e entre os versos 4 e 6 contém o seguinte relato: "No mesmo dia, vendo Jesus um homem trabalhando no sábado, disse-lhe: Se efetivamente sabes o que estás fazendo, és feliz, mas se não sabes, és maldito e um transgressor da Lei". Em Lucas 23:53 há uma adicional informação de que José de Arimatéia, após colocar o corpo de Jesus no túmulo, pôs perante ele uma grande pedra que 20 homens dificilmente poderiam movê-la. Bruce, em "The Acts of the Apostles", salienta o aspecto interessante e lógico de algumas de suas adições, como no capítulo 8 verso 24, onde afirma que Simão, o mágico, derramou copiosas lágrimas, outra é o horário das aulas de Paulo em Éfeso, no capítulo 19 verso 9.

Os exemplos citados são suficientes para indicar a característica livre do chamado texto Ocidental, do qual o Códice Beza é o principal representante.

Este manuscrito foi descoberto em um mosteiro em Lião e oferecido à Universidade de Cambridge, em 1851, por Teodoro Beza.

Escrito provavelmente no início do VI século, é ainda diferente dos demais até agora estudados por ser bilingüe, representando em colunas paralelas o texto grego e latino. Embora no início contivesse toda a Bíblia, hoje limita-se aos Evangelhos, Atos e fragmentos das Epístolas.

Os Evangelhos estão colocados na ordem do grupo Ocidental: primeiro os Apóstolos, depois os companheiros dos Apóstolos (Mateus, João, Lucas e Marcos).

6) CÓDICE CLAROMONTANO, D1, D2 ou 06

Descoberto em Clermont, cidade da França, donde lhe vem o nome. Foi adquirido entre 1565 e 1582 por Teodoro Beza. Está em grego e latim, como o Códice Beza, aliás, não passa de um suplemento do D. Deve-se notar que Hebreus se encontra na lista de Epístolas Paulinas.

As palavras são escritas continuamente, não apresentando também nenhuma pontuação. Encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de Paris.

Uma edição do manuscrito foi publicada por Tischendorf em 1852.

Como o Códice Beza, o tipo de texto deste manuscrito é essencialmente Ocidental.

7) CÓDICE WASHINGTON, W ou 032

Entre os mais importantes manuscritos unciais que foram descobertos durante o século XX está um códice dos quatro Evangelhos. Foi adquirido pelo Sr. Charles L. Freer, em 1906, de um árabe, e agora está no museu em Washington.

Foi copiado no início do V século e à semelhança do Códice Beza contém os Evangelhos na chamada ordem Ocidental.

Seu texto é curiosamente variado, pois nele se encontra o Bizantino, Ocidental, Alexandrino e Cesareense. Na opinião de Henry A. Sanders estas diferenças de texto podem ser explicadas pela teoria que afirma ter sido o códice feito de fragmentos de diferentes manuscritos dos Evangelhos, destruídos pelo imperador Diocleciano.

Uma das principais características deste manuscrito encontra-se no final do livro de Marcos, numa referência posterior ao aparecimento de Cristo ressurreto aos discípulos. Ela vem citada no livro *O Novo Testamento* do Dr. Benedito P. Bittencourt, página 113, com a ressalva de que evidentemente é apócrifa. "E eles desculparam-se, dizendo: Esta época sem lei e de descrença está sob o poder de Satanás, que não permite que a verdade e o poder de Deus prevaleçam sobre as coisas impuras dos espíritos. Por isso revela a tua justiça agora, assim falaram eles a Cristo. E Cristo replicou-lhes: O limite de tempo do poder de Satanás está cumprido, mas outras coisas terríveis se aproximam. Pelos que pecaram Eu fui entregue à morte, para que retornem à verdade e não pequem mais; para que possam herdar a glória espiritual e incorruptível dos justos que está no céu."

Qual teria sido a origem deste acréscimo? É sempre difícil qualquer pesquisa neste assunto, mas o autor do livro de onde o extraímos afirma que São Jerônimo o encontrou em certas cópias, especialmente nos códices gregos. Uma afirmação pode ser feita, sem receio de contestação, inegavelmente, ele contém verdades preciosas.

Os sete manuscritos maiúsculos aqui citados nos fornecem os diversos tipos de texto existentes no século VI, e é em torno deles que o debate se tem centralizado durante os últimos 100 anos. Todos os textos críticos se têm baseado neles.

Os próximos manuscritos maiúsculos são menos significativos para a Crítica Textual, porém, um ou outro merece rápida referência porque podem auxiliá-la em algum ponto

controvertido, ou ainda são dignos de nota por certas peculiaridades como o Códice 047 é o Purpúreo Petropolitano.

8) CÓDICE KORIDETE ou Y TETA.

É o nome dado a um manuscrito dos Evangelhos que foi descoberto em Koridete, perto do Mar Cáspio, encontrando-se agora em Tiflis, a capital da República Socialista da Geórgia.

É o mais importante representante do tipo cesareense de texto, de acordo com Streeter e Lake.

9) CÓDICE BASILEIENSE.

Foi escrito no oitavo século e apresenta o tipo Bizantino de texto.

Como se deduz do próprio nome, encontra-se na Biblioteca de Basiléia desde 1559. Contém os quatro Evangelhos, apenas com algumas mutilações em Lucas. Embora estudado por Mill, Wettstein, Tischendorf e Tregelles, nunca foi publicado.

10) CÓDICE 047.

Este manuscrito merece rápida referência por causa da disposição de sua escrita que está arrumada em cada página na forma de uma cruz.

É uma cópia dos quatro Evangelhos feita mais ou menos no décimo século. Hoje se encontra na Biblioteca da Universidade de Princeton.

11) CÓDICE LAUDIANO.

Manuscrito Bilingüe, trazendo o texto em grego e latim, hoje depositado na Biblioteca Bodleiriana em Oxford. Os estudiosos o datam do final do século quinto ou início do sexto. É relativamente pequeno, pois contém apenas o livro de Atos com a omissão de 26:20 a 28:26. É o primeiro manuscrito conhecido, que menciona a confissão de fé que Filipe exigiu do eunuco antes de o batizar, conforme Atos 8:37.

O Novo Testamento grego omite este verso, chamando a nossa atenção para o Aparato Crítico, onde são mencionados os melhores manuscritos que não o apresentam.

O Comentário Bíblico Adventista tem sobre esta passagem a seguinte afirmação: "Evidências Textuais favorecem a omissão deste verso".

12) CÓDICE RÉGIO.

Manuscrito do oitavo século, constituído dos quatro Evangelhos, pertencentes à Biblioteca Nacional de Paris.

Seu texto tem sido classificado pelos críticos como idêntico aos do Sinaítico e Vaticano, embora com erros graves atribuídos à incompetência do escriba.

Sua mais notável característica é apresentar duas terminações para o Evangelho de Marcos, a longa, que é mais comum, compreendendo os versos 9 a 20 do capítulo 16; e a breve, que aparece em um pequeno número de manuscrito, como nos mostra Bruce no compêndio *The Text of the New Testament*, página 54.

13) CÓDICE PURPÚREO PETROPOLITANO

Encontra-se entre as mais ricos e mais belos dos códices bíblicos existentes, por ser escrito em letras de prata ou ouro sobre pergaminho purpúreo.

Continha originalmente os quatro Evangelhos em 462 folhas, contando hoje com apenas 227, repartidas por 8 bibliotecas e museus de diversas partes do mundo.

Seu tipo de texto tem sido classificado como Bizantino, e sua data, no sexto século.

14) CÓDICE PORFIRIANO, TAMBÉM CONHECIDO COMO p2.

É um palimpsesto do nono século que hoje se encontra em Leningrado.

Este manuscrito é digno de nota por ser um dos poucos que contém o livro de Apocalipse, mas além deste lá se encontram as Cartas Paulinas, as Canas Universais e o Livro de Atos.

O texto bíblico, deste palimpsesto foi apagado para receber, em 1301, um Comentário de Eutálio sobre Atos e as Cartas Paulinas.

Foi editado por Tischendorf de 1865 a 1869.

MANUSCRITOS MINÚSCULOS

Quando os manuscritos começaram a ser mais procurados, os copistas empregaram uma forma de escrita menor e mais fácil. Alguns querem ver diferença entre os termos minúsculo e cursivo. Minúsculo usa-se para o tipo de letra de forma menor e cursivo para a junção das letras no ato de escrever. Na prática as duas palavras são empregadas indistintamente.

Quais as vantagens da letra minúscula sobre a maiúscula?

Dr. Benedito P. Bittencourt no livro *O Novo Testamento*, páginas 115 e 116, declara:

"As vantagens desta escrita com minúsculas são grandes. Menores que as unciais, as minúsculas ocupavam menos espaço, e, por conseguinte, menos pergaminho, tornando o livro mais econômico e mais fácil de ser usado. A rapidez com que a escrita cursiva era realizada aumentava a produção e a barateava, colocando, deste modo, os livros ao alcance de pessoas de recursos limitados. Assim a escrita em minúsculas foi importante fator na disseminação da cultura geral e da Bíblia em particular."

Os manuscritos minúsculos apresentam quantidade muito mais considerável que os unciais, desde que os unciais sendo mais antigos estiveram mais sujeitos à destruição.

Os eruditos têm classificado muitos deles em famílias, quando apresentam sensível semelhança no tipo de texto. Os mais importantes manuscritos minúsculos do Novo Testamento são os seguintes:

1) FAMÍLIA 1

Fazem parte desta família, de acordo com Lake, os seguintes manuscritos: 1, 118, 131 e 209, que estão classificados entre os séculos XII e XV. A análise do seu texto indica que ele concorda com o Koridete, ou o tipo corrente em Cesaréia no 3º e 4º séculos.

2) FAMÍLIA 13

William Hugh Farrar, professor de latim na Universidade de Dublin, descobriu em 1868 que os manuscritos 13, 69, 124 e 346 apresentavam muita identidade de texto. Eles foram copiados do século XI ao XV. Hoje estão incluídos neste grupo uma dúzia de manuscritos.

Uma das curiosidades deste grupo é que eles têm o relato da mulher adúltera não em João capítulo 8, mas após Lucas 21:38.

Como a Família 1 seu texto é do tipo cesareense.

3) MANUSCRITO 33

Em virtude da delicadeza de suas letras e beleza de suas páginas, foi cognominado "o rei dos cursivos". Contém todo o Novo Testamento, com exceção do livro do Apocalipse.

Encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

É um esmerado representante do tipo Alexandrino de texto.

4) MANUSCRITO 61

Data do século XVI e apresenta todo o Novo Testamento. Tem mais importância histórica do que intrínseca, por ser o primeiro manuscrito grego descoberto que faz referência às Três Testemunhas Celestiais em I João 5:7-8.

Tudo indica que foi produzido com o propósito de prejudicar a Erasmo, como vem explicado, na parte que trata da publicação do Novo Testamento grego deste grande humanista.

Hoje se encontra na Biblioteca de Dublin.

5) MANUSCRITO 700

Pertence ao século XI ou XII e se encontra no Museu Britânico. A principal curiosidade deste manuscrito é a seguinte: No Pai Nosso relatado por Lucas (11:2), em lugar de "venha o teu reino", aparece "venha o teu Espírito Santo sobre nós e nos purifique". Este também era o texto da Oração do Senhor conhecido por Márcion.

6) MANUSCRITO 16

Com este número foi designado o manuscrito que contém uma cópia dos quatro Evangelhos. Pertence ao século XVI e hoje pode ser visto na Biblioteca Nacional de Paris.

Seu texto foi escrito com tinta de quatro cores diferentes conforme o assunto. As palavras de Jesus, sua genealogia e as palavras dos anjos estão em vermelho; as palavras citadas do Velho Testamento, bem como as dos discípulos, de Zacarias, Maria, Simeão e João Batista estão em azul; as palavras dos fariseus, do centurião, Judas e Satanás estão em preto. As palavras dos pastores também estão em preto, mas pode ter sido um engano.

7) MANUSCRITO 1739

Nele se encontram as Epístolas Paulinas e o Livro de Atos.

É importante porque contém muitas notas marginais tiradas dos escritos de Irineu, Clemente, Orígenes, Eusébio e Basílio. A História Eclesiástica nos informa que Basílio viveu de 329 a 379, portanto o ancestral deste manuscrito foi copiado no final do século IV. A cópia que conhecemos é do século X e descoberta em 1879 no Monte Atos.

PAPIROS

A descoberta dos papiros bíblicos é bem mais recente do que a dos pergaminhos.

Em 1751, quando Wettstein classificou os manuscritos bíblicos não havia ainda nenhum papiro.

Foi a expedição de Napoleão ao Egito em 1798, da qual faziam parte muitos cientistas, que abriu uma nova era nas escavações e investigações papirológicas.

Durante os anos de 1877 e 1878 houve, no Cairo, grande exposição e conseqüente venda de avultado número de papiros. As compras foram feitas especialmente pela Alemanha, Inglaterra e França. Nestes países papirólogos se dedicaram a classificá-los e estudá-los.

O inglês Flinders Petrie, despertado por estes estudos, empreendeu em 1883, uma série de escavações sistemáticas em diferentes pontos do Egito, resultando deste seu esforço documentos valiosos tanto para a literatura secular como para o texto bíblico. Dois outros notáveis arqueólogos, Grenfell e Hunt (1895-1896), seguindo a trilha iniciada por Flinders Petrie descobriram em Oxirrincos preciosidades papirológicas seculares e bíblicas. Não apenas no Egito estas escavações se processaram, mas em outras partes do mundo, como em Pompéia, na Palestina e Dura-Europos, o mesmo trabalho foi feito.

Este estudo adquiriu tal importância que deu origem a uma nova ciência – a Papirologia (ciência que se ocupa com o estudo dos textos e escritos em papiro).

Não existe uma lista completa de papiros do Velho Testamento. Uma seleção destes papiros pode ser feita, baseada numa obra publicada em Berlim em 1918 por W. Schubart.

PAPIROS DO NOVO TESTAMENTO

Embora saibamos que muitos livros do Novo Testamento foram copiados em papiros, até mais ou menos o ano 300 da nossa era, em 1930 apenas 44 fragmentos de papiros eram conhecidos. Em 1947 Metzger publicou uma lista de 54 papiros existentes naquele ano. Em 1963, graças ao auxílio de outros papirólogos, pôde Metzger adiantar que os papiros bíblicos são em número de 76. Entre estes se encontram alguns que trazem apenas pequenos fragmentos da Bíblia, enquanto outros são bastante extensos.

Os menores são os seguintes: o P¹² com apenas um verso, Heb. 1:1; o P⁷ trazendo dois versos: Lucas 4:1-2; o P¹⁸ relatando o que encontra em Apoc. 1:4-7. O que traz maior porção de todo o texto bíblico é o papiro de número 35.

Apenas não se encontram nos papiros algumas partes das Epístolas Paulinas e as quatro Epístolas Gerais menores.

Os papiros são úteis à Crítica Textual porque alguns são anteriores aos mais antigos pergaminhos e por serem fiéis testemunhas do tipo de texto que existia no Egito.

A lista completa dos 76 papiros, com a data da escrita, o tipo de texto, o conteúdo textual e o lugar onde hoje se encontram é apresentada em vários livros, sendo dois deles: *The Text of The New Testament*, de Bruce Metzger, páginas 247 a 256 e *Enciclopedia de la Biblia*", vol. V, páginas 867 a 870.

Se Tischendorf foi cognominado o grande papirólogo do século passado, inegavelmente, em nosso século, nenhum nome se projetou mais do que o do Sr. Frederico Kenyon.

Seria interessante a informação de que os papiros se apresentam quase todos em códices e não em rolos. Até 1930 pouco valor foi dado aos papiros para o estudo do texto do Novo Testamento, por serem eles apenas pequenos fragmentos, mas nesse ano, quando alguns nativos egípcios descobriram papiros escritos em grego com partes maiores do Novo Testamento, real interesse foi despertado para o seu estudo.

Estes manuscritos foram adquiridos pelo Sr. Chester Beatty, pela Universidade de Michigan e por particulares da Áustria, Itália e de outros lugares.

Os mais conhecidos, por serem os mais valiosos para a Crítica Textual são os da coleção comprada por Chester Beatty.

Estes papiros bíblicos, que se tornaram conhecidos do público em 1931, consistem de porções de 11 códices, três dos quais continham a maioria dos escritos neotestamentários.

Os três mais importantes da coleção de Chester Beatty são os seguintes:

P 45. Originalmente o códice consistia de mais ou menos 220 folhas, contendo os quatro Evangelhos e Atos. Hoje são preservadas trinta folhas incompletas contendo partes destes cinco livros.

O manuscrito, por ser da primeira metade do terceiro século, é muito útil para mostrar-nos o texto daquele tempo.

P 46. É o mais famoso dos manuscritos das Escrituras em papiro. Consiste de 86 folhas das Epístolas Paulinas, com pequenos estragos. Originalmente eram 104 folhas. As Epístolas de Paulo estão arrumadas na ordem decrescente de tamanho, sendo digno de nota que entre elas se encontra a de Hebreus.

Este papiro vem provar, que no início do terceiro século a Epístola aos Hebreus era aceita como inspirada e escrita pelo Apóstolo Paulo. A Epístola aos Hebreus aparece neste códice entre as cartas de Paulo, refutando a pretensão de certos teólogos modernistas de que ela não foi escrita por Paulo.

Outro aspecto a ser notado neste papiro é que a doxologia de Romanos está no fim do capítulo quinze.

É mais velho do que o papiro 45, pois tem sido datado mais ou menos do ano 200.

P 47. Era primitivamente constituído de trinta e duas folhas, das quais hoje nos restam apenas dez de Apocalipse, e é atribuído à segunda metade do terceiro século.

É importantíssimo, porque há poucos manuscritos primitivos contendo o livro de Apocalipse.

A coleção de Chester Beatty encontra-se no Museu de Dublin.

O papiro 52 comprado por Grenfell em 1920, no Egito, para a Biblioteca de John Rylands de Manchester, na Inglaterra. Contém apenas uns poucos versos do Evangelho de João (18:31-33, 37-38). Este fragmento, segundo alguns, é a mais antiga cópia conhecida de uma porção do Novo Testamento, afirmação contestada por outros, que afirmam terem sido encontrados em uma das cavernas de Qumran fragmentos de papiro com trechos do Evangelho de Marcos, anterior ao ano 68 A.D., como está relatado no capítulo Rolos do Mar Morto. Baseando-se no tipo de escrita, Roberts afirma que os poucos versos do papiro 52 foram escritos na primeira metade do segundo século. Embora nem todos os eruditos estejam de acordo com esta data eminentes paleógrafos, como Frederico Kenyon. W. Schbart, Harold Bell, Adolfo Deissmann e outros têm concordado com o julgamento de Roberts. Peritos papirólogos europeus o têm datado no tempo do Imperador Trajano (98-117).

Embora diminuto em seu tamanho, é de grande valor para o texto bíblico, por derrotar a opinião de alguns críticos que afirmam ter sido o Evangelho de João escrito por volta do ano 160.

COLEÇÃO DE BODMER

M. Martim Bodmer, por ser bibliófilo e humanista, comprou para a biblioteca que tinha estabelecido num subúrbio de Genebra, uma coleção de Papiros, que hoje recebe o Seu nome. Os mais notáveis desta coleção são os seguintes:

P 66.

É um códice do Evangelho de João, publicado em 1956 por Vitor Martim, professor na Universidade de Genebra. De acordo com o editor, este manuscrito é um dos mais velhos do Novo Testamento, datando do ano 200 mais ou menos. Contém os

primeiros catorze capítulos do Evangelho de João com uma lacuna apenas (vinte e um versículos) e consideráveis porções dos últimos sete capítulos.

Este manuscrito apresenta algumas singularidades, tais como João 13:5, onde afirma que Jesus não tomou uma simples bacia (niptera), mas uma bacia com pés (podoniptera); outra está no capítulo 7 verso 52 em que a palavra profeta está precedida de artigo, o que evidentemente altera o sentido do texto.

Dada a sua antigüidade, bem como a do papiro 75, é digno de nota, não aparecer neles a Perícope da Mulher Adúltera do capítulo oito, um a onze. Todos os estudantes de Crítica Textual devem ter em mente que o relato da mulher adúltera apenas se encontra em um dos primitivos manuscritos unciais, isto é, no Códice D ou de Beza. Os Novos Testamentos Gregos não a trazem, bem como a "Revised Standard Version" e a "New English Bible". Também não se encontra na maioria dos primitivos manuscritos latinos. Em alguns manuscritos ela aparece depois de Lucas 21:38.

Esta circunstância e a alegada diferença de estilo com os demais escritos joaninos, têm levado os eruditos a afirmarem que esta perícope não se encontrava no autógrafo de João. Embora estes mesmos eruditos confessem que a narrativa parece ser autêntica e que está em plena harmonia com a vida e os ensinamentos de Jesus. O Comentário Bíblico Adventista defende a sua autenticidade.

P 72.

Este manuscrito contém as mais antigas cópias da Epístola de Judas e as I e II Epístolas de Pedro. O editor Michel Testuz as datou ao terceiro século.

P 74.

Antigamente era um códice volumoso de 264 páginas, mas que hoje se encontra num pobre estado de preservação, contendo muitas lacunas. Nele encontramos porções de Atos, Tiago, I e II Pedro, III João e Judas. É datado do sétimo século.

P 75.

Manuscrito contendo os livros de Lucas e João. Tinha primitivamente 144 páginas e desta sobrevivem 102. Dois de seus editores dataram esta cópia entre os anos 175 e 225. Seria assim a mais primitiva cópia de Lucas e uma das primeiras de João.

Neste manuscrito o nome de João é escrito com apenas um ni. No relato da Parábola do Homem Rico e Lázaro aparece o nome do homem rico – onomati Neues; a tradição naquele tempo era chamar o rico de nineues.

Seu texto apresenta profunda identidade com o texto do códice Vaticano. Metzger salientou muito bem esta identidade da seguinte maneira:

"Embora o papiro não apóie inteiramente um tipo ou família de texto do Novo Testamento, concorda mais freqüentemente com o Códice Vaticano (B) do que qualquer outro manuscrito."

Há curiosas variantes em seu texto, por exemplo, em S. João 10:7 em vez da palavra "porta" aparece a palavra "pastor", ficando assim a passagem: "Eu sou o pastor das ovelhas" em lugar de "Eu sou a porta das ovelhas".

Papiros de Elefantina

Merece ainda rápido destaque os chamados papiros de Elefantina, assim chamados por terem sido encontrados na ilha de Elefantina. O egiptólogo Sayce pretendia publicar uma coleção destes papiros, mas pelo falecimento (1896) não pôde realizar seu sonho. Sua filha desconhecendo o valor dos papiros guardou-os num caixote, legando-os por ocasião da morte ao Brooklyn Museu de Nova York. Examinando-os detidamente os estudiosos assinalaram o seu valor. A maior parte destes são escritos em aramaico.

Dr. S. Schwantes escrevendo sobre os Papiros e a Bíblia destacou:

"Grenfell e Hunt, seguindo as pegadas do veterano arqueólogo inglês Flinders Petrie, iniciaram investigações em montes de lixo, em aldeias e cidades do antigo Egito, descobrindo fragmentos de papiros com trechos bíblicos.

O papiro, fabricado com as fibras de uma planta do mesmo nome, é facilmente perecível, mas não no clima extremamente seco que prevalece no Egito na orla do deserto. Graças a esse clima, milhares de fragmentos de papiros foram preservados em excelente estado, constituindo hoje verdadeiras preciosidades."

Depois de chamar-nos a atenção para a descoberta de papiros contendo famosas obras clássicas dos gregos o autor prossegue:

"Papiros contendo porções da Bíblia não começaram a aparecer a não ser no final do século passado, à medida que se faziam explorações arqueológicas sistemáticas em várias regiões do Egito. A luz que projetaram sobre a data dos diferentes livros do Novo Testamento foi de valor inestimável. Um fragmento do Evangelho de João foi datado da primeira metade do segundo século da nossa era. Se a data está correta, então o original do Evangelho de São João remonta pelo menos ao final do primeiro século, contrariamente à opinião de muitos críticos que, baseando-se em critérios puramente literários, atribuem o Evangelho ao segundo século. Se os críticos tivessem razão, então o evangelho em questão não poderia ter sido escrito pelo apóstolo João, como a Igreja sempre creu...

Os originais dos diferentes livros do Novo Testamento foram escritos em cidades da Palestina, da Ásia Menor ou da Europa onde o clima não favorecia a preservação desses originais, especialmente se escritos em papiros por ser mais barato que o pergaminho.

O fato de não possuímos os manuscritos originais dos evangelhos ou epístolas, não milita contra a autenticidade do Novo Testamento que possuímos. Se não possuímos os originais, possuímos ao menos cópias de cópias dos originais. E tantas são as cópias preservadas, e tantas as traduções do Novo Testamento anterior ao quinto século de nossa era, que eruditos, por um processo de comparação cuidadosa, podem recuperar o texto original com uma precisão extraordinária. Pode-se afirmar sem hesitação que nenhum outro livro da antigüidade é tão bem atestado como o Novo Testamento. . .

As descobertas de papiros bíblicos no Egito não só foram úteis para avaliar a data aproximada dos originais, mas também para esclarecer a língua em que o Novo Testamento foi escrito. Ao passo que outrora se imaginava que o Novo Testamento

fora escrito num grego eclesiástico, diferente do clássico, hoje se sabe que foi escrito no grego do povo comum. Os eruditos o chamam grego koinê, que quer dizer o grego popular falado por quase todo o mundo na parte oriental do I Império Romano. Era a língua em que os apóstolos pregavam o evangelho e que se reflete nos papiros contemporâneos, bem como nas páginas do Novo Testamento.

Os estudiosos haviam constatado que havia no Novo Testamento palavras e expressões que não podiam ser elucidadas consultando um dicionário de grego clássico. Lightfoot e outros haviam sugerido que se conhecessem as cartas escritas pelo povo comum nos dias dos apóstolos, muitas destas palavras e expressões "sui generis" apareceriam como termos de uso corrente. Esta predição se confirmou quando A. Deissmann e outros especialistas puseram em evidência os muitos paralelos entre a linguagem dos papiros achados no Egito. Verificou-se então que o Espírito Santo não cunhou uma língua especial para comunicar a revelação divina, mas inspirou os autores bíblicos a empregar a língua mais popular para alcançar o coração de todos os homens e não somente dos intelectuais!

A título de ilustração citemos dois exemplos de como a linguagem dos papiros esclarece a linguagem do Novo Testamento. O termo **arabon** empregado em II Coríntios 1:22; 5:5 e Efésios 1:14 e traduzido como "penhor" aparece freqüentemente nos papiros. Assim uma mulher que está vendendo uma vaca recebe mil dracmas como "sinal" na espera de receber o restante mais tarde. Na linguagem do apóstolo Paulo, o dom presente do Espírito Santo é um "sinal" de bênçãos ainda maiores prometidas para o porvir.

A palavra **parousia** que no grego clássico significava "presença" aparece no Novo Testamento com uma conotação diferente. O contexto exige freqüentemente que a palavra seja traduzida por "aparecimento" ou "visita. Ora, os papiros mostram que **parousia** era a palavra popular para indicar a visita de um grande personagem. Somos, pois, autorizados a interpretar várias passagens do Novo Testamento onde **parousia** é empregada como uma referência a "visita real" de Jesus Cristo, visita esta que a igreja aguarda com tanta ansiedade.

Cristo disse certa vez, que se os homens se calassem em render seu testemunho, as próprias pedras clamariam. Não somente as pedras, mas também os papiros egípcios erguem hoje suas vozes para render testemunho à veracidade das Santas Escrituras." (Partes principais de um artigo escrito na *Revista Adventista*, junho de 1979, pp. 7-9).

CONCLUSÕES

I) Todos estes papiros têm um profundo significado para uma melhor compreensão do texto. Note-se, porém, que é a sua antigüidade e não o material ou lugar de origem, o que lhes confere o valor.

II) A preservação e o conhecimento destes papiros nós devemos a dois incansáveis eruditos – Dr. Hugo Ibscher e Frederico Kenyon.

Geralmente os papiros são encontrados em muito mau estado; uns descobertos no meio de ruínas, outros nos sarcófagos, juntos com as múmias; aparecem às vezes, rasgados ou quebrados, apagados pela umidade, e quase inutilizados. Para desenrolar e esticar estas folhas seculares, sem as danificar, o papirologo deve ser também químico e manipulador perito, que saiba proceder a este trabalho com muita habilidade e paciência.

No campo de papirologia bíblica deve ser mencionado o Dr. Hugo Ibscher de Berlim, a maior autoridade na conservação de papiros, que com a habilidade de mestre tratou das folhas separando-as e arrumando-as adequadamente.

Senhor Frederico Kenyon, o "primus inter pares" entre os estudiosos dos manuscritos sagrados, publicou entre 1933 e 1937, com introduções e comentários todos os papiros bíblicos conhecidos, incluindo os do Velho Testamento.

III) Muitos dos estudiosos da papirologia esperam sofregamente, que num futuro próximo novas e importantíssimas descobertas se processem neste maravilhoso campo da arqueologia bíblica.

Eis as palavras do Dr. B. P. Bittencourt, no livro *O Novo Testamento*, página 98:

"Esta é a ciência que avança em função de novas descobertas, e quem poderia prever que nestes últimos trinta e poucos anos, com a descoberta dos papiros Chester Beatty e Bodmer, e os estudos feitos no texto tipo cesareense e outras contribuições menores, a crítica textual avançasse tanto de modo a tornar as obras de Gregory, Nestle ou Langrange, e até do próprio Kenyon e Vaganay, não só velhas, mas obviamente a carecer de revisão e grande atualização? E quem dirá que amanhã, como aconteceu nesta geração, não haverá surpresas, no campo dos MSS, do Novo Testamento, com descobertas ainda maiores que as dos rolos do Mar Morto para o Antigo Testamento?"

IV) Cada manuscrito ao ser encontrado, quer seja ele uncial, minúsculo ou papiro é criticamente estudado por pessoas versadas no Novo Testamento, cujo objetivo principal é preparar um texto grego que tenha a maior semelhança possível com o original verdadeiro, mas perdido.

V) O estudo dos manuscritos desperta em nós a convicção de que não há nenhum motivo para alguém alimentar dúvidas quanto ao texto original da Palavra de Deus.

VI) Este capítulo será concluído com quatro citações:

- a) "Deus tem fiéis testemunhas a qual Ele confiou a verdade, é que preservam a Sua palavra. Os manuscritos hebraicos e gregos das Escrituras têm sido preservados através do tempo por um milagre de Deus." (E. G. White, Carta 32, 1899).
- b) "Nenhuma doutrina fundamental da fé cristã repousa num texto em disputa. As constantes referências a erros e divergências textuais não suscitam nenhuma dúvida quanto ao conteúdo, à substância, à mensagem e mesmo à linguagem da Bíblia, pois elas ocorrem num ou noutro texto não significativo no teor geral do Livro (...) O cristão deve tomar a Bíblia em suas mãos e afirmar, sem temor nem hesitação, que ele está segurando a verdadeira Palavra de Deus, transmitida, de geração em geração; através dos séculos sem a perda de um pormenor de importância." (Palavras do Senhor

Frederico Kenyon, diretor do Museu Britânico, encontradas no livro *Our Bible and Ancient Manuscripts*).

c) "A grande reverência com que tanto os judeus como os primitivos cristãos tinham para com os escritos sagrados, faziam-nos muito escrupulosos em sua conservação. As provas históricas confirmam isto, pois judeus e cristãos tiveram que sofrer a perseguição por causa de seus livros sagrados, e em virtude de sua fé. Sabemos que muitos judeus preferiram morrer a entregar os oráculos divinos às chamas destruidoras." (A. R. Miles).

d) Variantes Segundo o cálculo de juízes tão competentes como os críticos Westcott e Hort, sete oitavos de todo o Novo Testamento são transmitidos, concordemente, sem variantes, por todas as testemunhas.

Quanto às variantes, somente a milésima parte atinge o sentido e só uma vintena assumem a verdadeira importância. Nenhuma atinge a alguma verdade doutrinária. Auxiliados pela Crítica Textual podemos concluir com os supracitados críticos que o texto genuíno do Novo Testamento é assegurado não só na substância, mas também em quase todos os minuciosos particulares.

Das fontes usadas na elaboração deste capítulo a mais valiosa foi: *The Text of The New Testament* de Bruce M. Metzger, páginas 36-65.

OS ROLOS DO MAR MORTO

No verão de 1947, tiveram início na Palestina, por obra de casual descoberta de um jovem beduíno, chamado Moâmede ad-Dib, encontros arqueológicos de excepcional importância: os chamados manuscritos do Deserto da Judéia, do Mar Morto ou ainda Manuscritos de Qunran. Ele tinha perdido uma cabra, por isso subiu penosamente a encosta, chamando pelo animal que continuava a trepar, a procura de

alimento. Nesta sua busca ele deparou com uma cavidade, atirou para dentro dela uma pedra, apurando o ouvido para escutar a queda, a fim de determinar a sua profundidade. Qual não foi a sua surpresa, quando em vez do esperado ruído, seu ouvido percebeu um típico som de louça. Com esforço conseguiu olhar para dentro, notando com surpresa a existência de vários objetos cilíndricos, de grande tamanho. Amedrontado pela superstição, o moço fugiu rapidamente daquele sítio, e, à noite, comentou com um amigo a inusitada descoberta da caverna. No dia seguinte os dois se dirigem à gruta, e ao entrarem nela, encontram sete rolos. Levaram alguns para a tenda e ao desenrolarem ficaram surpresos com a sua extensão e por não entenderem nada do que neles estava escrito.

Os beduínos, indo regularmente a Belém para vender leite e queijo, certo dia, levaram também os pergaminhos, vendendo-os a um cristão sírio, dono de um armazém, conhecida pelo nome de Kando, que também por ignorar totalmente o valor deste achado, abandonou-os no chão da loja por vários dias, sendo estes pisados pelos que nela entravam. Certo dia, atentando melhor para aqueles pergaminhos, ocorreu-lhe a idéia de levá-los a Jerusalém para os vender no Convento Sírio de São Marcos. O superior do convento procura pessoas entendidas que estudassem os manuscritos, a fim de que ele pudesse ter uma idéia de seu real valor, assim sendo, um dos pergaminhos foi enviado ao Professor E. L. Sukenik, da Universidade Hebraica. Sukenik analisando-o, em profundidade, concluiu que o documento apresentava grande valor pelo seu conteúdo e considerável antigüidade.

A caverna na qual foram encontrados os manuscritos fica na região desolada e quente do Deserto de Judá dos dias bíblicos, cerca de doze quilômetros ao sul de Jericó, na altura do Uadi Qunran.

Os sete rolos retirados desta gruta eram bem diferentes, pois dois eram manuscritos do livro de Isaías, um completo e outro incompleto, um manual de Disciplina da Seita, uma coleção de Salmos e Ações de Graça, uma ordem de batalha para uma guerra apocalíptica entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, um Comentário ao livro de Habacuque. Todo este material foi publicado por Sukenik e pelos americanos. Além dos manuscritos já citados ainda foram encontrados documentos os mais diversos como contratos de casamento, cartas do líder judeu Bar Cocheba, um hinário de mais ou menos quarenta salmos, cópias dos apócrifos de Eclesiástico e Tobias, além de trechos de pseudepígrafos como o de Enoque.

A gruta em que aqueles pastores entraram, e que marcou o início de uma fase histórica da arqueologia, recebeu o n.º 1. Não longe dela, encontrou-se, em fins de 1951, a gruta a que se deu o n.º 2. Continha fragmentos dos Salmos, os livros de Isaías, do Êxodo, de Rute, um documento litúrgico e o livro apócrifo dos Jubileus, que é uma paráfrase do Gênesis, recompilada pelos fariseus. Descobriu-se, depois, a gruta n.º 3, onde se encontraram 2 rolos de chapas de cobre, com textos gravados.

A gruta que deu colheita mais rica foi a de n.º 4. Continha 380 manuscritos, dos quais mais ou menos uma centena são de ordem bíblica. Seguiram-se as de n.º 5 e 6, que deram manuscritos de pouca importância bíblica e histórica. Em fins de 1955, revistaram-se as grutas que receberam os nos 7, 8, 9 e 10, todas contendo ora

pergaminhos, ora papiros, tudo de pouca importância. Logo após, nos últimos dias de 1955, encontram-se outras duas séries de grutas, uma à margem do Uadi Murabaat, e outra à margem do Uadi Mird, sempre nos arredores do Mar Morto.

Os dois rolos de chapa de cobre mediam mais ou menos 2 metros de comprimento e uns 30 centímetros de largura. Durante 3 anos estudos foram feitos para que os rolos fossem abertos sem se estragar a escrita. Foi preparada uma máquina especial pelo Departamento de Tecnologia de Manchester, Inglaterra, para cortar o rolo, trabalho este levado a efeito no dia 16 de janeiro de 1956. Estes rolos podem ser vistos no Museu de Amã. Na escrita de um deles estava a relação de uns 60 esconderijos, nos quais, se encontrariam depósitos de ouro, prata ou caixas de incenso.

Três sociedades científicas: Departamento Arqueológico da Jordânia, Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém (Santo Estêvão) e o Museu Arqueológico Palestinoense têm inventariado as riquezas destas grutas. Os fragmentos de manuscritos descobertos nas onze cavernas de Qunran são cerca de 600 e um quarto destes fragmentos contém textos bíblicos; com exceção do livro de Ester, todos os livros do Velho Testamento se acham ali representados. Os mais numerosos são dos livros de Isaías, de Deuteronômio e dos Salmos.

Quem Guardou Estes Manuscritos

Uma pergunta que vem à mente de todos é esta: quem foram as pessoas que moravam nesta região e copiaram os manuscritos encontrados nas grutas? Segundo a opinião dos eruditos seus habitantes pertenciam à seita judaica dos essênios, os quais ocuparam esta região entre 185 a.C. e 68 AD.

Havia entre os judeus no tempo de Cristo as seguintes seitas:

- a) Os fariseus – legalistas e separados, observadores de tradições antigas, eram muito religiosos;
- b) Os saduceus – conhecidos por sua oposição aos fariseus e por negarem a ressurreição. Eram incrédulos e livres pensadores;
- c) Os essênios – muitas etimologias têm sido apresentadas para explicar a origem deste nome. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, cita pelo menos dez entre palavras gregas e hebraicas, salientando que os eruditos não têm nenhuma uniformidade em seus pontos de vista. Os essênios eram pessoas que estavam decepcionadas com a corrupção reinante em seus dias, por isso abandonaram a sociedade e se refugiaram em mosteiros para se dedicarem a uma vida de oração e ao estudo da palavra de Deus.

O Dicionário de Davis nos informa que os essênios amavam a Bíblia, não passando uma hora do dia ou da noite sem copiarem ou estudarem as Escrituras.

Josefo, em sua obra *Guerra dos Judeus*, relata a vida dos essênios, descrevendo qualidades muito semelhantes às mencionadas nos fragmentos do Mar Morto.

Afirmam outros, que os essênios após romperem com o judaísmo ortodoxo, se retiraram para essa região desértica a fim de se prepararem para a vinda do Messias, mas infelizmente eles nunca chegaram a conhecer Cristo como o Messias e a razão

talvez tenha sido esta: eles aguardavam a vinda dum Messias sacerdotal ao qual chamavam o "Mestre da Justiça" ou "Intérprete da Lei".

No Livro *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*, vol. III, págs. 35 a 41 de Alfred Lapple há os seguintes pensamentos sobre os Essênios:

"Até a metade do século XX, havia apenas a possibilidade de uma idéia muito aproximada sobre a formação, as normas de vida e a piedade dos essênios, com base em esporádicas notícias de historiadores romanos e judeus.

Filon de Alexandria, filósofo e teólogo judeu em suas obras dava notícias sobre os essênios.

Plínio, o velho, escritor romano, em sua *História Natural* esboçada pelo ano 70 d.C., teve igualmente ocasião de falar desses monges hebreus.

Flávio Josefo, filho do sacerdote hebreu Matias e historiador hebreu a serviço da dinastia Flávia (37-100 d.C.), deixou detalhadas informações sobre os monges do deserto em suas obras *Antigüidades Judaicas*.

Mas a partir de 1947, quando, na zona de Khirbet Qumran (na margem noroeste do mar Morto, a cerca de quinze quilômetros ao sul de Jericó), foram descobertos onze grutas com manuscritos de excepcional valor, dispomos de fontes originais únicas em seu gênero para a pesquisa e a descrição dos essênios.

Origem da Comunidade Essênica de Khirbet Qumran.

Para o mosteiro de Khirbet Qumran podemos indicar diversos períodos de construção, como atestam as escavações realizadas entre 1951 e 1956. A primeira construção monástica, edificada em pedra, data do tempo do sumo sacerdote João Hircano (134-104 a.C.), da dinastia macabeu - asmonéia. Antes dessa época, os hassideus (essênios) tiveram que contentar-se com abrigos encontrados ao acaso. Uma figura característica que se encontra sempre de novo nos textos de Qumran, é o anônimo 'mestre de nossa justiça', a quem a comunidade de Qumran deve a sua clara diferenciação dos outros grupos religiosos, antes de mais nada do culto e da hierarquia de Jerusalém, e que de várias maneiras, deu também impulso às normas de vida de Qumran....

No ano 31 a.C., o mosteiro de Qumran foi destruído por um terremoto. Até a sua reconstrução, os monges essênios habitaram em tendas e grupos. Antes da primeira revolta judaica, por causa do avanço da décima legião sob o comando de Vespasiano, os manuscritos da biblioteca do mosteiro foram colocados a salvo (por volta do ano 68 d.C.). O próprio mosteiro foi destruído pelos romanos. Durante a segunda revolta judaica (132-135), o lugar das ruínas e arredores constituíram um ponto de apoio para os combatentes da resistência judaica que se encontraram em torno de Bar Kokba. Com efeito, numa gruta ao sul de Qumran, foram encontrados, além de apetrechos sacrificais, vestes e moedas, também manuscritos da época entre 88 e 135 d.C., entre os quais uma carta de Bar Kokba."

Idéias Fundamentais do Essenismo

Com base nas escavações (de túmulos de mulheres e crianças no cemitério principal de Qumran), como também pelo documento de Damasco, descoberto já em 1896 na 'Geniza' (depósito sinagoga) da parte antiga do Cairo e publicado em 1910 (Dam), e pelo cânon da seita (1 Q S), pode-se reconhecer uma distinção entre membros não-monges da comunidade e pertencentes à ordem essênica. Fundamento religioso comum para todos os membros. Deviam ser as seguintes regras de vida e de fé:

- a) Assíduo estudo da Torá ou Lei;
- b) Problema do calendário e cálculo dos dias festivos hebreus segundo o ano solar, ao passo que no Templo de Jerusalém o cálculo era feito com base nas fases lunares.
- c) Ulteriores características da doutrina religiosa: teologia da aliança e idéia de eleição; doutrina da luz e das trevas; gnose e apocalíptica.
- d) A doutrina dos dois messias, a espera de um messias leigo.
- e) As expectativas do fim do mundo: guerra escatológica de vingança; duração quarentenal do fim dos tempos; juízo final; ressurreição; nova criação.

Além disso, para os grupos monásticos, eram obrigatórias as seguintes regras e respectivas doutrinas:

- 1ª) Respeito a um rigoroso ordenamento hierárquico sacerdotal;
- 2ª) Iniciação gradual ao noviciado trienal e à doutrina da comunidade;
- 3ª) Rígida exclusão de toda posse e total comunhão de bens;
- 4ª) Observância estrita das prescrições sobre a pureza sacerdotal: banhos de imersão e de penitência.
- 5ª) Atenção para a vida comunitária, sobretudo na refeição cultural;
- 6ª) Realização de determinada ordem de oração.

Segundo o livro Manual de Disciplina eles tinham uma organização bastante rígida e disciplinada, pois rejeitaram a vida da cidade, levavam uma vida em comum desprovida de bens materiais, os mais jovens deviam obedecer estritamente aos mais velhos, recaindo duros castigos sobre os transgressores. Este Manual, encontrado na Caverna n.º 1, ao lado de outros 6 rolos, mede uns dois metros de largura e vinte e cinco centímetros de altura.

Após a descoberta das cavernas, estudiosos e pesquisadores procuraram nas proximidades qualquer indício de habitações humanas que pudessem estar relacionadas com o depósito de pergaminhos. A cerca de um Km da gruta número um, descobriram os alicerces de um prédio antigo e complexo também chamado de "mosteiro", de 37 metros de comprimento por 30 de largura, com vários cômodos, destacando-se a sala de reunião da comunidade e o escritório onde eram copiados os manuscritos. As moedas achadas ali juntamente com outros vestígios, são subsídios seguros para a fixação da data da comunidade entre 140 a.C. e 67 d.C.

As pessoas que ali residiam, segundo estimativas dignas de crédito, seriam aproximadamente entre 200 e 400. O autor deste livro teve o privilégio de ver as penas, dois vasos de tinta, a mesa de pedra e os bancos também de pedra usados pelos copistas no Museu de Amã. Os rolos do Mar Morto têm sido publicados em

numerosas edições e traduzidos para várias línguas, mas todos eles integram um patrimônio valiosíssimo do Estado de Israel, sendo conservados com cuidados extremamente especiais da Universidade Hebraica em Jerusalém.

Valor dos Rolos do Mar Morto

Em 1939 Senhor Frederico Kenyon escreveu: "Realmente, não existe nenhuma probabilidade de virmos a encontrar manuscritos do texto hebreu, anteriores ao período de formação do texto que conhecemos como massorético". Felizmente, quem pronunciou estas palavras viveu até 1948 para concluir que sua categórica afirmativa foi posta por terra.

Embora o valor desta descoberta ainda não possa ser avaliado em toda a sua plenitude, há certos fatos já conhecidos que são os seguintes:

1º) Estes manuscritos são pelo menos 1000 anos mais velhos do que o mais antigo manuscrito hebraico que possuímos – O Códice Petropolitano escrito em 912 AD.

2º) Os manuscritos de Qumran são mais antigos do que os mais velhos fragmentos da Septuaginta existentes, quanto à história da evolução da escrita, fornecendo portanto precioso material à Paleografia. Estes manuscritos foram copiados entre os séculos III a.C. e o primeiro século AD. 3º) Antes desta descoberta pouco se sabia a respeito do judaísmo pré-cristão. Através do Manual de Disciplina conhecemos hoje muito dos seus costumes e maneira de viver.

4º) Estes manuscritos, vieram desfazer afirmações infundadas, concernentes ao trabalho dos copistas pré-massoréticos e ainda de que a Bíblia Hebraica de hoje fora organizada e emendada pelos massoretas.

Os estudantes da Bíblia não puseram tanto em dúvida as mudanças no texto quando foram acrescentadas as vogais e a pontuação para formar o texto Massorético, séculos depois de Cristo, pois sabiam que os copistas depois daquele tempo, preservaram com cuidado extremo cada jota e til do texto.

Alguns críticos opinavam que os mais antigos copistas por não serem tão escrupulosos trataram o texto com mais liberdade, portanto havia diferenças consideráveis em nossa Bíblia.

Quando o texto hebraico de hoje foi comparado com os manuscritos de Qumran verificou-se surpreendente identidade de conteúdo. Os rolos do Mar Morto comprovam a validade do texto hebraico, tão cuidadosamente transmitido através dos séculos. O descobrimento destes rolos e de outros manuscritos mostrou a fragilidade dos argumentos da Alta Crítica, comprovando que o trabalho dos copistas e tradutores por dois mil anos não mudou a Palavra de Deus. Eles comprovaram que a maioria das variações de um manuscrito para outro são simplesmente questões de letras, palavras ou frases que não modificam suficientemente o sentido para influenciar alguma doutrina importante.

O Dr. Albright, arqueólogo mundialmente conhecido, afirmou: "Estes manuscritos têm levantado um véu que os estudantes jamais esperariam fosse

levantado. Eles confirmam o que se tem dito até aqui sobre o texto bíblico. Ao estudar os manuscritos declarou mais: "Esta foi a descoberta mais importante entre todas as que já se realizaram sobre manuscritos do Antigo Testamento."

Fragmentos de Papiros em Qumran

Numa das cavernas de Qumran foram encontrados muitos fragmentos de papiros e entre estes, o papirólogo espanhol, José O'Callaghn descobriu um trecho do Evangelho de São Marcos – correspondente aos versículos 52 e 53, do capítulo 6. Após este encontro, em março de 1972, o erudito espanhol, recorrendo a métodos técnicos, conclui que se trata de um manuscrito do ano 50 AD. A história nos confirma que o General Vespasiano, no ano 68 AD, tomou posse do mosteiro essênio de Qumran, ocasião em que seus habitantes esconderam os rolos nas cavernas, pensando em regressar mais tarde para recuperá-los. Este pequeno trecho de Marcos precisa ser anterior ao ano 68 AD.

Conclusões

Todo o cuidado e todos os avanços feitos pela ciência têm sido utilizados, quer na determinação das datas deste valioso material, quer na sua leitura e conservação.

Assim foi descoberto um método com base na ciência atômica, para determinar a idade do material orgânico. Foi usando esse método, com o isótopo, "Carbono 14", que o Instituto Nuclear da Universidade de Chicago pôde confirmar, com precisão a opinião dos arqueólogos, segundo a qual o pano que envolvia os rolos, descobertos em 1947, datava do I século da era cristã.

No Museu de Jerusalém, onde se encontra boa parte do material descoberto, documentos, à primeira vista ilegíveis, são decifrados graças à fotografia infravermelha que traz à luz, letras que normalmente não podem ser distinguidas pelos olhos humanos.

Inegavelmente, esta foi a descoberta arqueológica mais sensacional dos últimos tempos, porque veio provar a autenticidade da Bíblia e a sua maravilhosa conservação através dos séculos.

VERSÕES OU TRADUÇÕES DA BÍBLIA

Os termos versão e tradução têm sido empregados indiferentemente para o ato de transladar de uma língua para outra, porém, versão usa-se com mais freqüência a respeito das antigas traduções da Bíblia.

De acordo com *Fuentes Bíblicas* página 72, trabalho preparado pelos alunos do Colégio Adventista del Plata, as versões das Escrituras podem ser classificadas da seguinte maneira:

- a) Parciais ou completas – segundo constem de uma parte da Bíblia ou de toda ela;
- b) Críticas ou populares – se foram preparadas para um estudo crítico ou se visam a leitura do povo;
- c) Oficiais ou particulares – se preparadas por uma nação, Igreja ou por uma pessoa isoladamente;
- d) Autorizadas e não autorizadas – se têm ou não a sanção de algum corpo eclesiástico;
- e) Antigas e modernas – dependendo do tempo em que o trabalho foi feito.

NECESSIDADE DAS TRADUÇÕES

A Bíblia não foi logo traduzida, porque o grego era a língua de todo o mundo civilizado, mas quando o cristianismo chegou às partes menos helenizadas do Império Romano e a influência da cultura grega declinava, traduções de fizeram necessárias, para que os crentes lessem a Bíblia no seu próprio idioma. Traduções apareceram quando as línguas originais da Bíblia se tornaram difíceis para nações que entraram em contato com o judaísmo e o cristianismo.

VERSÕES ANTIGAS

1) VERSÕES SEMÍTICAS

Entre estas versões devem ser colocadas em primeiro lugar os Targuns, embora nem sempre sejam versões, mas simples paráfrases em aramaico do texto bíblico.

QUE SÃO TARGUNS

Os judeus ao regressarem do cativeiro babilônico estavam muito esquecidos do hebraico e para que o entendessem, era necessário explicar-lhes em aramaico a significação do texto, como se deduz de Neemias 8:8. Esta explicação ou tradução interpretativa de alguma parte do Antigo Testamento recebia o nome de Targum – interpretação. O vocábulo é hebraico, mas não se encontra no Velho Testamento.

Nas sinagogas nasceu a prática de acompanhar a leitura da lei com uma tradução aramaica do trecho lido; este método foi usado, especialmente para o Pentateuco, considerada a parte mais importante das Escrituras pelos judeus. No início, este trabalho era feito oralmente, mas com o passar dos anos começou a ser feito por escrito, surgindo assim uma série de Targuns, dos quais alguns chegaram até nós.

Dentre estes os dois mais importantes são:

- a) O Targum de Onquelos, conservador e muito aproximado do original.
- b) O Targum de Jerusalém, muito interpretativo, não passando o original de um veículo de histórias populares de personagens e acontecimentos bíblicos.

Estes targuns nos ajudam na compreensão do texto bíblico, informando-nos ainda das várias interpretações que os judeus davam aos livros do Velho Testamento.

2) PENTATEUCO SAMARITANO

Origem dos Samaritanos

Em 722 a.C. os assírios conquistaram Samaria, levando para o cativeiro 27.290 israelitas. Para repovoar a região vieram outros povos, como nos declara II Reis 17:24. De acordo com Esdras 4:2, 9 e 10 posteriormente chegaram outras pessoas com esta mesma finalidade. A mistura destes povos com os israelitas resultou nos samaritanos. Ver *Profetas e Reis*, pág. 567.

Por questões de discórdia com os judeus os samaritanos fundaram um sacerdócio rival no Monte Gerizim, perto de Siquém, hoje Nablus. Nesta ocasião o Pentateuco foi levado a Samaria por Manassés. Pelo fato de possuírem apenas o Pentateuco (Torá), alguns teólogos liberais querem deduzir que somente os cinco livros de Moisés estavam canonizados em 432 a.C.

O sacerdote rebelde não levou para os samaritanos livros dos profetas porque estes aprovavam o templo em Jerusalém como o verdadeiro centro de adoração de Jeová.

A pena inspirada de Ellen G. White, D.T.N. página 193 adiciona razões para a rejeição de outros livros.

"O fato de haverem os judeus interpretado mal os últimos profetas, atribuindo ao primeiro advento a glória da segunda vinda de Cristo, levava os samaritanos a desprezar todos os sagrados escritos, com exceção dos que foram dados por meio de Moisés."

Ira Price, no livro *The Ancestry of our English Bible*, páginas 43 e 44, dá-nos a seguinte informação sobre este Pentateuco:

"É um texto hebraico, que se tem mantido muito independente da tradição judaica desde o IV século a.C., mas escrito com letras similares aos caracteres hebraicos. Portanto ele provém de tempos mais afastados de nós do que qualquer outro texto bíblico, com exceção do texto hebraico em si."

Hoje os samaritanos estão muito reduzidos, vivendo todos na colônia de Nablus, composta de mais ou menos 800 pessoas. Eles estão desaparecendo, por se casarem entre si, vindo em consequência deste casamento incestuoso uma multiplicidade de deficiências físicas, sendo muitos aleijados, mudos, imbecis. Outra fonte nos informa que há apenas 477 samaritanos em todo o mundo. Na época da páscoa todos eles se dirigem ao monte Gerizim.

Pelo menos três cópias do Pentateuco Samaritano são hoje conhecidas:

1ª) A da Biblioteca de John Rylands, em Manchester Inglaterra. É a mais velha, pois tem a data de 1212;

2ª) A da Biblioteca Municipal de Nova York, com data de 1232;

3ª) A cópia considerada mais sagrada, que se encontra na sinagoga samaritana em Nablus (Monte Gerizim). Ouvi do Sumo sacerdote que esta cópia foi preparada pelo neto de Arão, 13 anos depois da entrada dos filhos de Israel em Canaã. Para os ouvintes suas afirmações não passam de uma história fantasiosa, fato confirmado pela paleografia que nos científica ter sido este manuscrito copiado no século XIII da nossa era.

DIFERENÇAS ENTRE O PENTATEUCO SAMARITANO E O MASSORÉTICO

Uma pergunta natural vem à nossa mente: há diferenças entre o Pentateuco Samaritano e o Pentateuco do Texto Massorético? Existem variantes que se justificam como erros dos copistas, porque não havia entre os samaritanos copistas treinados para aquele elevado mister e muito menos um trabalho sério de Crítica Textual para livrá-lo de muitas incorreções.

De acordo com a apostila *Introdução ao Velho Testamento* do Professor Justsen, as divergências mais significativas entre os dois textos seriam as seguintes:

a) Correções para a concordância de passagens paralelas. No Pentateuco Samaritano há várias interpolações para que o Êxodo 20 e o Deuteronômio cinco possam concordar.

b) Adições explanatórias ao texto:

Às palavras de Gênesis 7:3 "Também das aves dos céus" o Pentateuco Samaritano acrescenta a frase "que são limpas".

c) Mudança de algumas letras para conseguirem um melhor sentido: em Gênesis 49:10 encontra-se "O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre os seus pés, até que venha Siló". Mudando a letra D para R, o Pentateuco Samaritano alterou a frase "dentre seus pés" para "dentre seus padrões".

d) Mudanças visando resolver problemas históricos, No Texto Massorético Êxodo 12:40 afirma "o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de 430 anos". O Pentateuco Samaritano adicionou a frase "e na terra de Canaã", depois da palavra Egito.

e) Encontram-se 21 mudanças deliberadas, que apoiam as idéias sectárias dos samaritanos. Assim a frase "Monte Ebal", de Deut. 27: 4 foi mudada para "Monte Gerizim" etc.

Houve célebre polêmica entre eruditos, uns defendendo a superioridade do Pentateuco Massorético, outros a do Samaritano, até que Gesenius, inquestionavelmente o mais erudito hebraísta da Alemanha. provou que o texto massorético lhe é superior.

3) SEPTUAGINTA

Bastante conhecida através da sigla LXX, é a mais importante tradução grega do Velho Testamento.

Seria interessante pensar por alguns instantes qual a razão de um livro hebraico ser traduzido para o grego numa cidade do Egito? A História nos confirma que Alexandre Magno, com suas extraordinárias conquistas levou o grego a quase todas as partes do mundo conhecido. Sua morte prematura em 323 a.C. fez com que seu império fosse dividido. Cabendo a Ptolomeu I (323-285) governar o Egito, iniciando assim a dinastia dos reis gregos no Egito. Calcula-se que no tempo de Ptolomeu II, a cidade de Alexandria era composta por um terço de judeus. Como era de se esperar esses imigrantes judeus facilmente adotaram a língua dos gregos. Os judeus perceberam que a única maneira de preservar o judaísmo em Alexandria era traduzir o Velho Testamento para o grego.

Flávio Josefo, em *História Antiga dos Judeus*, Livro 12, capítulo 2, citado por A. Dias Gomes, em *Bíblia Poliglota Portuguesa*, páginas 26 e 28 fornece-nos pormenores úteis sobre a origem desta antiga tradução. Eis uma síntese de suas palavras:

"Demétrio Palério, bibliotecário de Ptolomeu Filadelfo, trabalhava com extremo cuidado e grande curiosidade para reunir de todas as partes do mundo os livros de mérito e que julgava serem agradáveis ao príncipe. Certo dia o príncipe perguntou-lhe quantos livros já havia na Biblioteca e soube que mais ou menos 200.000. Notificou também ao rei a existência entre os judeus de livros dignos de figurarem na soberba biblioteca, mas dariam muito trabalho traduzi-los para o grego. Acrescentou que este trabalho poderia ser feito porque sua majestade não olhava a gastos.

O rei, persuadido pelo ilustre bibliotecário, fez um apelo ao sumo-sacerdote de Jerusalém para que lhe enviasse os livros e pessoas capacitadas para os traduzir. O

pedido foi imediatamente atendido, talvez, porque acompanhando-o havia grande soma de dinheiro e pedras preciosas. Ptolomeu, recebeu através de uma carta a seguinte notificação: "Escolhemos, Senhor, seis homens de cada tribo para vos levar as santas leis e esperamos da vossa bondade, quando não tenhais mais necessidade deles, que vos dignareis remetê-los com os que vão em sua companhia." Eleazar.

Quando a obra foi acabada (segundo alguns em 72 dias), Demétrio reuniu todos os judeus para que ouvissem a leitura da tradução, na presença dos 72 tradutores. A tradução foi aprovada e Demétrio elogiado por ter concebido um desígnio que lhes era tão vantajoso."

Para alguns esta história. é lendária, sendo a verdadeira razão para a origem da Septuaginta a seguinte: Havendo em Alexandria muitos judeus que não podiam ler o Velho Testamento no original hebraico, uma tradução em grego lhes foi preparada. Por causa do número de tradutores essa extraordinária tradução se tornou conhecida (um tanto inexatamente) como Septuaginta.

O Dicionário de Davis no verbete Versões assim se expressa sobre a Septuaginta:

"Esta tradução é a mais célebre do Antigo Testamento hebraico e a mais antiga e a mais completa que se conhece.

A tradução é obra de muitos tradutores, como se vê pela diferença de estilo e de método. Em várias partes existem notáveis desigualdades e muitas incorreções. A tradução do pentateuco, exceto lugares poéticos Gên. cap. 49; Deut. caps. 22 e 23, é a melhor parte da obra, e o todo revela uma tradução fiel, se bem que não é literal. Os tradutores dos Provérbios e de Jó mostram-se peritos no estilo grego, mas pouco proficientes no hebraico que em alguns lugares traduziram um pouco arbitrariamente. Fizeram a tradução de Provérbios sobre um texto hebreu, muito diferente do atual texto massorético. O sentido geral dos Salmos é muito bem reproduzido. O Eclesiastes está servilmente traduzido; a de Amós e Ezequiel é sofrível; a de Isaías deixa muito a desejar; a de Jeremias parece ter sido feita sobre outro texto que não o massorético. De todos os livros do Antigo Testamento, o de Daniel é o mais pobremente traduzido, de modo que os antigos doutores, a começar por Irineu e Hipólito, substituíram-no pela versão de Teodócio."

Ellen G. White em *O Desejado de Todas as Nações* faz referências à Septuaginta nos seguintes termos:

"Fazia séculos que as Escrituras haviam sido traduzidas para o grego, então vastamente falado no império romano. Os judeus estavam espalhados por toda parte, e sua expectativa da vinda do Messias era, até certo ponto, partilhada pelos gentios." [p. 33]

Os milhares de judeus espalhados através do vasto Império Romano, sabiam falar grego, e esta tradução foi aceita como a sua Bíblia; tornando-se ainda a Septuaginta um ponto de ligação entre a cultura hebraica e a grega.

Tornou-se a Bíblia dos cristãos nos primeiros séculos da era cristã, por isso quase todas as citações do Velho Testamento são tiradas da Septuaginta e não do texto hebraico.

Até nossos dias continua sendo a versão oficial da Igreja Ortodoxa Grega.

LINGUAGEM DA SEPTUAGINTA

Devíamos esperar um trabalho esmerado, uma obra que condissesse com seus elevados objetivos, mas a realidade é outra muito diferente. Em seu livro *History of Interpretation*, página 117 F. W. Farrar, afirma que se pode distinguir pelo menos quinze tradutores diferentes na LXX. Cada um destes levou para a sua obra vários tipos e graus de capacidade.

Os entendidos apontam-lhe diversas deficiências, como as seguintes:

- a) Há idiomatismos hebraicos, traduzidos ao pé da letra, que nem de longe transmitem a idéia do original;
- b) Existem certos livros como Ester, Jó e Provérbios que não foram traduzidos, mas parafraseados;
- c) Muitos sentimentos hebraicos foram alterados para se adaptarem à mentalidade grega;
- d) Seguiam o método de transliterar muitas palavras, em vez de traduzi-las;
- e) Seu estilo é bastante variável, evidentemente, isto tinha que ser uma realidade, por ser obra de muitos autores.

Exemplos e mais exemplos poderiam ser citados para comprovarem algumas das afirmativas anteriores, mas estes dois são suficientes:

1) Em Daniel 11 onde aparece "rei do Norte", e "rei do Sul", os tradutores puseram "Rei da Assíria" e "Rei do Egito";

2) Em Êxodo 28:30, "Urim" e "Tumim" aparecem na Septuaginta por "Manifestação e Verdade", para concordar com os nomes correspondentes das pedras usadas nas vestimentas dos sacerdotes do Egito.

De um modo geral pode ser dito que a tradução dos setenta não é muito fiel ao texto hebraico, aparecendo em algumas partes interpolações e em outras traduções perifrásticas.

Estas deficiências, somadas a crescente hostilidade dos judeus para com o cristianismo e para toda a cultura não judaica, fizeram com que os judeus condenassem a sua própria versão. Os rabinos chegaram a afirmar que a Septuaginta tornara-se em Israel uma catástrofe idêntica à feitura do bezerro de ouro.

Diante desta situação, revisões da Septuaginta e novas traduções do hebraico para o grego apareceram, como as seguintes:

- a) A Versão de Áquila.

O rabino Áquila tentou no Concílio de Jamnia obter uma proibição para o uso de todas as versões do hebraico. Embora não conseguisse este objetivo, conseguiu uma autorização para que seu principal aluno Áquila preparasse uma nova tradução do Velho Testamento para o grego. Esta versão apareceu por volta de 130 AD. Foi este trabalho superior à Septuaginta?

A resposta precisa ser uma enfática negativa. É um trabalho deficiente porque traduziu literalmente o hebraico. Desta tradução afirma Ira Price:

"Ele freqüentemente seguiu o idioma hebraico, que é diferente do grego; colocou novas palavras que lhe conviesse, violando ainda princípios gramaticais."

Apesar destas deficiências a versão de Áquila se tornou a Bíblia oficial do judaísmo.

Áquila tentou fazer uma tradução literal do hebraico objetivando contrariar o emprego que os cristãos faziam dos Setenta para fundamentar as suas doutrinas. A tradução era tão servilmente literal que em muitos casos se tornava obscura aos leitores que não conheciam bem o hebreu como o grego.

b) Versão de Teodócio.

Preparou uma tradução em grego entre 180-192 AD. Teodócio deu uma interpretação livre ao hebraico, valorizando o idioma grego. Seu objetivo foi melhorar o grego de Áquila, valendo-se da tradução deste e do hebraico.

c) Versão de Símaco.

Esta versão não passa de uma revisão da versão de Áquila. O grego usado por Símaco é corretíssimo e seu estilo bastante elegante. É uma tradução também elegante, mas perifrástica.

Comentando estas três versões, afirmou São Jerônimo: "Áquila traduziu palavra por palavra, Símaco seguiu o sentido, e Teodócio difere levemente da Septuaginta.

d) Hexapla de Orígenes.

Dentre as revisões do Velho Testamento a maior e mais importante foi a de Orígenes. Filho de pais cristãos, foi instruído desde menino por seus genitores nas Escrituras Sagradas. Dedicou-se de modo acentuado ao estudo da Crítica Textual e de Exegese Bíblica, tornando-se, segundo Ira Price o "Maior perito bíblico dos primeiros séculos". *The Ancestry of our English Bible*, pág. 74.

Primeira coluna – O texto hebraico;

Segunda coluna – A transliteração do hebraico por letras gregas;

Terceira coluna – A tradução grega de Áquila;

Quarta coluna – A tradução de Símaco;

Quinta coluna – A Septuaginta revisada por ele próprio;

Sexta coluna – A tradução de Teodócio.

Os vinte e oito anos gastos na sua elaboração e as doze mil páginas resultantes são a comprovação máxima da pujança da obra.

O seu propósito, com sua própria coluna, não foi restaurar o texto da Septuaginta, mas corrigi-lo e representar o original hebraico. A quinta coluna da sua revisão era a mais importante das seis. . . Em sua revisão, onde os manuscritos divergiam, escolheu ele a melhor tradução que pôde conseguir dos originais hebraicos. Onde as palavras não constavam na LXX ele inseriu por asterisco, a tradução que encontrara numa das três traduções, com preferência a de Teodócio. Onde uma palavra ou expressão era encontrada na Septuaginta sem equivalente no hebraico, ele as marcou com uma cruz. A sua coluna está baseada no hebraico do seu tempo, isto é, o texto hebraico da primeira metade do terceiro século

Esta grande obra foi depositada na Biblioteca de Cesaréia até ser destruída pelos muçulmanos, em 639, excetuando-se a quinta coluna, que foi publicada separadamente pelo historiador Eusébio, atualmente representada, por alguns manuscritos, sendo o

mais conhecido um do 8º século que se encontra na Biblioteca Ambrosiana de Milão. Jerônimo a consultou no quarto século e ainda existia no século sexto.

REVISÕES DEPOIS DA HEXAPLA

Fizeram ainda revisões na Septuaginta:

a) Luciano – fez seu trabalho mais ou menos pelo ano 300, pois foi martirizado em 311. Para esta revisão usou manuscritos hebraicos superiores aos usados por Orígenes.

b) Hesíquio – Sua revisão se processou na cidade de Alexandria e foi somente aceita no Egito.

4) VERSÕES SIRÍACAS

É provável que a primeira versão do Novo Testamento tenha sido feita na língua siríaca.

Dentre as versões siríacas são dignas de nota as seguintes:

a) Siríaca Antiga.

É uma versão dos quatro Evangelhos, conservada hoje com grandes lacunas nestes dois manuscritos:

1) O editado por Cureton em 1852, encontrado hoje no Museu Britânico.

2) O palimpsesto descoberto por Smith Lewis no Mosteiro Santa Catarina em 1892.

Embora estes manuscritos fossem copiados no 5º e 4º séculos respectivamente, a forma de texto que eles preservam data do fim do segundo século ou início do terceiro.

O texto dos Evangelhos sofreu influências do Diatessaron de Taciano. Seu tipo de texto pertence ao grupo Ocidental.

b) Versão Peshita.

Em siríaco a palavra peshita significa simples, comum, vulgar.

Não há informações fidedignas do autor ou autores desta tradução nem do tempo em que o trabalho foi feito. Crêem alguns que a tradução foi feita por Rabbula, bispo de Edessa (411-432), cognominado o São Jerônimo da Igreja Síria. Outros afirmam que o autor é desconhecido, mas que a tradução foi feita para que o cristianismo pudesse propagar-se entre aquele povo.

Por ser um trabalho muito bem feito, foi chamada "a rainha das versões".

Contém todo o Velho Testamento sem os livros apócrifos. Do Novo Testamento não foram traduzidos II e III João, II Pedro, Judas e Apocalipse.

Mais de 350 manuscritos da Peshita são conhecidos hoje, diversos dos quais datam do 5º e 6º séculos.

c) Versão Filoxênia.

Esta é outra tradução bastante difícil de ser explicada pela Crítica Textual. Crê-se que Filóxeno, bispo de Mabugue, comissionou a tradução da Bíblia inteira baseada no

grego, em 508 AD. Dessa tradução temos apenas fragmentos do Novo Testamento e do Saltério.

d) Versão Siríaca da Palestina.

É conhecida principalmente por um dicionário dos Evangelhos. Crêem os entendidos que seja uma tradução do quinto século.

5) DIATESSARON

Taciano combinou o texto dos quatro Evangelhos, dando-lhe o nome de Diatessaron (em grego, através dos quatro), a fim de formar uma só narração contínua. A obra foi escrita provavelmente em grego (170 AD) e traduzida pelo próprio Taciano para o siríaco. A tese de um original siríaco tem sido abandonada, desde que se descobriu no ano de 1933, em Dura-Eutropos nas margens do Eufrates, um fragmento grego do Diatessaron, datando de cerca de 220 AD.

Estudos recentes parecem ter demonstrado que o Diatessaron foi a forma mais antiga em que os Evangelhos foram conhecidos na Igreja Siríaca.

Esta Harmonia dos Evangelhos tornou-se muito popular, pois quando Teodoreto, era Bispo da Síria em 423 achou muitas cópias em sua diocese. Em virtude de Taciano tornar-se herético no final de sua vida, Teodoreto achou que os cristãos estariam em perigo por usarem sua obra, assim destruiu todas as cópias do Diatessaron que pôde encontrar (mais ou menos 200), colocando em seu lugar Evangelhos separados.

Como resultado do zelo do Bispo Teodoreto, e quem sabe de outros mais, nenhuma cópia completa desta obra é encontrada hoje. Porções desta obra são conhecidas através de citações dos Pais da Igreja, especialmente, dos comentários, que Santo Efraim, do quarto século, escreveu sobre a Harmonia de Taciano.

As evidências indicam que Taciano levou a cabo seu trabalho com grande diligência, provavelmente, trabalhando com quatro manuscritos separados, sendo um de cada Evangelho.

Alguns peritos em Crítica Textual, entre eles Von Soden, têm afirmado que o Diatessaron contribuiu para contaminar os manuscritos ocidentais. Esta idéia exagerada não é aceita por outros, embora admitam que há influência Taciana em certos manuscritos.

6) VERSÕES LATINAS

Quando e onde as primeiras tentativas foram feitas para a tradução da Bíblia em latim é assunto bastante controvertido. Como em Roma, por volta do ano 200, ainda predominava o grego, os entendidos neste campo, afirmaram que as primeiras traduções para o latim foram feitas em Cartago, ao Norte da África. De algumas citações de Tertuliano se conclui que por volta do ano 200 vários livros da Bíblia já estavam traduzidos para o latim. Em 250 circulava uma versão latina em Cartago, centro do Cristianismo no Norte da África. Outras versões apareceram bem cedo em Roma, Gália e Espanha.

Estas traduções, muitas vezes, são denominadas de Ítala, nome genérico para todas as traduções latinas.

As versões latinas são importantes, não tanto pelo número, mas muito mais pela antigüidade de seus manuscritos. Elas devem ter tido uma difusão enorme, porque os documentos que delas se conservam são muito divergentes, a ponto de não se poder dizer se provém de uma ou várias versões primitivas. Nenhum códice inteiro das velhas versões latinas é encontrado hoje.

Encontram-se entre os mais destacados documentos, destas versões os seguintes:

a) Códice Palatino.

Manuscrito do quinto século contendo partes dos quatro Evangelhos. Escrito com letras prateadas sobre pergaminho purpúreo.

b) Códice Vercelense.

Guardado na Catedral de Verceli, na Itália. De acordo com velha tradição foi escrito por Eusébio Bispo de Verceli martirizado em 370. Talvez seja o mais velho manuscrito dos quatro Evangelhos das versões latinas.

c) Códice de Veronense.

Encontra-se na Biblioteca da Catedral de Verona, na Itália. Contém os quatro Evangelhos na seguinte ordem: Mateus, João, Marcos e Lucas.

d) Códice Gigante.

É um dos maiores manuscritos do mundo, por isso apropriadamente recebeu o nome de Gigante. Encontra-se na Biblioteca de Estocolmo. Mede 87 centímetros de altura e a largura das duas páginas abertas mede 108 centímetros.

A falta de exatidão destas velhas versões latinas, que se iniciaram em meados do segundo século, a extrema diversidade de alguns textos e o estado de corrupção dos exemplares que existiam, mostravam a necessidade urgente, já no quarto século de uma revisão profunda sobre os originais. Desta tarefa foi incumbido o sábio monge e homem de letras – São Jerônimo.

7) A VULGATA LATINA

Na história dos textos bíblicos, recebe o nome de Vulgata, a Bíblia latina preparada pelo Pai da Igreja São Jerônimo, entre os anos 391 e 406 A.D.

Após a conquista do mundo helenístico pelos romanos, em virtude da superioridade da cultura e língua gregas, a língua de Homero continuou dominando o mundo, porém, passando-se os anos, e Roma crescendo em influência, a língua latina prevaleceu sobre a grega nascendo daí a necessidade de traduzir a Bíblia para o latim.

Durante o terceiro século, muitas versões latinas já circulavam na Europa e no Norte da África, por isso as versões latinas são classificadas em dois grupos:

a) Versões africanas,

b) Versões européias.

As palavras de Santo Agostinho, na obra *De Doctrina Christiana*, 11:11 nos ajudam a compreender melhor o problema destas traduções e a necessidade de revisá-las:

"Os que têm traduzido as Escrituras do hebraico para o grego podem ser enumerados, mas os tradutores latinos não o podem, pois cada um, em cujas mãos caía um manuscrito grego, nos primeiros períodos da fé cristã, e que imaginava ter alguma facilidade nas duas línguas, se aventurava a traduzir."

Desta declaração concluímos que a existência de muitas versões latinas criou sérios problemas para o texto bíblico, chegando Bruce M. Metzger a nos mostrar que em Lucas 24 4 e 5 existiam pelo menos 27 variantes de leitura nos fragmentos dos velhos manuscritos latinos. Ira Price nos esclarece mais:

"Há tantos textos variantes como o número de manuscritos. A existência de muitas versões latinas, diferindo amplamente em seus textos, em virtude da falta de cuidado no copiar ou traduzir, ou em ambos, logo levantou acusações e agitou a fé da Igreja no valor autoritário dos manuscritos."

Esta introdução nos ajudará a compreender porque o papa Dâmaso sentiu a necessidade de uma revisão das várias traduções existentes, a fim de que surgisse um texto mais fiel ao original.

A escolha recaiu sobre a pessoa mais erudita em línguas bíblicas e crítica textual, que vivia naquele tempo – Sofrônio Eusébio Jerônimo. Jerônimo nasceu em Stridon, Iugoslávia em 340, passando sua vida em Roma e no Oriente, e finalmente em Belém, onde veio a falecer em 420. Bem dotado e bafejado pela fortuna, recebeu uma educação que o capacitaria para esta sublime empreitada. Iniciou seu trabalho em 382, vindo a terminá-lo em 404, sendo que na opinião de alguns estudiosos ele traduziu do Novo Testamento apenas os quatro Evangelhos. Ver *The Text of the New Testament* de Bruce Metzger, página 76.

Começou seu trabalho conferindo velhas traduções latinas, mas verificando que estas apresentavam muitas falhas, sendo uma delas, basearem-se não no texto hebraico, mas na Septuaginta; concluiu então que o melhor caminho seria fazer não uma revisão, mas uma tradução que se baseasse nas línguas originais. Com este objetivo dirigiu-se a Belém, onde passou 21 anos dedicados a este importante trabalho. Ali podia ele consultar rabinos israelitas, profundos conhecedores das Escrituras e obter os manuscritos hebraicos necessários à sua tradução.

Há muita divergência a respeito da obra de revisão e tradução de São Jerônimo, mas a despeito das idéias díspares, quase todos concluem que o seu trabalho foi de muito valor e correspondeu plenamente às expectativas. Quando terminou sua obra, ficou profundamente chocado ao perceber que até ministros e teólogos discordavam frontalmente do trabalho que tinha feito.

Merril Unger escreve:

"Uma real tempestade de oposição caiu quando as traduções do Velho Testamento do original hebraico começaram a aparecer. A grande maioria de leigos e clérigos estava satisfeita com as versões existentes, especialmente a LXX, que era olhada com uma quase supersticiosa reverência. Trazer uma versão rival que tinha pouca ou nenhuma consideração para com ela, foi para muitas pessoas um grande ultraje."

Este Pai da Igreja foi considerado por muitos um revolucionário, herege, destruidor da fé, corruptor da Bíblia, etc. A razão principal para estes achincalhes talvez tenha sido a familiarização com as velhas traduções latinas, mas houve outras e entre estas está aquela que muitos textos usados para defenderem pontos de vista

pessoais tinham sido alteradas. O autor da Vulgata rebateu as críticas com toda a veemência que lhe era própria, chegando a dizer numa carta íntima a Marcelo: "é vão pretender tocar lira diante de burros".

São Jerônimo, com proficiência, justificou e defendeu a superioridade dos manuscritos originais sobre a Septuaginta.

Em 580 o Papa Gregório aceitou a tradução de Jerônimo como sendo do mesmo nível da velha versão latina.

O Concílio de Trento em 1546 dispôs o seguinte:

"Considerando que poderia resultar muito grande utilidade para a Igreja de Deus em conhecer a edição dos livros Santos que se encontram em curso, o Santo Concílio estabelece e declara que é a Vulgata, aprovada pelo longo uso da própria Igreja, durante séculos, que deve ter-se como autêntica nas lições, discussões, pregações e exposições públicas, e que ninguém deve ter a audácia ou a presunção de a rejeitar sobre nenhum pretexto. Quem a rejeitar será anátema."

Após o Concílio de Trento houve um esforço do Papa Sisto VI e mais tarde de Clemente VIII na revisão da Vulgata. Este trabalho concluído em 1592, publicado pela tipografia do Vaticano tornou-se conhecido como a Vulgata Clementina.

Desde 1907 os sábios beneditinos estão preparando uma nova edição da Vulgata, esperando concluir o trabalho em 1985. O jornal Zero Hora, 28-4-1979, do Rio Grande do Sul, trouxe a seguinte informação:

Nova Bíblia Pronta e Aprovada

"O Papa João Paulo II recebeu ontem uma nova edição, oficial e latina, da Bíblia, através da constituição apostólica *Scripturarum Thesaurus*. A última edição, chamada Vulgata, data da época de São Jerônimo, que traduziu do hebraico e grego os textos sagrados, entre os anos 391 e 406. Onze séculos mais tarde, o Concílio de Trento declarou solenemente que a Vulgata era "autêntica e doutrinariamente segura". No dia 29 de novembro de 1965, o Papa Paulo VI encarregou uma comissão de especialistas para preparar uma Nova Vulgata. Pela primeira vez, a Igreja tomava a iniciativa de fazer uma tradução oficial, em latim da Bíblia, com textos originais aramaicos, hebraicos e gregos. Esta Bíblia servirá de modelo para toda tradução nas línguas modernas, faladas pelos 700 milhões de católicos do mundo. "Creio que o próprio São Jerônimo ficaria contente com este trabalho", comentou o Papa ao receber o presidente da Comissão, Monsenhor Eduardo Schick, e seus 46 membros e peritos, que lhe entregaram o primeiro exemplar da Nova Vulgata."

Não são conhecidos os manuscritos latinos que Jerônimo usou como base para o seu trabalho, mas a Crítica Textual conclui que estes pertenciam à forma européia do Velho Latim. Os manuscritos gregos pertenciam ao tipo Alexandrino de Texto.

Embora existam mais de 8.000 manuscritos da Vulgata, não há nenhum manuscrito do tempo de São Jerônimo. Possivelmente, de todos os manuscritos, o melhor para se determinar o da Vulgata da forma do autógrafo é o Códice Amiatino, que foi dado de presente em 761 ao Papa pelo Abade Ceolfrid, como uma oferta votiva. Foi copiado a pedido deste mesmo Abade entre os anos 700 e 716. De Roma passou para o mosteiro do Monte Amiata, de onde lhe vem o nome. Contém 1030

páginas, onde se encontram o Velho e o Novo Testamento, além de prólogos e sumários.

Repetindo quase as mesmas idéias, porém em linguagem diferente, Davis assim se expressou sobre a pendência em torno da Vulgata em seu Dicionário, pág. 614:

"Os homens de seu tempo não lhe deram o valor merecido, nem reconheceram o grande serviço que lhes havia prestado o eminente padre, cujo temperamento não era dos mais tolerantes; retribuiu com o maior desprezo as agressões da ignorância. Com o decorrer do tempo, a sua obra, que não era feita para uma geração, e sim para os séculos futuros, tem merecido a consagração devida. A Vulgata passou a ser a Bíblia da igreja do Ocidente na Idade Média, e, não obstante as traduções em vernáculo, ainda é a Bíblia da Igreja Católica Romana. Por ordem do imperador Carlos Magno, no ano 802, Alcuíno passou-a em revista. A Vulgata Latina foi a primeira obra impressa logo depois da invenção da tipografia, saindo à luz no ano de 1455. No ano de 1546, a 8 de abril, resolveu o Concílio de Trento que se fizesse nova revisão, demoraram-se em fazê-la, até que finalmente, um pontífice de vontade férrea, o papa Sisto V, meteu mãos à obra, tomando parte pessoal no seu acabamento. A nova revisão saiu publicada em 1590. Outra edição veio à luz sob os auspícios do papa Clemente VIII em 1592; muito melhorada, sem contudo prejudicar a edição Sistine. Ambas continuam em uso. Muitos termos técnicos usados na teologia, saíram da Vulgata, como por exemplo as palavras sacramento, justificação e santificação."

8) VERSÃO ETIÓPICA

As opiniões diferem bastante quanto à data e origem desta versão. Não há certeza se o tradutor ou tradutores se basearam num original grego ou siríaco. Uma idéia aceita por muitos é que Frumêncio, apóstolo da Etiópia, fez uma tradução no quarto século. A História Eclesiástica coloca a conversão da Etiópia no ano 330 AD, portanto nesse século ou no seguinte foi feita a tradução.

9) VERSÕES CÓPTICAS

O cóptico ou Menfítico é uma versão para a língua religiosa dos cristãos egípcios. O copta apresentava-se em vários dialetos, sendo para as versões bíblicas os dois mais importantes o saídico e o boárico.

Dentre todos os comentários feitos sobre estas versões, talvez o mais digno de nota seja o seguinte: há pouco tempo Martim Bodmer adquiriu um papiro do quarto século no dialeto boárico, contendo partes de Gênesis e do Evangelho de João. Neste manuscrito não se encontra a "perícopa da mulher adúltera", nem o relato do movimento da água pelo anjo no Tanque de Betesda em S. João 5:4.

10) VERSÃO GÓTICA

Feita por Úlfilas, o apóstolo dos godos, que estudou latim e grego em Constantinopla. Voltando ao seu país em 340, traduziu-lhes a Bíblia, menos os livros dos Reis porque tratavam de guerras, e os godos, disse ele, já sabiam muito de guerra.

O Velho Testamento é uma tradução da Septuaginta e o Novo de manuscritos gregos. Para levar a efeito esta obra criou o alfabeto gótico. A versão Gótica é o primeiro monumento literário conhecido em um dialeto germânico.

11) VERSÃO ARMÊNIA

Apareceu no início do 5º século. Foi baseada na Versão Siríaca (peshita) e na Septuaginta. É considerada uma das mais belas e a mais exata entre as primeiras traduções da Bíblia. Vários nomes têm sido apresentados entre os possíveis tradutores.

Com exceção da Vulgata Latina, esta versão é a que apresenta maior número de manuscritos conhecidos. (1244).

UM MILÊNIO POBRE EM TRADUÇÕES

Os próximos dez séculos foram muito pobres em traduções da Palavra de Deus. Além da Versão para o povo da Geórgia, no VI século e de versões para o árabe entre o VIII e o X séculos mais nada se conhece. O único fato conhecido é o seguinte: Quando a imprensa foi inventada (século XV), a Bíblia ou parte dela havia sido traduzida em menos de vinte línguas. Deve-se ter em mente que foi o período da Idade Média, e que durante estes séculos a Igreja Católica se opôs tenazmente a que a Palavra de Deus fosse divulgada.

TRADUÇÕES MODERNAS

Apenas serão estudadas aquelas que nos interessam mais de perto.

1) ALEMÃ

Inegavelmente a mais famosa e mais conhecida é a tradução de Lutero. Em 1522 apareceu o Novo Testamento e 10 anos depois é publicado o Velho Testamento. Lutero muito trabalhou no aperfeiçoamento de sua tradução até 1544, tendo para auxiliá-lo uma comissão de eruditos, sendo os dois mais notáveis, Melanchthon e Bugenhagen. Esta versão foi extraordinária, não apenas no campo religioso, contribuindo para a propagação da Reforma, mas também no terreno lingüístico, fixando a língua germânica e dando-lhe forma literária.

O reformador alemão, graças a sua cultura e profunda experiência na arte de traduzir, ajudou a muitos tradutores protestantes em outros países. Sua Bíblia foi a base das seguintes traduções: sueca em 1541; dinamarquesa em 1550; islandesa em 1584; uma velha versão holandesa em 1560; finlandesa e dialetos cognatos em 1642.

Outra tradução para a língua alemã que merece menção honrosa é a de Wette, por ser uma obra literária de grande valor. O trabalho foi feito de 1809 a 1814. A erudição e experiência exegética de De Wette até hoje não foram ultrapassadas.

2) TRADUÇÕES INGLESAS

Em nenhuma outra língua tem havido tantas traduções e revisões da Bíblia, calculando-se que este número já ultrapassa de 200.

a) João Wycliffe.

A primeira tradução de toda a Bíblia para o Inglês foi feita por John Wycliffe (1330-1384) o mais eminente teólogo de Oxford, em seus dias. Levantaram-se tremendas dificuldades para a divulgação desta Bíblia, pois em 1408 foi decretado que nenhum livro das Escrituras Sagradas fosse lido em público ou particularmente, se não tivesse aprovação eclesiástica, sob pena de excomunhão.

A tradução de Wycliffe foi conservada em manuscritos até o século XIX, quando foi impressa em 1848. É uma tradução literal da Vulgata Latina. O secretário de Wycliffe, John Purvey, revisou esta tradução, fazendo a defesa do trabalho do mestre num Prólogo Geral.

b) O Novo Testamento de Tyndale.

William Tyndale traduziu para o inglês, do Novo Testamento de Erasmo com o auxílio da Vulgata e da tradução de Lutero o Novo Testamento em 1525.

Quando o trabalho estava sendo realizado intimaram-no a não prosseguir em tal empreendimento. Sendo severamente perseguido fugiu para a Alemanha, onde a reforma de Lutero estava progredindo. Em Worms terminou a sua tradução. Os exemplares foram enviados à Inglaterra secretamente em peças de fazenda, sacas de farinha de trigo, etc.

Tunstall, bispo de Londres, e Thomas More envidaram os maiores esforços para comprar e queimar as cópias do Novo Testamento impresso, mas o resultado desse ato de intolerância foi que Tyndale se viu com recursos para publicar uma nova edição maior e muito melhor. Os inimigos da Palavra de Deus não se deram por vencidos; não podendo queimar todas as cópias do Novo Testamento, em 1536 queimaram o tradutor da obra. Antes do último suspiro este grande reformador rogou "Deus, abre os olhos do Rei da Inglaterra". Àqueles que queimaram a Bíblia de Tyndale mal supunham que três anos depois o rei dissesse: "Em nome de Deus deixo a Bíblia ser espalhada entre o povo". A nova tradução que ele fez circular foi conhecida como a Grande Bíblia, devido ao seu tamanho. Infelizmente, mais tarde, o rei Henrique VIII proibiu a circulação das Escrituras na Inglaterra.

c) Miles de Coverdale.

Este autor traduziu do alemão e latim a primeira Bíblia completa a ser impressa na Inglaterra (1535). O Novo Testamento e a maior parte do Antigo, são visivelmente influenciados pela tradução de Tyndale.

d) A Grande Bíblia.

É também conhecida como a Bíblia de Cranmer.

Vem-lhe o nome do formato com que apareceu em 1539. Era a mesma tradução de Coverdale, revista por ele com a ajuda de Cromvell. Teve caloroso acolhimento, pois rapidamente se esgotaram sete edições.

e) A Bíblia de Genebra.

A destruição de Bíblias na Inglaterra era tremenda. Devido às inclementes perseguições dos católicos, alguns reformadores fugiram para Genebra, onde três deles empreenderam uma nova tradução da Bíblia, conhecida como a Bíblia de Genebra (1560).

É a primeira tradução inglesa baseada nos originais hebraico e grego. Esta era a Bíblia de Shakespeare. Foi a primeira com a divisão em versos.

f) A Bíblia dos Bispos.

Sendo que a Bíblia de Genebra não agradou aos bispos, eles resolveram, liderados pelo arcebispo Parker, fazer uma revisão da Grande Bíblia. A primeira edição apareceu em 1568. Diversas correções e alterações foram feitas na segunda edição de 1569. Esta Bíblia serviu de base para a King James Version.

g) King James Version.

Em nossa língua chamar-se-ia a Versão do Rei Tiago.

Em 1603 foi elevado ao trono da Inglaterra o Rei Tiago I. O Dr. John Reynolds, da universidade de Oxford, propôs-lhe que se fizesse uma nova tradução da Bíblia, porque dizia ele, ainda não vi uma tradução bem feita para o Inglês.

Uma comissão de 47 pessoas credenciadas para tão grande mister foi formada e depois de quatro anos de dedicado trabalho se completou a obra. Os 47 elementos foram organizados em seis grupos, sendo três responsáveis pela tradução do Velho Testamento, dois pelo Novo Testamento e um pelos Livros Apócrifos.

The Bishops' Bible serviu de base para esta nova tradução, que foi impressa em 1611, com uma dedicação dos tradutores ao Rei Tiago. É comumente conhecida como King Version (K.J.V.) ou Versão Autorizada. Durante anos coexistiu com as outras Bíblias vindo depois a tornar-se a Bíblia por excelência da língua inglesa.

Embora esta versão fosse considerada "a melhor do mundo" acharam-se nela alguns erros, e de diversos sábios partiram propostas para que ela sofresse uma revisão. O problema de uma revisão não foi fácil, pois se alguns defendiam com entusiasmo esta idéia, muitos outros a ela se opunham tenazmente.

Dois fatores preponderantes contribuíram para que esta revisão fosse feita:

1º) A descoberta de melhores manuscritos e muito mais antigos;

2º) A necessidade de atualização da linguagem.

Depois do problema ser muito debatido por teólogos e eruditos, duas comissões de revisores foram formadas na Inglaterra e duas nos Estados Unidos, sendo uma para o Velho Testamento e outra para o Novo em cada país. Eram ao todo 101 pessoas, sendo 77 da Inglaterra e 34 da América do Norte.

Embora tenha havido um cuidadoso exame dos textos originais, baseado em novos manuscritos e nas idéias da moderna Crítica Textual, trata-se de uma revisão e não de uma nova tradução. O Novo Testamento foi publicado em 1946 e o Velho Testamento em 1952.

h) The New English Bible.

A Assembléia Geral de Scotland em 1946 sugeriu que uma tradução, completamente nova, da Bíblia, devia ser empreendida. Esta tradução é uma das mais fiéis ao original, além disso muito importante por ter recebido o auxílio de toda experiência da Crítica Textual.

3) TRADUÇÕES CASTELHANAS

A primeira tradução que se fez em castelhano foi o Novo Testamento surgido em 1543. Foi obra do jovem reformador Francisco de Enzinas. Filho de pais nobres e ricos foi enviado a estudar nos Países Baixos, onde recebeu decisiva influência dos reformadores. Dirigiu-se posteriormente à Alemanha para conhecer Melanchton, em cuja casa se hospedou. Estudando na Universidade de Wittenberg e encorajado por Melanchton dedicou-se à sublime tarefa de traduzir o Novo Testamento do original grego para a sua língua nativa.

A segunda tradução para o espanhol é a conhecida "Bíblia de Ferrara" que em realidade não contém senão o Antigo Testamento. Esta versão foi obra de certos eruditos judeus, que por questões religiosas foram desterrados da Península Ibérica. Radicaram-se na Itália, onde havia maior liberdade em questões religiosas. Reunidos em Ferrara quatro bons conhecedores do hebraico e do espanhol, com manuscritos originais a sua disposição não lhes foi muito difícil concluir a tarefa a que se propuseram.

A primeira tradução completa da Bíblia para a língua castelhana foi obra de Casiodoro de Reina, que nascera ao sul da Espanha em 1520.

Após ter estudado para sacerdote, tornou-se pregador evangélico, razão porque teve de fugir da Espanha. Trabalhou 12 anos nesta tradução, que foi publicada em Basiléia no ano de 1569. Baseou seu trabalho em manuscritos originais, mas teve auxílio de traduções anteriores, como a grande versão de Ferrara (1533).

4) TRADUÇÕES PORTUGUESAS

Até o fim do século XVI não havia nenhuma tradução completa das Escrituras em Português.

Dona Leonor, esposa de D. João II, mandou publicar em 1505 os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de Tiago, Pedro, João e Judas. Esta nobre senhora faleceu em 1525 e por uma reação do clero essas partes da Bíblia desapareceram das bibliotecas.

a) Tradução de João Ferreira de Almeida.

A Edição Comemorativa do Terceiro Centenário da Tradução da Bíblia em língua portuguesa, apresentou para João Ferreira de Almeida as seguintes informações:

"Nascido em Torres de Tavares, Conselho de Mangualde, Portugal, em 1628, faleceu, João Ferreira de Almeida, em 1691. Temos aqui 63 anos que se dignificaram na vida do consagrado servo de Deus. É, consagrado no campo da cultura secular, versado na lingüística, incansável na comparação das línguas que aprendeu e usou, valeu-se de sua língua nativa, a portuguesa, para a expressão geral e ampla de suas obras principais, destacando-se, dentre elas, a tradução que fez da Bíblia, dos originais hebraico e grego para a língua portuguesa.

João Ferreira de Almeida foi quem primeiro traduziu a Bíblia para o nosso vernáculo. Português ele, de três séculos idos, é certo que ainda falando e escrevendo corretamente, com segura inteligência das proposições, das frases e das palavras teve linguagem que hoje seria distante e até, não raro, diferente para as sucessivas edições da Bíblia, segundo ele a traduziu, porque a evolução semântica da linguagem, por vezes, impõe mudanças de palavras para que se não mude o sentido das mensagens.

Há 300 anos (1681) João Ferreira de Almeida traduziu o Novo Testamento, em Amsterdão; e daí avante, sua publicação (Batávia, 1693), novamente em Amsterdão (1712); em Trangambar, 1760; e outra vez em Batávia, 1773.

Incansável no trabalho, traduziu também o Antigo Testamento, mas até o versículo 12 do capítulo 48 de Ezequiel.

Na apreciação das traduções da Bíblia feitas por João Ferreira de Almeida, não falte a palavra oportuna à sua digna esposa, filha de pastor holandês, pela expressiva ajuda intelectual nos trabalhos lingüísticos do esposo, traduções e originais, assim como no pastoreado lhe foi ajudadora generosamente cristã.

Em 1656, Almeida foi ordenado pastor da Igreja Reformada, mas sempre desejoso de promover a Reforma em Portugal. De 1656 até 1658 foi missionário no Ceilão, depois na Índia, e foi o primeiro ordenado a pregar em português, De volta a Batávia, pastoreou a comunidade portuguesa ali existente.

Faleceu, dissemos, em 1691, todavia João Ferreira de Almeida até hoje influi com as traduções que deixou da Bíblia. A mais antiga versão usual no Brasil, entre os evangélicos, mereceu da Sociedade Bíblica do Brasil certa atualização na linguagem, pois dista três séculos a tradução do Almeida.

Na seção de Livros Raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há um exemplar do Novo Testamento impresso em Amsterdão (1712).

Nossa palavra comemorativa de 300 anos, pondera de início a realidade singular de vitorioso empenho, por fé, cultura, disposição, ideal e constância, aliás trabalho sagrado com vista ao alcance e proveito da mensagem divina para a humanidade.

Vitorioso empenho dissemos, cujos benefícios, através dos anos, não se contam, porque são inúmeros; mas é fácil imaginar e dar graças a Deus. Imaginar até onde, e como, e para quem e com que bênçãos vem significando o merecimento da vida de João Ferreira de Almeida, em toda a expressão de suas atividades, outrora sim, mas até

hoje, através de gerações, com as verdades da lição divina, no ensino inspirado, por ele posto em nossa linguagem, e que nos vem sendo motivo de profunda gratidão.

E que as nossas mãos se ergam, reverentemente, para dar graças a Deus porque a Sociedade Bíblica do Brasil, ano após ano, supera a generosidade de seus cálculos de publicação, e aumenta, e dobra, e multiplica o número de exemplares do sagrado volume, portador da revelação divina, inspiradamente.

Dotado de impressionante atividade intelectual, traduz para a nossa língua o Novo Testamento (1644-1645). Valeu-se da versão latina de Beza, da espanhola, da francesa, e da italiana.

O nosso Ferreira de Almeida revelou sempre grande piedade e espírito missionário; na cidade, percorria diariamente os hospitais e casas onde houvesse enfermos, para confortá-los com orações e palavras de animação e graças."

Há muitas informações contraditórias sobre o preparo intelectual de Almeida. Onde estudou ele hebraico e grego suficiente para se desincumbir de responsabilidade tão grandiosa?

Menendez Pelayo, em sua obra *História dos Heterodoxos Espanhóis* declara que ele possuía conhecimento das línguas originais, e que auxiliado, especialmente, pela tradução de Cipriano de Valera levou a cabo o seu intento.

Afirmam outros que o Novo Testamento é tradução direta do grego, e o Velho Testamento do hebraico. Não há muita certeza de quanto hebraico e grego Almeida conhecia e de que fontes se valeu para a sua tradução. Há apenas suposições de que se valeu do Texto Massorético, do grego do "Textus Receptus", da Vulgata Clementina e do auxílio de alguma tradução moderna.

Saindo do terreno das hipóteses e conjeturas, para o da realidade, diga-se, devemos a este dedicado e consagrado servo de Deus a primeira tradução completa da Bíblia em nossa língua.

Desta versão disse Teófilo Braga:

"É esta tradução o maior e mais importante documento para se estudar o estado da língua portuguesa no século XVIII."

a) A TRADUÇÃO DE ALMEIDA REVISADA

Duas entidades – Comissão Revisora e Comissão Consultiva – foram organizadas entre nós, sob os auspícios das Sociedades Bíblicas Unidas para se desincumbirem da sagrada responsabilidade de rever a Tradução de Almeida e atualizar a sua linguagem.

Estas duas comissões em sua reunião inaugural, no dia 14 de abril de 1943, sob a presidência do destacado Pastor César Dacorso Filho, tratavam das "Razões por que necessitamos de uma revisão das atuais versões da Bíblia em Português".

Os brasileiros contaram com o apoio irrestrito e a sábia experiência dos Secretários Executivos das Sociedades Bíblicas Unidas nesta primeira reunião, mas posteriormente o Secretário de Tradução da Sociedade Bíblica Americana, Dr. Eugene A. Nida visitou o nosso país com a finalidade precípua de orientar os trabalhos de tradução e revisão.

Depois de ponderados e minuciosos estudos das três traduções mais divulgadas no Brasil, ou sejam: Almeida, Figueiredo e da Tradução Brasileira de 1917, a comissão decidiu pela revisão da tradução Almeida, observando os seguintes tópicos:

- 1º) Fidelidade ao texto original;
- 2º) Tradução e não interpretação;
- 3º) Clareza, correção e elegância de linguagem;
- 4º) Cunho espiritual da linguagem;
- 5º) Aproveitamento de outras versões e acesso às línguas originais.

Os membros da Comissão Revisora faziam parte das seguintes igrejas: Batista, Congregacional, Episcopal, Metodista, Presbiteriana Independente, Presbiteriana, Evangélica e Luterana.

De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, o trabalho feito não foi uma nova tradução, mas uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. Os textos originais foram Nestle, para o Novo Testamento e Letteris para o Velho Testamento.

As modificações feitas em Almeida se basearam, especialmente, nestes aspectos:

- 1º) Infidelidade ao original, ou em desacordo com o melhor texto;
- 2º) Palavra ou frase antiquada demais;
- 3º) Palavra ou frase que apresentasse alguma impropriedade;
- 4º) Construção gramatical inferior.

Nesta revisão, talvez tenha permanecido, no máximo, 30% da linguagem de Almeida, não sendo de admirar este corte se levarmos em consideração que a linguagem de Almeida, que estava sendo atualizada, tinha quase 200 anos.

O renomado vernaculista, Antônio de Campos Gonçalves, secretário e relator da Comissão nos cientifica de que a Sociedade Bíblica do Brasil desejou conservar o mais possível a linguagem de Almeida, mas este objetivo era difícil de ser alcançado, por ser muito antiga a sua linguagem e por serem diferentes os originais seguidos por Almeida (Textus Receptus) e pela Comissão Revisora (Letteris e Nestle).

A Revista da Sociedade Bíblica do Brasil, faz várias referências à Revisão Autorizada, mas deve-se ter em mente que é a mesma Edição Revista e Atualizada no Brasil.

O Reverendo Antônio de Campos Gonçalves na primorosa Conferência: Evolução Semântica na Linguagem da Bíblia, pronunciada no Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1973, a que tivemos o privilégio de assistir, tratou com eficiência da eliminação da cacofonia na Edição Revista e Atualizada no Brasil.

A título de elucidação poderíamos mencionar os seguintes cacófatos dos quais a Edição Revista e Atualizada no Brasil foi escoimada:

Fé de Abraão,
Homem de pouca fé,
Alegra-te tu terra,
Embora a cidade esteja já dada,
E todo o Israel que ali se achou,
Estas são, estes são, para ti, como mudo, deste então, vinde então,

Uma mão, como a minha casa,
Manda-me já.

Outros aspecto contestado por entendidos na arte de traduzir sobre a Almeida Atualizada são os termos eruditos e rebuscados, desconhecidos até por pessoas cultas. Preciosismos literários idênticos aos seguintes deveriam ser evitados: coudelaria (Est. 8:10), excogitar (Sal. 64:6), acrisolar (Sal. 66:10), espelta (Isa. 28:25), sachar (Isa. 5:2), prevaricações (Ezeq. 33:10), gazofiláceo (Mar. 12:41), recalcitrar (Atos 26:14), inculcando-se (Rom. 1:22), adágio (II Ped. 2:22).

Não nos esqueçamos de que a linguagem é correta e o estilo agradável de se ler.

Como bem destacou o Dr. Bittencourt, no livro *O Novo Testamento*, páginas 244 e 245:

"Nenhuma tradução é perfeita, nem quanto ao presente, nem futuro. E a última revisão de Almeida não poderia escapar a este destino.

A crítica aponta-lhe sérios lapsos de tradução, que seria cansativo enumerar. O presente autor indica uns poucos exemplos que ele mesmo registrou na *Revista Teológica*, publicação do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas, em 1963-64. E, ao comentar o fato sobre o Antigo Testamento com ilustre professor de línguas da Universidade de São Paulo, ele disse que os Salmos, especialmente, poderiam ser bem melhorados, quer quanto à tradução propriamente dita, quer quanto à métrica.

A própria base grega que serviu à presente revisão pode dar-lhe outro tom quando melhorada, e é o que acontece no momento com a obra que a American Bible Society prepara nos Estados Unidos e que virá a lume dentro em pouco. E há pontos no texto grego, onde só um profundo conhecimento de crítica textual daria ao revisor os elementos para uma composição final.

Embora a espaços largos no correr do tempo, a semântica de alguns vocábulos varia. Novos vocábulos vão sendo criados e outros abandonados, tornando-se arcaicos.

E para que determinada tradução não envelheça, ela deve ser revista, não só quanto à língua, mas quanto à tradução propriamente dita, levando-se em conta as descobertas no campo da crítica textual que sempre trazem novo material para o aperfeiçoamento do texto sagrado nas línguas originais.

E esta revisão, tão recente, já pede outros labores que a tornem bem melhor."

Seria bom lembrar, que o livro acima mencionado, foi publicado em São Paulo no ano 1965, e que o Novo Testamento tinha sido publicado em 1952, mas a Bíblia completa apenas o foi em 1959.

b) TRADUÇÃO DE FIGUEIREDO

Por um decreto de 1757, no tempo do Papa Bento XIV, a Bíblia era reconhecida como útil para robustecer a fé. Esta nova atitude da Igreja Católica Romana deu impulso à tradução da Bíblia com a Vulgata como base. Entre estes se encontrava o Padre Antônio Pereira de Figueiredo, nascido perto de Lisboa em 1725.

Por ser exímio latinista, e como ele mesmo confessa:

"Não sendo eu nem ainda medianamente instruído nas línguas originais, hebraica e grega, em que foram escritos, respectivamente, o Velho Testamento e os Evangelhos, mal poderia sair exata e perfeita esta minha tradução."

A sua tradução se baseou na Vulgata.

Por 18 anos ocupou-se deste trabalho, que foi submetido a duas revisões cuidadosas antes de ser publicado. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778 em seis volumes e o Velho Testamento foi publicado em 17 volumes, seguidamente, desde 1783 a 1790.

A edição de sete volumes completada em 1819 é considerada o padrão das versões de Figueiredo. A tradução de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em 1821.

A primeira edição de Figueiredo traz uma introdução notável, onde ele defende a leitura da Bíblia entre os leigos com as seguintes palavras:

"Ora se os Sagrados Apóstolos, inspirados sem dúvida, pelo Espírito Santo, queriam e mandavam que todos lessem as suas cartas, homens, mulheres, grande e pequenos, eclesiásticos e seculares, quem pode duvidar que a toda a classe de pessoas, de um e de outro sexo, seja de suma utilidade a leitura das Sagradas Escrituras? Se, quando a fé dos crentes cristãos estava tenra, como em leite, julgavam estes primeiros Mestres de Religião, que nenhum mal lhes poderia causar, mas antes contribuiria muito esta leitura para os confirmar na, fé e para excitar em todos eles a piedade e o amor de Deus: que perigo pode haver hoje na leitura dos Evangelhos e Cartas dos mesmos apóstolos, quando a fé está enraizada no coração de todos os verdadeiros Católicos Romanos e quando as Letras Divinas, se encontram tão explanadas nos escritos dos Santos Padres e nos comentários de tantos expositores doutíssimos?"

A linguagem castiça de Figueiredo lhe deu o título de clássico tanto em Portugal como no Brasil.

A principal objeção que se faz à Bíblia de Figueiredo é esta: apresenta deficiências que se verificam numa tradução de tradução.

Dr. Benedito P. Bittencourt apresentou ainda as seguintes falhas nesta tradução:

"O uso de algumas palavras em Português demonstra como foi tendenciosa a tradução de Figueiredo. Em 1 Pedro 5:5 ele traduz: 'apoando a honra dos padres'. Nas revisões feitas pelas sociedades Bíblicas esta tradução foi mudada para 'obedecei aos mais velhos' em harmonia com o original. Em João 11:57 ele traduz 'pontífice' em lugar de 'sumo-sacerdote', bem como na maioria dos lugares em que o termo aparece na carta aos Hebreus. A palavra padre, no sentido usado pela Igreja Romana, é usada, como no exemplo dado, para traduzir a palavra grega presbíteros em muitos lugares, o que não representa o sentido original. Figueiredo foi acusado de tradução perifrástica e livre. Em II Cor. 4:8b ele traduz: 'Somos cercados de dificuldades insuperáveis e a nenhuma sucumbimos', que Almeida revista traduz: 'perplexos, porém não desanimados'. Não é somente tradução perifrástica, mas a segunda parte não guarda o significado original. Ele faz duas pequenas sentenças coordenadas em vez de adversativas. Não foi influência da Vulgata que ele tinha diante de si, pois esta traz: *aporiāmur, sed non destituimur*, mas seu próprio modo de traduzir. . . Dezenas de exemplos se poderiam citar, mas estes poucos dão idéia de como Figueiredo fez sua

tradução: melhor linguagem que a de Almeida, mas pior tradução." (*O Novo Testamento. Cânon – Língua – Texto*, p. 220).

A tradução de Figueiredo foi a primeira a verter a expressão "kuriakê hemera" de Apoc. 1:10 para domingo.

Almeida e Figueiredo continuam as Bíblias mais divulgadas em língua portuguesa por causa da sua vernaculidade e agradável estilo.

c) EDIÇÃO TRINITÁRIA DE 1883

Sobre esta tradução, assim se expressou Arnaldo Christianini:

"Tão logo se fundou a Trinitarian Bible Society, em Londres, cuidou de verter o Livro Santo em vários idiomas, inclusive em português, que saiu a lume em 1883. Esta primeira edição da Trinitária é muito disputada pelos adventistas da fala portuguesa, ao ponto de se pagarem somas fabulosas por um exemplar, hoje raríssimo. E por que? Porque ela registra assim S. Lucas 23:43: 'E Jesus lhe disse: Na verdade te digo hoje, que estarás comigo no Paraíso'. E Apoc. 22:14: 'Bem-aventurados aqueles que guardam os seus Mandamentos, para que tenham acesso à árvore da vida, e para que entrem na cidade pelas portas'. E assim I S. João 3:4: '... pecado é quebrantamento da Lei'. Estes três textos, assim traduzidos, casam-se maravilhosamente com certos aspectos da doutrina adventista. Também Isa. 42:21: '... engrandecerá Ele a Lei, e a fará ilustre'.

Entretanto, tirando esta aparente vantagem, a tradução, nos demais, do ponto de vista técnico e diante de novas descobertas da Crítica Textual, deixa muito a desejar, não é recomendável como um todo. A crítica especialmente aponta-lhe sérios deslizos tradutórios no Velho Testamento, principalmente em alguns Salmos. A parte do Novo Testamento baseou-se no texto Receptus de 1624, que não é bom, e foi superado pelo trabalho de Tischendorf e posteriormente por Westcott and Hort, pelos papiros de Beatty, e mais recentemente pelo famoso e atualíssimo texto de Ebberard Nestle. Ora, os textos gregos modernos estão escoimados de interpolações e inexatidão dos textos antigos, pois o trabalho da Crítica Textual consiste em restaurar, tanto quanto possível o texto original. À guisa de exemplo, citemos a interpolação de 1 João 5:7 e 8, denominada, entre os estudiosos, de comma johanneum, e que consiste nas seguintes palavras: 'no Céu, o Pai, o Verbo, e o Espírito Santo: e estes três são um. E três são os que dão testemunho na terra'. Estas expressões foram colocadas na margem de uma cópia por um escriba, como comentário exegético, e outro copista as inseriu no texto. O fato é que nenhum manuscrito grego antigo a contém. Embora Erasmo a tenha registrado no seu texto, mas devido a uma fraude de que foi vítima. Só depois dos séculos 15 e 16 é que apareceu, com freqüência a 'Comma Johanneum', embora a Vulgata a tenha inserido antes.

A Versão Trinitária traz, embora em grito, a 'comma johanneum', falsa base para a prova da doutrina da Trindade.

O português desta primeira edição da Trinitária é simplesmente horroroso, arcaicíssimo e deselegante. É freqüente o emprego de termos obsoletos e desusados,

como, 'capros' (Lev. 16:8), 'hum', 'humo' (em vários passos), 'olíbano' (Isa. 66: 3), 'graça' (Sal. 1:4) . . . e sobretudo a inadmissível grafia dos verbos no futuro ('virão', por exemplo).

Cacófatos dos piores encontram-se por exemplo em II Sam. 1:3; Gên. 25:30; Eze. 45:24; 46:11; Sal. 102:6; Isa. 62:8; II Cor. 11:33; Heb. 11:27. E um verbo de sentido chulo em S. Lucas 2:6 e 7. A Versão Trinitária em 1883 jamais é referida pelos eruditos, que a consideram destituída de valor crítico. Contudo, para nós adventistas, possui ela valor inestimável por causa da redação de alguns textos que nos são caros.

TRINITÁRIA REVISADA

Circula em Portugal, há algum tempo, uma edição revista da Trinitária, com a linguagem melhorada e atualizada, de acordo com a reforma ortográfica oficializada pela Academia de Ciências de Lisboa. Mas não melhorou o conteúdo, e foram alteradas certas redações, inclusive de S. Luc. 23:43, que agora está como as demais versões: "na verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso". E ainda conserva boa parte dos cacófatos, e incorreções tradutórias. Os próprios evangélicos brasileiros não a apreciam.

Fundou-se recentemente em nosso país, a Sociedade Trinitariana do Brasil, com sede em São Paulo, com permissão de fazer nova revisão da Bíblia Trinitária. No entanto, esta entidade, composta de fundamentalistas extremados e agressivos, ao que indicam suas circulares e publicações, propuseram-se a fazer uma versão bíblica para satisfazer determinada corrente de pensamento evangélico. Não creio que nós, adventistas, iremos lucrar com essa anunciada versão. No entanto, aguardamos." (*Revista Adventista*, dezembro de 1969, pp. 14 e 15).

d) VERSÃO BRASILEIRA DE 1917

Preparada no Brasil sob os auspícios da Sociedade Bíblica Americana e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. O trabalho foi levado a efeito por uma comissão de estrangeiros e nacionais. Na comissão do Brasil estavam Antônio B. Trajano, Eduardo Carlos Pereira e Hipólito de Oliveira Campos, aos quais se associaram Vergílio Várzea e Alberto Meyer.

Como amostra da primeira tentativa desta tradução foram publicados em 1904 os Evangelhos de Mateus e Marcos. Sendo que o trabalho não teve a acolhida que esperavam, eles resolveram melhorar a tradução de Mateus, que apareceu novamente em 1905. Outros livros foram sendo publicados, sucessivamente, até que em 1917 foi publicada a edição final da Bíblia completa. Afirmam os entendidos na arte de traduzir que esta tradução apresentou algumas deficiências, como as seguintes:

- 1º) Translitera os nomes próprios em vez de os traduzir;
- 2º) Sua linguagem fica aquém do padrão de excelência;
- 3º) Apresenta certa tendência para interpretar em lugar de traduzir;
- 4º) Aparecimento de vários erros que deixaram de ser corrigidos.

Por estas e outras desvantagens, não foi bem aceita pelos evangélicos do Brasil e a Sociedade Bíblica não mais a publica.

e) TRADUÇÕES CATÓLICAS NO BRASIL

1) Dentre as traduções portuguesas uma das mais difundidas no Brasil, encontra-se a de Matos Soares, feita em Portugal em 1933, mas divulgada entre nós desde 1942, quando foi publicada pelas Edições Paulinas. Como a de Figueiredo também foi traduzida da Vulgata.

Arnaldo Christianini indicou os seguintes pontos negativos nesta tradução: Dentre suas notas explicativas no rodapé algumas são absurdas e outras até ingênuas, mas ali são apresentadas com o evidente objetivo de marcar a teologia romana. O próprio texto é entremeado de palavras acrescentadas em grifo, entre parêntesis, aparentemente para elucidar o sentido, mas na verdade para forçar a teologia católica. Por exemplo: para querer provar a vingança de Deus, assim verte II Tim. 2:13: "Se não cremos (se formos infiéis), ele permanece fiel (às suas promessas e às suas ameaças), não pode negar-se a si mesmo (deixando de nos castigar). Afirmações absurdas.

Coisas piores há nessa versão. Muda arbitrariamente o tempo dos verbos em I Tim. 3:12; 3:2 e Tito 1:6, dizendo que o bispo e o diácono "tenham desposado" uma só mulher, ou "tenha tido" uma só mulher, sugerindo que, no momento da ordenação, deviam estar viúvos. Isto para combinar com o dogma do celibato clerical. Estes poucos exemplos são suficientes para provar que é uma tradução tendenciosa.

2) Bíblia Sagrada, tradução de Frei João Maredsous, conhecida entre nós por "Bíblia da Ave Maria".

3) outra tradução realizada aqui no Brasil, e esta baseada nas línguas originais, por um grupo de professores de exegese, é a Santa Bíblia.

4) Em 1965 iniciou-se a publicação de uma Bíblia artística, a Bíblia mais bela do mundo, em 8 volumes, obra concluída em 1968.

5) Em 1967 as Edições Paulinas organizaram sobre a versão italiana feita diretamente dos originais pelo Pontifício Instituto Bíblico, uma nova tradução do texto sagrado, em edição artística (3 volumes) e em edição popular em um só volume.

6) A Bíblia de Jerusalém. É um dos mais significativos projetos intelectuais em matéria da Bíblia. Traduzida diretamente dos textos originais, seguindo a crítica textual da Escola Bíblica de Jerusalém. Além do texto sagrado apresenta útil subsídio lingüístico, histórico e arqueológico.

A Bíblia em Quadrinhos.

Conhecida também como A Mais Bela História. Possui mais de 800 ilustrações, onde a História Sagrada é apresentada de maneira dinâmica e agradável. Já foram vendidos no Brasil quase cem mil exemplares.

CAUSAS DOS ERROS NA TRANSMISSÃO DO TEXTO BÍBLICO

Como o médico precisa fazer um diagnóstico antes de tentar realizar a cura, da mesma maneira a Crítica Textual deve estar ciente dos vários perigos a que está exposto um texto transmitido por manuscritos antes de corrigir os erros.

É importante conhecer não apenas o que pode acontecer, mas também o que tem acontecido na cópia de manuscritos.

Este capítulo irá limitar-se à apresentação do problema e em classificar os erros, porém as soluções são apresentadas parcialmente, em outros tópicos nesta apostila.

Se livros impressos, cuja revisão de provas é feita com o maior cuidado, apresentam muitos erros, estes eram muito mais comuns em livros copiados manualmente.

Antes da invenção da imprensa, no século XV, a transmissão de qualquer escrito, apenas poderia ser feita copiando, pacientemente, à mão, palavra por palavra: podemos imaginar quantas probabilidades de erro tal método comporta. Experimente-se pedir a 20 pessoas que copiem determinado trecho, copiando sucessivamente, cada uma da outra cópia, no final ficaremos estupefatos diante do resultado obtido. Nos manuscritos tiravam-se cópias e apesar do estrito cuidado, as variantes logo apareciam.

I) ERROS INVOLUNTÁRIOS

1º) Erros provenientes de uma visão deficiente.

a) O escriba atingido por astigmatismo, achava difícil distinguir as letras gregas que se pareciam, especialmente se o copista anterior não escreveu com cuidado. Assim num manuscrito uncial, onde o sigma era feito como sigma lunar, era fácil confundi-lo com o épsilon, o teta e o ómicron C E Y O.

Se dois lambdas fossem escritos muito juntos poderiam ser tomados pela letra Mi, como aconteceu em Romanos 6:5, em muitos manuscritos está A ☹ ☹ A (mas), noutros está AMA (juntos).

Há divergência em alguns manuscritos com a parte final de I Cor. 12:13. A maioria traz: "E a todos nós foi dado beber de um só Espírito"; contudo em alguns aparece: "E a todos nós foi dado beber de uma bebida". Esta variante surgiu quando alguns copistas leram erradamente IMA (a contração comum da palavra INEYMA – espírito, como IIOMA (bebida).

b) Erros provenientes de igual terminação.

Tecnicamente, este erro chama-se homoioteleuton = final igual de duas linhas.

Pelo fato de duas linhas seguidas terminarem com a mesma palavra ou sílabas, os olhos do copista podiam pular da primeira para a segunda, omitindo acidentalmente várias palavras. Assim é explicada a curiosa tradução de S. João 17:15 no Códice Vaticano, onde não aparecem as palavras aqui colocadas entre parênteses: "Não peço que os tires do (mundo mas que os livres do) mal".

Algumas vezes, os olhos do escriba, apanhavam a mesma palavra ou grupo de palavras uma segunda vez e como resultado copiava duas vezes, o que deveria ter feito apenas uma. Em Atos 19:34 a expressão: Grande é a Diana dos efésios, aparece duas vezes do Códice Vaticano. Chama-se ditografia a repetição daquilo que ocorre apenas uma vez e haplografia a falta da repetição de uma letra ou palavra.

2º) Erros provenientes de audição deficiente.

Era comum ditarem ao copista e ele escrever uma outra palavra parecida, como as nossas imersão e emersão, despercebido e desaperecebido, comprimento e cumprimento. Outro problema com o ditado encontrava-se nas homônimas não homógrafas, como ilustram as palavras portuguesas: sinto e cinto, incipiente e insipiente, cocho e coxo.

A confusão entre épsilon e eta, ômega e ômicron era muito comum em ditados. Um problema desta natureza está em Romanos 5:1, onde a variante tenhamos se alterna com temos, em grego $\text{Μ} \text{Η} \blacklozenge \text{Μ} \blacksquare$ e $\text{Μ} \text{Η} \square \text{Μ} \blacksquare$.

Dr. Benedito de Paula Bittencourt, em seu trabalho pioneiro de Crítica Textual em Língua Portuguesa – *O Novo Testamento*, páginas 199-200, fez a análise crítica deste versículo e a quem pedimos vênia para citar algumas de suas conclusões.

"Crítica externa – Quantitativamente e qualitativamente as evidências externas parecem favorecer o subjuntivo. No entanto, descoberta recente, a do fragmento do MS 0220, vem suprir o que falta a P. 46, que começa em 5:17. Este manuscrito, cuja leitura é dificultada pelo estado em que se encontra, parece indicar que o verbo está escrito com ômicron e não com ômega, sendo, no caso, um indicativo e não subjuntivo, como indicam os escribas primários do Sinaítico e Vaticano. . .

"Crítica interna – Se a Teologia de Romanos e dos escritos paulinos como um todo for examinada, poderá o crítico chegar a uma conclusão final, na qual os elementos já compulsados das evidências externas darão sua colaboração conclusiva.

O indicativo dá idéia de algo ativo no presente, enquanto o subjuntivo é modo exortativo e que traz em si a idéia de ação volitiva no tempo futuro. Há no subjuntivo também a idéia de ordem, imperativa. O subjuntivo coloca o Apóstolo exortando o homem justificado pela fé em Cristo a alcançar por seus esforços sua paz com Deus. Mas, isto é contra o pensamento paulino. Para Paulo não há necessidade de esforços humanos para alcançar paz com Deus, pois o homem é incapaz de realizar sua própria salvação e mesmo manter sua paz. Cristo, e somente Cristo, é seu Salvador e só Ele é capaz de reconciliar o homem com seu Deus e lhe dar paz. Esta é a idéia do indicativo."

No grego Coinê os ditongos $\square \text{X}$, $\blacklozenge \text{X}$, e as simples vogais $\approx$, X , $\blacklozenge$ não apresentavam diferença de pronúncia soando todos como o nosso "i" resultando daí trocas entre $\approx \bigcirc \text{Μ} \text{X} \text{V}$ = nós e $\blacklozenge \bigcirc \text{Μ} \text{X} \text{V}$ = vós; $\text{Μ} \text{X} \text{Μ} \square \square \text{X} \text{V}$ = outros e $\text{Μ} \text{X} \text{X} \square \square \text{X} \text{V}$ = companheiros. (Mat. 11:16).

Em Hebreus 4:11 o escriba do Códice Claromontano escreveu aletheias = verdade, por apeittheias (desobediência) com resultados desastrosos para o sentido.

A declaração de Paulo de I Cor. 15:54: "tragada foi a morte na vitória (nicós em Grego)" está no papiro 46 e Códice B: "tragada foi a morte no conflito (neicós)".

3º) Erros de Memória.

Estes erros surgiram porque a memória falhava enquanto o copista olhava para o manuscrito e procurava escrever o que lá se encontrava. Este tipo de erro explica a origem de um grande número de mudanças, especialmente nos evangelhos sinóticos, envolvendo a substituição de sinônimos, variação na ordem das palavras, troca de palavras por influência de outra passagem paralela, talvez conhecida do escriba.

A substituição de sinônimos aparece em exemplos como: eipen por efe, ec por após, etc.

Um exemplo de troca de palavras temos em Mat. 19:16-17, onde alguns copistas alteraram o relato para que este concordasse com Mar. 10:17 e Luc. 18:18.

À declaração de Col. 1:14 copistas acrescentaram em alguns manuscritos, "através do seu sangue", por influência da passagem paralela de Efés. 1:7.

4º) Erros de Julgamento.

Encontramos alguns erros que apenas podem ser explicados por culpa de copistas pouco inteligentes ou descuidados.

Palavras ou notas explicativas, encontradas na margem, eram muitas vezes, incorporadas ao texto do Novo Testamento. Ao copista encontrar na margem, notas explicativas como sinônimos de palavras difíceis, correções, comentários pessoais, ficava perplexo sem saber o que fazer com elas. Alguns resolveram o problema da seguinte maneira – colocaram a nota no texto que estavam copiando. Por isso, é provável, que um comentário marginal explicando o movimento da água no poço de Betesda (S. João 5:7) foi incorporada no texto de João 5:4.

Há manuscritos que trazem acrescentadas a Rom. 8:1 as seguintes palavras: "que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito". Esta era uma nota explicativa na margem do primeiro versículo, talvez tirada do verso quatro.

Somente descuido em alto grau pode justificar alguns absurdos perpetrados por escribas pouco perspicazes. Talvez um dos piores desatinos cometidos por um escriba se encontra no manuscrito 109 do século XIV. Este manuscrito, dos quatro evangelhos, agora no Museu Britânico, foi transcrito de uma cópia que deve ter tido a genealogia de Jesus era duas colunas de 28 linhas cada uma. Em vez de transcrever o texto seguindo as colunas em sucessão, o escriba do 109 copiou a genealogia seguindo as linhas através das duas colunas, surgindo como era de se esperar um resultado desastroso. Quase todos os filhos estão com os pais trocados; Deus é dado como filho de Adão e Fares é a fonte de toda a raça e não Deus.

II) ERROS INTENCIONAIS

Por estranho que pareça, os escribas que pensavam, eram mais perigosos do que aqueles que se limitavam a copiar o que tinham diante de si. Muitas das alterações, que podem ser classificadas como intencionais foram, sem dúvida, introduzidas de boa fé por copistas que criam estar corrigindo erros ou infelicidades de linguagem, que se haviam introduzido no texto sagrado e precisavam ser retificados.

A despeito da vigilância de eclesiásticos zelosos, alguns escribas, chocados com erros reais ou imaginários, de ortografia, gramática e fatos históricos, deliberadamente, introduziram mudanças no que estavam copiando.

1º) Correções na Ortografia, Gramática e Estilo.

O livro de Apocalipse, com seus freqüentes semitismos e solecismos, apresentava muitas tentações aos escribas ciosos da correção gramatical.

Para melhorar a sintaxe do nominativo depois da proposição após (Apoc. 1:4), eles inseriram ”, ” ou .

O escriba culto era tentado a melhorar a linguagem.

2º) Correções Harmonizadoras.

Intencionalmente ou não, procurando harmonizar passagens paralelas ou relatos idênticos, os copistas alteravam algumas passagens bíblicas.

Os exemplos são muitos, mas aqui serão apresentados somente dois:

a) Em João 19:20 encontra-se a expressão – Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus, estava escrito em hebraico, latim e grego. Em muitos manuscritos, os copistas acrescentaram no texto de Lucas 23:38, isto foi escrito em hebraico, latim e grego.

b) A forma mais curta da Oração do Senhor em Luc. 11:2-4 foi alterada, em muitas cópias, para concordar com a forma mais familiar e mais longa encontrada em S. Mateus 6:9-13.

3º) Acréscimo de Complementos Naturais e Semelhantes.

A obra dos copistas na amplificação e arremate das frases é evidente em muitas passagens.

Vários escribas, supondo que algo estava faltando na declaração de Mat. 9:13 "Pois não vim chamar os justos, mas os pecadores", acrescentavam "ao arrependimento". Outros copistas achavam difícil deixar a palavra escriba, sem acrescentar fariseu, como aconteceu em Mat. 27:41.

Em Col. 1:23 há um interessante exemplo ilustrando como os copistas não resistiram à tentação de realçar a dignidade do Apóstolo Paulo. Neste verso Paulo diz que ele se tornou ministro do Evangelho, em grego está "diácono". Sendo que a palavra grega "diácono" significa, literalmente, aquele que serve, ministro, passou a designar uma ordem inferior do ministério, isto é, aqueles que executam trabalhos mais simples na Igreja; os copistas dos manuscritos alefe  e P mudaram diáconos para querix e apóstolos, por acharem que estes títulos eram mais apropriados ao grande Apóstolo dos Gentios. O manuscrito A traz os três títulos para Paulo – arauto, apóstolo e ministro.

4º) Esclarecimento de Dificuldades Históricas e Geográficas.

A citação de Mar. 1:2 é introduzida pela fórmula "Como está escrito no profeta Isaías". Acontece que a citação é proveniente dos profetas Isaías e Malaquias: Isaías 40:3 e Malaquias 3:1. Alguns escribas sentindo esta dificuldade substituíram a expressão "no profeta Isaías" por "nos profetas".

Sendo que Mateus 27:9 atribui ao profeta Jeremias o que na realidade veio de Zacarias 11:12; não é de admirar que alguns copistas procurassem corrigir o erro, substituindo o nome, ou omitindo-o.

Alguns copistas, tentaram harmonizar o relato da cronologia da paixão com a de Marcos, pela mudança da "hora sexta" de João 19:14 para "terceira hora", que aparece em Marcos 15:25.

Porque a declaração de Marcos 8:31 - "depois de três dias ressuscitará", parece envolver um problema cronológico, alguns copistas a alteraram para "ao terceiro dia".

Dificuldades Geográficas

Orígenes alterou Betânia para Betabará em S. João 1:28 a fim de remover o que ele considerava uma dificuldade geográfica. Assim se encontrava nos manuscritos II , q , 33, 69 e muitos outros, incluindo aqueles que serviram de base para a tradução da King James.

5º) Duplicidade de Textos.

O que faria um escriba consciencioso quando descobria que a mesma passagem fora dada diferentemente em dois ou mais manuscritos que tinha diante de si? Em vez de fazer uma escolha entre as duas variantes (com a probabilidade de omitir a genuína) muitos incorporaram as duas na mesma cópia que estavam transcrevendo. Isto produziu a chamada duplicidade de textos ou de leituras, característica predominante da família bizantina.

Os dois exemplos seguintes confirmam este fato: A declaração de Lucas de que os discípulos estavam continuamente no templo bendizendo a Deus, aparece em alguns manuscritos, "estavam continuamente no templo orando a Deus". Não poucos copistas concluíram que era mais seguro transcrever as duas declarações, aparecendo assim: "estavam continuamente no templo orando e bendizendo a Deus".

Atos 20: 28 aparece em alguns manuscritos como: "Igreja de Deus", e em outros: "Igreja do Senhor". Vários manuscritos posteriores trazem "Igreja do Senhor e Deus".

6º) Alterações Feitas por Questões Doutrinárias.

Estas alterações são difíceis de serem avaliadas.

Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio e muitos outros Pais da Igreja acusaram os heréticos de corromperem as Escrituras para apoiarem suas opiniões pessoais. Por exemplo Márcion tirou do Evangelho de Lucas todas as

referências judaicas relacionadas com Jesus. A Harmonia dos Evangelhos de Taciano traz várias alterações textuais para apoiar suas opiniões ascéticas.

Os manuscritos do Novo Testamento preservam traços de duas espécies de alterações dogmáticas: as que envolvem eliminação ou alteração do que era considerado doutrinariamente inaceitável ou inconveniente e as que introduziram dentro das Escrituras "provas" para uma prática ou um dogma teológico.

Os exemplos são muitos, como podem ser vistos em *The Text of the New Testament*, página 202 e 203, mas destes apenas um será transcrito: Escribas que não podiam harmonizar a declaração de Jesus de Mat. 24:36 e Mar. 13:32 "que Ele não sabia o dia da sua vinda", com a sua divindade, omitiam a expressão: "nem o Filho".

7º) Acréscimo de Pormenores:

Acréscimos feitos na margem ou em notas no rodapé, uma vez ou outra eram introduzidos para o texto.

Sempre houve e ainda há grande curiosidade em saber o nome de alguns personagens que aparecem anonimamente no texto bíblico. Como a tradição dava nomes a estas pessoas, copistas eram tentados a colocá-los no texto que estavam copiando. Velhos Manuscritos latinos apresentam os seguintes nomes para os dois ladrões crucificados com Cristo: Zoatan, Camma, Magatras. Entre nós é comum ouvirmos que o nome do bom ladrão era Dimas.

O nome do homem rico de Lucas 16: 19 aparece na versão saídica como Níneve ou Ninivita, nome comum para ricos dissolutos naquele tempo.

Uma adição apócrifa num antigo manuscrito latino declara que quando Jesus foi batizado uma tremenda luz brilhou da água atemorizando a todos os que estavam presentes.

Os títulos dos livros apresentam curiosidades dos amanuenses. O mais original neste aspecto é o título que o copista do manuscrito 1775 deu ao Apocalipse: "Apocalipse do todo glorioso evangelista, amigo do peito de (Jesus), virgem, amado de Cristo, João – o teólogo, filho de Salomé e Zebedeu, mas filho adotivo de Maria, a mãe de Deus, e filho do trovão".

Conclusões

Todos os estudiosos dos problemas dos copistas estão bem cientes de que o estudo comparativo de vários textos é de grande ajuda para a eliminação destes erros. Estes erros têm sido denominados de periféricos, porque não abrangem a essência dos ensinamentos divinos.

Quem sabe pessoas iniciantes ou despreparadas em "Crítica Textual" pensem da seguinte maneira: este estudo não deveria ser apresentado, porque pode levar pessoas a descrerem da Palavra de Deus e a concluírem que os escribas eram descuidados, caprichosos e tendenciosos.

Verdades e realidades não podem e não devem ser escondidas.

Todos devem ter em mente esta verdade fundamental: o que foi apresentado neste capítulo aconteceu com alguns manuscritos e com poucos copistas, o que vem mostrar a fragilidade da natureza humana.

Existem muitas evidências mostrando o trabalho dedicado, cuidadoso, honesto e fidelíssimo da maioria dos copistas, bem como abundante messe de manuscritos não alterados, que nos levam a crer firmemente na fidelidade da transmissão das Santas Escrituras.

Veja neste mesmo livro o Capítulo – Trabalho dos Massoretas.

A Crítica Textual não abate os fundamentos da nossa crença, antes os solidifica.

Para a elaboração deste ponto valemo-nos, especialmente, de idêntico capítulo apresentado por Bruce M. Metzger, no livro *The Text of the New Testament*.

A CRÍTICA TEXTUAL E A BÍBLIA

A palavra crítica origina-se do verbo grego "krino" que significa julgar.

A crítica textual tem como primeiro objetivo conhecer a exatidão de um texto.

Muitos dignos cristãos, bem intencionados, mas mal esclarecidos têm protestado energicamente contra qualquer aplicação da crítica textual à Bíblia. Para eles é simplesmente absurda a idéia de aplicar a crítica em relação à Bíblia. Perguntam eles: Como submeter a Palavra de Deus, obra do Espírito Santo, aos critérios humanos? Esta simples frase resolveria todos os problemas: O texto original (ou melhor o autógrafo) da Bíblia é totalmente isento de erros, mas não as cópias feitas por copistas susceptíveis às falhas humanas.

Até à invenção da imprensa, no século XV, os manuscritos eram produzidos por copistas, que freqüentemente cometiam erros de transcrição. Quando sabemos que os manuscritos eram recopiados uns dos outros, sem ser possível a conferência com o texto original é fácil concluir, que os erros tendiam a multiplicar-se nas cópias posteriores.

A finalidade essencial da crítica textual é restabelecer em toda a sua pureza o texto como saiu das mãos do autor, escoimando-o de erros dos copistas, tais como adições indevidas, notas marginais que foram inseridas no texto ou correções

tendenciosas visando atenuar, ou torcer o sentido de uma frase, modificar o estilo, transformar o pensamento de um escritor.

Os que atacam a crítica textual demonstram o seu despreparo nesta ciência.

Para que o trabalho da crítica textual seja efetivo é necessário em primeiro lugar possuir razoável conhecimento das línguas bíblicas; seguindo-se um inventário tão completo quanto possível dos manuscritos, como a sua classificação em famílias; a judiciosa aplicação dos métodos da crítica textual, até chegar às causas primordiais dos erros na transmissão do texto bíblico.

Dr. Benedito P. Bittencourt, já várias vezes citado, inquestionavelmente, uma das maiores autoridades em crítica textual no Brasil, assim escreveu no capítulo "A Tarefa da Crítica Textual".

"Entende-se por crítica textual toda pesquisa científica em busca da verdadeira forma de um documento escrito no original, ou, pelo menos, no texto mais próximo do original. No que diz respeito aos autores dos últimos quatro séculos, depois da genial invenção de Gutenberg, podemos estar certos de possuímos suas obras exatamente como foram escritas, salvo raras exceções, particularmente quanto a erros tipográficos de menor importância. Já não se pode dizer o mesmo a respeito das obras que circularam em manuscrito, antes da invenção da imprensa. Não é de admirar que os escritos copiados múltiplas vezes, umas cuidadosamente, mas outras sem maiores cuidados, e isto durante séculos, sofressem múltiplas e variadas alterações. Isto constitui, nos diferentes documentos conhecidos da mesma obra, o que se chama de variantes ou textos divergentes. E a crítica textual, particularmente a do Novo Testamento, tem por objetivo a escolha do texto, entre todos os encontrados nos vários manuscritos, que possua a maior soma de probabilidades de ser o original ou a forma primitiva do autógrafo, já que não possuímos nenhum dos autógrafos do Novo Testamento, mas apenas cópias e algumas delas distantes mais de dois séculos do original.

Esta busca científica dos originais ou dos textos que lhes sejam mais próximos é de extrema dificuldade, cheia de problemas de vasta complexidade.

A regra geral nos leva a concluir que, quanto mais distante dos autógrafos, tanto quanto ao tempo como quanto ao número de cópias, maior a corrupção do texto, maior a soma de erros. No entanto, esta regra não é absoluta.

Há obras, e o Novo Testamento é deste tipo, onde a matéria em si leva o copista a correções intencionais, e a corrupção, neste caso, não estaria em função da distância que separa a cópia de seu original, nem quanto ao número de cópias, nem mesmo quanto ao tempo, mas em função direta e inequívoca a matéria a ser copiada. Entretanto, o maior número de cópias torna os labores do crítico mais suaves, pois o pequeno número de manuscritos conduz à probabilidade de perda, nalguns lugares, da verdade original, que só pode ser alcançada mediante conjectura, processo deveras precário.

O Novo Testamento leva, quanto ao tempo que separa os mais antigos manuscritos de seus originais, grande vantagem sobre os clássicos. Possui o Novo Testamento cópias completas dentro do quarto século. Há partes, como as do Papiro

Chester Beatty, por exemplo, que se situam na primeira metade do século terceiro e até mesmo no último quartel do segundo, como o caso do Papiro de Bodmer. Há mesmo um fragmento bem perto de seu autógrafo: é o fragmento de papiro P⁵², situado na primeira metade do século segundo, e mesmo no seu primeiro quartel por alguns paleógrafos, distando, assim, menos de cinquenta anos de seu original, se colocarmos o Evangelho de João, que P⁵² representa, na última década do primeiro século.

A tarefa do crítico é reagir contra os erros dos copistas. Ninguém deve rezear a tarefa, nem mesmo menosprezá-la, quando se pode afirmar, com os entendidos do assunto, que não só os grandes manuscritos, mas também os mais antigos papiros, atestam a integridade geral do texto sagrado. E, todavia, a insofismável autoridade da Lagrange diz que entre esta pureza substancial e um texto absolutamente igual aos originais há distância apreciável.

Se nos lembrarmos de que os manuscritos e citações diferem entre si entre 150.000 e 250.000 vezes e que um estudo só do Evangelho de Lucas revelou mais de 30.000 passagens diferentes e que, como afirma a autoridade de M. M. Parvis, "não há uma só sentença do Novo Testamento na qual a tradição seja uniforme", sentiremos a grandeza e a responsabilidade da tarefa. Há uma afirmação do mesmo prof. Parvis, da Universidade de Chicago, que surge aos olhos do leigo como um choque tremendo e que só pode ser avaliada pelos estudiosos da matéria, que o presente Autor não pode deixar de transcrever: "Até que esta tarefa esteja completa, a incerteza a respeito do texto do Novo Testamento permanece". Note-se, todavia, que a elevada cifra de variantes, em sua maioria esmagadora, diz respeito a questões que não afetam o sentido profundo do texto e que o número de variantes que se revestem de importância, especialmente no que diz respeito à doutrina, é assaz reduzido.

A tarefa da crítica textual do Novo Testamento é, diz Kenyon, "o mais importante ramo da ciência". Ela trata com um livro cuja importância é imensurável e vital, mais importante que qualquer outro livro do mundo, pois o Novo Testamento é único, nem mesmo comparação pode sofrer.

É tarefa básica, pois dela dependem as outras ciências bíblicas. A crítica textual lança os fundamentos sobre o qual a estrutura da investigação espiritual deve ser construída.

Sem um bom texto grego, tão mais próximo dos autógrafos quanto lhe permitam os labores da crítica textual, não é possível fazer segura exegese, hermenêutica, crítica histórica ou literária, nem mesmo teologia, para não falarmos em tradução.

Embora seja chamada de baixa crítica e bem modestos os seus esforços, é fundamental e indispensável ao estudante do Novo Testamento, desde o tradutor até o teólogo.

O crítico textual tem por função, primeiro, a coleta do material documentário, que encontra no exame de vários manuscritos, versões e noutro elemento muito precioso, ainda não mencionado, as citações dos chamados Padres Apostólicos. Depois se entregará ao exame crítico desse material, pela estima de seu vaiar.

Para que ele possa realizar bem sua primeira função é necessário que esteja familiarizado com o material, terreno onde realiza suas investigações. Deve conhecer não só os vários manuscritos, versões e citações dos antigos escritores da Igreja Cristã, como também o modo pelo qual foram produzidos, os usos da escrita literária e não literária do tempo, o material usado, o destino e o objetivo final dessa mesma produção. . .

Para que possa realizar a segunda parte, mais profunda, mais difícil e que requermente bem educada e de grande acuidade intelectual, deve conhecer a própria história do texto, os métodos da crítica textual, teologia do autor cujo livro se examina, a história das doutrinas, a língua original, particularmente sua gramática, e um conhecimento cultural da época do autor e dos escritos cujas cópias considera.

Por estas ligeiras indicações o leitor pode ver, não só a extensão, mas as implicações desta ciência. Isto para não falarmos em paleografia, arqueologia, conhecimento dos clássicos, como quer a escola alemã, pois se pressupõe este trabalho já realizado pelos respectivos especialistas e colocado ao alcance do crítico textual através da caracterização dos vários documentos." (*O Novo Testamento, Cânon – Língua – Texto*, pp. 71-75).

BIBLIOGRAFIA

- Allegro, John Marco. *Os Manuscritos do Mar Morto*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.
- Almeida, João Ferreira de. Trad. *A Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Atualizada no Brasil, 1963.
- Alva, Alcides J. Orient. *Fuentes Bíblicas – Origen e História de la Bíblia*. Colégio Adventista del Plata, 1962.
- Angus, Joseph. *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*. 3 Vols. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.

- Apresentando a Revisão do Novo Testamento*. Folheto da Sociedade Bíblica do Brasil.
- Auzou, Georges. *A Palavra de Deus*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1967.
- Barbosa, Rui. *Réplica*. 2 Vols. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953.
- Bittencourt, B. P. *O Novo Testamento – Cânon, Língua, Texto*. São Paulo: Aste, 1965.
- Bruce, F. F. *The Book of the Acts*. Grand Rapids: B. Eerdmans Publishing Co., 1968.
- _____. *The English Bible – A History of Translation*. New York: Oxford University Press, 1961.
- _____. *Merece Confiança o Novo Testamento?* São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1965.
- Charlier, Celestin. *A Origem e a Interpretação da Bíblia*. Lisboa: Editorial Aster, 1959.
- Criswell, W. A. *Bíblia para o Mundo de Hoje*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1968.
- Davis, John D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1971.
- Douglas, J. D. Ed. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3 Vols. São Paulo: Junta Editorial Cristã, Edições Vida Nova, 1966.
- Enciclopedia de la Biblia*. Seis Vols. Barcelona: Ediciones Garriga S.A., 1963.
- Falcão, Silva Alves. *Panorama do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1964.
- Figueiredo, Antônio Pereira de. Trad. *A Bíblia Sagrada, Com Comentários e Anotações*. 12 Vols. São Paulo: Editora das Américas, 1950.
- Freire, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1954.
- Gomes, A. Dias. *Bíblia Poliglota Portuguesa*. Lisboa: Edições Análises, 1958.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada.
- Grant, Robert M. *The Formation of the New Testament*. New York: Harper E. Row Publishers.
- Greenlee, J. Harold. *Introduction to New Testament Textual Criticism*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1967.
- Halley, Henry H. *Manual Bíblico*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
- Harrison, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Hulst, A. B. *Old Testament Translation Problems*. Leiden: United Bible Societies, 1960.
- Hyde, Gordon M. Ed. *A Symposium on Biblical Hermeneutics*. Washington: The Review and Herald Publishing Association, 1974.

- Interpreter's Bible, The*. A Commentary in Twelve Volumes. Nashville: Abingdon Press, 1957.
- Interpreter's Dictionary of the Bible, The*. In four Volumes. Nashville: Abingdon Press, 1962.
- James, M. R. *The Apocryphal New Testament*. London: Oxford University Press, 1960.
- Justsen, J. *Introdução ao Velho Testamento*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino.
- Kerr, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. Campinas: Jewish Publication Society, 1948.
- Lapole, Alfred. *Bíblia – Interpretação Atualizada e Catequese*. 4 Vols. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- Levie, Jean. *A Bíblia – Mensagem de Deus em Palavras Humanas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1963.
- Mein, John. *A Bíblia e Como Chegou até Nós*. Rio de Janeiro, 1924.
- Oberg, Renato E. *A Nossa Bíblia e os Manuscritos do Mar Morto*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1984.